



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ABNER LUIZ DA COSTA RIBEIRO

**“OCUPAR, RESISTIR E PRODUZIR” EM COMUM: LUTA OPERÁRIA E  
MEMÓRIA DA FÁBRICA OCUPADA FLASKÔ (2003-2018)”**

CAMPINAS  
2025

ABNER LUIZ DA COSTA RIBEIRO

“OCUPAR, RESISTIR E PRODUZIR” EM COMUM: LUTA OPERÁRIA E  
MEMÓRIA DA FÁBRICA OCUPADA FLASKÔ (2003-2018)

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO ABNER LUIZ DA COSTA RIBEIRO, E ORIENTADA PELO PROF. DR. FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA

CAMPINAS  
2025

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Neiva Gonçalves de Oliveira - CRB 8/6792

R354o Ribeiro, Abner Luiz da Costa, 1990-  
"Ocupar, resistir e produzir" em comum : luta operária e memória da  
Fábrica Ocupada Flaskô (2003-2018) / Abner Luiz da Costa Ribeiro. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Fernando Teixeira da Silva.  
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas  
(UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Flaskô (Firma). 2. Movimento operário. 3. Memória. 4. História - Estudo  
e ensino. 5. Controle de produção. I. Silva, Fernando Teixeira da, 1963-. II.  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas. III. Título.

Informações complementares

**Título em outro idioma:** "Occupy, resist and produce" in common : workers' struggle  
and memory of the Occupied Flaskô Factory (2003-2018)

**Palavras-chave em inglês:**

Flaskô (Firm)

Labor movement

Memory

History - Study and teaching

Production control

**Área de concentração:** Ensino de História

**Titulação:** Mestre em Ensino de História

**Banca examinadora:**

Fernando Teixeira da Silva [Orientador]

Cristina Meneguello

Paulo Roberto Ribeiro Fontes

**Data de defesa:** 26-02-2025

**Programa de Pós-Graduação:** Ensino de História

**Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**

ODS: 10. Redução das desigualdades

ODS: 8. Trabalho decente e crescimento econômico

**Identificação e Informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0002-3196-1173>

- Currículo Lattes do autor: <https://lattes.cnpq.br/3752336958399727>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação/Tese de Mestrado Profissional, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 26/02/2025, considerou o candidato Abner Luiz da Costa Ribeiro aprovado.

Prof. Dr. Fernando Teixeira da Silva - Presidente da Comissão Examinadora

Prof(a). Dr(a). Cristina Meneguello - Membro Interno

Prof. Dr. Paulo Roberto Ribeiro Fontes - Membro Externo

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Dedico à minha esposa e aos meus pais,  
Jacqueline, Maria e José

## AGRADECIMENTOS

Uma conquista tão grande e relevante envolve muitas pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com a pesquisa. Agradeço imensamente a orientação do Prof. Fernando Teixeira que com paciência e dedicação me auxiliou profundamente para a finalização deste trabalho. Também agradeço aos membros da banca de qualificação e defesa pelas críticas, elogios e convites, prof. Paulo Fontes e prof. Cristina Meneguello.

Esse trabalho só foi possível graças aos professores do PROFHISTÓRIA da Unicamp que me ajudaram no desenvolvimento teórico e intelectual. A turma de 2022 do programa vai ficar marcada na minha trajetória, nossa união e cumplicidade foi vital para que eu conseguisse chegar até aqui. O apoio da secretaria do curso também foi extremamente necessário.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço a meus familiares, principalmente minha esposa Jacqueline Moura que me apoiou nos momentos difíceis e teve muita paciência comigo. Meu pai, José Luiz Ribeiro, minha mãe, Maria Eunice e minhas irmãs Abigail e Abqueila que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida.

Não poderia deixar de agradecer aos trabalhadores da Fábrica Ocupada Flaskô, que nas figuras de Alexandre Mandl, Pedro Santinho, Neusa Rosique, Osvaldo Neto e Manuel contribuíram diretamente para a realização deste trabalho, mas também a todo o coletivo de trabalhadores da fábrica que através de suas lutas proporcionaram um rico aprendizado teórico e prático

*“A Flaskô é essa unidade simbiótica entre a produção e a luta política, entre o local e a necessidade de lutar contra o Estado e os patrões.”*

*Pedro Alem Santinho*

*“A grande questão da história humana não é o acesso igualitário aos recursos materiais (solo, calorias, meios de produção), por mais que essas coisas sejam obviamente importantes, mas nossa capacidade de contribuir de forma igualitária para decidir como vivemos juntos.”*

*David Graeber e David Wengrow*

## RESUMO

A fábrica ocupada Flaskô, localizada em Sumaré, no interior de São Paulo, foi recuperada por seus trabalhadores, que autogeriram a produção de 2003 a 2018, ano em que essa experiência foi suspensa em razão de um corte de energia de diversos ataques ao Movimento das Fábricas Ocupadas (MFO). Devido a sua característica singular de ocupação de fábrica, moradia e atividade cultural e esportiva, a Flaskô foi um caso relevante de luta e resistência frente ao cenário nacional e internacional de desemprego, crise econômica e criminalização dos movimentos sociais. A presente pesquisa tem a finalidade de entender como se desenvolveram as relações de trabalho dentro de uma fábrica sem patrões, como era autogerida a produção e como os trabalhadores ainda se conectam a essa experiência. Quanto a este último aspecto, a dissertação se propõe a abordar a memória do trabalhador em relação aos anos da ocupação, operando com a abordagem e o conceito de patrimônio industrial. As discussões sobre o controle operário e a autogestão se atualizam dentro dos debates em torno do Comum - uma racionalidade oposta à neoliberal

- na perspectiva das reflexões de Pierre Dardot e Christian Laval, segundo as quais esse princípio (o Comum) seria aglutinador das lutas sociais no século XXI.. A diferença entre fábricas ocupadas e cooperativas de autogestão será adotada, seguindo uma linha de raciocínio próxima ao desenvolvido pelos trabalhadores da ocupação. A metodologia adotada será a análise documental dos materiais produzidos pelo Centro de Memória Operária e Popular (CEMOP), assim como utilização da História Oral, em que serão registrados os depoimentos dos próprios trabalhadores da fábrica sobre a memória da ocupação. Com essa documentação será produzida um dossiê para a elaboração de uma sequência didática para o Produto Profhistória que dialogue com o ensino de História e a temática da Fábrica Ocupada Flaskô.

Palavras-chave: Flaskô; Fábricas Ocupadas; Memória do trabalhador; Comum; Ensino de História

## **ABSTRACT**

The occupied Flaskô factory, located in Sumaré, in the interior of São Paulo, was recovered by its workers, who self-managed production from 2003 to 2018, the year in which this experience was suspended due to a power outage and several attacks on the Occupied Factory Movement (MFO). Due to its unique characteristic of factory occupation, housing, and cultural and sports activities, Flaskô was a relevant case of struggle and resistance in the face of the national and international scenario of unemployment, economic crisis, and criminalization of social movements. This research aims to understand how labor relations developed within a factory without bosses, how production was self-managed, and how workers still connect to this experience. Regarding this last aspect, the dissertation proposes to address the worker's memory in relation to the years of occupation, operating with the approach and concept of industrial heritage. Discussions on workers' control and self-management are updated within the debates around the Common - a rationality opposed to neoliberalism - from the perspective of the reflections of Pierre Dardot and Christian Laval, according to which this principle (the Common) would be the unifying force of social struggles in the 21st century. The difference between occupied factories and self-managed cooperatives will be adopted, following a line of reasoning close to that developed by the workers of the occupation. The methodology adopted will be the documentary analysis of the materials produced by the Center for Workers' and Popular Memory (CEMOP), as well as the use of Oral History, in which the testimonies of the factory workers themselves about the memory of the occupation will be recorded. With this documentation, a dossier will be produced for the elaboration of a didactic sequence for the Prohistória Product that dialogues with the teaching of History and the theme of the Occupied Flaskô Factory.

**Keywords:** Flaskô; Occupied Factories; Workers' Memory; Common; Teaching History.

## **Lista de Abreviaturas**

**CEMOP - Centro de Memória Operária e Popular**

**CHB - Companhia Holding do Brasil**

**CUT - Central Única dos Trabalhadores**

**EM - Esquerda Marxista**

**ER's: empresas recuperadas**

**MFO - Movimento das Fábricas Ocupadas**

**MST - Movimento Sem Terra**

**OCI - Organização Comunista Internacionalista**

**PT - Partido dos Trabalhadores**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
PENSANDO A CONSTRUÇÃO DO COMUM NO MOVIMENTO DAS FÁBRICAS OCUPADAS NO BRASIL	
1.1. Síntese das experiências históricas autogestionárias	18
1.2 .Contexto histórico do Movimento das Fábricas Ocupadas	24
1.3. Construindo o comum através da experiência do controle operário na Flaskô	35
CAPÍTULO 2	
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, OCUPAÇÃO E MEMÓRIA DO TRABALHADOR	
2.1. Memória e Patrimônio	39
2.2. Análise das fontes: a memória da ocupação	43
CAPÍTULO 3	
PRODUTO PROFHISTÓRIA	
3.1. Proposta de dossiê de documentos com textos e imagens sobre a Fábrica Ocupada Flaskô para utilizar em uma sequência didática para a 3 <sup>a</sup> série do Ensino Médio	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
BIBLIOGRAFIA	85
ANEXOS	
ANEXO I: DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELO CEMOP	88
ANEXO II: DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELO TRABALHO DE HISTÓRIA ORAL	109

## INTRODUÇÃO

A empresa Flaskô, localizada em Sumaré, interior de São Paulo, foi fundada em 2 de setembro de 1988. Junto com as empresas Cipla, Interfibra, Brakofix e Profiplast em Joinville, Santa Catarina, pertencia antes da ocupação ao Grupo Hansen Indústria S/A. Foi uma fábrica do ramo de plásticos que produz bombonas e tambores para uso industrial. A partir da década de 1990, com a crise generalizada do ramo industrial, determinadas empresas do grupo começaram a não pagar suas dívidas (trabalhistas, previdenciárias etc.), os patrões abandonaram as fábricas e algumas entraram em situação falimentar ou com a penhora de máquinas e bens.

A situação se agravou em 2002, quando os trabalhadores da Cipla e Interfibra, submetidos a atrasos dos salários e sem direitos, decretaram greve e ocuparam a empresa passando a gerir a produção. Teve início então o Movimento das Fábricas Ocupadas (MFO) no Brasil, compreendendo, além das duas empresas citadas, outras experiências mais breves, assim como a Flaskô, ocupada em 2003, permanecendo sob controle dos trabalhadores até 2018<sup>1</sup>

No ápice de seu funcionamento, a fábrica ocupada Flaskô se organizou em três turnos, com 70 trabalhadores no total e jornada de trabalho de 30 horas semanais, sem redução salarial. O trabalho na fábrica tinha um caráter singular, porque congregou várias lutas. Além da ocupação de fábrica, há uma ocupação de moradia no terreno (Vila Operária) que atualmente, depois de um histórico de lutas, encontra-se regularizada.

Também estava sob o controle dos trabalhadores a Fábrica de Esportes e Cultura, onde um galpão da empresa era utilizado para atividades esportivas e culturais pela comunidade do bairro Parque Bandeirantes e toda região de Sumaré. Além disso, havia projetos de horta comunitária (com apoio do MST), educação popular e biblioteca.

A experiência do MFO foi profundamente influenciada pelo caso argentino de ocupações e recuperações de empresas. Devido à crise econômica neste país, os trabalhadores, submetidos a atrasos de salários e sem direitos, retomaram a produção em suas respectivas fábricas e as geriram sob controle operário. As empresas

---

<sup>1</sup> DELMONDES, Camila. *Flaskô: fábrica ocupada*. Campinas: PUC Campinas, 2009.

recuperadas (ER's) foram a inspiração para o movimento no Brasil, cujos membros realizaram visitas e intercâmbios com essas experiências.<sup>2</sup>

Diante do cenário complexo de manutenção da produção, muitas experiências optaram pela regularização via cooperativa, em que os operários se tornam donos da empresa, mas, como será tratado posteriormente, a Flaskô buscou outra saída. Os trabalhadores da fábrica ocupada em Sumaré tinham a noção de que, diante das limitações contábeis e econômicas da empresa, mas também políticas e sociais do momento, a luta principal se dava em torno da garantia dos seus empregos e direitos trabalhistas. Nesse sentido, a principal reivindicação do MFO era a estatização da empresa sob controle dos trabalhadores, de modo que a propriedade da fábrica seria regularizada e a gestão permaneceria operária.

A experiência da ocupação e do controle operário na Flaskô causou importantes impactos políticos e sociais na condução do MFO e nos movimentos sociais na região de Campinas. Depois da intervenção federal na Cipla e Interfibra em 2007, a fábrica ocupada Flaskô se tornou protagonista do movimento. No auge do processo, os trabalhadores da fábrica tentaram auxiliar outros operários de empresas em situação semelhante que os procuraram para tentar construir a gestão operária.

Na Fábrica de Esportes e Cultura, um galpão dentro do complexo da fábrica, diversos eventos de caráter sindical, estudantil, cultural, reuniões de movimentos sociais e partidos políticos de esquerda eram realizados. No âmbito científico a repercussão também foi relevante com diversos trabalhos acadêmicos, entre teses, dissertações, monografias e artigos com enfoque específico na Flaskô .

Durante os anos de ocupação os operários produziram muitos documentos, como atas do Conselho de Fábrica, jornais, panfletos, revistas em quadrinhos, materiais de mobilização entre outros. Por meio do Centro de Memória Operária e Popular (CEMOP), uma editora da fábrica, onde esse acervo era armazenado, lançou certa quantidade de livros e revistas. Porém, com a desmobilização dos trabalhadores esse trabalho foi distribuído entre as principais lideranças. Paralelamente a esta pesquisa está sendo realizado uma reorganização deste material de divulgação, fotos de eventos, trabalhos acadêmicos, enfim, todo acervo relativo à Flaskô.

---

<sup>2</sup> RUGGERI, Andrés. *¿Que son las empresas recuperadas?: autogestión de la classe obrera*. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Continente, 2014, pág. 29-30.

Desde o início, a experiência da ocupação sofria com as pressões de outras empresas privadas, do Poder Judiciário, do Poder Executivo local e estadual, buscando minar a gestão dos trabalhadores. Sem produzir por conta da falta de investimentos e capital de giro, dificuldades na compra de matéria-prima e um corte fatal de energia operado pela empresa CPFL, a produção entrou em colapso no mês de outubro de 2018.

No ano de 2023, a fábrica completou 20 anos de controle operário, mesmo fechada e sob litígio judicial. Depois que as máquinas foram submetidas a leilão e o complexo industrial foi posto à venda, mesmo assim alguns poucos trabalhadores se intercalam na portaria para cuidar do patrimônio, evitando que este sofra vandalização.

Meu contato com a Fábrica Ocupada Flaskô ocorreu em um evento chamado “Festival Fábrica de Cultura” no ano de 2010, quando era estudante de Licenciatura em História. A partir daí, comecei a acompanhar a história e a luta dos trabalhadores da Flaskô, participando de vários encontros culturais, políticos e de formação. A presente pesquisa não consiste em um memorial, mas a experiência e o legado dos trabalhadores me impactaram profundamente, e é com esse olhar, de quem viu e ouviu a fábrica funcionando - um lugar vivo que respirava transformação social - que escrevo esta dissertação.

Depois de quinze anos de existência com a fábrica funcionando sob a gestão dos trabalhadores e vinte anos sob controle operário, mesmo com diversas dificuldades, a história e o legado da Flaskô são muitos, até mesmo incomensuráveis. Não é possível elencar todos os impactos que a Fábrica Ocupada Flaskô produziu ao longo do tempo, em vários âmbitos.

As conquistas mais expressivas que podemos mencionar relativas ao chão de fábrica são: a redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais, sem redução dos salários (pauta histórica do proletariado), diminuição expressiva dos acidentes de trabalho, melhora no cotidiano da empresa, a conquista da aposentadoria de muitos trabalhadores. Todas essas vitórias mostraram o potencial que a gestão operária pode trazer. Outro ponto relevante foram as conquistas da Vila Operária e Popular, com o direito à moradia garantido a mais de quinhentas famílias, fruto de muita luta do movimento. Tais realizações são algumas heranças da fábrica

Além disso, é necessário mencionar o legado que a Fábrica de Cultura e Esportes deixou para cada pessoa (adultos e muitas crianças) que assistiu a uma peça de teatro, uma apresentação de circo ou realizou uma oficina de grafite ou qualquer outra das inúmeras atividades que esse espaço fornecia. A Flaskô era um lugar vivo, trazia a esperança de um mundo melhor; via-se a possibilidade de que as coisas poderiam ser diferentes.

Atualmente, a fábrica é um galpão fantasma, improdutivo, aguardando um desfecho judicial para o lugar que antes foi palco de muita luta. O embate agora é, pelo menos, a esperança de que os trabalhadores possam receber todos os direitos que a gestão patronal lhes retirou. Ainda, os advogados do movimento lutam para que o terreno da fábrica tenha uma destinação social e não seja destruído pela especulação imobiliária, por tudo que o histórico da luta conquistou.

Essa pesquisa tem a pretensão de contribuir para que a história e a memória da luta dos trabalhadores da Flaskô sejam lembradas, publicizadas e discutidas, no âmbito acadêmico (cujo interesse foi relevante), social e, sobretudo, da educação básica, levando para as novas gerações a experiência, as conquistas e os desafios de uma página importante da história contemporânea da classe trabalhadora brasileira.

O principal objetivo deste trabalho é demonstrar, através de relatos dos próprios trabalhadores, como era o cotidiano de uma empresa sem patrão e sob controle operário. A questão que se coloca, agora que a experiência se findou, é a relação dos trabalhadores com a memória da ocupação. Também buscará se entender como se deu o desfecho da gestão operária, os motivos da derrota, seus principais desafios e conquistas.

Os objetivos específicos são: (I) analisar a luta da Fábrica ocupada Flaskô sob a perspectiva das lutas sociais na contemporaneidade; (II) compreender a memória dos trabalhadores como potência do patrimônio industrial; (III) realizar uma ferramenta pedagógica que possa auxiliar no ensino e aprendizagem crítico dos estudantes através da luta da Flaskô.

Nesse sentido, a estrutura da pesquisa consiste em um primeiro capítulo abordando o panorama geral do problema. Através de uma síntese das experiências autogestionárias ao longo do tempo, abrangendo desde seu surgimento até algumas

práticas durante o século XX, busca-se as origens e inspirações para o modelo adotado durante a experiência do movimento operário. Depois reporta-se ao contexto histórico do surgimento do Movimento das Fábricas Ocupadas e da Flaskô no Brasil para traçar o cenário em que se engendraram essas lutas, abordando as escolhas políticas e conceituais do movimento.

Para as questões teóricas acerca do debate sobre o controle operário, a escolha adotada consiste no conceito de cosmopolítica do comum (ou simplesmente comum), defendidas por Christian Laval e Pierre Dardot.<sup>3</sup> Através da “volta” do debate do controle operário diante da experiência latino-americana de ocupação de fábricas como uma resposta aos ditames do neoliberalismo, cabe então buscar outro referencial teórico, fazendo colocar em cena a instituição da cosmopolítica do comum, que diante da mesma realidade neoliberal, propõe um novo paradigma de revolução no século XXI, atualizando e dando novos contornos à discussão do controle operário.

No segundo capítulo será abordada a questão do patrimônio de uma fábrica ocupada, discutindo os principais aportes teóricos do conceito de patrimônio industrial, sobretudo a discussão sobre a memória do trabalhador, suas relações com a fábrica. No caso da Flaskô, em que durante o seu funcionamento teve uma função social tanto para o chão de fábrica como para o terreno da Vila Operária, acompanhar a deterioração do complexo industrial foi um ponto crítico profundo.

No campo da memória, a metodologia adotada foi a História Oral, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com antigos trabalhadores da ocupação. Os dados coletados serviram de base para análise sobre os anos da ocupação e também para a confecção de um dossiê sobre a fábrica para o produto PROFHISTÓRIA. A importância desse capítulo se dá no sentido de entender o cotidiano da fábrica e responder a questões: “Como era o dia a dia da empresa?”, “Como funcionava a produção sem gerentes, encarregados e chefes?”, “Quais são as memórias da ocupação?”

No terceiro capítulo serão discutidas a criação e montagem de um dossiê de documentos relativos à fábrica ocupada Flaskô, para ser trabalhado com alunos do Ensino Médio, abordando questões como Movimentos Sociais, Trabalho, Controle

---

<sup>3</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. 1<sup>a</sup> edição - São Paulo: Boitempo, 2017.

Operário, Socialismo. Esse dossiê é parte do produto a ser apresentado no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA).

## CAPÍTULO 1:

### PENSANDO A CONSTRUÇÃO DO COMUM NO MOVIMENTO DAS FÁBRICAS OCUPADAS NO BRASIL

#### 1.1. Síntese das experiências históricas autogestionárias

A formação da classe operária se constituiu no seio das lutas sociais decorrentes do processo de industrialização na Europa dos séculos XVIII e XIX. No interior dessas lutas, com os modos de ação, organização, pensamento e resistências foi que o proletariado se consolidou enquanto classe. Numa relação dialética, este se apropria de valores burgueses e inverte seus significados. Na perspectiva de Cornelius Castoriadis (1985), “a classe operária retoma em seu próprio fazer instrumentos e conteúdos da cultura existente, conferindo-lhes uma nova significação”.<sup>4</sup> Para este autor, é o fazer social-histórico da classe que a constitui como tal. Nessa análise, critica, de maneira geral, as concepções mecanicistas do marxismo ortodoxo, que via a condição de classe posta numa determinada estrutura econômica concebida.<sup>5</sup>

Para o nosso propósito, cabe salientar a importância desse fazer social-histórico do proletariado, na medida em que novas instituições sociais e novas formas de ação, organização e resistência são engendradas nesse processo de lutas, como os conselhos de fábrica, os sovietes, as comunas, assim como partidos, sindicatos e ideias socialistas.

O momento em que Castoriadis escreve (décadas de 1950 e 1960), foi marcado pelo avanço do capitalismo industrial e pelo incremento do sistema taylorista-fordista na produção, em que a disciplina de trabalho rígida no chão de fábrica foi uma de suas características. Para além das lutas políticas e econômicas que os trabalhadores enfrentavam, o ambiente da produção propriamente dita tornou-se palco de discussão teórica e de intensas lutas. Para Castoriadis,

“a essência das relações de produção se encontra na divisão entre dirigentes e executantes (...) A luta implícita e informal dos operários, no que se refere à organização capitalista da produção, significa *ipso facto* que os operários opõem a essa

---

<sup>4</sup> CASTORIADIS, Cornelius. A experiência do movimento operário. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pág.60.

<sup>5</sup> Idem, p. 65

organização - e realizam nos fatos - uma contra-organização certamente parcial, fragmentária e móvel, mas não menos efetiva, sem a qual não somente não poderiam resistir à direção, mas nem mesmo poderiam realizar seu trabalho.”<sup>6</sup>

Nesse sentido, essa organização implícita questiona todo o fundamento da empresa capitalista. Operação tartaruga, boicotes a máquinas, reorganização do ritmo de trabalho etc. constituem uma resistência do trabalhador à dinâmica taylorista-fordista da fábrica e também uma solidariedade de classe. Essa é uma atividade política que põe em xeque, além da indústria, toda a sociedade capitalista. Nas palavras de Castoriadis:

“Por essa atividade, os operários não se afirmam somente como classe *na* sociedade capitalista, mas *contra* essa sociedade; fazem surgir um objetivo explícito, que se pretende consciente, de uma reconstrução radical da sociedade, e de uma abolição das classes. Objetivo que se instrumentaliza na instituição de novas formas de luta e de organização, tal como o partido político de massas, o sindicato (...) culminando na criação de novas instituições de um poder de massas, a Comuna, os sovietes, os conselhos operários; Em suma: na e através da atividade da classe operária nasce um projeto social-histórico revolucionário. Desde então, e durante muito tempo, esses diferentes aspectos - luta cotidiana implícita na produção, lutas econômicas ou políticas explícitas, *projeto* revolucionário - não podem mais ser separados.”<sup>7</sup>

Diante desse fazer social-histórico do movimento operário, a divisão principal da sociedade de classes é entre dirigentes e executantes no processo de produção, caracterizando-se como principal antagonismo a ser transposto. A luta pela superação do capitalismo se dá pelo socialismo, que é este fazer operário em todas as instâncias da sociedade, não somente a conquista do poder político. Ainda para Castoriadis:

---

<sup>6</sup> CASTORIADIS, Cornelius. A experiência do movimento operário. op. cit., pág.62, grifos do autor.

<sup>7</sup> Idem, p.69, grifos do autor.

“O socialismo é a supressão da divisão da sociedade em dirigentes e executantes, o que significa ao mesmo tempo *gestão operária em todos os níveis* - da fábrica, da economia e da sociedade - e poder dos organismos de massa - sovietes, comitês de fábrica ou conselhos.”<sup>8</sup>

Nesse fazer social-histórico encontram-se várias lutas - implícitas e explícitas - que vão caracterizando a classe operária. No mesmo sentido de Castoriadis, Dardot e Laval (2017) fazem a síntese do movimento operário: “a história não nos revela uma classe passivamente construída pelas lógicas objetivas do capital, mas uma classe que se fez, que se instituiu por meio da criação de suas próprias categorias, de suas estruturas organizacionais, de suas regras morais e jurídicas.”<sup>9</sup>

Durante o século XIX, os países centrais europeus, cuja industrialização avançou aceleradamente, presenciou muitos episódios de contestação do movimento operário, que engendrou e fomentou as ideias socialistas, comunistas e anarquistas, buscando tentativas de uma organização classista como as cooperativas e associações até o surgimento da Primeira Internacional (1864).

Os eventos que marcaram uma nova fase do movimento operário foram as experiências históricas da Comuna de Paris (1871) e da Revolução Russa (1917) em que as lutas operárias começaram a praticar seriamente as ideias de autogestão e controle operário, tanto na produção quanto na sociedade. Sobre a Comuna de Paris, Verago (2011) escreve:

“foi o primeiro momento da história do movimento operário onde as questões do poder político e as da organização do trabalho, se combinaram de forma simbiótica. Assim que os operários tomam o poder em Paris, logo tratam de organizar a reabertura das fábricas abandonadas e as organizar de forma ‘cooperativa’, ou seja, horizontal, o que era possível na medida em que a maior parte das fábricas foi abandonada.”<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Idem, p.81, grifos nossos.

<sup>9</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. op. cit., pág. 429.

<sup>10</sup> VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010)*. Sumaré: Edições CEMOP, 2011.

No contexto russo, surgem os sovietes (palavra que significa conselhos), instâncias de poder operário, camponês e de soldados que tiveram participação ativa no movimento revolucionário. Segundo o autor búlgaro Pano Vassilev (2008), os sovietes não foram exclusivos da Rússia revolucionária, mas

“A origem da própria ideia dos conselhos de trabalhadores como órgão unificador dos trabalhadores em uma localidade, bem como surgimento desse conceito de regulação da atividade econômica e social futura da sociedade em um local determinado pelos sovietes dos trabalhadores, já se encontra na época da Primeira Internacional. Ela está presente nas seções que estavam à esquerda e cujo ideólogo e inspirador mais célebre foi Mikhail Bakunin.”<sup>11</sup>

Os partidários dessa ala já pensavam nesses termos pelo menos cinquenta anos antes da Revolução de Outubro e defendiam suas posições no interior do movimento operário. Segundo o mesmo autor,

“os trabalhadores organizaram-se na base da produção econômica, a fim de tornarem-se senhores da força econômica, da indústria, do transporte e da agricultura, nos meios de produção e consumo (...) querem reorganizar de baixo para cima toda a vida social, cuja base é a economia (...) Para a gestão ‘das coisas’, ou seja, a produção e distribuição dos bens na futura sociedade dos trabalhadores sem classe e sem Estado, serão necessários órgãos que responderão às necessidades, sem contradizer o objetivo. Esses órgãos são pensados como conselhos dos trabalhadores, que se unem e estão em ligação por um sistema não-estatista e federalista das organizações locais dos trabalhadores. Foi assim que nasceu a ideia dos sovietes.”<sup>12</sup>

Para o autor, as primeiras manifestações históricas desses conselhos foram a já citada Comuna de Paris de 1871 e as comunas de Alcoy, Cartagena e Barcelona de 1873, todas com curta duração e derrotadas pela contrarrevolução.<sup>13</sup> Não cabe neste trabalho investigar as causas e origens desses eventos, mas apenas ressaltar que abriram novas possibilidades para a classe operária, tais como os debates sobre autogestão, controle operário e conselhos de fábrica.

---

<sup>11</sup> VASSILEV, Pano. *A ideia dos sovietes*. Editora Imaginário, 2008, pág.16.

<sup>12</sup> Idem, p.42.

<sup>13</sup> Idem, p.47.

Ainda no século XX, inspirada nas ideias dos sovietes russos, surgiram na Europa, principalmente Itália, Alemanha e Espanha os conselhos de fábrica, organizações dentro dos locais de trabalho que, fundamentalmente, buscavam consolidar os interesses comuns dos trabalhadores e não se contrastavam com a instituição de partidos e sindicatos, tendo em vista que todos esses processos visavam a defesa da classe trabalhadora.

Antunes e Nogueira (1982), dividem tais experiências em reformistas, quando há uma espécie de cogestão dos trabalhadores, e revolucionárias, que contestam o sistema capitalista. Porém, “não existe uma teoria acabada das comissões ou conselhos de fábrica, sendo que seu entendimento só é possível através do estudo das várias experiências histórico-concretas do movimento operário”<sup>14</sup>

Nascimento (1986), por sua vez, traçou uma história do que chama de lutas operárias autônomas e autogestionárias, que consiste, basicamente, nas lutas dos trabalhadores por autogestão, desde a referida Comuna de Paris e a Revolução Russa, passando pelas lutas na Itália, Alemanha e Hungria até as experiências de classe na América Latina na década de 1970.<sup>15</sup>

Conforme apontamos acima, não cabe aqui realizar um inventário de todas as experiências da classe operária no sentido de sua autodeterminação, mas salientar que essas formas de luta engendradas pelo movimento operário provocaram diversas fontes de inspiração para mudanças sociais e, em alguns casos, revolucionária. Tanto as experiências da comuna e dos sovietes quanto os conselhos e comitês de fábrica, além das tradicionais greves, reivindicações salariais e demandas político-partidárias, constituem o escopo de lutas da história do movimento operário.

É importante fazer um salto dessas lutas para uma nova conjuntura mundial iniciada a partir dos anos 1970 e 1980, em que ocorreram muitas experiências de conselhos operários, inclusive no Brasil e mudanças no cenário político, econômico e cultural. Com a decadência do “socialismo real”, o descrédito com os ideais comunistas, o impacto das medidas neoliberais em todos os âmbitos da vida social, a desestruturação causada pelos métodos toyotistas na produção, entre outros fatores,

---

<sup>14</sup> ANTUNES, Ricardo; NOGUEIRA, Arnaldo. *O que são comissões de fábrica?* 2 edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

<sup>15</sup> NASCIMENTO, Claudio. *As lutas operárias autônomas e autogestionárias.* CEDAC, 1986

causaram, em todo o mundo, certo arrefecimento das lutas operárias.

Para Antunes (2008), existe uma nova morfologia do trabalho, impactada pelas mudanças societárias, políticas e econômicas advindas da nova dinâmica capitalista global. As principais características deste processo no mundo do trabalho são as privatizações, as flexibilizações de direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores, as terceirizações, o aumento do ritmo laboral e a precarização do trabalho.<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> ANTUNES, Ricardo. *Afinal, quem é a classe trabalhadora hoje?* Revista Estudos do Trabalho, Ano II, número 3, 2008.

## 1.2. Contexto histórico do Movimento das Fábricas Ocupadas

Muitas das análises sobre empresas recuperadas e cooperativas estão no interior das discussões da chamada Economia Solidária, no Brasil, ou Economia Social, na Argentina. A história do movimento de recuperação e ocupação de empresas na América Latina remonta ao início dos anos 2000, momento de avanço das políticas neoliberais em todo o continente, como o desemprego, a perda de direitos, a flexibilização de legislações trabalhistas, privatizações, terceirizações dentre outros aspectos.<sup>17</sup>

Em diversos países a situação da classe trabalhadora se tornaram crítica. Com um processo de desindustrialização cada vez mais generalizado e intenso, as consequências das políticas neoliberais, ocorrem certa inércia dos sindicatos de trabalhadores e um descenso do movimento operário. No caso das empresas do MFO, com situação de atrasos de salários, não pagamento de direitos, condições insalubres de trabalho e abandono do parque fabril pelos patrões, os trabalhadores depararam-se com a difícil condição de seus locais de trabalho.

A alternativa para os problemas encontrados foi buscar saídas, como greves que engendram a ocupação dessas fábricas. Após esse momento, os trabalhadores defrontaram-se com duas opções: a solução cooperativa, em que os operários assumem os débitos da empresa ou a estatização sob controle operário, no qual procuraram a retomada da produção e a manutenção de seus empregos.<sup>18</sup>

É importante ressaltar que cada país possui sua especificidade social, econômica e política. Em locais como Argentina e Venezuela, o movimento de ocupação de fábricas estava atrelado a uma intensa mobilização social. No primeiro caso, a sociedade argentina viu eclodir diversos movimentos contestatórios como os *piqueteros* e a organização de *asambleas barreales*.<sup>19</sup> Esse movimento continuou forte no país vizinho, obtendo apoio governamental e de outras cooperativas, até a eleição de Javier Milei em 2023, em que se instaurou uma perseguição às ER's.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010)*, op. cit., pág.88.

<sup>18</sup> FESTI, Ricardo. *Fábrica sem patrão*. Marília: Lutas Anticapital, 2020. p.47.

<sup>19</sup> GRAEBER, David. *Fragmentos de uma antropologia anarquista*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2011.

<sup>20</sup> REDACCIÓN LA COPERACHA. *Inicia agresiva ofensiva contra las cooperativas en Argentina: Andrés Ruggeri*. La Coperacha. Cidade do México, 04 de abril de 2024.

Na Venezuela, o presidente Hugo Chavéz assumiu o poder com a ideologia do bolivarianismo e o socialismo do século XXI, fato que engendrou profunda participação popular. Já no Brasil, o contexto político, econômico e social do final da década de 1990, produziu um novo processo de lutas, que culmina com a criação do Movimento das Fábricas Ocupadas.<sup>21</sup>

No Brasil, os anos 1990 constituíram um período de certa estabilidade político-institucional com a eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1994. Suas políticas estavam atreladas ao cenário global de avanço do neoliberalismo, com privatizações do setor público, flexibilizações no mundo do trabalho, . Na indústria, o modelo taylorista-fordista foi cedendo espaço aos padrões toyotistas de produção, em que a precarização e terceirização do trabalho foram instalados.<sup>22</sup>

Nos anos 2000, as taxas de desemprego foram altas e o país passou por um processo eleitoral que levou a cabo a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva que representava, na visão do MFO, uma conquista histórica de um metalúrgico no poder. Esse cenário progressista na América Latina animou muitos movimentos no continente, contexto que culminou nos casos de ocupação da Flaskô e do MFO<sup>23</sup>

A Flaskô fazia parte do mesmo grupo de empresas do ramo plástico, a Corporação Holding do Brasil (CHB), que engloba a Profiplast, Brakofix, Cipla e Interfibra, em Joinville, Santa Catarina, Esta corporação foi uma cisão da Companhia Hansen Industrial S.A., hoje grupo Tigre S.A. de tubos e conexões, por uma partilha de bens. A filha de João Hansen Júnior, empresário pioneiro das empresas, juntamente com seu marido Luis Batschauer e seu irmão Anselmo Batschauer, controlavam a CHB<sup>24</sup>. A partir da década de 1990, os irmãos Batschauer começaram a deixar de cumprir suas obrigações enquanto empresários, como o não pagamento de impostos e

<sup>21</sup>

SOUZA, Giane; NUNES, Teresinha. *O processo de ocupação/recuperação de fábricas na América Latina*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, vol.9, maio 2009.

<sup>22</sup> VERAGO, Josiane. Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010). op. cit., pág. 40.

<sup>23</sup> Idem, p.60.

<sup>24</sup>NASCIMENTO, Janaina. *Fábrica quebrada é fábrica ocupada. Fábrica ocupada é fábrica estatizada: a luta dos trabalhadores da Cipla e Interfibra para salvar 1000 empregos*. s.1.: s. Ed., 2004, pág. 88.

dos direitos trabalhistas e previdenciários, o atraso de salários ou pagando de forma parcelada, a reestruturação das empresas, dentre outros. Com estes desmandos, vários processos foram abertos em diversas esferas da Justiça que chegou a condená-los à prisão por quatro vezes.<sup>25</sup>

O ano de 2002 foi decisivo para o início do Movimento das Fábricas Ocupadas no Brasil (MFO). Diante do cenário de abandono da fábrica pelos patrões, atraso de salários e todas as outras questões já mencionadas, em janeiro daquele ano os trabalhadores da Cipla realizavam a primeira paralisação com cerca de 500 funcionários (a fábrica possuía pouco mais de 700 operários). Os resultados foram diversas demissões por justa causa, não negociação das pautas reivindicadas e por conta da potência do conflito envolvendo patrões e trabalhadores, ocorreu certa ausência da colaboração do sindicato da categoria para a resolução do conflito.<sup>26</sup>

O clima dentro da Cipla estava difícil para os trabalhadores. Em setembro de 2002, os operários buscaram apoio em outros setores, como a Central Única dos Trabalhadores/SC (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT), em âmbito municipal, estadual e federal. Finalmente, em outubro, os trabalhadores da Cipla decidiram em assembleia que entrariam em greve por tempo indeterminado. Diante dessa situação, os trabalhadores da Interfibra tomaram a mesma atitude paredista. Serge Goulart, importante liderança do movimento e representante do Conselho de Fábrica, explica:

“Foi um processo crescente de organização e mobilização. A partir daqueles contatos iniciais, todos os trabalhadores que antes tinham tentado um movimento, em janeiro, e tinham sido derrotados porque não existia organização para fazer isso, e se sentiam muito frágeis, entraram em um processo de mobilização e de organização que levou à decisão em assembleia, no auditório do Sindicato dos Plásticos. Uma assembleia que decidiu por unanimidade entrar em greve”<sup>27</sup>

Passados oito dias de negociação, não houve um acordo entre os irmãos Batschauer e os trabalhadores da Cipla e Interfibra. O principal motivo era a enorme dívida com os operários que os empresários se recusaram a pagar totalmente. A

<sup>25</sup> MUSTO, Rafaela. *Fábrica em movimento*. op. cit., pág. 19-20.

<sup>26</sup> NASCIMENTO, Janaina. *Fábrica quebrada é fábrica ocupada. Fábrica ocupada é fábrica estatizada*. p.40

<sup>27</sup> Idem, p. 44.

consequência desse processo foi que os patrões passaram o controle acionário das empresas aos trabalhadores e o início do controle operário da produção nas fábricas ocupadas.<sup>28</sup>

O caso das empresas era delicado, com máquinas penhoradas e leiloadas pela Justiça e muitas dívidas acumuladas, a maioria com o setor público. Era inviável a solução cooperativa para os trabalhadores, afinal, não queriam que toda a herança negativa dos Batschauer recaísse sobre eles. Após o início da ocupação traçaram-se três principais objetivos: “salvar os mil postos de trabalho, receber os salários em dia e recuperar as dívidas trabalhistas e previdenciárias”<sup>29</sup>.

O principal apoio na condução política do MFO foi um grupo de trotskistas ligados à corrente “O Trabalho” do PT, que ao longo do processo se tornou a Esquerda Marxista (EM). Atualmente, essa agremiação tem o nome de Organização Comunista Internacionalista (OCI). A importância desse grupo consistiu, de maneira geral, na ajuda em questões jurídicas, na mobilização em diversos setores da sociedade e na publicização dos eventos relacionados à luta dos trabalhadores do MFO.

O grupo EM contribuiu na elaboração de uma alternativa para o impasse do movimento de ocupação de fábricas. A solução cooperativa não interessava aos trabalhadores da Cipla e Interfibra, por diversos motivos, alguns já mencionados, mas o principal era a questão da dívida patronal que os trabalhadores teriam que assumir. Diante de tais circunstâncias, que atitudes os operários iriam tomar? A solução proposta pelos trabalhadores das duas ocupações foi a estatização sob controle operário. Essa bandeira de luta, que visava, sobretudo, salvaguardar os mil empregos foi adotada pelo MFO durante a duração do movimento. A Cipla e a Interfibra sofreram intervenção federal em 2007, encerrando o controle operário nas fábricas.

Analisando o caso das principais empresas brasileiras do MFO e a fábrica Zanon na Argentina, Verago (2011) mostra as especificidades desses processos que tinham como norte a “estatização sob controle operário” e suas principais diferenças com outros movimentos. Para a autora,

“a bandeira da ‘estatização sob controle operário’ nos parece o ponto que delimita estas experiências de todas as outras.

---

<sup>28</sup> Idem, p. 56.

<sup>29</sup> Idem, p. 49.

Basicamente porque esta bandeira e este objetivo não permitiram sua integração aos projetos governamentais ou com as propostas dos setores do movimento sindical adaptados àqueles projetos. E justamente pela infeliz improbabilidade de a estatização ser aceita num quadro de desestatização da economia que segue desde a década de 1990.”<sup>30</sup>

As empresas Cipla e Interfibra representavam na cidade de Joinville um contingente muito grande de trabalhadores ativos ou que já haviam sido contratados pelas fábricas. A história do MFO passa pelo pertencimento que esses lugares geraram nos trabalhadores e na comunidade do entorno. Ao longo dos anos de greves e ocupação, a população e a comunidade em torno das fábricas apoiavam de diversas formas os trabalhadores. A Cipla foi uma empresa antiga da cidade, fato que gerou diversos laços de solidariedade e ajuda mútua.<sup>31</sup>

Cabe reiterar que a vitória de Lula trouxe otimismo para os operários do MFO, porque estes viam na figura do presidente operário uma saída para os problemas que a classe trabalhadora enfrentava. Mas nos anos desse governo, por mais que a pauta da estatização dessas empresas fosse discutida, sobretudo pela pressão dos trabalhadores, a proposta de estatização sob controle operário foi rechaçada. Mesmo diante da agitação que os trabalhadores realizavam ao Poder Executivo, como a organização de caravanas periódicas a Brasília, a pressão para aprovação de projetos de lei criados pela parte jurídica do MFO para solução dos casos, essa situação de desinteresse estatal se manteve.

---

<sup>30</sup> VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010)*, p.79.

<sup>31</sup> NASCIMENTO, Janaina. *Fábrica quebrada é fábrica ocupada. Fábrica ocupada é fábrica estatizada.* p. 70.

A história da Flaskô com o MFO começou em junho de 2003, diante de intensos contatos com os trabalhadores catarinenses, os operários de Sumaré decidiram em assembleia pelo controle operário na Flaskô. A situação foi idêntica à da Cipla e Interfibra: “meses com salários atrasados, direitos trabalhistas não respeitados, como férias vencidas, 13º em atraso, registros irregulares, não recolhimento do FGTS e INSS”.<sup>32</sup>

Quando os trabalhadores assumem a fábrica, a situação também é muito parecida com as empresas de Joinville, “já que todas as máquinas estão penhoradas e podem ser leiloadas a qualquer momento”,<sup>33</sup> além da enorme dívida que a Flaskô tinha com fornecedores, outras empresas e, sobretudo, o poder público. Esse momento dos trabalhadores pode ser ilustrado pela seguinte fala do operário Carlos, vulgo Carlão:

“Eu trabalho há oito anos na Flaskô. E nós estávamos passando por uma vida muito difícil, os três meses passados. E desde agosto [2003] nós estamos na luta igual a Cipla e Interfibra. De Brasília eles passaram lá em Sumaré, deram o apoio para nós ocuparmos a fábrica dia 12 de junho. Aí, nessa luta, nós saímos nos bairros, nós fomos na prefeitura, nós fomos na Câmara Municipal atrás dos vereadores, no Sindicato dos Químicos. Muitos sindicatos e sem-terra nos ajudaram e estão na luta até hoje. E ainda sim vai ser difícil pra gente tocar essa firma. Porque ficou muita dívida e nós não temos condição de comprar matéria-prima (...).”<sup>34</sup>

Os dados da pesquisa de Verago (2011) mostram um aumento do número de falências e concordatas, de desemprego e diminuição da produção industrial entre o final dos anos 1990 e começo da década seguinte tanto no Brasil quanto na Argentina, fruto das políticas neoliberais na América Latina. A mudança na lei de Falências em 2005 favorecia os empresários em detrimento dos direitos dos trabalhadores.<sup>35</sup>

Para buscar soluções para o quadro que se instalara, os trabalhadores do MFO realizaram diversas campanhas, visitas ao Senado, marchas a Brasília, atos, propostas de leis para regularização das fábricas. Nesse contexto, eclodem paralelamente ocupações de empresas por vários países da América Latina, como Uruguai, Paraguai,

<sup>32</sup> Idem, p.109

<sup>33</sup> Ibidem, p..110

<sup>34</sup> Ibidem, p. 112

<sup>35</sup> VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010)*, p. 94.

mas principalmente Venezuela e Argentina.<sup>36</sup>

No interior das lutas das ER's no continente, surgiram, principalmente, duas visões acerca do futuro das empresas, que comportavam questões não apenas jurídicas, mas também políticas. De um lado, os partidários da autogestão defendiam que as ER's deveriam formar cooperativas de trabalho entre os operários. De outro, um grupo minoritário, mas com grande poder de mobilização, defendia o controle operário.<sup>37</sup> Os termos autogestão e controle operário ganharam força, ao longo da história, a partir dos eventos da Comuna de Paris em 1871 e a Revolução Russa em 1917, conforme vimos. Há uma vasta e importante bibliografia sobre o tema, que passa por distintos momentos históricos e posições políticas, sempre atreladas às experiências práticas do movimento operário.

Nascimento (1986) faz um histórico das lutas por autogestão e a entende como “a administração da sociedade por si mesma, em contraposição a uma sociedade administrada por um poder que está por cima dela (heterogestão).<sup>38</sup>” Essa definição é bem ampla, mas elucida uma das principais características da autogestão: a gestão autônoma do social.

Num esforço de analisar os conceitos de autogestão e controle operário, a obra de Verago (2011), uma trabalhadora do setor de mobilização da Flaskô, estudou os casos de ocupação de fábricas no Brasil e Zanon na Argentina. Percorrendo diversos autores dos dois campos, principalmente a tradição marxista de Lênin, Trotsky e Mandel, procura realizar uma distinção entre Autogestão e Controle Operário,. Segundo a autora::

“O conceito de “autogestão” teve diversas conotações ao longo da história e é interpretado de diferentes formas atualmente. Em muitos casos aproxima-se, em outros se afasta ou se confunde com as ideias de “controle operário”, “gestão operária”, ou de “conselhos operários”. E também há grande variação sobre como os autores pensam os momentos do “controle operário” e da “autogestão”, no sentido de que há divergências sobre se justificariam o mesmo momento da luta

<sup>36</sup> SOUZA, Giane; Nunes, Teresinha. O processo de ocupação/recuperação de fábricas na América Latina. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, vol.9, maio 2009

<sup>37</sup> NOVAES, Henrique. *Lições do debate entre os defensores da estatização sob controle operário e da autogestão*. Argentina, Otra Economia, Vol. 2 Núm. 2, 2008, p. 72.

<sup>38</sup> NASCIMENTO, Claudio. As lutas operárias autônomas e autogestionárias, p. 11.

dos trabalhadores, ou se cada um destes momentos pressupõem condições diferentes para se realizar. Ou seja, se são momentos que podem/devem ou não se realizar em condições capitalistas ou apenas num processo de transição para um outro modo de produção, ou ainda, somente a partir da superação completa das condições capitalistas.”<sup>39</sup>

O conteúdo desses conceitos referem-se, ao seguinte sentido,

“(...) de forma genérica os princípios sobre os quais o conceito frequentemente se baseia quanto às relações de gestão dos trabalhadores sobre a produção, a saber: de autonomia, horizontalidade, democracia direta (mais frequente) ou delegada/representada (menos frequente), representatividade elegível e revogável permanentemente e rotatividade de funções. No entanto, (...) em condições capitalistas qualquer poder, controle ou autonomia dos trabalhadores sobre os meios de produção (...) só pode ser relativo e jamais absoluto, sendo portanto limitado.”<sup>40</sup>

Nesse sentido, conforme as diferentes abordagens antagônicas e em razão de o termo estar relacionado às experiências cooperativistas, a autora relaciona a autogestão a uma perda do enfrentamento da classe operária contra o capitalismo, em que o trabalhador assume funções gerenciais e empresariais, perdendo de vista sua característica de classe e seu caráter revolucionário. Diante disso, opta-se aqui pelo conceito de controle operário, que, atrelado à ideia de controle social da produção e da sociedade, mantém o viés classista e transformador dos trabalhadores. Para Verago (2011) o controle operário,

“é um controle sobre os meios de produção, seja em uma fábrica, seja em um setor como a indústria ou da produção como um todo em um dado país, ou mesmo de outros setores como a distribuição etc. Trata-se de um conceito histórico que recebeu desde o início diferentes interpretações, sobretudo no âmbito dos debates políticos e teóricos relativos à transição ao socialismo.”<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010)*. p. 53.

<sup>40</sup> Idem, p.53.

<sup>41</sup> VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010)*, p. 68.

Na análise que Felipe Vasconcellos (2012) realiza sobre o controle operário na Flaskô, admite que esse conceito possui diversos nuances ao longo do tempo, mas passa por duas conotações distintas: “de instrumento preparatório para a tomada do poder do Estado a uma forma de democratização do capitalismo nas fábricas”<sup>42</sup>. De maneira geral, o conceito de controle operário se defrontou com essas duas perspectivas no decorrer da história. Para Leon Trotsky (2012), esse conceito está relacionado a um regime de transição socialista da sociedade com base na tomada dos meios de produção pelo proletariado. Segundo o autor:

“O que estamos falando é do controle operário sob o regime capitalista, sob o poder da burguesia. De qualquer forma, uma burguesia que se sinta firmemente assentada no poder, nunca tolerará a dualidade de poder nas suas empresas. O controle operário, por consequência, somente pode ser atingido nas condições de uma mudança brusca na correlação de forças desfavorável a burguesia pela força, de um proletariado que se coloca no caminho de arrancar seu poder, e, portanto, também a propriedade dos meios de produção.”<sup>43</sup>

Cabe ressaltar, que essa escolha não é apenas teórica, mas também política, na medida em que o conceito de controle operário, mesmo que relativo e limitado, estava atrelado historicamente a uma luta pelo socialismo, pelo controle social da produção e da sociedade. O trabalhador no conjunto de suas lutas de classe, assumindo o controle operário, está inserido na perspectiva da luta de classes.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> VASCONCELLOS, Felipe. *A experiência do controle operário na Flaskô: perspectivas do controle operário na sociedade contemporânea*. Sumaré: Revista do CEMOP, nº4, outubro de 2012, p. 41

<sup>43</sup> TROSTKY, APUD VASCONCELLOS, Felipe, p. 43.

<sup>44</sup> Idem, p.70.

### 1.3. Construindo o comum através da experiência do controle operário na Flaskô.

Em *Comum - ensaio sobre a revolução no século XXI*, Pierre Dardot e Christian Laval os autores operam com o conceito de *comum* visando discutir um princípio que orientaria as lutas sociais contemporâneas frente às políticas neoliberais. O atual estágio do capitalismo, na forma do neoliberalismo, busca açambarcar todas as riquezas materiais e imateriais, dificultando a vida das populações em todo o mundo. As políticas neoliberais estariam comprometendo a sobrevivência da humanidade e do planeta devido à voracidade do sistema capitalista.<sup>45</sup>

As diversas lutas que emergiram na década de 1990 e começo do século XXI contra a privatização de serviços públicos como a água, o movimento altermundialista, o movimento de empresas recuperadas, o movimento ambientalista, o movimento zapatista dentre outros movimentos contestatórios- constituem um novo ciclo de lutas contra o capitalismo e buscam estabelecer uma gama de referências práticas e conceituais para a superação da atual ordem econômica. Para os autores,

“O movimento dos ‘comuns’ é uma resposta a um dos aspectos mais evidentes do neoliberalismo: a ‘pilhagem’ realizada pelo Estado e pelos oligopólios privados daquilo que até então era de domínio público, do Estado Social, ou estava sob controle das comunidades (...). Os efeitos nas relações sociais foram consideráveis. Em cerca de trinta anos, as desigualdades se aprofundaram, o patrimônio dos mais ricos cresceu vertiginosamente, a especulação imobiliária acelerou a segregação urbana.”<sup>46</sup>

Para realizar uma tarefa de cunho arqueológico sobre o conceito, os autores buscam na raiz da palavra *comum* um indício de sua principal característica: “pertence ao vasto registro antropológico da dádiva e designa ao mesmo tempo um fenômeno social específico: por sua raiz, remete a um tipo particular de prestações e contraprestações que dizem respeito a honras e vantagens ligadas a encargos.”<sup>47</sup> A dádiva pode ser entendida, na perspectiva de Marcel Mauss (2008), como um sistema que envolve trocas, em que objetos, bens ou serviços são oferecidos voluntariamente, mas com uma necessidade tácita de reciprocidade. Esse conceito, possui um papel

<sup>45</sup> DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*, op. cit., pág.100.

<sup>46</sup> Idem, p. 104-5.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 24.

fundamental na construção e conservação das relações sociais fundadas na mutualidade.<sup>48</sup>

Nesse sentido, os princípios de co-atividade, co-responsabilidade e co-participação são elementos fundamentais da prática do comum, que está amparada na reciprocidade e mutualidade das novas relações necessárias à superação da ordem vigente. O paradigma do comum estabelece essas concepções como essenciais para a práxis dos movimentos sociais que buscam a gestação de novas formas de ação coletiva.

Para os autores, "o comum é o princípio filosófico que deve permitir que se conceba um futuro possível para além do neoliberalismo"<sup>49</sup> e um dos seus significados "se apresenta como um fazer coletivo da multidão. Uma nova forma de organização social democrática se encontra em germe nas lutas conduzidas tanto pelos trabalhadores colaborativos e imateriais quanto pelas multidões pobres de todo mundo"<sup>50</sup>. Um aspecto importante é que esse fazer se dá no âmbito da práxis que os movimentos engendram.

Por mais que os autores elaborem o *comum* como um princípio filosófico, a forma concreta desse princípio se dá no âmbito da própria experiência prática dos movimentos. "Não é tanto uma questão de defendê-lo [o comum], mas de promovê-lo e instituí-lo"<sup>51</sup>. Nesse sentido, é a práxis que vai instituir o comum na vida social, em que "todo verdadeiro comum político deve sua existência a uma *atividade contínua e constante de pôr em comum*"<sup>52</sup>. Segundo os autores:

"Se acreditarmos na experiência dos operários desde o início do século XIX, tão bem descrita por Edward Thompson ou Jacques Rancière, a autonomia de ação e representação é construída por um longo trabalho de assimilação e invenção cultural, moral e política. Em outras palavras, é pela ação coletiva e pelo trabalho crítico que poderia surgir uma nova consciência coletiva dos assalariados."<sup>53</sup>

É nessa chave interpretativa que a presente pesquisa se delineia, na medida em

<sup>48</sup> MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Portugal: Edições 70, 2008.

<sup>49</sup> DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI.*, p. 200.

<sup>50</sup> Idem, p. 205.

<sup>51</sup> Idem, p. 200.

<sup>52</sup> Ibidem, p.248, grifos nossos.

<sup>53</sup> Ibidem, p.. 511.

que os trabalhadores da Flaskô sempre buscaram “pôr em comum” não somente a gestão da fábrica, com todas as suas decisões cotidianas, da matéria-prima à contabilidade, mas também os rumos do MFO. A práxis que os operários exerciam em seu cotidiano engendraram diversos comportamentos críticos e de autonomia por parte dos trabalhadores, que construíram sentimentos e ações de identidade de classe e solidariedade mútua.

Os autores do “Comum” entendem o conceito de práxis, no caminho deixado por Castoriadis, em que “a denominação ‘práxis’ deveria ser aplicada exclusivamente à atividade pautada pela autonomia, e não a toda e qualquer atividade humana, independente de sua finalidade”. Ou seja, é a ação voltada para autonomia e emancipação dos grupos sociais, e em última instância, de toda a sociedade, que a práxis institui o comum. Para os autores:

“o comum jamais se apresenta na forma de um esquema universal pronto para ser usado, como uma fórmula de ação que possa ser transposta a todos os campos. Ao contrário (...) é importante pensar o comum em relação ao seu próprio movimento de instituição (...) A única práxis instituinte emancipadora é aquela que faz do comum a nova significação do imaginário social.”<sup>54</sup>

Nessa obra densa e de fôlego, o movimento socialista desde seu início no século XIX é revisitado, para a reflexão sobre as formas de luta que os operários realizavam em contraposição ao sistema fabril, principalmente a crítica à propriedade. A discussão sobre o controle operário dentro da referida obra aparece, em um dos momentos, nas discussões acerca dos conselhos operários no século XX, como na União Soviética e Hungria, por exemplo.

A autonomia dos trabalhadores, sua capacidade de organização e decisão mostraram uma alternativa, mesmo que limitada, a certas experiências relativas a sindicatos e partidos políticos. Em toda a obra, os autores criticam a via do marxismo-leninismo clássico, centrada na ideia do controle do Estado pelo proletariado (partido) em suas diversas experiências históricas ao longo do século XX, sobretudo a derrotada tentativa soviética. Para Dardot e Laval (2017):

---

<sup>54</sup> Idem, p.455.

“Em vez de construir o partido revolucionário que comandará uma eventual tomada do poder, a emancipação dos trabalhadores deveria começar pela invenção de novas formas de trabalho e produção, novas regras de vida social, um direito próprio ao mundo operário, inovações essas que lhe dariam autonomia.”<sup>55</sup>

Quais seriam então as referências mais marcantes que os teóricos do movimento operário deixaram como legado para as lutas contemporâneas? Analisando criticamente as contribuições de Marx, mas também apostando em uma releitura de Proudhon e Mauss, os autores escrevem:

“Porque não se trata apenas de tomar o poder, mas também de instituir novas formas de vida para que os homens se tornem socialistas, de viver tanto quanto possível a vida socialista imediatamente (...) nas cooperativas, associações de assistência mútua e sindicatos, a tarefa de ‘eliminar todos os dias um pouco do capitalismo’; no partido, a tarefa de preparar a revolução.”<sup>56</sup>

A discussão sobre a superação do sistema capitalista origina-se no contexto das lutas operárias. Opondo-se à lógica da competição, o movimento socialista busca novas formas de resistência baseadas na cooperação, solidariedade e ajuda mútua. Nesses termos, tanto o debate acerca do controle operário quanto o de comum têm a preocupação com as novas formas de sociedade.

Para Laval e Dardot, a hipótese para a transformação social e revolucionária no século XXI já não é mais a do comunismo de Estado, mas uma ação em que “o princípio federativo implica a negação das bases do capitalismo”<sup>57</sup> em *todas* as esferas da vida social. Assim, “trata-se de instituir politicamente a sociedade, criando em todos os setores instituições de autogoverno que terão a produção do comum como finalidade e racionalidade”<sup>58</sup>.

Por mais que os autores reivindiquem a experiência histórica dos conselhos operários de maneira positiva, o diagnóstico do movimento operário contemporâneo é crítico:

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 390.

<sup>56</sup> DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*, p. 423.

<sup>57</sup> Idem, p. 487.

<sup>58</sup> Ibidem, p.488.

“O estado de debilidade em que se encontra hoje o mundo operário, sua dessindicalização crescente, sua ‘invisibilização’ na sociedade, a desestruturação de seus esquemas organizacionais e o apagamento de suas expressões simbólicas frustram as esperanças que as gerações anteriores podiam depositar na ampliação progressiva da autonomia institucional dos operários. Seja como for, há muito que aprender com essas experiências para começar a repensar o comum.”<sup>59</sup>

De certa maneira, o conceito de comum atualiza e amplia o debate sobre o controle operário que nos últimos anos emergiu devido ao Movimento de Empresas Recuperadas e Ocupadas na América Latina, principalmente Brasil e Argentina. No caso específico da Flaskô, o Conselho de Fábrica e a assembleia eram os órgãos supremos dos trabalhadores que viam no controle operário a forma para garantir seus empregos. Apesar dos limites e contradições do processo, a Flaskô conseguiu sobreviver a diversos ataques tornando-se um aglutinador das lutas sociais na região de Campinas.

Na esteira da análise de Nemirovsky (2020) sobre a recuperação de fábricas na Argentina, essas experiências representam a luta pelo comum diante do cenário político e econômico daquele país. Acreditamos que a união da luta por empregos, direitos sociais e culturais e a luta por moradia na Vila Operária, aliada a outros movimentos que se aglutinaram em torno do MFO, constituem a produção do comum na Fábrica Ocupada Flaskô. A junção do espectro operário-popular contra as condições de vida que a crise do sistema provocou nas periferias engendrou novas formas de solidariedade de classe. Em síntese:

“a utilidade pública do capital expropriado em favor dos trabalhadores nas fábricas recuperadas representa a fundação de uma soberania particular assentada em uma aliança operário-popular, que unifica movimentos de rua, movimentos de bairro, movimento operário e movimento pela recuperação de fábricas com a finalidade do exercício de uma sociabilidade pautada na solidariedade e na autonomia.”<sup>60</sup>

Nesta concepção, as práticas de auxílio mútuo proveniente tanto externamente dos movimentos sociais quanto internamente na cotidianidade da luta operária

<sup>59</sup> Ibidem, p.424.

<sup>60</sup> NEMIROVSKY, Gabriel. Fábricas recuperadas por trabalhadores: Produzindo o comum na Argentina. Trabalho Necessário, V.18, nº 36 - 2020 (maio-ago). pág. 208.

instituem novas práticas opostas à racionalidade neoliberal. Nesse mesmo sentido, Dardot e Laval (2017) concordam a respeito da cooperação socialista:

“a cooperação socialista, seja de consumo, seja de produção (...) demanda instituições de cooperação e um direito ao comum. A função da cooperativa não é apenas não criar espaços não capitalistas dentro da grande sociedade, mas também formar um direito novo e uma moral de solidariedade por intermédio da prática do trabalho em comum

## CAPÍTULO 2:

### PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E MEMÓRIA DO TRABALHADOR: LEMBRANÇAS DOS ANOS DA OCUPAÇÃO

#### 2.1 Memória e Patrimônio

Para se entender o lugar e as questões relativas ao patrimônio industrial, deve-se compreender as demandas sobre o patrimônio cultural na atualidade de uma maneira mais geral. Beatriz Kuhl (2021) apresenta o debate em torno de uma ampliação da noção de bem de interesse cultural que afeta a preservação do patrimônio industrial<sup>61</sup>. Nas palavras da autora,

“A ampliação crescente do que é considerado bem cultural, que inclui o patrimônio industrial, resulta num alargamento da teia de relações em que o patrimônio está inserido e que pode desempenhar. Cada vez mais é explicitada a relação do patrimônio com questões de cultura entendida em senso lato - incluindo os mencionados aspectos memoriais e simbólicos - e as maneiras como o patrimônio pode qualificar o ambiente.”<sup>62</sup>

A noção de patrimônio industrial pode ser entendida, a partir dos anos 1960, com os trabalhos e pesquisas realizadas, sobretudo na Inglaterra, sobre arqueologia industrial. Há certa disputa pelo nome no campo que se desenvolveu a partir desta data. Cristina Meneguello (2011) chama a atenção que a melhor nomenclatura seria a de memória do trabalho. No Brasil, o campo se configurou como patrimônio industrial e é nesse escopo que o presente trabalho se enquadra<sup>63</sup>.

De maneira sintética, os estudos na área de patrimônio industrial se originaram com a preocupação de preservar os edifícios industriais<sup>64</sup> que estavam cada vez mais sofrendo com demolições e abandono, fruto da intensa especulação imobiliária e da ausência de políticas de preservação e restauro desses bens. Essa preocupação com a preservação dos estabelecimentos industriais foi o fator de consolidação da área como

---

<sup>61</sup> KUHL, Beatriz. *Patrimônio Industrial na atualidade: algumas questões*. In: MENEGUELLO, Cristina et al. *Patrimônio Industrial na atualidade: algumas questões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, pág. 14.

<sup>62</sup> Idem, p. 22.

<sup>63</sup> MENEGUELLO, Cristina. *Patrimônio industrial como tema de pesquisa*. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, ANPUH-SC, PPGH, 2011.

<sup>64</sup> KUHL, Beatriz. *Patrimônio Industrial na atualidade: algumas questões*, op. cit. pág. 14-16.

um campo de estudos. Aliado a isso, há um processo de intensa desindustrialização do processo produtivo e econômico das nações, principalmente as desenvolvidas.<sup>65</sup>

A Carta de Veneza foi um documento formulado durante o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, em 1964, constituindo-se como um marco essencial para a preservação do patrimônio cultural e histórico. Ela determina diretrizes e princípios para a conservação e restauração de monumentos e sítios históricos, propondo a necessidade da preservação física, dos valores históricos e do contexto cultural desses bens. Outro aspecto importante foi a preocupação com a dimensão do lugar da conservação destes lugares que passa por uma política internacional de valorização tanto da “obra de arte quanto do testemunho histórico”<sup>66</sup>.

Na evolução histórica das questões relativas ao patrimônio em geral, e o patrimônio industrial, em particular, realizou-se a elaboração, pelo Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), da Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial (2003)<sup>67</sup>. O TICCIH foi um órgão criado em 1973 com o objetivo de dar conta das demandas dessa área de interesse. A carta do Patrimônio Industrial foi um documento que orientava sobre a preservação e valorização dos bens relacionados à era industrial. Nesse sentido, enfatiza a importância histórica, cultural e social de elementos como fábricas, máquinas, infraestrutura, comunidades e os diversos elementos associados à industrialização. Também salientava a necessidade de promover a educação e a conscientização sobre o valor do patrimônio industrial. Esses dois marcos são importantes da questão em todo o mundo até os dias atuais.

Para Meneguello (2011), o campo do patrimônio industrial possui três dimensões que estão profundamente interligadas: “a memória do trabalho, o estabelecimento e proteção de acervos e a presença das edificações industriais na trama urbana”<sup>68</sup>. Nesse primeiro campo, “é importante considerar a dimensão da preservação da memória do trabalho e dos trabalhadores, incluso o conhecimento de

<sup>65</sup> MENEGUELLO, Cristina. *Patrimônio industrial como tema de pesquisa*, op. cit., pág.1820.

<sup>66</sup> CARTA DE VENEZA 1964 - CARTA INTERNACIONAL SOBRE A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO DE MONUMENTOS E SÍTIOS. pág.2.

<sup>67</sup> CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL.

<sup>68</sup> MENEGUELLO, Cristina. *Patrimônio industrial como tema de pesquisa*, op. cit., pág.1819.

técnicas e rotinas de produção, de organização e de sociabilidade, dentro e fora do espaço da produção”<sup>69</sup>.

Para a finalidade deste trabalho, vamos abordar as relações estabelecidas com o chão de fábrica, mas principalmente os saberes dos operários, sua memória tanto da ocupação quanto do lugar de trabalho. Nesse sentido, a melhor definição que se adequa aos objetivos da pesquisa está em Manoela Rufinoni (2020):

“Além das evidências materiais da industrialização, os estudos no campo do patrimônio industrial também consideram as correlações entre essa materialidade e as múltiplas dimensões imateriais identificáveis nos saberes e fazeres, *nas memórias e na vida cotidiana dos trabalhadores e das comunidades do entorno*”<sup>70</sup>

Na esteira das indagações que Meneguello (2021) faz sobre a relevância do operário, o saber e o fazer do trabalhador são muito importantes na constituição da memória e do patrimônio industrial. Para ela, “o trabalhador é o centro do mundo fabril e industrial, em suas relações, lutas e sociabilidades, onde se estabelece a potencialidade do mundo industrial”<sup>71</sup>. As inquietações da autora mostram a centralidade que os trabalhadores possuem no processo de industrialização da sociedade e a importância da preservação desses saberes e fazeres. Para Meneguello,

“é na definição das lutas por direitos e na definição das identidades, no sofrimento e no orgulho que se fundamentam a memória operária e o patrimônio (...) Não é o trabalhador, com o seu saber fazer, as suas rotinas de trabalho, o seu orgulho de classe e sua organização política, o verdadeiro repositório da memória intangível do patrimônio industrial transformado em carne, e em memória?”<sup>72</sup>

A metodologia adotada consistiu na História Oral, por meio da qual foram compilados relatos de trabalhadores da fábrica. Essa metodologia proporciona outra visão dos acontecimentos, visualiza elementos de uma “história vista de baixo”, que,

<sup>69</sup> Idem, p.1819.

<sup>70</sup> RUFINONI, Manoela. *Patrimônio Industrial*. In:CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático do Patrimônio*. Campinas:Editora da Unicamp, 2020. pág.134, grifos nossos.

<sup>71</sup> MENEGUELLO, Cristina. Espaço do trabalho, lugares do trabalhador. In: MENEGUELLO, Cristina et al.*Patrimônio Industrial na atualidade: algumas questões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, pág. 92.

<sup>72</sup> Id., ibid., pág. 92.

segundo José Meihy, é “sempre uma história do tempo presente”<sup>73</sup>. A perspectiva adotada será bem próxima da que Ricardo Pimenta (2012) faz dos trabalhadores têxteis de duas empresas no Rio de Janeiro, a saber:

“analisar em suas narrativas qual fora o significado do término, da degradação e da modificação dos seus espaços comuns. De compreender qual leitura do passado passa a ser real para eles, através do que se torna necessário e, portanto, formador dessa memória de indícios coletivos fortes. Neste escopo, buscar-se-á relacionar o lugar de trabalho ao lugar de sociabilidade.”<sup>74</sup>

Em uma abordagem sobre a História Oral que se debruça em questões contemporâneas, Michael Frisch (2000) pensa a disciplina como elemento fundamental da análise social, contribuindo de forma instigante e original nos vários campos das ciências humanas:

“compreendemos que o sentido de minuciosidade e o interesse pela construção individual, social, cultural e política da memória, pelas natureza das formas narrativas e pela construção inevitavelmente dialógica do ‘passado no presente’ - que a entrevista de história oral tão vividamente representa - promoveu a história oral a uma posição central no que há de mais vital e excitante em teoria cultural e estudos históricos de nossos dias.”<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> MEIHY, José C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. pág 13.

<sup>74</sup> PIMENTA, Ricardo. *Retalhos de Memória: Lembranças de Operários Têxteis Sobre Identidade e Trabalho*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, pág. 15.

<sup>75</sup> MEIHY, José. In: FERREIRA, Marieta; FERNANDES, Tania; ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz - Fundação Getúlio Vargas, 2000. pág.168,

## 2.2 Memória do trabalhador

A questão da memória sempre foi muito importante para os trabalhadores da Flaskô. Para eles, “a importância da preservação da memória das lutas sociais está por diversos elos, relacionada à preservação das próprias lutas, dos próprios movimentos e das próprias organizações que as conduzem”<sup>76</sup>. Nesse sentido, no ano de 2007, ocorreu a criação do Centro de Memória Operária e Popular (CEMOP), inspirada no *Centro de Documentación de las Empresas Recuperadas*, sediado em uma gráfica gerida pelos trabalhadores, a Chillavert Artes Gráficas, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Esse contato e colaboração com o movimento no país vizinho auxiliou os operários de Sumaré na elaboração do CEMOP.<sup>77</sup>

No auge da ocupação, a Flaskô contava com setenta trabalhadores registrados. Ao longo do processo, esse número foi diminuindo até a baixa final na carteira de trabalho dos últimos trinta trabalhadores. Após o fim do controle operário na fábrica em 2018, os operários se dispersaram e muitos não mantiveram mais relação com a empresa. Esse aspecto dificultou o processo de estabelecer contatos para a realização da pesquisa de História Oral.

Para a superação dessa dificuldade, a escolha dos entrevistados se deu no mês de junho de 2023, data em que a Flaskô comemorou vinte anos de controle operário. Foi realizada uma série de eventos para a referida data, como solenidades nas Câmaras Municipais de Sumaré e Campinas, e também a exibição de documentário sobre a fábrica. No encerramento da ocasião, foi realizada uma assembleia na Vila Operária (ocupação de moradia no interior da fábrica) em que foram emplacadas as doze ruas com homenagens a seis mulheres negras da história brasileira e seis homens que tiveram uma relação importante com a Flaskô e o MFO. Compareceram ao evento sete antigos trabalhadores da fábrica, dos quais cinco foram entrevistados e fazem parte do recorte da pesquisa por

---

<sup>76</sup> VERAGO, Josiane; SANTINHO, Pedro. *Trabalhadores, memória, fábricas ocupadas e a formação do CEMOP*. In: Revista CEMOP, Sumaré, nº1, maio de 2011, pág. 7-10.

<sup>77</sup> Id., ibid., pág. 9-10

manterem conexões com a Flaskô. O motivo principal dessa escolha foi o vínculo ativo que esses trabalhadores ainda mantinham com a história da fábrica.

Figura 1: pátio da fábrica com os tambores de plástico.



(Fonte: Martins, 2013)

Figura 2: Manu, operando máquina



(Fonte: Martins, 2013)

É importante ressaltar que, ao longo do processo de pesquisa, muitos operários contatados se recusaram a participar, desistiram ou não estavam mais à vontade para dar entrevistas, devido, principalmente, à situação jurídica instável que a fábrica enfrenta até hoje. Sem um desfecho favorável aos trabalhadores, houve certo desconforto, desesperança e impaciência que não os motivavam a falar sobre os anos da ocupação. Para alguns, as lembranças da Flaskô eram difíceis de se tocar naquele momento. Afinal, o tempo dessa pesquisa não era o tempo dos trabalhadores, que, devido ao seu histórico de lutas, precisavam ser respeitados e compreendidas suas escolhas.

As entrevistas foram realizadas entre março e julho de 2024, a maioria nas dependências da fábrica. Diante das desistências e renúncias, quatro trabalhadores da Flaskô (Alexandre Mandl, Pedro Santinho, Manoel Carvalho e Osvaldo Neto) e a líder do movimento de ocupação de moradia Vila Operária e Popular (Neusa Rossique) vinculada ao terreno da fábrica colaboraram com a pesquisa.

O perfil dos entrevistados é variado, com origens sociais diversas. O advogado do MFO, Alexandre Mandl, fez seus estudos em Direito na PUC-Campinas, começou sua militância no movimento estudantil, em centros acadêmicos e no DCE. Seu engajamento como advogado de movimentos sociais começou com a Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares (RENAP,) e seu contato com o MST, alguns movimentos de moradia, até conhecer a luta da Flaskô. Ao realizar um exame de sua trajetória acadêmica e política, comenta sobre os privilégios que sua história tem em relação aos demais trabalhadores, mas sempre ressaltando a importância dessa vivência com os operários da fábrica ocupada:

“Então, com todo o respeito e com toda a humildade, eu não sou um operário. Sou de origem pequeno burguesa, um advogado com uma série de privilégios. Mas foi muito interessante vivenciar isso. Eu sou um privilegiado, eu devo a minha vida à Flaskô. Tudo que eu sou, tudo que eu aprendi é graças à Flaskô e é um privilégio tudo que vivenciei. [sic]”<sup>78</sup>

A presença da Flaskô na vida dos trabalhadores, que Alexandre comenta, foi algo que marcou os relatos. Os trabalhadores do chão de fábrica foram protagonistas na história de luta da Fábrica Ocupada Flaskô. Manoel Porto de Carvalho, vulgo Manu e Osvaldo Neto, vulgo Chaolin, participaram ativamente do Conselho de Fábrica, das passeatas e das decisões. Diferentemente de Alexandre, os dois trabalhadores têm vivências tipicamente operárias, passando por diversas empresas e funções. Manu comenta que já trabalhou em vários segmentos, como o metalúrgico, o de vigilância até o químico. Manu relata sua chegada à Flaskô e o que foi essa fábrica:

“Depois do segmento químico, foi a Flaskô. Até que era uma empresa que no passado tinha potencial, mas depois os caras [patrões] começaram a roubar a empresa.”<sup>79</sup>

O perfil de Manu é parecido com o de Chaolin, um trabalhador que passou por

---

<sup>78</sup> Entrevista de Alexandre Mandl concedida ao autor em 16 de maio de 2024

<sup>79</sup> Entrevista de Manoel Carvalho concedida ao autor em 27 de abril de 2024.

diversas empresas, inclusive com algumas experiências de ocupação de fábricas. Atualmente, reside em um casarão no terreno da fábrica e é um dos quatro trabalhadores que se revezam na portaria da empresa para manter o patrimônio. Na Flaskô, exerce a função de expedição de logística, além de ser membro do Conselho de Fábrica. O relato de Chaolin é muito interessante devido a esse histórico de lutas que carregava. Sua história começou em Itapevi, cidade em que nasceu, onde trabalhava na empresa Flakepet, que foi ocupada pelos trabalhadores. Devido à repercussão que o caso teve, Chaolin foi procurado pelo MFO para compor os quadros do movimento. Assim ele comenta essa trajetória:

“a minha história com a Flaskô se iniciou quando houve uma ocupação de uma empresa em Itapevi (...), saiu na mídia tal, entendeu? Aí a Flaskô, como já era ocupada, a Cipla, o pessoal me viram pela televisão (...) e fizeram contato com nós lá de Itapevi. Aí foi feito, uma junção das fábricas ocupadas, fizeram uma reunião comigo lá e com o Conselho de Fábrica de Itapevi, que até então eu não entendia direito de fábricas ocupadas na época, acho que era o instinto da classe operária que... Eu era um cara super despolitizado na época, mas (...) tive a curiosidade de tocar a empresa com os trabalhadores.”<sup>80</sup>

Ao longo do processo de ocupação da fábrica, muitos operários não sabiam o que era uma ocupação e muito menos como realizá-la. É interessante notar no relato dos trabalhadores, como o processo de luta da Flaskô consistiu em um aprendizado contínuo, uma construção da consciência de classe no cotidiano da empresa, ou nas palavras de Chaolin “instinto de classe”, seja para as funções mais especializadas, como a do advogado Alexandre e a liderança de Pedro Santinho, seja para os operários do chão de fábrica, como Manu e Chaolin. O trabalhador Manu, que era operador de máquinas e membro do Conselho de Fábrica, comenta esse aspecto de consciência crítica tomada por ele:

“Eu, por exemplo, não tinha conhecimento político de ocupação. Não só eu, nenhum de nós tinha (...) Era muita ignorância, politicamente eu era um homem ignorante. A partir do momento que a gente teve apoio da massa trabalhadora, e foi muito importante o movimento estudantil, aprendi que era isso, mas eu não tinha nenhum conhecimento.”<sup>81</sup>

Alexandre Mandl, sobre esse aspecto do aprendizado cotidiano que foi a luta da

<sup>80</sup> Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

<sup>81</sup> Idem..

Flaskô para os envolvidos, direta ou indiretamente com a história da fábrica, comenta que todos os processos eram decididos coletivamente e existia uma intensa solidariedade entre os trabalhadores. Nas palavras do advogado do MFO:

“O aprendizado coletivo da luta, seja na dimensão política, transformou as nossas vidas, mas também as condições objetivas e materiais nunca foram fáceis. A Flaskô criou essa noção de pertencimento, mesmo com disputas, com brigas, com decisões em assembleia.”<sup>82</sup>

A Flaskô foi uma fábrica que iniciou suas operações em 1988, chegou a ter mais de trezentos funcionários e era uma empresa importante do bairro industrial de Sumaré, o Parque Bandeirantes. Em 2003, com o início da ocupação e do controle operário na fábrica, muitos aspectos mudaram em relação aos anos da era patronal. Manu era um trabalhador remanescente deste período e em seu relato destaca as diferenças entre os dois momentos:

“A vida se transformou num lar de amor, porque na patronal, trabalhava como um camelo, e não recebia salário. Após a gente ter tomado a direção da fábrica... tomado não, porque eles abandonaram a gente, a nossa vida mudou totalmente, Porque você trabalha, não sofre opressão, não sofre perseguição? Tudo isso. Aí nós mudamos a carga horária para seis horas, trinta horas semanais. E aí foi que os empresários ficaram loucos com isso.”<sup>83</sup>

Na visão de Manu, a época da ocupação era muito melhor para o coletivo de trabalhadores se comparada à gestão patronal. É nessa perspectiva que o operador de máquina estava se referindo quando afirma que “a vida se transformou num lar de amor”. Como veremos adiante, conflitos e problemas surgiram em torno de distintas questões, desde o cotidiano da fábrica até os rumos e decisões mais importantes que o MFO tomava. A questão mais importante na fala dos operários é a solidariedade surgida entre eles, colocando os interesses do coletivo de trabalhadores acima dos próprios interesses individuais, principalmente nos momentos mais tensos das tomadas de decisões na Assembleia.

A Assembleia e o Conselho de Fábrica eram os órgãos máximos de deliberação e coordenação da Flaskô. A estrutura do Conselho de Fábrica variou muito ao longo dos anos

<sup>82</sup> Entrevista de Alexandre Mandl concedida ao autor em 16 de maio de 2024

<sup>83</sup> Entrevista de Manoel Carvalho concedida ao autor em 27 de abril de 2024.

da ocupação, de acordo com as necessidades e conveniências dos operários, mas a Assembleia do coletivo de trabalhadores sempre foi soberana. Manu comenta em seu relato sobre esse aspecto mais político da ocupação:

“A gente tinha um conselho de fábrica composto por treze conselheiros de fábrica. (...) A gente discutia os projetos em uma sala de reunião toda semana, geralmente na quarta-feira, porque segunda, terça, e na quarta nós já havia um ângulo diferente. Aí nós discutia aquele projeto, mas quem aprovava era a assembleia. A assembleia era soberana, mas a gente discutia e mandava a pauta para a assembleia. Se a assembleia aprovou, tava aprovado, se não aprovava, aí não tinha nada feito. A assembleia era soberana.”<sup>84</sup>

Para explicar melhor o funcionamento das assembleias, Pedro Santinho nos dá uma explanação mais detalhada dos objetivos desse órgão:

“Primeiro a gente tinha assembleias mensais e muitos períodos inclusive assembleias quinzenais de turno. Então, nessas assembleias a gente tirava resoluções gerais, por exemplo, prioridade de pagamento do salário, prioridades de pagamento de matéria-prima para fábrica continuar produzindo, (...) regras para contratação de novos trabalhadores, deslocamento de trabalhadores que estavam adoecidos na época patronal e pelo sistema de alta programada do INSS retornaram à fábrica depois de ocupada pelos trabalhadores (...) Essas regras eram decididas em assembleia.”<sup>85</sup>

Sobre o Conselho de Fábrica, Pedro continua seu relato explicando as principais características do órgão criado pelos trabalhadores:

“Essa assembleia também elegia o conselho de fábrica, que, como eu falei antes, teve formatos diferenciados. O conselho de fábrica tinha normalmente reuniões semanais. É importante entender a função do conselho de fábrica (...), ele não era o gestor cotidiano da fábrica, ele era como se fosse um conselho da Petrobras. (...) O conselho da fábrica era mais ou menos a mesma coisa, a gente decide: ‘nós vamos produzir peças de duzentos litros, vamos produzir com material reciclado porque é mais barato, é mais fácil de pagar’.”<sup>86</sup>

Em uma fábrica ocupada pelos trabalhadores, estes mecanismos são criados para coordenar os processos decisórios e o funcionamento rotineiro da empresa. Sobre o

<sup>84</sup> Entrevista de Manoel Carvalho concedida ao autor em 27 de abril de 2024.

<sup>85</sup> Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

<sup>86</sup> Idem.

Conselho de Fábrica, Pedro admite que esse colegiado tinha uma função de gerenciamento da produção, mas esse aspecto foi modificado pelos trabalhadores no cotidiano da fábrica, como ele explica:

“A gerência da fábrica, que a gente renomeou de coordenação, mas a função é uma de gerência. Mas existe um peso popular e nos trabalhadores do nome gerência, então a gente mudou. (...) Que é gerenciar o trabalho? A produção na fábrica é diversificada. Você produz peça preta, peça azul, tem datas para entregar e tal. Um planejamento da produção, ele faz a decisão, de cima pra baixo, de como é a melhor forma otimizada e eficiente pra fazer essa produção, e isso é uma decisão de gerência (...) Então o conselho de fábrica tinha essa função mais política administrativa do que do cotidiano da gestão.”<sup>87</sup>

Por mais que existisse essa coordenação, o Conselho de Fábrica era composto de trabalhadores de todos os setores e eram escolhidos mediante Assembleia. É interessante notar nesses relatos como os trabalhadores da Flaskô realizaram alternativas que não entrassem em conflito com a condição de classe dos operários, no qual seus interesses não fossem subestimados, mesmo o Conselho de fábrica sendo o órgão responsável pela coordenação das decisões. Ao ser perguntado se existia uma diferença entre chefia e subordinado na fábrica, Chaolin nos revela um aspecto importante construído ao longo da ocupação:

“Na prática, como trabalhador lá no chão de fábrica, eu não tinha essa diferença do chefe tá lá bonitinho, aqui todo mundo se sujava de graxa, entendeu? Só que é lógico, tinha um respeito pelo cara que era o líder daquele setor. Se você visse nós trabalhando, dava a impressão que seria uma fábrica capitalista, só que cada um daqueles trabalhadores tinha a sua função e a sua responsabilidade, tinham a ciência de que estavam produzindo para nós mesmos.”<sup>88</sup>

Como salienta Chaolin, aparentemente a Flaskô tinha um funcionamento comum a outras empresas patronais, com uma divisão do trabalho bem clara, porém o diferencial era o cotidiano que foi marcado por uma profunda solidariedade entre os trabalhadores. Eles tinham consciência de que estavam todos unidos pela manutenção de seus postos de

<sup>87</sup> Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

<sup>88</sup> Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

trabalho e pela sobrevivência da gestão operária. Sobre o cotidiano, Chaolin comenta:

“O cotidiano nosso aqui, eu achava interessante assim, porque não tinha aquela repressão conforme uma fábrica patronal. Qualquer coisa diferente que a gente, a direção no conjunto com o Conselho de Fábrica tomava, isso era discutido. (...) E quem dava o aval, sim ou não, era a peãozada no chão de fábrica, entendeu? A gente colocava assembleia. Claro que eu sempre ficava com os peão de fábrica. Então, se o peão de fábrica dissesse não, mesmo que fosse a maioria, eu ficava do lado dele pra nós descobrir porque que eles estavam votando contra, e muitas vezes eles tavam certo, você tá me entendendo?”<sup>89</sup>

Ainda sobre esse aspecto, Chaolin comenta sobre a intensa solidariedade gestada no cotidiano da fábrica, que ia além dos conflitos existentes, e a importância de o trabalhador participar de todos os processos decisórios da fábrica:

“A resposta era o chão de fábrica. O que é o chão de fábrica? O trabalhador, porque se ele não ligar a máquina, se ele não pôr a matéria-prima, se ele não soldar a peça, o outro lá rebarbar a peça, o outro lá carregar, pôr no caminhão, não tem dinheiro, não tem riqueza, entendeu? (...) Tinha dia que tava calor, eu como líder ficava na máquina lá pro cara tomar um ar. Vai lá beber uma água, cara, vai lá fumar um cigarro. Ficava lá duas, três horas pro cara, entendeu? E é, era assim. E assim que tem que ser, um trabalhador ajudando o outro, penso eu.”<sup>90</sup>

Essa união e solidariedade revelada pelos depoimentos mostra que o cotidiano era muito difícil, principalmente por todas as pressões que a gestão operária enfrentava. Porém, com o protagonismo dos trabalhadores, muitas conquistas foram alcançadas, como a redução da jornada de trabalho de 44 para 40 e depois para 30 horas semanais. Esse processo só foi possível graças ao saber operário, no qual foi realizado um estudo dentro da fábrica para constatar a viabilidade tanto prática quanto econômica da decisão. Sobre esse aspecto Alexandre comenta em seu relato:

“A estrutura da fábrica já era uma estrutura que consumia muita energia, uma fábrica antiga, maquinário antigo e a gente precisava lidar com isso. A decisão não foi uma decisão fácil, a gente teve que fazer testes, a gente sempre buscou consensos. E várias vezes a gente buscava estudar com calma, não é algo que precisa decidir amanhã, calma, vamos tentar construir. Mas quando precisou, a

---

<sup>89</sup> Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

<sup>90</sup> Idem

gente levou pra votação. Agora, a gente sempre buscou construir as posições, construir o consenso.”<sup>91</sup>

Nessa fala de Alexandre se evidencia a construção coletiva da ação política dos operários para uma decisão para o bem comum. Por mais que o ambiente fosse de solidariedade, sempre houve divergências e problemas ao longo do processo. Cabe salientar que a Flaskô não foi uma ilha de socialismo, e sim uma fábrica gerida pelos trabalhadores em uma esfera totalmente adversa do mercado capitalista. A situação era muito difícil para a gestão operária. Não havia um cenário de legalização judicial, falta de recursos financeiros, capital de giro dentre outros fatores que prejudicavam a vida econômica da empresa. Sobre essa questão, Alexandre faz um duro relato:

“A Flaskô é fantástica, mas a gente não tem que idealizar as condições objetivas e materiais, a gente tinha que pagar a energia na semana seguinte, se não ia cortar a luz. Várias vezes, por exemplo, a gente pagava 75% do salário no mês e vinte e cinco ficava pra trás. Aí a gente não conseguia juntar o valor total do salário, Então começou a faca no nosso próprio pescoço, a gente tendo que tomar uma decisão, sempre foi muito difícil na Flaskô as condições objetivas e materiais”<sup>92</sup>

As condições objetivas e materiais às quais Alexandre se refere atravessaram quinze anos de história contemporânea brasileira com importantes nuances. A ocupação passou por dois mandatos do governo Lula, a gestão Dilma Rousseff, depois Michel Temer e o início da presidência de Bolsonaro. A fábrica teve momentos de respiro, mas o cotidiano era sempre marcado por incertezas. Existia em um mesmo ambiente essa dualidade de situações, por um lado a defesa e a luta dos trabalhadores imbuídos de uma intensa solidariedade, por outro as condições objetivas e materiais que sufocavam a gestão operária. Sobre o cotidiano, Pedro comenta:

“A primeira etapa é a insegurança permanente da fábrica de início, com a hipótese que estava sempre na cabeça de todos, que o proprietário, o patrão ia conseguir a qualquer momento uma reintegração de posse. Então essa insegurança, ela perpassava o cotidiano no início muito forte. Depois isso foi se naturalizando como uma insegurança improvável, mas sempre uma insegurança. Depois teve um outro momento, no final de 2003, que virou um cotidiano de preocupação com a questão da energia elétrica, que

<sup>91</sup> Entrevista de Alexandre Mandl concedida ao autor em 16 de maio de 2024

<sup>92</sup> Entrevista de Alexandre Mandl concedida ao autor em 16 de maio de 2024

perdurou até o final e foi o que levou a paralisação da produção.”<sup>93</sup>

Nesse sentido, o cotidiano da Fábrica Ocupada Flaskô passou por diversos momentos, mas sempre com a perspectiva da construção coletiva dos trabalhadores, na realização da autonomia operária. Em um esforço de síntese, Pedro continua seu relato:

“Era um cotidiano, de forma geral assim que passou todo período, um cotidiano de muito diálogo, de muita conversa e por isso, mesmo com conflitos (...) O cotidiano é isso, é muito atravessado pela insegurança da existência da fábrica sobre o controle dos trabalhadores, que sempre foi uma dificuldade muito grande em função de ameaças, primeiramente de corte de energia e depois de leilão da fábrica, leilão de máquinas, de equipamentos.”<sup>94</sup>

Diante das circunstâncias adversas expostas por Pedro no trecho acima e de toda a realidade da fábrica, podemos nos perguntar: o que animava o coletivo de trabalhadores da Flaskô a continuar lutando? Primeiramente, a manutenção dos postos de trabalho, mas do mesmo modo a perspectiva do controle operário trazia diversos avanços e conquistas. O pagamento dos salários, dos direitos, a redução da jornada, dentre outros aspectos, igualmente contribuíram para a permanência dos trabalhadores na luta. A experiência da Fábrica Ocupada Flaskô teve momentos de respiro e alegria. Quando as coisas iam bem, a fábrica realizava festas e momentos de lazer que marcaram a memória dos trabalhadores. Chaolin comenta sobre esse tema:

“A turma da Honda (empresa de Sumaré) ficava esperando a festa da Flaskô pra vim, que disse que a Honda não fazia uma festa daquela, e quem organizava era tudo eu. E tudo dinheiro de doação, não tirava do caixa da empresa. (...) Então as festas da Flaskô ficaram na memória. Todos os peão de quarenta anos falavam “Chaolin, nem na época dos patrões tinha isso aqui”. Me chamavam o homem da fartura. Chegamos a comprar um boi de catorze arroba, cara. Desmanchei tudo em churrasco. (...) Aquela ali ficou na história, foi muito louco.”<sup>95</sup>

As festas da Flaskô extrapolavam o âmbito estrito dos trabalhadores da fábrica, a comunidade do entorno, colegas de outros movimentos sociais, simpatizantes da causa, compartilhavam desses momentos de alegria e celebração coletiva. A líder da ocupação de

<sup>93</sup> Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

<sup>94</sup> Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

<sup>95</sup> Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

moradia Vila Operária e Popular, Neusa Rossique, comenta sobre esses momentos bons da história da Fábrica Ocupada Flaskô e deixou um relato sobre o legado importante dessa luta histórica:

“a gente gostaria de deixar como marco histórico de luta, poder fazer mais, a gente lembra assim com tanta alegria quando era a Fábrica de Cultura, funcionava duzentas, trezentas crianças, participava entre jovem, vários jogos, várias modalidades, tinha a capoeira, o judô, aquele tempo tinha as festas da Flaskô. Quem que não veio numa festa da Flaskô? (...) Era muito bom. Então assim, essas coisas a gente não pode deixar com que caia no esquecimento. E a importância, a força que esse movimento teve como fábrica. Eles falavam assim pra gente, imagina se a moda pega? Você já imaginou se cada fábrica fizesse esse movimento? (...) Não tinha uma única pessoa mais pagando aluguel, meu amigo.”<sup>96</sup>

A história de Neusa, da Vila Operária e Popular e da Flaskô se misturam desde o início da ocupação. Com o abandono que os irmãos Batschauer realizaram da fábrica, deixando os operários sem nenhum respaldo, a situação jurídica da empresa ficava em disputa, pois mesmo os irmãos sendo os donos legais da empresa a gestão pertencia aos operários. Esse aspecto favoreceu muito a luta por moradia no terreno inutilizado, pois de certa forma evitou uma ordem de despejo para as famílias acampadas. Logo no começo do controle operário em 2003, pautou-se um fim social à propriedade que culminou na organização da ocupação do que seria a Vila Operária e Popular. Depois de anos de luta, a ocupação no ano de 2023 estava 85% regularizada, com infraestrutura de água, energia, esgoto e com obras de asfalto. Com a voz embargada, Neusa comenta esse processo:

“Então a Flaskô, ela é imensa na sua luta, porque ela é a única na América Latina que fez isso. Ela é exclusiva em tudo. Acabou fechando as portas, mas continua exclusiva, porque é a única empresa do Movimento de Fábrica Ocupada, de movimento de luta que deu quinhentas e setenta moradias prontinha. (...) Assim, e é com muita dor mesmo no coração que às vezes a gente, eu, Chaolin, João, Alexandre, às vezes a gente se emociona, chora, porque foram tiradas das nossas mãos de uma certa forma. Deixou aí um marco histórico? Deixou, mas a gente, a gente queria isso vivo e do povo (...) Mas a gente escreveu a nossa história, a gente sabe os passos que a gente deu, a trajetória que a gente fez.”<sup>97</sup>

Essa força e potência que Neusa comentou em seu relato da Fábrica Ocupada

<sup>96</sup> Entrevista de Neusa Rossique concedida ao autor em 31 de março de 2024

<sup>97</sup> CAMARGO, Vinícius. *Vila Operária e Popular – um terreno e uma fábrica ocupados: 10 anos de luta* Sumaré: Editora Cemop, 2015.

Flaskô foi sentida por muitas pessoas, amigas e inimigas do movimento. Ao longo dos anos de luta, a fábrica se constituiu como um polo de resistência operária e popular na região de Campinas. A união da luta pelos empregos, por moradia e a luta pela terra através de alianças com o MST, transformava a Flaskô em uma confluência de militantes e lutadores sociais. Depois da Vila Operária e Popular, muitas outras ocupações de moradia saíram da fábrica. Ao ser perguntado sobre as principais lembranças dos anos da ocupação, Chaolin comenta como foi o processo de organização de outras lutas na região:

“Esse Zumbi dos Palmares de Sumaré, que é uma ocupação que teve ali pra moradias, surgiu bem aqui onde nós estamos. Conseguimos a moradia para duzentas e cinquenta famílias de Sumaré, essas pessoas hoje tão tudo nos seus apartamentos, graças a nossa luta. Outra ocupação também que teve aqui que a gente se envolveu, inclusive ela tá acontecendo em Valinhos (...) A Marielle Vive, eu fui um dos fundadores dela. Saímos no bairro anunciando para uma grande reunião que teria aqui no nosso restaurante sobre uma situação, mas não podia falar o que que era, né? Era sobre moradias.”<sup>98</sup>

Além da luta por moradia que marcou profundamente a história da Flaskô, outro eixo da luta foi a transformação de um galpão não utilizado da fábrica para a realização da Fábrica de Cultura e Esportes, um local destinado ao desenvolvimento de atividades artísticas, esportivas e culturais. Para esse espaço convergiam diversos coletivos, artistas independentes, estudantes e educadores, sobretudo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que executavam distintos projetos para a população da região.

Anualmente era realizado o Festival Fábrica de Cultura, com apresentações artísticas e culturais, diversas oficinas e encontros para a população do bairro Bandeirantes, onde se localizava a fábrica. É importante ressaltar que esse espaço foi um local de memória importante para os trabalhadores e suas famílias. Chaolin traz a recordação de um desses eventos:

“Foi um encontro que teve aqui na época do Festival de Cultura (...) caiu o aniversário da Flaskô e teve um encontro aqui de comissões de fábricas sob controle dos trabalhadores de vários países do mundo. Aquilo ali foi uma coisa que me marcou muito, que tinha uma comissão do Iraque, tinha uma comissão da Alemanha, tinha uma comissão da Venezuela, uma comissão de fábrica da Argentina, uma comissão de fábrica do Paraguai.”<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup>Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

<sup>99</sup>Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

As comissões de fábrica que Chaolin comenta fizeram parte de um movimento de ocupação e recuperação de empresas que ocorreu em diversos locais do planeta, sobretudo na América Latina. Esse processo teve seu ápice nos anos 2000, mas continua em alguns países, principalmente a Argentina. A história da Flaskô e do MFO está inserida nesse contexto já abordado nesta dissertação. Com a paralisação da produção em 2018, foi decidido em Assembleia que as carteiras de trabalho fossem dadas baixa e os trabalhadores pudessem buscar outro emprego. Como mencionamos anteriormente, nos anos de ocupação o registro de trabalho foi mantido, fato que possibilitou a aposentadoria de muitos operários da fábrica. Como um balanço dos anos de luta, os trabalhadores da Flaskô veem isso como uma das grandes conquistas do MFO.

Diante de tantos problemas que os trabalhadores da Flaskô enfrentaram, quais seriam os principais fatores de seu fechamento? A resposta que Chaolin deu a essa questão é sintomática de todo o processo:

“Foi o presidente Lula, o Partido dos Trabalhadores que estava no poder na época. Eu sou filiado no partido, é brincadeira? [riso] (...) Mas houve também, na época, uma situação da Veja, que foi pra Venezuela. Foi horrível aquilo, ele ficou meio que mundial, quem não conhecia nós já ficou conhecendo, por causa das indústrias de São Paulo (presidente da FIESP, Paulo Skaff), cara, só gente do mais alto gabarito que nos derrubou, entendeu? Lógico que jogaram a bomba no colo do Lula. Mas foi o Lula que derrubou as fábricas ocupadas, isso eu falo na cara dele, igual já falei em várias atividades do PT.”<sup>100</sup>

Esse desabafo de Chaolin na verdade demonstra uma insatisfação com a falta de vontade política do governo do PT de resolver a questão das fábricas ocupadas. A pauta da estatização sob controle operário era a forma que os trabalhadores acreditavam ser a solução. O setor jurídico do MFO propôs diversas saídas para o impasse das fábricas ocupadas, como a adjudicação ou a desapropriação por interesse social (instrumentos jurídicos), porém nenhum recurso foi adotado pelo governo. Por esse motivo que Chaolin culpa o presidente Lula, porque houve várias tentativas de negociação, idas a Brasília, grupos de trabalho até projetos de lei foram encaminhados (PLS 257/12 e 469/12)<sup>101</sup> pelos

<sup>100</sup> Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

<sup>101</sup> OCI. Parabéns, Fábrica Ocupada Flaskô! 12 anos de luta pela estatização sob controle operário! OCI, 12/06/2015. Disponível em:

<https://marxismo.org.br/parabens-fabrica-ocupada-flasko-12-anos-de-luta-pela-estatizacao-sob-controle-operario/>. Acesso em 16/11/2024.

trabalhadores para a resolução do conflito. Em uma tentativa de avaliação do processo, Pedro comenta:

“Eu não tenho dúvida que a pauta (da estatização sob controle operário) foi correta, inclusive, vinte anos depois eu posso dizer que, a história confirmou que ela foi correta. (...) A pauta da estatização permitiu que a gente tivesse de um lado uma unidade maior, de outro lado um apoio, uma repercussão político-social muito ampla, o que levou a fábrica Flaskô a ter durado tanto tempo. Acho que faltou algumas sabedorias práticas do ponto de vista da experiência concreta que a gente não tinha, de medidas que poderiam ter sido feitas, e que não estariam em contradição com a pauta da estatização da fábrica.”<sup>102</sup>

Essa avaliação de Pedro foi positiva, assim como a de Alexandre e da maioria do coletivo de trabalhadores também possuem esse sentimento de que a luta foi grandiosa, porém no balanço das entrevistas foi de certa forma melancólico, até mesmo saudosista. Muitos trabalhadores se emocionaram ao lembrar dos momentos difíceis, como o corte de energia da CPFL em 2007, que deixou as máquinas paradas por quarenta e cinco dias, a tentativa de intervenção no mesmo ano, os tempos de carestia, as diversas vezes em que tiveram que optar por pagar a energia e não os salários, assim por diante. Nesses quinze anos de controle operário, Alexandre e Pedro começaram como jovens estudantes e se forjaram na luta, ainda hoje atuando na área jurídica e política. Manu conseguiu se aposentar pela Flaskô, mas ainda trabalha como vigilante. Chaolin está prestes a se aposentar e mora no casarão da fábrica, ajudando na preservação do patrimônio. Neusa foi uma das primeiras moradoras da Vila Operária e está lá até os dias de hoje com a escritura de sua casa em mãos.

Por mais que o tom das entrevistas fosse permeado por reminiscências tristes, em todos os depoimentos se percebe a consciência dos trabalhadores sobre o impacto que a Fábrica Ocupada Flaskô teve. Manu alerta:

“Eu tenho muita saudade, muito choro, muita coisa boa aconteceu. Época boa (...). A experiência não acabou, ela fica guardada dentro da memória da gente. Você guarda dentro do coração, dentro da memória (...) se os trabalhadores estiverem unidos não conseguem fazer o combate contra o capitalismo.”<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

<sup>103</sup> Entrevista de Manoel Carvalho concedida ao autor em 27 de abril de 2024.

No mesmo sentido da fala de Manu, Alexandre nos mostra a seguinte reflexão:

“a Flaskô e as fábricas ocupadas, elas são germes, a gente não deve enxergar como algo que se encerrou, ela tem a sua dinâmica nesse momento (...) o Movimento das Fábricas Ocupadas deve ser ainda objeto de estudo, ela deve ser (...) um objetivo político do conjunto da classe, da luta dos sindicatos contra o fechamento das fábricas, contra o desemprego, pelo avanço de direitos e eu acho que a gente tem que trabalhar bastante isso.”<sup>104</sup>

Pedro Santinho também compartilha desta visão que a experiência da Flaskô têm seu caráter didático:

“A Flaskô é essa unidade simbiótica entre a produção e a luta política, entre o local e a necessidade de lutar contra o Estado e os patrões. Eu acho que isso todo mundo de alguma forma viveu ali dentro, com uma explicação mais teórica ou menos teórica, mais popular, mas todo mundo se enfrentou com isso cotidianamente, todo mundo aprendeu que uma fábrica fechada é um cemitério de postos de trabalho e que ela deve ser aberta. Então a Flaskô, pra mim, é essa lição que você não encontra em muitos lugares. Eu ousaria dizer que por tanto tempo você não encontra em lugar algum. Em lugar nenhum você encontra isso.”<sup>105</sup>

Neusa em seu depoimento nos deixa uma tarefa acerca do futuro do MFO que esta pesquisa procurou atender: a importância da história e da memória da Fábrica Ocupada Flaskô:

“Eu acho assim que, como coisas e movimentos futuros, a gente tem que resgatar e fortalecer esse vínculo, não deixar jamais a instituição Movimento de Fábrica Ocupada Flaskô morrer, não podemos. E isso é tarefa minha, sua, dos estudantes, das pessoas que virão, da história que a gente conta, de não deixar morrer essa história, de resgatar ela.”<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> Entrevista de Alexandre Mandl concedida ao autor em 16 de maio de 2024

<sup>105</sup> Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

<sup>106</sup> Entrevista de Neusa Rossique concedida ao autor em 31 de março de 2024

## CAPÍTULO 3:

### PRODUTO PROFHISTÓRIA

3.1 Proposta de dossiê de documentos com textos e imagens sobre a Fábrica Ocupada Flaskô para utilizar em uma sequência didática para a 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio.

Nos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Paulista, encontramos algumas menções ao movimento operário: principalmente no seu início e formação na Revolução Industrial inglesa do século XVIII (8º ano do Ensino Fundamental); a constituição da classe trabalhadora no Brasil, com os primeiros sindicatos, a Greve Geral de 1917; e por fim, o sindicalismo no Governo Vargas (9º ano do Ensino Fundamental e 2<sup>a</sup> série do Ensino Médio).

Os conselhos operários aparecem brevemente nos conteúdos relativos aos sovietes russos e à Guerra Civil Espanhola (9º ano do Ensino Fundamental). Diante do exposto acima e dissertado ao longo da pesquisa, por que as experiências mais radicais e autônomas do proletariado não são tratados nestes documentos e por consequência nos livros didáticos? Como estes temas não são ensinados para os filhos da classe trabalhadora? Essas indagações motivaram a realização da sequência didática.

Ao longo deste trabalho procurou-se evidenciar as características de luta e resistência dos trabalhadores da Flaskô, que é um movimento operário-popular e de uma perspectiva do controle operário na história. Diante do avanço neoliberal e do processo de mercantilização da educação<sup>107</sup>, o ensino de história aparece como uma

---

<sup>107</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian.. Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI..

possibilidade de criação de espaços de confronto com as ideias dominantes e também como um diálogo com a resistência das classes subalternas. Nesse sentido, é necessário pensar o ensino e a aula de História,

“que tenha como objetivo a superação das injustiças econômicas e sociais, compreendendo que ela tem uma função de envolver os estudantes e temáticas correlatas ao seu cotidiano, buscando a crítica da sociedade vigente, que seja capaz de propor uma nova alternativa à essa (...).<sup>108</sup>

Realizar a reflexão em que marque o ensino de História como um espaço privilegiado das questões sociais e de formação crítica e cidadã passa pelo ensino de temas radicais e questionadores como o controle operário, que, para além da crítica, busca uma proposição política alternativa ao capitalismo. No campo acadêmico, necessitamos de mais pesquisas sobre o tema, tanto no ensino de história quanto em outros ramos do conhecimento. Esta pesquisa tenta dar uma pequena contribuição a essa lacuna, construindo uma ferramenta pedagógica que é a sequência didática.

Diante da problemática levantada, esta proposta de sequência didática busca criar um material didático consistente que possa ser trabalhado na 3ª série do Ensino Médio, mas também pode ser adaptado a outras turmas. A escolha para esta série e etapa de ensino se deve pela maior maturidade que os estudantes possuem em relação ao mercado de trabalho. Se for aplicada a uma turma do período noturno, muitos já terão a experiência de um emprego nos setores formal e informal, inclusive talvez no contexto de fábricas e empresas industriais.

A Sequência didática é uma ferramenta pedagógica formada por distintos momentos que são pensados, planejados e articulados cujo objetivo é nortear o

---

<sup>108</sup> NOGUEIRA, Sheila. *REPENSANDO A AULA DE HISTÓRIA: decolonialidade, resistência e protagonismo.* . Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, pág.57.

processo de ensino e aprendizagem de determinados temas ou conteúdos. Essa proposta envolve atividades estruturadas de uma forma lógica e coerente, possibilitando ao estudante a construção do conhecimento do tema de maneira gradual e orientada pelo professor. A opção pela sequência didática se deu por uma questão prática e estratégica, uma vez que se trata de

“uma abordagem pedagógica fundamental no campo da Educação, pois representa um conjunto estruturado de atividades cuidadosamente planejadas, interligadas e desenvolvidas de forma sequencial. Seu principal propósito é proporcionar aos educadores uma metodologia sólida para ensinar conteúdos de maneira eficaz, dividindo o processo de aprendizagem em etapas bem definidas.”<sup>109</sup>

O CEMOP produziu diversos materiais durante os anos da ocupação, como livros, revistas, Hq's, folhetos, boletins internos, atas do Conselho de Fábrica, fotos e cartazes. Para a elaboração do dossiê, o recorte utilizado será uma seleção dos materiais que mais se aproximem do cotidiano dos estudantes e demonstrem a especificidade da Fábrica Ocupada Flaskô. Para citar alguns exemplos: relatos coletados durante a pesquisa que revelam a memória da ocupação; quadrinhos como “Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores”<sup>110</sup> e “Visita à Flaskô”<sup>111</sup>; o livro de fotos “Flaskô: a luta de uma fábrica sob controle operário há dez anos”<sup>112</sup>, o “Guia de visita à fábrica ocupada Flaskô”<sup>113</sup> além de produções audiovisuais produzidas pelos próprios trabalhadores e por outros meios de comunicação disponíveis no site do *Youtube*..

Conforme foi mencionado, não há nos documentos oficiais (BNCC e Currículo

<sup>109</sup> CARDOSO, Mikaelle. *Sequências didáticas: orientações para iniciantes na pesquisa em educação matemática*. Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024, pág. 11.

<sup>110</sup> CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*. Sumaré: Editora CEMOP, s/d.

<sup>111</sup> CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Visita à Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*. Sumaré: Editora CEMOP, s/d.

<sup>112</sup> MARTINS, Fernando. “*Flaskô*”: a luta de uma fábrica ocupada sob controle operário há dez anos. Sumaré: Editora CEMOP, 2013.

<sup>113</sup> CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Guia de Visita à Fábrica Ocupada Flaskô*. Sumaré: Editora CEMOP, 2015.

Paulista) uma competência ou unidade temática que aborde a questão do controle operário. Nesse sentido, a competência norteadora geral será a de número quatro: “Analisa as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades”<sup>114</sup> e a competência específica: (EM13CHS401) “Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.”<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018, pág. 563

<sup>115</sup> Idem, p. 563.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA - FLASKÔ

TEMA: A luta dos trabalhadores da Fábrica Ocupada

### Flaskô I – Apresentação

A fábrica ocupada Flaskô foi uma fábrica do ramo químico-plástico localizada na cidade de Sumaré, interior de São Paulo. Produzia tambores de plástico para uso industrial. Sua trajetória não pode ser associada a uma empresa comum como qualquer outra. Com dificuldades econômicas, atraso de salários, falta de pagamento de direitos, abandono da empresa pelos patrões, a fábrica entrou em processo de falência e nesse momento, no ano de 2003, os trabalhadores decidiram ocupar a fábrica e retomar a produção sob controle operário.<sup>116</sup>

O Movimento das Fábricas Ocupadas (MFO) no Brasil foi um importante movimento de trabalhadores que chegou a reunir 35 experiências, sendo a Flaskô a mais representativa e longeva. A principal bandeira do movimento foi a estatização sob controle operário que buscava a manutenção dos postos de trabalho e a garantia dos direitos dos trabalhadores através da intervenção do governo nas fábricas do movimento.

Foram quinze anos em que os trabalhadores da Flaskô controlaram a empresa, gerindo a produção, pagando seus salários e seus direitos. Além disso, realizavam diversas atividades esportivas e culturais na Fábrica de Esportes e Cultura, um galpão da fábrica utilizado para tais fins. No que tange à mobilização, apoiou distintas lutas sociais na região de Sumaré, como o MST e ocupações de moradia.

#### – Introdução/ justificativa

Na luta de classes entre burgueses e proletários, a classe trabalhadora ao longo da história se constituiu enquanto classe diante do seu fazer social-histórico, engendrando diversas ações, instituições, formas de luta e solidariedade etc. No interior desses embates, a ocupação de fábricas se tornou um instrumento de classe para denunciar e combater abusos.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> DELMONDES, Camila. *Flaskô: fábrica ocupada*. Campinas: PUC Campinas, 2009.

<sup>117</sup> CASTORIADIS, Cornelius. A experiência do movimento operário, op., cit.,

A ocupação de fábricas pelos trabalhadores é uma forma de luta histórica da classe trabalhadora, que em diversos momentos utilizou dessa tática de combate contra o sistema capitalista. A maioria das experiências de ocupação de fábricas e controle operário se deu em contextos pré-revolucionários ou propriamente revolucionários. No caso específico da Flaskô, o movimento se deu em um momento de defesa dos empregos e dos direitos dos trabalhadores.

A experiência de luta dos trabalhadores da Flaskô foi um legado de resistência e esperança da classe trabalhadora diante de um cenário completamente adverso, como o desemprego estrutural, crise econômica, aumento do custo de vida etc. Nos anos da ocupação muitas dificuldades se apresentaram, como diversas vezes o corte de energia, falta de apoio estatal e de políticas de ajuda financeira, tentativas de intervenção, dentre outros mecanismos de coerção.

Essa importante história de resistência mostrou que os trabalhadores podem gerir uma empresa sem o jugo dos patrões, com uma organização mais humana e de acordo com seus interesses, além de toda uma perspectiva revolucionária de transformação da sociedade que norteou o MFO. Ainda mostrou que a união entre artistas, ativistas, estudantes, sem-terra, sem-teto e trabalhadores engajados pode gerar muito incômodo e conquistar direitos.

---

– Público Alvo, perfil da turma

A atividade foi pensada para a 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio, devido à idade dos estudantes estar mais próxima a realidade do mercado de trabalho. Muitos dos estudantes, dependendo da região do país, são filhos de operários e metalúrgicos de empresas industriais. Alguns alunos, principalmente do período noturno, são jovens aprendizes em empresas do ramo industrial e possuem certa vivência com o chão de fábrica. Outros realizam cursos técnicos em áreas do setor industrial, principalmente nas Etecs (Escola Técnica Estadual) do estado de São Paulo, almejando ser um profissional da área.

- Número de aulas

Para a realização da sequência didática propõe-se a execução de quatro aulas de 45 minutos cada.

– Conteúdo científico abordado

A discussão norteadora da sequência didática é a ocupação de fábricas sob controle operário. Durante a experiência do movimento operário na Europa, esse instrumento de luta foi utilizado em momentos revolucionários que colocavam em xeque a questão da organização do trabalho e da mudança social.

Experiências históricas como a Comuna de Paris (1871), a Revolução Russa (1917), os conselhos de fábrica na Itália e Alemanha etc. levantaram a problemática do poder e controle operário sobre a produção, mas também sobre toda a sociedade. Autores como Vladimir Lênin e Léon Trotsky iniciaram as contribuições teóricas do problema a partir dos sovietes russos. Uma abordagem contemporânea pode ser vista na obra de Josiane Verago sobre as ocupações no Brasil e Argentina<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> VERAGO, Josiane. Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010).

### – Interesse e Motivação

O principal interesse na história da Fábrica Ocupada Flaskô se dá pelo legado de luta e resistência que os operários demonstraram ao longo de quinze anos de gestão operária da produção, passando por diversos governos e contextos desfavoráveis e vinte e um anos sob controle operário.

Recordar e valorizar essa história de lutas é salientar toda campanha que os trabalhadores da Flaskô realizaram para a manutenção de seus empregos e direitos. Resgatar a memória dos anos da ocupação para as novas gerações é um trabalho importante que envolve engajamento, esperança e principalmente luta.

Para o jovem estudante que está próximo ou já está no mercado de trabalho é de fundamental importância a discussão sobre as possibilidades que vai encontrar pela frente no mundo do trabalho. Por mais que o mundo todo sinta um processo de desindustrialização generalizada, em alguns locais a realidade de empresas industriais é a mais explícita.

A motivação para a realização da sequência consiste em refletir, de uma perspetiva crítica, sobre as condições dos trabalhadores e das classes mais baixas no sistema capitalista contemporâneo. A experiência da Fábrica Ocupada Flaskô evidencia toda situação da luta de classes brasileira, com diversos desafios, mas também conquistas.

– Quadro Sintético de aulas

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A LUTA DOS TRABALHADORES DA FÁBRICA OCUPADA FLASKÔ					
AULA	OBJETIVOS	HABILIDADES	PROCEDIMENTOS	RECURSOS	DURAÇÃO
AULA 1  APRESENTANDO A FÁBRICA OCUPADA FLASKÔ	Introduzir o estudante no contexto das questões relativas a uma fábrica ocupada	EM13CHS401 Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.	Leitura dirigida de HQ's e roda de conversa	História em quadrinhos; aula expositiva	45 MINUTOS
AULA 2  DEBATE: CONDIÇÃO DOS TRABALHADORES NO MUNDO ATUAL	Discutir sobre as dinâmicas no mercado de trabalho contemporâneo	EF09HI09 Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais	Apresentação do documentário "Flaskô: donos do próprio suor" e roda de conversa	Exibição de filme	45 MINUTOS
AULA 3  MEMÓRIA DE TRABALHADORES	Analizar depoimentos de trabalhadores da Flaskô	EF09HI09 Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais	Leitura e análise de fontes orais	Fontes históricas	45 MINUTOS
AULA 4:  OCUPAR É RESISTIR: OUTRAS FORMAS DE OCUPAÇÃO	Compreender a estratégia da ocupação como instrumento de luta	EM13CHS502 Analizar situações da vida cotidiana e identificar ações que promovam os Direitos Humanos	Exibição de trecho do documentário "Lute como uma menina" e aula expositiva sobre o MST e ocupações de moradia	Exibição de filme; lousa	45 MINUTOS

- Recursos de Ensino

Os recursos utilizados para a realização das aulas da sequência didática serão os documentos dos anos da ocupação, principalmente os materiais de divulgação do CEMOP e os relatos produzidos pelos próprios trabalhadores na presente pesquisa. Outros recursos serão os multimídias, como fotos da Fábrica Ocupada Flaskô e a exibição de documentários sobre a história da fábrica, assim como recursos tradicionais como aula expositiva, lousa e rodas de conversa.

VIII – Descrição aula a aula

## Aula 1: APRESENTANDO A FÁBRICA OCUPADA FLASKÔ

A proposta da primeira aula abarca a leitura dirigida de uma brochura e duas História em Quadrinhos (HQ's) produzidas pelo setor de mobilização da Fábrica Ocupada Flaskô nos anos de ocupação. O contato direto com os materiais do Centro de Memória Operária e Popular (CEMOP) consiste em um dos principais propósitos da exposição. Antes da realização da atividade será feita uma sondagem com as seguintes perguntas:

Vocês possuem algum familiar ou amigo que trabalha em uma indústria?

Alguém conhece como é uma planta industrial?

Já tiveram contato com algum metalúrgico ou operário?

Já viram uma fábrica comandada pelos próprios trabalhadores?

Em seguida, a brochura *Guia de Visita à Fábrica Ocupada Flaskô*<sup>119</sup> será a primeira narrativa compartilhada com os alunos. Essa brochura foi produzida no ano de 2015, relativa à comemoração dos 12 anos de ocupação sob controle operário com o objetivo de difundir a história da luta dos trabalhadores da fábrica. A estrutura da obra é dividida em duas partes: Parte 1: Entendendo a Fábrica Ocupada Flaskô e Parte 2: Entrando na Fábrica Ocupada Flaskô. No primeiro tópico, o leitor é convidado a ter o primeiro contato com a Flaskô, desde sua constituição como empresa patronal até a origem do Movimento das Fábricas Ocupadas (MFO), conforme os excertos abaixo<sup>120</sup>:

---

<sup>119</sup> CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Guia de Visita à Fábrica Ocupada Flaskô*. Sumaré: Editora CEMOP, 2015.

<sup>120</sup>Idem.

### O que é a Flaskô?

A Flaskô é uma indústria do ramo químico, construída em 1972, após operar com diversos nomes, adota o nome fantasia Flaskô em 1988. Produz embalagens industriais rígidas, possuindo entre seus produtos tambores de 200 litros, bombonas de 20, 25, 50, 70, 80, 100, 120, 200 e 220 litros, com tampas fixas ou removíveis, com rosca ou não.

As bombonas são produzidas com PEAD, Polietileno de Alta Densidade. Utilizamos também PEAPM (Polietileno de Alto Peso Molecular). Atualmente trabalhamos com 95% de material reciclado.

Seus produtos são utilizados principalmente como embalagens industriais ou envoltórias e também podem ser utilizados como recipientes de armazenamentos para famílias e empresas.

A Flaskô fazia parte da Corporação Holding do Brasil (CHB), uma cisão da Companhia Hansen Industrial S.A, criada por João Hansen Júnior, um catarinense que iniciou sua carreira empresarial aos 26 anos em 1941.

Em uma partilha de bens realizada por João Hansen Júnior em 1989, sua filha, Eliseth Hansen, e o marido, Luis Batschauer, tornam-se responsáveis pela CHB, dona de cinco empresas: Brakofix, Cipla, Interfibra e Profiplast, em localizadas em Joinville/SC e a Flaskô, em Sumaré, interior de São Paulo. Durante a década de 1980, chegaram a ser donos de 47 empresas no país.

Durante a década de 1990, Eliseth Hansen e os irmãos Luis e Anselmo Batschauer, sócios, deixam de recolher os impostos das empresas que controlavam, além de adotar uma série de medidas para reestruturar a produção de suas empresas, como a fusão entre empresas, demissões na produção e na administração, dispensa de aposentados, pagamento de salários de forma parcelada, venda de maquinário, dentre outras medidas.

Com o evidente sucateamento das empresas, os trabalhadores começam a fazer greves e paralisações, que no começo dos anos 2000, culminaram nas ocupações de Cipla, Interfibra e Flaskô.

#### **O que é o Movimento de Fábricas Ocupadas?**

Com a situação descrita acima, em 31 de outubro de 2002 os antigos patrões acordam com os trabalhadores a passagem do controle da gestão da Cipla e a Interfibra para a gestão dos trabalhadores. Com um cenário político promissor devido a então eleição para presidência de Lula, em junho de 2003 os trabalhadores realizam uma caravana à Brasília, com fins de ver junto à presidência e ao ministério do Trabalho, possibilidades para as empresas que contavam com cerca de mil funcionários.

Enquanto isso, os trabalhadores da Flaskô em greve e sem perspectivas, ficam sabendo a respeito das empresas em Joinville, mandam uma comissão para acompanhar a caravana

Ao longo da leitura, o estudante começa a conhecer as especificidades da fábrica ocupada, com suas principais demandas e reivindicações, como as ameaças de fechamento da empresa e a união das lutas por emprego, moradia e cultural, conforme vemos nos excertos abaixo<sup>121</sup>:

---

<sup>121</sup> Idem.

### **Qual é o tripé da luta da Flaskô?**

Ao longo dos anos, após a ocupação, a luta da Flaskô que se iniciou basicamente pela garantia dos postos de trabalho e o funcionamento da produção em busca da estatização sob controle operário foi se transformando com a soma de outras lutas.

Em 2005, o terreno ocioso ao redor da fábrica foi ocupado na busca por moradia digna daqueles que até então eram sem teto em Sumaré, essa ocupação foi organizada com o consentimento dos trabalhadores da fábrica e com isso foi criada a Vila Operária e Popular. A partir de então, a luta da Flaskô também era a luta pela regularização dessas moradias.

A partir de 2009, com a criação da Fábrica de Cultura e Esportes, utilizando espaços antes ociosos da fábrica, com a finalidade de trazer diversas atividades culturais, de educação e formação, e com a ideia de garantir o caráter social amplo da fábrica, a luta também se transformou na luta pela garantia da cultura, do esporte e do lazer na região, que historicamente, sempre foi carente dessas iniciativas.

Sendo assim, a luta da Fábrica Ocupada Flaskô se estabeleceu neste tripé de atuação, buscando com isso, uma inserção cada vez mais efetiva na comunidade na qual pertence, e buscando a transformação da sociedade como um todo.

Na segunda parte da brochura, o estudante é chamado a conhecer um pouco mais de uma empresa fabril, como a planta da fábrica, quantidade de funcionários por setor, singularidades das máquinas, informações sobre matéria-prima, dentre outros aspectos. Abaixo vemos um excerto que ilustra essas características<sup>122</sup>:

---

<sup>122</sup> Idem

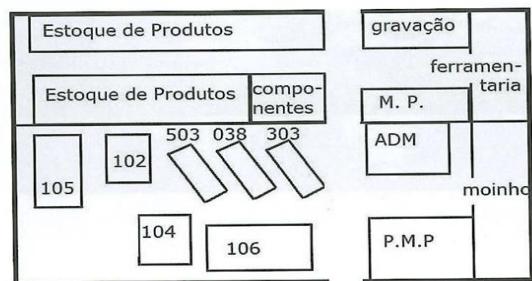
### Quantos trabalhadores trabalham na Flaskô?

Atualmente, a Flaskô conta com 54 trabalhadores e trabalhadoras em seus diversos setores, deste total, 22 trabalhadores foram contratados após a ocupação, mesmo que alguns fossem antigos funcionários, demitidos na época patronal e realocados pela gestão operária. Do todo, temos 10 mulheres que atuam em diversos setores.

#### Os setores da Flaskô:

##### a) Produção:

Abaixo segue um mapa esquemático de como está distribuída as máquinas e setores da produção no chão de fábrica, antes da ocupação, haviam muito mais máquinas, porém a grande maioria foi retirada pelo antigo patrão.



### 1. PMP:

A *Preparação de Matéria-Prima*, conta com 5 trabalhadores, é responsável por preparar os fardos de matéria-prima que abastece as máquinas, conta com um moinho onde é triturado os refugos das máquinas (peças com defeito ou que não passam no teste de qualidade) e rebarbas dos materiais, também é responsável por fazer a mistura de materiais segundo as receitas entregues pelo setor de qualidade.



Matéria-  
prima  
granulada

### 2. Sopradoras e Injetoras:

A Flaskô atualmente possui 4 máquinas sopradoras:

**106 (MAUSER)**: produz tambores de 200 litros com capacidade de cerca de 10.000 peças/mês.

A história em quadrinhos “Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores”<sup>123</sup>, voltado principalmente para os estudantes da educação básica, mostra de uma maneira divertida e crítica a luta dos trabalhadores da fábrica. A HQ apresenta de uma forma didática as diversas dimensões de uma fábrica ocupada, como o aspecto produtivo, a esfera das tomadas de decisões e as mobilizações em torno das reivindicações dos operários. Os excertos abaixo revelam parte desses aspectos:



<sup>123</sup> CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*. Sumaré: Editora CEMOP, s/d.

O leitor é desafiado a refletir e conhecer não somente uma fábrica ocupada pelos trabalhadores, mas também as várias questões envolvendo os movimentos sociais, como a ausência de políticas públicas e a repressão policial. O movimento estudantil é revisitado na menção às ocupações de reitorias nas universidades. Ainda, a história mostra as principais características do capitalismo contemporâneo, como o desemprego, baixos salários e a falta de moradias para a população pobre. O fragmento abaixo apontam para alguns desses enfoques<sup>124</sup>:



<sup>124</sup> Id., ibid., op.cit.

O último documento trabalhado será a brochura *Visita à Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*, dividido em duas partes: a primeira, com uma introdução a perguntas e respostas sobre a Flaskô e o MFO; a segunda, é composta por uma pequena história em quadrinhos. No primeiro ponto, são abordadas questões específicas do movimento de ocupação de empresas, incluindo questões legais, jurídicas e até normas que corroboram com a perspectiva da luta dos operários, como a Lei nº4.132/62, sobre a desapropriação por interesse social e a Lei nº3.365/41, acerca da desapropriação por utilidade pública. Os fragmentos abaixo ilustram essa dimensão.<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Visita à Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*. Sumaré: Editora CEMOP, s/d.

### 7. Como seria realizada a indenização?

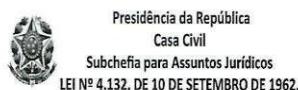
O direito de indenização está protegido pela nossa Constituição Federal, que determina que ela seja prévia, justa e em dinheiro, salvo a hipótese descrita nos artigos 182, §4º, III (imóvel urbano que não atinge função social) e 184 (imóvel rural que não atinge função social), do mesmo diploma. Nesses últimos casos, a Administração Pública pode fazer o pagamento por meio de títulos da dívida pública (a indenização não precisa ser em dinheiro).

Repetimos que para ser possível ao Poder Público buscar recursos juntos a outros órgãos, seja Secretaria Nacional de Habitação, seja Ministério do Trabalho, seja, ainda, para buscar a compensação tributária da dívida, primeiro é preciso declarar a área como de interesse social.

Sobre a compensação tributária explicamos que ela está prevista no art. 170 do Código Tributário nacional e permite que a Administração Pública compense as dívidas (no caso dívidas com impostos da Flaskô) com os débitos (no Flaskô).

### 8. Porque não é possível o usucapião coletivo para Vila Operária e Popular?

O usucapião coletivo exige que os ocupantes do imóvel estejam no local há pelo menos cinco anos. No caso da Vila Operária vários são os casos de moradores há mais de 05 anos. Acontece que como os terrenos já estão todos individualizados (em lotes para cada morador), não é possível o usucapião coletivo, esse só se verifica nos casos em que não há demarcação de lotes.



Define os casos de desapropriação por interesse social e dispõe sobre sua aplicação.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA,** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º A desapropriação por interesse social será decretada para promover a justa distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem estar social, na forma do art. 147 da Constituição Federal.

Art. 2º Considera-se de interesse social:

I - o aproveitamento de todo bem improdutivo ou explorado sem correspondência com as necessidades de habitação, trabalho e consumo dos centros de população a que deve ou possa suprir por seu destino econômico;

II - a instalação ou a intensificação das culturas nas áreas em cuja exploração não se obedeça a plano de zoneamento agrícola, VETADO;

III - o estabelecimento e a manutenção de colônias ou cooperativas de povoamento e trabalho agrícola;

IV - a manutenção de posseiros em terrenos urbanos onde, com a tolerância expressa ou tácita do proprietário, tenham construído sua habitação, formando núcleos residenciais de mais de 10 (dez) famílias;

V - a construção de casas populares;

VI - as terras e águas suscetíveis de valorização extraordinária, pela conclusão de obras e serviços públicos, notadamente de saneamento, portos, transporte, eletrificação armazenamento de água e irrigação, no caso em que não sejam ditas áreas socialmente aproveitadas;

VII - a proteção do solo e a preservação de cursos e mananciais de água e de reservas florestais.

VIII - a utilização de áreas, locais ou bens que, por suas características, sejam apropriados ao desenvolvimento de atividades

turísticas. (Incluído pela Lei nº 6.513, de 20.12.77)

§ 1º O disposto no item I deste artigo só se aplicará nos casos de bens retirados de produção ou tratando-se de imóveis rurais cuja produção, por ineficientemente explorados, seja inferior à média da região, atendidas as condições naturais do seu solo e sua situação em relação aos mercados.

§ 2º As necessidades de habitação, trabalho e consumo serão apuradas anualmente segundo a conjuntura e condições econômicas locais, cabendo o seu estudo e verificação às autoridades encarregadas de velar pelo bem estar e pelo abastecimento das respectivas populações.

Art. 3º O expropriante tem o prazo de 2 (dois) anos, a partir da decretação da desapropriação por interesse social, para efetivar a aludida desapropriação e iniciar as providências de aproveitamento do bem expropriado.

Parágrafo único. VETADO.

Art. 4º Os bens desapropriados serão objeto de venda ou locação, a quem estiver em condições de dar-lhes a destinação social prevista.

Art. 5º No que esta lei for omisa aplicam-se as normas legais que regulam a desapropriação por unidade pública, inclusive no tocante ao processo e à justa indenização devida ao proprietário.

Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 10 de setembro de 1962; 141º da Independência e 74º da República.

JOÃO GOULART  
Francisco Brochado da Rocha  
Hermes Lima  
Renato Costa Lima

Este texto não substitui o publicado no DOU de 7.11.1962.



Na segunda parte, a história em quadrinhos conta a visita de um operário comum à Fábrica Ocupada Flaskô. Diante de sua curiosidade pela trajetória do movimento, paulatinamente o visitante vai conhecendo as particularidades do caso da fábrica e revelando as principais características do processo de ocupação. O excerto abaixo corrobora essa perspectiva<sup>126</sup>:



Várias dessas dimensões podem ser trabalhadas em específico pelo professor, na sequência didática. O norte escolhido aqui será a centralidade das ações dos trabalhadores, o foco no controle operário e as especificidades de uma fábrica ocupada.

Após as leituras, serão feitas sondagens com as impressões e opiniões dos alunos sobre o tema, buscando desfazer preconceitos em relação ao termo ocupação e sanar possíveis dúvidas sobre a história da Fábrica Ocupada Flaskô.

<sup>126</sup> Idem

## AULA 2: DEBATE SOBRE A CONDIÇÃO DOS TRABALHADORES NO MUNDO ATUAL

A proposta da aula é realizar, através da realidade da experiência de luta da Fábrica Ocupada Flaskô, dialogar sobre determinados aspectos da situação da classe trabalhadora e do mercado capitalista no mundo contemporâneo. Para tal, será exibido o documentário “Flaskô: donos do próprio suor”<sup>127</sup>, realizado no ano de 2017, às vésperas do fechamento da fábrica. Diante do cenário de iminente término do movimento, o documentário aborda o cotidiano da Flaskô, permeado por incertezas e problemas.

Com o auxílio de especialistas em Direito e Ciências Sociais, a produção cinematográfica realiza esclarecimentos de diferentes aspectos relativos à luta da Flaskô. O professor de sociologia da Unicamp, Ricardo Antunes, explica o contexto global e específico dos trabalhadores. Em determinados momentos, o relato dos operários está no tempo verbal do passado, como em um ato falho que demonstra haver um sentimento de que a situação piorasse e levasse ao fim da experiência do controle operário na empresa.

Após a exibição do documentário, se realizará uma sondagem com as impressões dos estudantes acerca da história da Fábrica Ocupada Flaskô com as seguintes perguntas:

Como foi a realidade de uma empresa gerida pelos trabalhadores?

O que mais chamou a atenção no relato dos operários?

Quais as principais dificuldades que os trabalhadores enfrentaram?

Qual o legado que a história da Flaskô deixa?

Com o auxílio das reflexões do professor Ricardo Antunes (2008), sobre a nova morfologia do trabalho no capitalismo contemporâneo, políticas de terceirizações, privatizações, flexibilização da legislação trabalhista, perda de direitos, dentre outros elementos característicos da era neoliberal. A intenção é mostrar que mesmo com as

---

<sup>127</sup> ORRÚ, Drielly et al. *Flaskô: donos do próprio suor*. Youtube, 3 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu9g8OjC4tU>. Acesso em: 09/09/2024.

dificuldades os trabalhadores da Fábrica Ocupada Flaskô apostavam na conquista de direitos, na carteira de trabalho assinada e no pagamento dos salários.

### AULA 3: MEMÓRIA DE TRABALHADORES

Nesta aula, a proposta será trabalhar com a memória dos trabalhadores da Fábrica Ocupada Flaskô nos anos da ocupação. As fontes utilizadas serão as entrevistas de História Oral com os trabalhadores Osvaldo Neto (Chaolin) e Manoel Carvalho (Manu) produzidas nesta pesquisa de mestrado que estão disponíveis no dossiê de documentos.

Como introdução, a sugestão é trabalhar os aspectos teóricos da discussão, as semelhanças e diferenças entre a História e a Memória. A proposta da análise documental consiste em mostrar aos estudantes como é o ofício do historiador, no cuidado e interpretação das fontes. Essa experiência visa aproximar o aluno ao trabalho profissional de um historiador.

As perguntas que nortearão a análise das fontes serão as seguintes:

Como é a relação dos trabalhadores com a memória da ocupação?

Quais as impressões que os trabalhadores têm dessa memória?

Como a experiência da ocupação afetou a vida dos trabalhadores?

Quais as lembranças mais marcantes para os trabalhadores?

Manoel Carvalho, vulgo Manu, foi um dos trabalhadores que estavam na fábrica desde a época patronal e um dos aspectos que mais chamou sua atenção foi o apelo cultural que a Flaskô tinha. No relato abaixo o trabalhador nos conta como isso se dava em momentos de mobilização:

“a fábrica ficou tão conhecida assim pela cultura, que nem a polícia municipal, não atacava a gente. Quando o juiz ameaçava fechar por causa dos credores, nós íamos para a cidade. Alguém chamava a polícia, quando o comando chegava, que via que era nós, eles já

baixava a borda, já ia embora, por quê? [...] Nós apresentamos uma peça de teatro da paz, né, e apresentava uma linha de produção, que era um teatro, aí a polícia dava sinal pros outros, virava a viatura e falava “vambora, é a Flaskô, vambora, é a Flaskô, aí é uma luta pelo trabalho deles”.<sup>128</sup>

Osvaldo Neto, apelidado de Chaolin, foi para a Flaskô depois de ter se notabilizado em outras experiências de ocupação de fábricas. Atualmente mora em um casarão no terreno da empresa. Sobre o cotidiano fabril, o operário comenta sobre os afazeres que realizava ao longo da produção:

“entrei pra expedição logística, aí já me colocaram como líder de setor. Uma área que eu não entendia muito, mas dentro de uma semana, peguei a manha direitinho e fiquei até agora como líder de logística e expedição. Tudo que chegava, eu recebia, tudo que saía, tinha que passar por minha mão. Eu contava tudo, a produção do dia, o que era industrializado no dia, tudo bonitinho, lote por lote, peça de duzentos litro, peça de cem litro, um lote aqui é de cinquenta litro, ali, de vinte e cinco aqui, tudo assim enfileirado com seus lotes separados de cada um.”<sup>129</sup>

Esses dois exemplos são algumas potencialidades que os relatos de História Oral proporcionam. O professor interessado pode acessar o dossiê e fazer outras escolhas, adotar outras perspectivas e vieses que mais lhe importe. O mais relevante nessa proposta é os estudantes terem contato com a memória dos trabalhadores.

---

<sup>128</sup> Entrevista de Manoel Carvalho concedida ao autor em 27 de abril de 2024.

<sup>129</sup> Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

## AULA 4: OCUPAR É RESISTIR: OUTRAS FORMAS DE OCUPAÇÕES

Nessa aula, a proposta será demonstrar como a tática da ocupação é utilizada por diversos movimentos contestatórios. Uma introdução importante deve ser feita, a diferença entre os termos invasão, que é usado pejorativamente, e ocupação. A primeira expressão é utilizada por pessoas que não veem com bons olhos essa tática, com o intuito de descredibilizá-las. Já o termo ocupação refere-se às formas de luta que propõe a gestão coletiva dos locais ou como forma de protesto.

Os principais movimentos de ocupação são o movimento sem-terra, o sem-teto e principalmente para os objetivos dessa aula, o movimento estudantil, em especial na ação que ocorreu no ano de 2015 nas escolas públicas estaduais paulistas, onde estudantes secundaristas ocuparam diversas escolas.

Para ilustrar a história do movimento de ocupação das escolas paulistas, propõe-se a exibição de trechos do documentário “Lute como uma menina!”<sup>130</sup>, disponível no *Youtube*. Nele são apresentadas diversas dimensões do contexto das ocupações, como seu início marcado por uma política de reestruturação da educação paulista, que levava a cabo o fechamento de diversas escolas, transferência obrigatória de alunos para outras unidades de ensino, redução do número de aulas, dentre outras.

O documentário foca nas questões de gênero dos estudantes secundaristas e o protagonismo das meninas no processo de ocupação. Ao longo do vídeo, se evidencia os dilemas do movimento, desde as iniciativas de decisão pela ocupação, passando pelos processos deliberativos, até os momentos mais tensos com a polícia. A principal proposta em abordar o movimento estudantil é para aproximar os estudantes aos diversos âmbitos das lutas sociais.

Após a exibição do documentário se realizará uma roda de conversa, com o debate acerca das impressões dos estudantes sobre a ocupação de escolas. As perguntas motrizes serão as seguintes:

Como a tática da ocupação foi utilizada pelos estudantes?

Como eles se organizavam no cotidiano da ocupação?

---

<sup>130</sup> COLOMBINI, Flávio; ALONSO, Beatriz. *Lute como uma menina*. Youtube, 9 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2o>. Acesso em: 10/11/2024

Como eram tomadas as decisões coletivas?

Qual era o papel das meninas no processo?

Que relações podemos estabelecer com o Movimento de Fábricas Ocupadas?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios da educação básica no Brasil estão cada vez mais se acentuando diante das condições históricas e sociais do mundo moderno. O papel da Educação e do professor passa por reformulações. Mas uma das tarefas do Ensino de História na contemporaneidade continua sendo a apostila da formação crítica e cidadã dos estudantes. Um dos legados dessa pesquisa foi a relevância que a disciplina de História pode ter nessa formação, como espaço privilegiado de debate de questões sociais importantes, de desvelamento das arbitrariedades que o sistema capitalista e a ordem neoliberal impuseram a todos.

A tática da ocupação, seja a de terra, de moradia, de escolas, e sobretudo, de fábricas, se mostra como uma alternativa para os problemas sociais que as populações mais vulneráveis enfrentam. Ao longo desse trabalho, mostrou-se como a ocupação de fábricas foi algo que abalava as estruturas da ordem dominante. A luta cotidiana dos trabalhadores da Fábrica Ocupada Flaskô pela manutenção de seus empregos e a luta geral contra o Estado e os patrões, fizeram desse embate algo digno de memória.

A memória dos trabalhadores e a sua preservação consistem em uma potência para o campo do patrimônio industrial. Como os relatos dos operários da Flaskô mostraram as diversas possibilidades que se abrem nessa área de pesquisa. É um terreno fértil para novas abordagens científicas e um antídoto para a amnésia social.

Outro campo de alternativas é o uso do conceito de *Comum* como instrumento analítico e político das lutas sociais na contemporaneidade. Resgatar e instituir essa perspectiva se mostra como uma esperança para pensar outro mundo possível, para além do capitalismo e do neoliberalismo. Para tal, a inspiração socialista e revolucionária, da qual a luta da Fábrica Ocupada Flaskô também faz parte, se torna um vetor de novas formas de sociabilidade. A solidariedade, a cooperação e a ajuda mútua devem ser princípios norteadores da mudança social.

Os princípios acima mencionados já conduziram diversos movimentos ao longo da História, da ocupação de fábricas até os movimentos políticos revolucionários e necessitam de um exame mais apurado. Nesse sentido, se abre uma janela de possibilidades para a pesquisa mais aprofundada dessas experiências que pautaram o controle operário ou a autogestão. Tais lutas mostram, ainda, a potencialidade das classes trabalhadoras em todo o mundo.

## SITES

<https://lacoperacha.org.mx/inicia-agresiva-ofensiva-contra-cooperativas-argentina-entrevista-a-ndres-ruggeri-2024/>

<https://marxismo.org.br/parabens-fabrica-ocupada-flasko-12-anos-de-luta-pela-estatizacao-sobre-controle-operario/>

## VÍDEOS

COLOMBINI, Flávio; ALONSO, Beatriz. *Lute como uma menina*. Youtube, 9 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oAA> Acesso em: 10/11/2024

ORRÚ, Drielly et al. *Flaskô: donos do próprio suor*. Youtube, 3 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu9g8OjC4tU>. Acesso em: 09/09/2024.

## FONTES

CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *DOSSIÊ 10 ANOS DO MOVIMENTO DAS FÁBRICAS OCUPADAS*. Revista do CEMOP, Sumaré, nº4, outubro de 2012.

CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*. Sumaré: Editora CEMOP, s/d.

CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Guia de Visita à Fábrica Ocupada Flaskô*. Sumaré: Editora CEMOP, 2015.

CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. Revista do CEMOP, Sumaré, nº1, maio de 2011.

CENTRO DE MEMÓRIA OPERÁRIA E POPULAR. *Visita à Flaskô: uma fábrica ocupada pelos trabalhadores*. Sumaré: Editora CEMOP, s/d.

Entrevista de Alexandre Mandl concedida ao autor em 16 de maio de 2024.

Entrevista de Manoel Carvalho concedida ao autor em 27 de abril de 2024.

Entrevista de Neusa Rossique concedida ao autor em 31 de março de 2024.

Entrevista de Osvaldo Neto concedida ao autor em 12 de junho de 2024.

Entrevista de Pedro Santinho concedida ao autor em 10 de julho de 2024.

MARTINS, Fernando. “*Flaskô*”: a luta de uma fábrica ocupada sob controle operário há dez anos. Sumaré: Editora CEMOP, 2013.

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo; NOGUEIRA, Arnaldo. *O que são comissões de fábrica?*. 2 edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. *Afinal, quem é a classe trabalhadora hoje?* Revista Estudos do Trabalho, Ano II, número 3, 2008. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/02/Trabalhadores-RicardoAntunes-Afinal-que-e-a-classe-trabalhadora-hoje.pdf> Acesso em 01/10/2023

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRUNO, Lúcia. *O que é autonomia operária?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CARDOSO, Mikaelle. *Sequências didáticas: orientações para iniciantes na pesquisa em educação matemática*. Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

*CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL*. Disponível em:

<https://tccih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf> Acesso em 01/10/2023

*CARTA DE VENEZA 1964 - CARTA INTERNACIONAL SOBRE A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO DE MONUMENTOS E SÍTIOS*. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf> Acesso em 01/10/2023

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático do Patrimônio*. Campinas:Editora da Unicamp, 2020.

CASTORIADIS, Cornelius. *A experiência do movimento operário*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Currículo Paulista, SEDUC/Undime SP. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Tradução de Mariana Echalar. 1ª edição - São Paulo: Boitempo, 2017.

DELMONDES, Camila. *Flaskô: fábrica ocupada*. Campinas: PUC Campinas, 2009.

FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário*. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, Marieta; FERNANDES, Tania; ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FESTI, Ricardo. *Fábrica sem patrão*. Marília: Lutas Anticapital, 2020.

GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. Trad, de Estela dos Santos Abreu. São

Paulo: Martins Fontes, 1989.

GRAEBER, David. *Fragments de uma antropologia anarquista*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2011.

KUHL, Beatriz. *Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação*.

Site do IPHAN, s/d. Disponível em:  
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas\\_questoes\\_relativas\\_ao\\_patrimonio.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrimonio.pdf)

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MENEGUELLO, Cristina. *Patrimônio industrial como tema de pesquisa*. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC. PPGH, 2011.

\_\_\_\_\_ ; ROMERO, Eduardo. OKSMAN, Silvio (orgs.) *Patrimônio Industrial na atualidade: algumas questões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

MEIHY, José C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MUSTO, Rafaela. *Fábrica em movimento*. Sumaré: Edições CEMOP, 2012

NASCIMENTO, Claudio. *As lutas operárias autônomas e autogestionárias*. CEDAC, 1986

NASCIMENTO, Janaina. *Fábrica quebrada é fábrica ocupada. Fábrica ocupada é fábrica estatizada: a luta dos trabalhadores da Cipla e Interfibra para salvar 1000 empregos*. s.1.: s. Ed., 2004.

NEMIROVSKY, Gabriel. *Fábricas recuperadas por trabalhadores: Produzindo o comum na Argentina*. Trabalho Necessário, V.18, nº 36 - 2020 (maio-ago). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/42792>

NOGUEIRA, Sheila. *REPENSANDO A AULA DE HISTÓRIA: decolonialidade, resistência e protagonismo*. . Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, pág.57.

NOVAES, Henrique. *Lições do debate entre os defensores da estatização sob controle operário e da autogestão*. Argentina,Otra Economia, Vol. 2 Núm. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/1086>. Acesso em 14/11/2024.

PIMENTA, Ricardo. *Retalhos de memória: lembranças de operários têxteis sobre*

- identidade e trabalho.* Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- ROMITO, Gabriel. *Flaskô: a história de uma fábrica ocupada no Brasil.* São Paulo: Editora Dialética, 2021.
- RUGGERI, Andrés. Qué son las empresas recuperadas? Autogestión de la classe obrera. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Continente, 2014.
- SOUZA, Giane; NUNES, Teresinha. *O processo de ocupação/recuperação de fábricas na América Latina.* Revista HISTEDBR On-line, Campinas, vol.9, maio 2009. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639541>
- VASCONCELLOS, Felipe. *A experiência do controle operário na Flaskô: perspectivas do controle operário na sociedade contemporânea.* Sumaré: Revista do CEMOP, nº4, outubro de 2012.
- VASSILEV, Pano. *A ideia dos sovietes.* Tradução de Plínio Augusto Coelho. Editora Imaginário, 2008.
- VERAGO, Josiane. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002-2010).* Sumaré: Edições CEMOP, 2011.

Anexo I – DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELO CEMOP

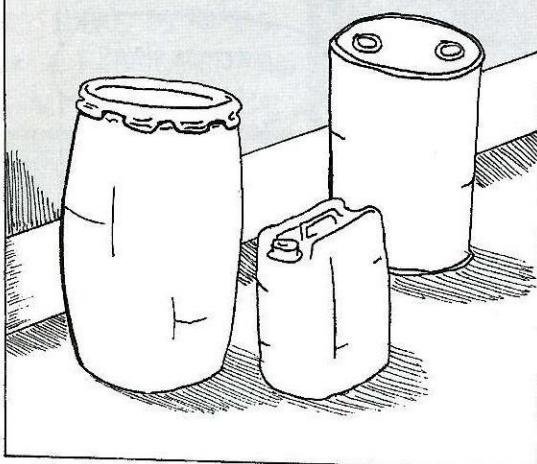


EXISTE UMA FÁBRICA DO RAMO QUÍMICO EM SUMARÉ, INTERIOR DE SÃO PAULO.

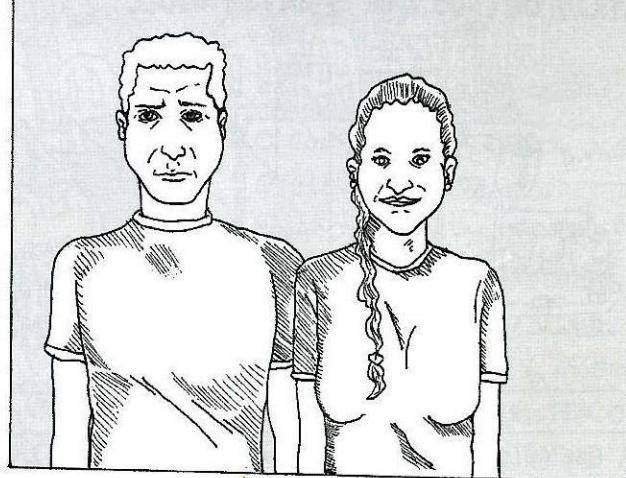
12



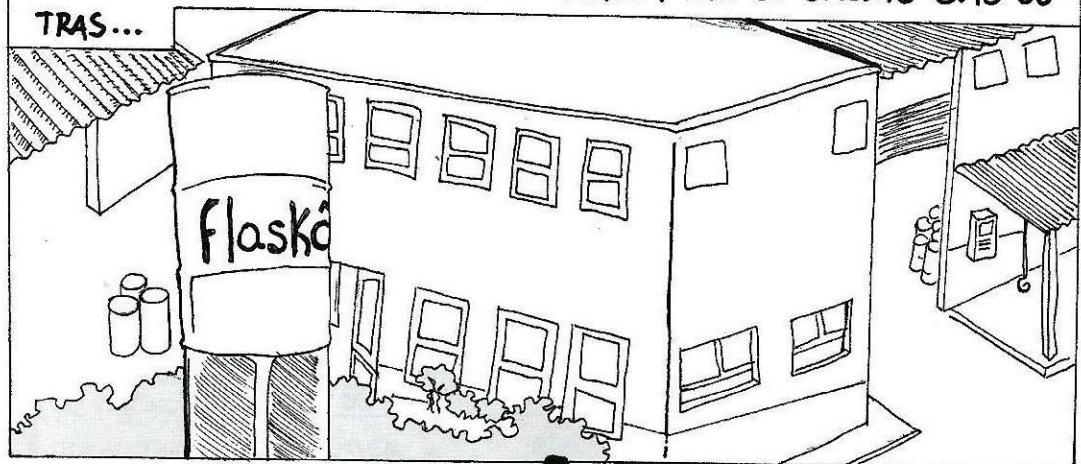
ESTA FÁBRICA PRODUZ BOMBONAS, GALÕES E TAMBORES DE PLÁSTICO.



NELA TRABALHAM HOMENS E MULHERES.



MAS NÃO É ISSO QUE FAZ ESSA FÁBRICA SER DIFERENTE DAS OUTRAS...



**A FLASKÔ É UMA  
FÁBRICA OCUPADA**

ENTENDE-SE POR FÁBRICA OCUPADA  
AQUELA QUE NÃO TEM...



NO CASO DA FLASKÔ O PATRÃO QUERIA  
DAR UM CANO NOS TRABALHADORES.



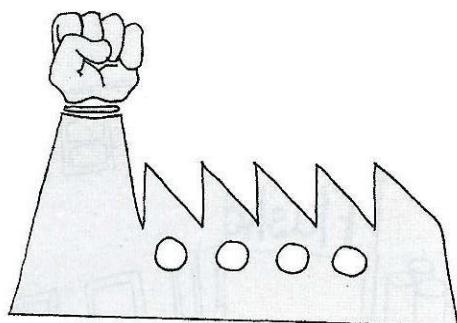
O SALÁRIO JÁ ESTAVA ATRASADO HÁ MESES, OS TRABALHADORES EM GREVE E O  
PATRÃO DIZENDO QUE ESTAVA FALIDO.



A EXEMPLO DE OUTRAS FÁBRICAS NO  
BRASIL E NA AMÉRICA LATINA, PARA MAN-  
TER OS EMPREGOS, A SAÍDA FOI OCUPAR  
A FÁBRICA.



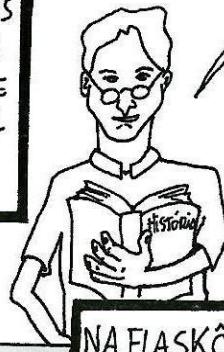
OCUPAR, PRODUZIR E RESISTIR ATRAVÉS  
DE UMA GESTÃO OPERÁRIA.



MAS VOCÊ DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO:



OS TRABALHADORES TOMARAM EM SUAS MÃOS OS MEIOS DE PRODUÇÃO EM VÁRIOS MOMENTOS DA HISTÓRIA.



COMUNA DE PARIS, 1871.

REVOLUÇÃO RUSSA, 1917.

ALEMANHA, 1918 E 1919.

ITÁLIA, 1919 E 1920.

HUNGRIA, 1919.

GUERRA CIVIL ESPANHOLA, 1933 À 1936.

JUGOSLÁVIA, 1950.

BOLÍVIA, 1952

ARGENTINA, 1968

FRANÇA, 1968

CHILE, 1972 E 1973.

ARGENTINA, 2001

BRASIL, 2002 E 2003.

NA FLASKÔ FUNCIONA ASSIM:

A ASSEMBLÉIA GERAL, ONDE TODOS OS TRABALHADORES TEM DIREITO A VOTO, DECIDE AS COISAS MAIS IMPORTANTES SOBRE OS RUMOS QUE A FÁBRICA TOMA. GERALMENTE É MENSAL.



O CONSELHO DE FÁBRICA, QUE É ELEITO POR TEMPO DETERMINADO, REUNE-SE SEMANALMENTE PARA DECIDIR COISAS MAIS COTIDIANAS E ENCAMPINHAR PAUTAS PARA A ASSEMBLÉIA GERAL. MESMO TENDO UM NÚMERO RESTRITO DE MEMBROS, QUALQUER TRABALHADOR PODE PARTICIPAR DAS REUNIÕES DO CONSELHO DE FÁBRICA.



E NA PRODUÇÃO PODEMOS DESTACAR OS LÍDERES DE TURNO, QUE SÃO RESPONSÁVEIS POR ORGANIZAR A PRODUÇÃO DE CADA TURNO, REMOVENDO OPERADORES QUANDO NECESSÁRIO, FAZENDO MANUTENÇÃO NAS MÁQUINAS, DENTRE OUTRAS COISAS.



E' IMPORTANTE ENTENDER QUE UMA DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UMA FÁBRICA OCUPADA SE DÁ NAS RELAÇÕES DE TRABALHO.



A PARTIR DO MOMENTO QUE NÃO EXISTE MAIS PATRÃO, NÃO EXISTE MAIS A NECESSIDADE DO LUCRO. AS PRIORIDADES SÃO: PAGAR OS SALÁRIOS, A CONTA DE ENERGIA ELÉTRICA, COMPRAR MATERIA-PRIMA, GARANTIR A MANUTENÇÃO DAS MÁQUINAS, OU SEJA, TUDO QUE FAZ A FÁBRICA CONTINUAR PRODUZINDO.



NÃO É À TOA QUE A DIMINUIÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO DE 44 PARA 30 HORAS, A IGUALDADE ENTRE SALÁRIOS DE HOMENS E MULHERES, ASSIM COMO O ACHATAMENTO DA DIFERENÇA DOS SALÁRIOS SÃO CONQUISTAS DESSE TIPO DE EXPERIÊNCIA.



DIÁLOGO FICTÍCIO ENTRE UMA TRABALHADORA DE UMA FÁBRICA COM PATRÃO COM TRABALHADORA DA FLASKÔ NO SUPERMERCADO.

A TENTATIVA DE UMA DINÂMICA DE TRABALHO MAIS HUMANA EMOPROSÓCIOS A UM SISTEMA CADA VEZ MAIS VORAZ E HUMILHANTE.



MAS É CLARO QUE ESSAS ESCOLHAS TÊM SUAS CONSEQUÊNCIAS.



AS ESCOLHAS POLÍTICAS IMPLEMENTADAS PELO MOVIMENTO DE FÁBRICAS OCUPADAS CONTRARIAM OS INTERESSES DAQUELES QUE QUEREM MANTER O DIREITO A PROPRIEDADE GARANTIDO.



É SÓ DAR UMA OLHADA NO BREVE HISTÓRICO A SEGUIR E JUNTAR AS PONTAS.



**SEN TA QUE LÁ VEM HISTÓRIA**

31 DE OUTUBRO DE 2002:  
APÓS MESES DE MOBILIZAÇÃO  
E SEM SALÁRIO, TRABALHADORES  
DA CIPLA E INTERFIBRA EM  
JOINVILLE, SANTA CATARINA,  
Ocupam as fábricas.



ASSEMBLÉIA GERAL  
NA CIPLA.



EM 2003 CHEGA  
A HORA DA  
FLASKÔ SER OCUPADA

12 DE JULHO DE 2003:  
APÓS A 1º CARAVANA À BRASÍ-  
LIA, TRABALHADORES DA CIPLA  
E INTERFIBRA AJUDAM OS  
TRABALHADORES DA FLASKÔ A  
OCUPAR A FÁBRICA, QUE PER-  
TENCE AO MESMO GRUPO  
ECONÔMICO E PASSAVA PELAS  
MESMAS DIFÍCULDADES.

12 DE FEVEREIRO DE 2005:  
O TERRENO QUE CERCA A  
FLASKÔ É OCUPADO DANDO  
ORIGEM À VILA OPERÁRIA.  
AGORA A LUTA DA FLASKÔ  
NÃO É APENAS POR TRABALHO,  
MAS TAMBÉM POR MORADIA.



VILA OPERÁ-  
RIA LUTA  
POR REGU-  
LARIZAÇÃO NA  
PREFEITURA  
DE SUMARÉ.

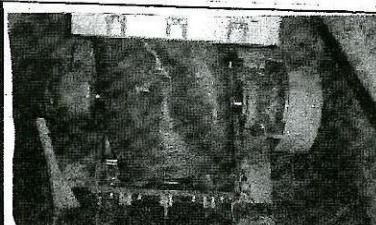
A INTERVENÇÃO NA  
CIPLA E INTERFIBRA  
CAUSA COMOÇÃO  
MUNDIAL.



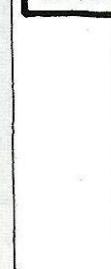
31 DE MAIO DE 2007: INTERVENÇÃO FEDERAL  
POLICIAL NA CIPLA E INTERFIBRA. MESES ANTES  
O PRESIDENTE DA FIESP, PAULO SKAF DECLARA-  
VA À RESPEITO DE ACORDO FIRMADO ENTRE  
CIPLA, INTERFIBRA E FLASKÔ COM O GOVERNO  
VENEZUELANO PARA OBTEÇÃO DE MATÉRIA-PRIMA:  
"Para a FIESP, esse tipo de cooperação caracte-  
riza ingerência em assuntos internos brasilei-  
ros."

PEÇA DE RUA DA  
BRAVA COMPANHIA  
NA VILA OPERÁRIA

A FLASKÔ FICA MAIS DE  
40 DIAS SEM ENERGIA  
ELÉTRICA, MOTIVO:  
INTERVENTOR NEGOCIA  
COM A CPFL POR  
DEBAIXO DOS PANOS.

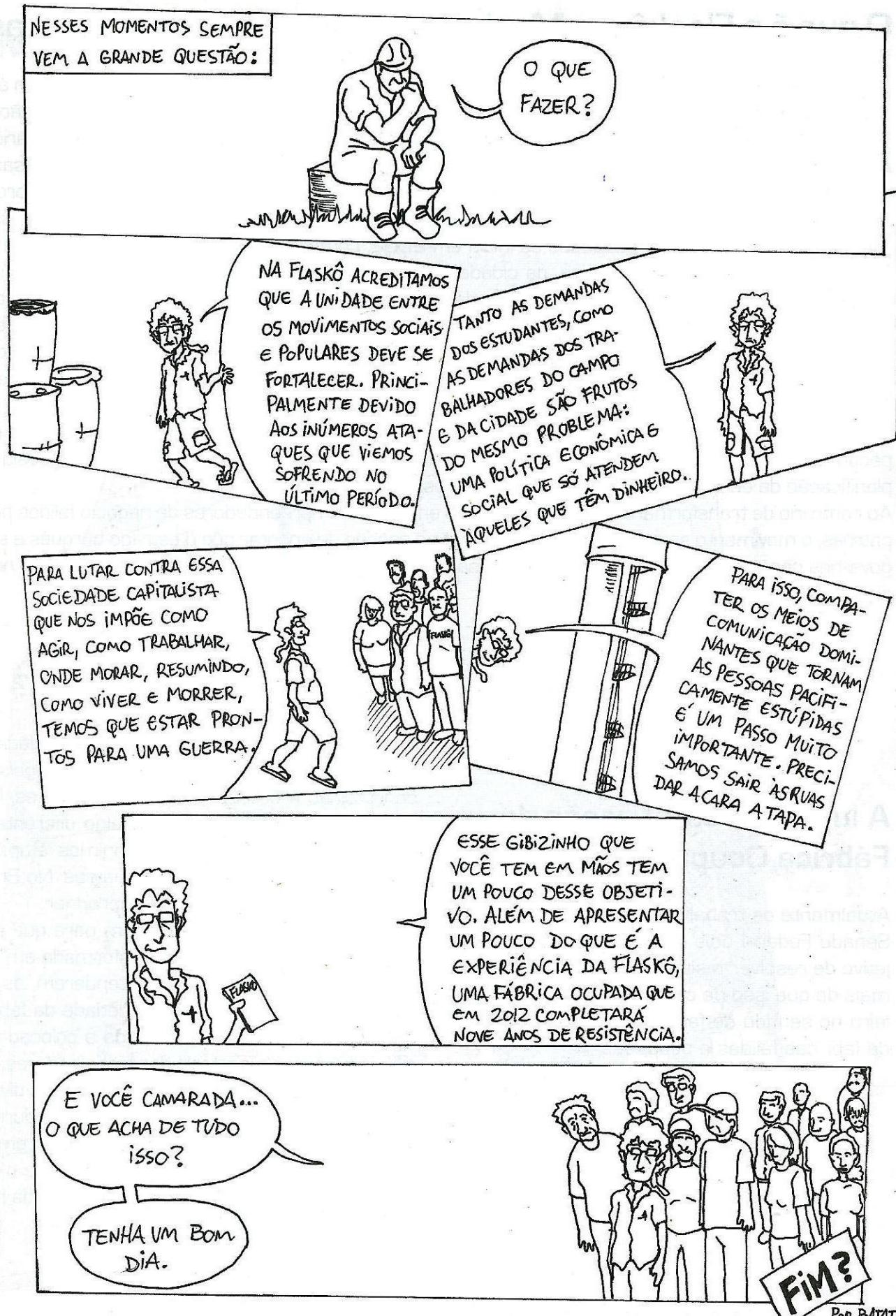


MÁQUINA DA  
FLASKÔ QUEBRA-  
DA POR CONTA  
DO CORTE DE  
ENERGIA EM  
2007.



APÓS VÁRIOS ANOS DE LUTA E RESIS-  
TÊNCIA, EM DEZEMBRO DE 2009  
INICIA-SE O PROJETO FÁBRICA DE  
ESPORTES E CULTURA. MAIS UMA  
VEZ A FLASKÔ DEMONSTRA QUE  
SUA LUTA NÃO É APENAS PELA  
GARANTIA DE SEUS EMPREGOS.





## O que é a Flaskô e o Movimento das Fábricas Ocupadas?

**A**Flaskô é uma fábrica sob o controle dos trabalhadores há 9 anos. Os patrões passaram anos e anos sugando o suor e o sangue dos trabalhadores e em um belo dia decidiram não pagar mais os salários e fechar a fábrica. Diante da ameaça e sem alternativas os operários e operárias decidiram se organizar e ocupar a fábrica retomando a produção após expulsarem os patrões. Assim começa a história da Flaskô sob o controle dos trabalhadores. Atualmente produz bombonas e tambores plásticos para os setores de alimentação, químicos, fertilizantes e outros usos. O Movimento das Fábricas Ocupadas se inicia em 2002, com a ocupação das fábricas Cipla e Interfibra, localizadas em Santa Catarina, na cidade de Joinville. O Movimento das Fábricas Ocupadas se constituiu como um importante movimento da classe trabalhadora que sempre apresentou como pauta de sua luta uma perspectiva classista. Não se limitando a discutir soluções corporativas e de renda para os trabalhadores desempregados ou ameaçados de demissão. Mas abrindo a perspectiva da discussão da necessidade de defesa do parque fabril, sempre ameaçado pelos patrões que apenas desejam lucrar cada vez mais, na maior parte das vezes ligados ao capital internacional. Por isso o movimento organizou-se nacional e internacionalmente colocando-se a perspectiva de ocupação das fábricas como um passo inicial no sentido da expropriação do conjunto da burguesia e a planificação da economia de acordo com os interesses dos explorados. Ao contrário de transformarem os trabalhadores em meros empreendedores de negócio falidos pelos patrões, o movimento sempre pautou suas ações no sentido de apontar que o estrago burguês e seus governos não apresentam saídas para a defesa dos empregos, pois atua como uma agência de negócios para os lucros dos patrões.

## O que é a desapropriação?

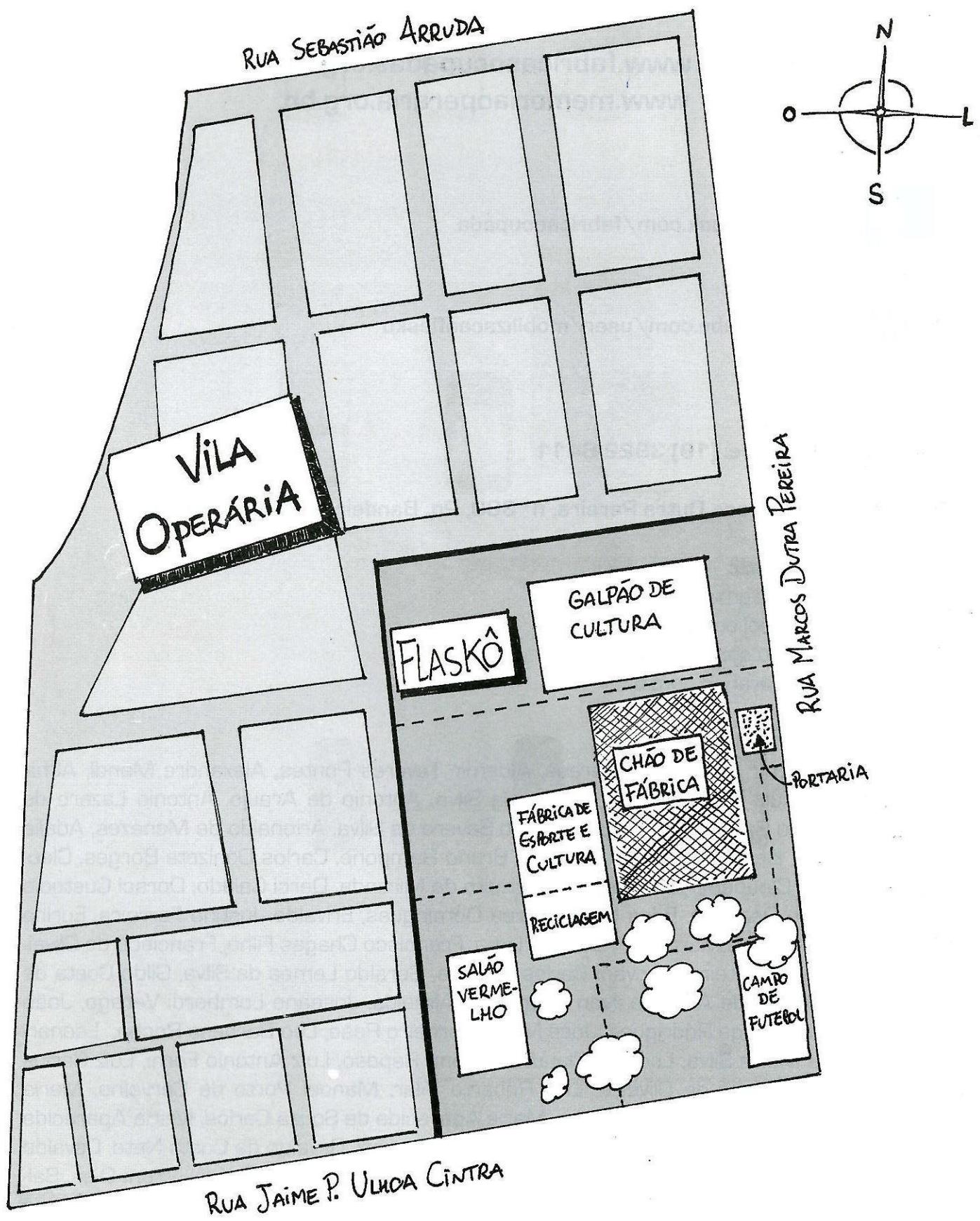
Desapropriar é o ato de tirar a propriedade de alguém. Já existem várias previsões legais na constituição brasileira e em leis específicas. Muitos acham que desapropriar é algo diferente de expropriar. Na realidade são sinônimos, é apenas uma diferença na origem das palavras. No Brasil, tradicionalmente utilizamos desapropriar.

Os trabalhadores da Flaskô lutam para que a fábrica seja desapropriada e transformada em propriedade estatal. Para todos entenderem, os trabalhadores querem que a propriedade da fábrica que hoje é do patrão seja tomada e colocada oficialmente sobre o controle dos trabalhadores. Por vários motivos, o principal são as enormes dívidas de impostos que os patrões roubaram durante anos e que deveriam ter se transformado em políticas públicas. Por isso é um dever quase moral que sua propriedade seja tomada e passada para o controle dos operários.

## A luta pela estatização da Fábrica Ocupada Flaskô

Atualmente os trabalhadores apresentaram ao Senado Federal dois projetos de Lei com o objetivo de resolver a situação da própria Flaskô e mais do que isso de clarificar a legislação brasileira no sentido de facilitar as desapropriações de fábricas falidas e ocupadas.

# Mapa da Flaskô



## **Para mais informações:**

**[www.fabricasocupadas.org.br](http://www.fabricasocupadas.org.br)  
[www.memoriaoperaria.org.br](http://www.memoriaoperaria.org.br)**



**[www.facebook.com/fabricaocupada](https://www.facebook.com/fabricaocupada)**



**[www.youtube.com/user/mobilizacaoflasko](https://www.youtube.com/user/mobilizacaoflasko)**

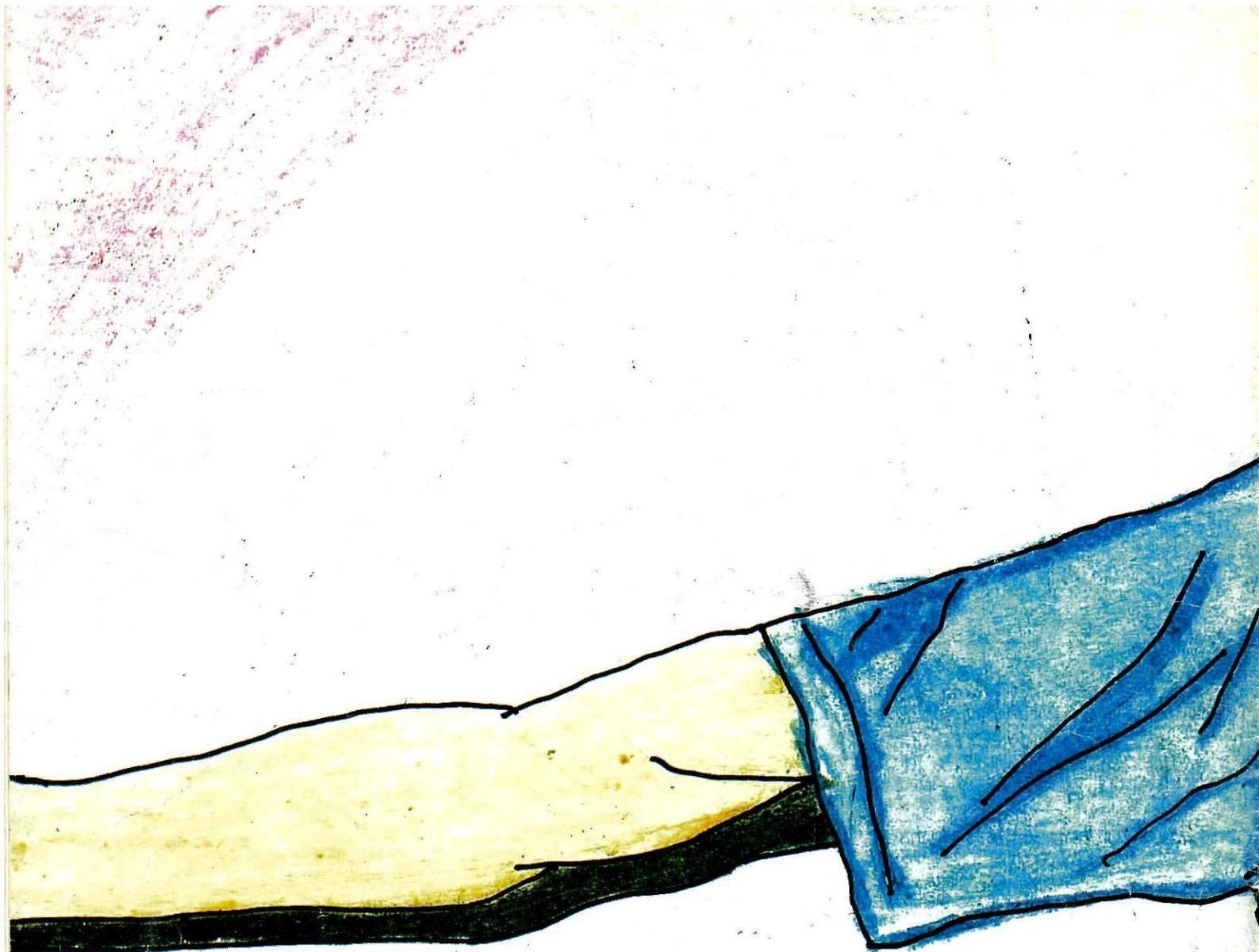
**Para nos visitar ligue: (19) 3922-6411**

**Endereço: Rua Marcos Dutra Pereira, nº 300, Pq. Bandeirantes, Sumaré-SP**

### **E-mails para contato:**

**batatasemumbigo@gmail.com  
 bpedro.santinho@uol.com.br  
 bjosianelom@yahoo.com.br  
 mobilizacaoflasko@yahoo.com.br**

**Expediente:** Ademir Soares de Moraes, Aldemir Tavares Pontes, Alexandre Mandl, Almir Cunha, Angelo Luiz Zova, Antonio Carlos da Silva, Antonio de Araujo, Antonio Lazaro de Andrade, Antonio Sapucaio da Cruz, Antonio Severo da Silva, Arionaldo de Menezes, Adelia Cristina Borges, Bernardino Luiz de Souza, Bruno Rampone, Carlos Donizete Borges, Claudiomar Denardi, Claudemir de Menezes, Delzuito de Miranda, Derci Calado, Doraci Custodio do Prado, Eliene Rezende, Edna Dorta, Elizeu Domingues, Erivaldo Justino Ferreira, Eurico Rocha Filho, Fernando Martins, Francisco Lima, Francisco Chagas Filho, Francisco de Oliveira, Filipe Jordão Monteiro, Geovani Carlos da Silva, Geraldo Lemes da Silva, Gildo Costa de Araujo, Iran Soares de Almeida, Ivan Soares de Almeida, Joseane Lombardi Verago, João Evangelista Dias, Jorge Rodrigues, José Maria Cordeiro Peão, Leo Barbosa Rocha, Leonardo José, Lucia Maria Silva, Luciano Claudino, Luana Raposo, Luiz Antonio Forni, Luiz Carlos Kraieski, Luiz Gonzaga de Oliveira, Luiz Roberto Vilar, Manoel Porto de Carvalho, Maria Costa de Almeida, Marcelo dos Santos, Maria Aparecida de Souza Carlos, Maria Aparecida Cota, Moacir Justino, Mauricio do Amaral, Marcio Denardi, Osvaldo da Costa Neto, Osvaldo Denardi, Pedro Luiz Moreira, Pedro Alem Santinho, Regina Nicolau, Rafael Gironi Dias, Salviano José da Silva, Sebastião de Brito, Suely Fontes Pontes, Suellen Cristina, Tania Gomes de Lucena, Thiago Pereira.



O QUE É UMA FÁBRICA  
OCUPADA ? LEIA ESSE  
MATERIAL E DESCUBRA  
POR SUA CONTA EM  
RISCO !!!

# Visita à Flaskô

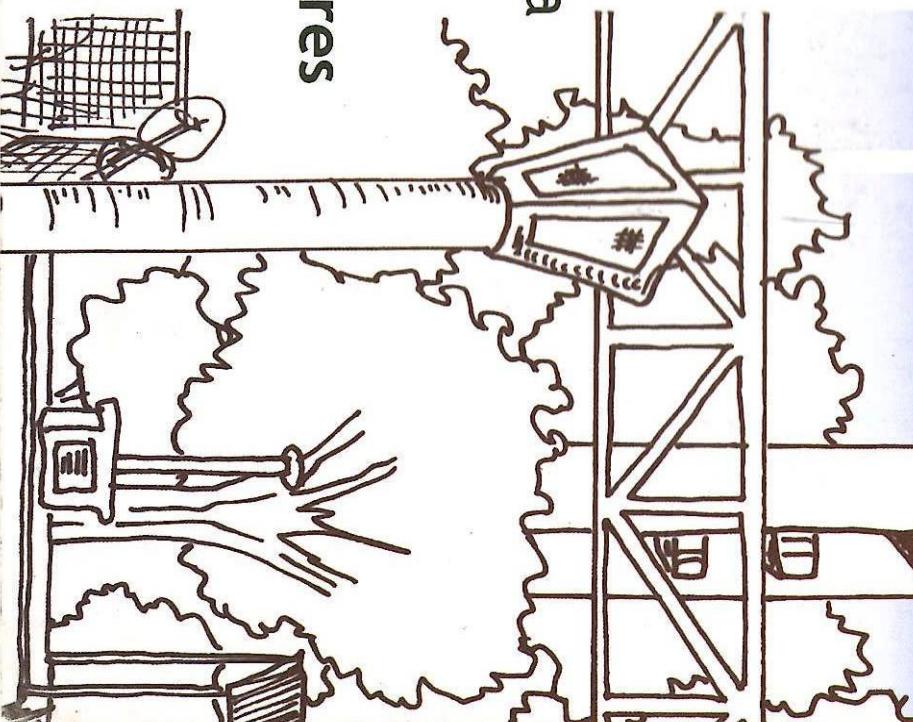
Esta cartilha tem como objetivo ajudar na compreensão da luta do movimento das fábricas ocupadas, na defesa da Flaskô.

Assim elaboramos um quadinho de apresentação da nossa luta, a partir de uma visita a fábrica de um operário para conhecer nossa experiência e também elaboramos um conjunto de perguntas e respostas que se repetem e repetem, como dúvidas sobre a luta das fábricas ocupadas e a reivindicação da estatização.

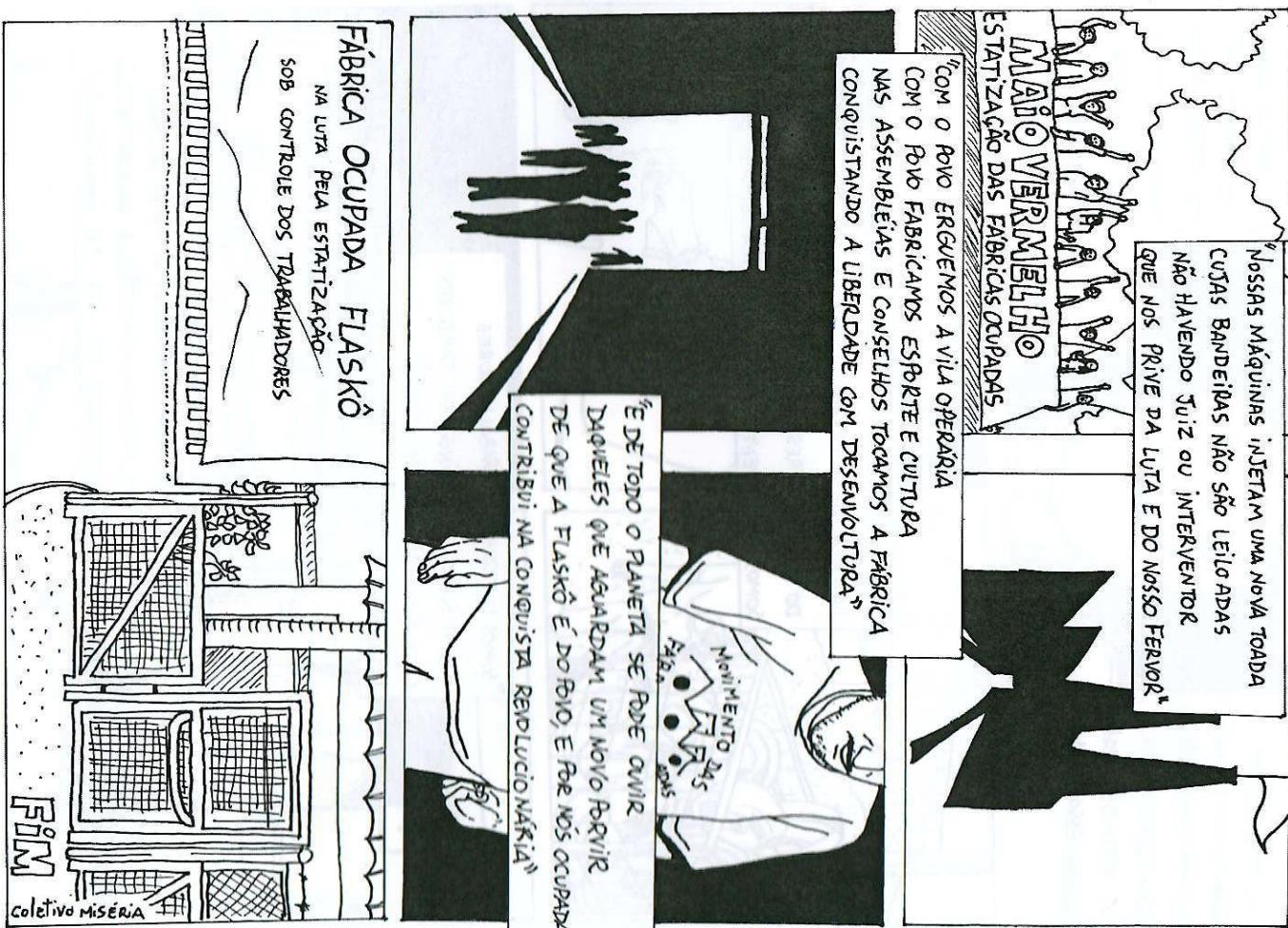
uma fábrica  
ocupada  
pelos  
trabalhadores

pediente:  
sileção do Centro de Memória Operária e  
ular - Cemop  
[www.memorioperaria.org.br](http://www.memorioperaria.org.br)

adrinhos: Battata - Grupo Miséria  
to: Pedro Santinho e Liana Raposo  
sia: Filipe Gaelis  
gramação e Arte: Luciano Claudino



flaskô



## Perguntas e respostas sobre a luta da Flaskó

### Introdução

Esta pequena brochura tem como objetivo auxiliar na compreensão da luta dos trabalhadores da Flaskó e do Movimento das Fábricas Ocupadas. Decidimos adotar o formato de um caderno de perguntas e resposta porque percebemos que muitas perguntas se repetem a todo o momento. E também porque a luta pela estatização a partir da desapropriação por interesse social ainda é pouco compreendida pelo conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras.

Assim esta brochura, que pode parecer a muitos um material bastante básico, é ao mesmo tempo um instrumento para sistematizar as questões que sempre se recolocam da luta dos trabalhadores.

1.0 **O que é a Flaskó e o que é o Movimento das Fábricas Ocupadas?**

A Flaskó é uma fábrica de embalagens plásticas localizada em Sumaré, no estado de São Paulo. Os trabalhadores da Flaskó decidiram ocupar a fábrica e assumir o controle operacional, administrativo e financeiro diante da ameaça de fechamento da fábrica em 12/06/2003. Desde então a fábrica continua funcionando controlada pelos próprios trabalhadores.

Em junho de 2003, os trabalhadores reunidos em assembleia decidiram lutar contra o fechamento da fábrica. Juntando-se aos trabalhadores da Cipia e Interfibra, que já haviam ocupado as empresas em outubro de 2002, e constituído o Movimento das Fábricas Ocupadas.

O Movimento das Fábricas Ocupadas reúne trabalhadores e trabalhadoras que ocuparam fábricas pelo Brasil, algumas ainda encontram-se ocupadas e outras foram por algum período, porque entendem os trabalhadores que a luta pela ocupação das fábricas deve cada vez mais estar na pauta das organizações da classe trabalhadora. Você pode também participar do movimento entre em contato.

2. **Como funciona a Flaskó?**

A Flaskó antes da ocupação funcionava como qualquer outra empresa patronal. Depois de ocupada muita coisa mudou e veio se transformando cada vez mais com a experiência de luta e de organização de uma fábrica.

Assim que foi ocupada a Fábrica passou a ter como órgão máximo de decisão a Assembleia Geral de todos os trabalhadores, onde os trabalhadores se reúnem, ordinariamente, uma vez por mês, além de reuniões extraordinárias sempre que se fizer necessário.

A Assembleia Geral dos trabalhadores elege um conselho de fábrica com representantes de todos os setores da indústria. O conselho de fábrica se reúne semanalmente para discutir as questões relativas à organização da fábrica, os encaminhamentos das diretrizes traçadas nas assembleias e organizar a luta em defesa dos empregos.

O Conselho de fábrica delega os poderes de Coordenação Geral, Coordenação Comercial, ordenação Administrativa e de Produção para regularizar as funções cotidianas, organizar as áreas e apresentar um plano de trabalho para um determinado período. O Conselho poderá, ainda, criar outras coordenações ou funções que julgar necessário.

#### 4.0 que é a desapropriação?

Existem diversas maneira de se estatizar uma fábrica. Depois de muitos anos de luta chegamos à conclusão de que a maneira mais fácil é através da desapropriação, ou expropriação (que tem o mesmo significado neste caso) de toda a indústria pelo poder público.

#### Pelo que lutam os trabalhadores da Flskô?

A luta dos trabalhadores da Flskô se iniciou no uma luta por salários e emprego. Uma vez levou os trabalhadores a ocuparem e imiserem o controle da produção para assim iterem seus salários. Com o seu desenvolvimento os trabalhadores chegaram a comprovação de que a luta pelo emprego, e pelos salários, apenas poderia ter um desfecho positivo, somando-se com a luta do conjunto dos alhadores. E mais do que isso com a exploração das empresas que fecham, e sua consequente estatização, para que a mesma se torne propriedade da sociedade, e não de alguns exploram o trabalho de outros.

Sim lutamos pela estatização da fábrica governo, e que se mantinha o controle dos lhadores, que há anos vem demonstrando administraram e organizam a fábrica melhor e com o patrão.

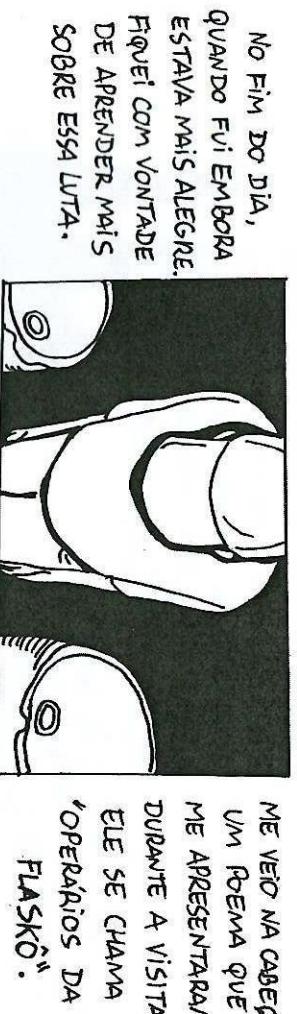
#### 4.1 quais os Princípios Constitucionais Para esta medida?

A desapropriação por interesse social ou utilidade tem como fundamento o princípio de que o interesse público é mais importante do que o interesse particular e portanto deve prevalecer.

Além disso, no caso da área da Flskô, o fundamento também está no princípio da dignidade humana que trata o artigo 1º, inciso III da Constituição. O que significa fazer valer os direitos humanos e para isso é preciso garantir o valor social do trabalho que está garantido também no artigo 1º, inciso IV da Constituição. Quanto ao direito à moradia este está previsto no artigo 6º da Constituição. A função social da propriedade está no artigo 5º, inciso XXIII da Constituição Federal.

Observando esta legislação fica claro que o que defendem os trabalhadores da Flskô não são privilégios, mas apenas a aplicação da Constituição Federal do Brasil.

NO FIM DO DIA,  
QUANDO FUI EMBORA  
ESTAVA MAIS ALEGRE.  
FIQUEI COM VONTADE  
DE APRENDER MAIS  
SOBRE ESSA LUTA.





## 5. Quem Pode realizar a desapropriação?

### 5.1.0 que seria desapropriado?

O ato de desapropriar pode se realizar tanto pelo Município, pelo Estado ou pela União. Isto é importante para compreendermos que está na mão do prefeito de Sumaré assumir sua responsabilidade e adotar a medida para salvar os empregos na Flaskô e também regularizar as moradias na Vila Operária.

A desapropriação de qualquer bem tem determinadas etapas a serem cumpridas antes de ser concluída. Assim é bom que saibamos que antes da desapropriação propriamente dita é necessário Declarar o bem como de Interesse Social. Ou seja, é preciso que o Município declare o interesse social re que passará a ser proprietário de todos os bens. Sendo que a pelo Executivo, quanto pelo Legislativo, isto é os vereadores.

Assim a desapropriação seria a transferência dos bens que pertencem ao patrônio da Flaskô para o Município de Sumaré que está situada a Flaskô e os bens, entre as máquinas equipamentos utilizados na produção, assim como a própria marca terreno onde está situada a Vila Operária e Popular com o objetivo de regularizar a área para fins de moradia. E também o terreno onde está situada a Flaskô e os bens, entre as máquinas equipamentos utilizados na produção, assim como a própria marca terreno onde está situada a Vila Operária e Popular com o objetivo de regularizar a área para fins de moradia. E também o terreno

## 6. Quais os Passos Para a realização da desapropriação pelo Poder Público são:

Os pressupostos que autorizam a desapropriação pelo Poder Público são:

1. a necessidade pública,
2. a utilidade pública e
3. o interesse social.

No que diz respeito ao caso da Flaskô trata-se de desapropriação por interesse social, o que ocorre quando o Poder Público estiver diante de interesses que atinjam as camadas mais pobres da população, sendo necessária a promoção da melhoria nas condições de vida, a redução de desigualdades sociais, bem como ao melhoramento na distribuição da renda e da riqueza. Aqui se enquadram os casos da Vila Operária e da Fábrica Flaskô. A Lei de Desapropriação por Interesse Social, (4.132/62) diz o seguinte:

Art. 2º Considera-se de interesse social:  
I - o aproveitamento de todo bem improdutivo ou explorado sem correspondência com as necessidades de habitação, trabalho e consumo dos centros de população a que deve ou possa suprir por seu destino econômico.

O procedimento de desapropriação se dá em duas fases diferentes. A primeira delas consiste na fase declaratória, e caracteriza-se na declaração de interesse social do bem. É após a declaração que a Administração Pública ganha o direito de verificar, analisar o bem, inclusive realizar obras para o interesse da comunidade e ir atrás de recursos.

Após essa declaração, o Poder Público tem 02 anos para iniciar a desapropriação propriamente dita, que poderá ocorrer com um acordo entre o proprietário e a Administração Pública, quanto ao valor da indenização. Caso não haja acordo, ou caso queira a Administração Pública entrar com ação na Justiça para pagar o valor da indenização entender justa.

São duas fases diferentes. Uma é a declaração de interesse social, o Poder Público não precisa se preocupar. Por isso, para declarar de interesse social, a lei dá o prazo de 02 anos par com o dinheiro para indemnizar o proprietário. Iustamente a lei dá o prazo de 02 anos para que se corra atrás do dinheiro/busque formas de compensar a indenização.

**Seria realizada a implementação?**

ito de indenização está protegido pela nossa Constituição Federal, que determina que ela seja prévia, justa e ligeira, salvo a hipótese descrita nos artigos 182, §4º, III (imóvel urbano que não atinge função social) e 184, que para ser possível ao Poder Público buscar recursos juntos a outros órgãos, seja a Secretaria Nacional do Trabalho, seja, ainda, para buscar a compensação tributária da dívida, primeiro é preciso clarar a área como de interesse social.

Administração Pública compense as dívidas (no caso dívidas com impostos da Flaskô) com os débitos (no caso de indenização que deveria sair do bolso do Poder Público). Seria possível e recomendável no caso da área da administração que deveria sair do bolso do Poder Público).

**Não é possível o usufruir coletivo para Vila Operária e Popular?**

Verifica nos casos em que não há demarcação de lotes.

**Presidência da República**  
Subchefia para Assuntos Jurídicos  
Casa Civil  
LEI Nº 4.132, DE 10 DE SETEMBRO DE 1962.

asos de desapropriação por interesse social e dis-  
aplicação.

**ART. 1º** DA REPÚBLICA. Fago saber que o Congresso  
ta e eu sanciono a seguinte lei:

As desapropriações por interesse social serão decretadas  
a justa distribuição da propriedade ou condic-  
io bem estar social, na forma do art. 147 da Cons-  
idera-se de interesse social:  
mento de todo bem improductivo ou explorado  
dência com as necessidades de habitação, tra-  
dos centros de população a que deve ou possa  
destino econômico;

ção ou a intensificação das culturas nas áreas em  
não se obedeça a plano de zoneamento agrícola,  
stecimento e a manutenção de colônias ou coope-  
ramento e trabalho agrícola;

ituição de passageiros em terrenos urbanos onde,  
cia expressa ou tácita do proprietário, tenham  
habilitação, formando núcleos residenciais de  
familias;

2º) portos, transporte, eletrificação, armazenamen-  
to, reservas florestais;

3º) águas suscetíveis de valorização extraordiná-  
ria;

4º) a preservação de cursos e manan-

turísticas. (Incluído pela Lei nº 6.513, de 20.12.77)

§ 1º O disposto no item (deste artigo só se aplicará nos casos

de bens retratados de produção ou tratando-se de imóveis rurais

cuja produção, por ineficientemente explorados, seja inferior à

média da região, atendidas as condições naturais do seu solo e

sua situação em relação aos mercados.

§ 2º As necessidades de habitação, trabalho e consumo serão

apuradas anualmente segundo a conjuntura e condições econô-  
micas locais, cabendo o seu estudo e verificação às autoridades

encarregadas de velar pelo bem estar e pelo abastecimento das

respectivas populações.

Art. 3º O expropriante tem o prazo de 2 (dois) anos, a partir

da decretação da desapropriação por interesse social, para efetivar a audiida desapropriação e iniciar as providências de apro-  
veitamento do bem expropriado.

Parágrafo único. VETADO.

Art. 4º Os bens desapropriados serão objeto de venda ou

locação, a quem estiver em condições de dar-lhes a destinação

social prevista.

Art. 5º No que esta lei for omisso aplique-se as normas legais

que regulam a desapropriação por unidade pública, inclusive no

tocante ao processo e à justa indenização apropriado ao proprietário.

Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 10 de setembro de 1962; 141º da Independência e

74º da República.

JOÃO GOULART

Francisco Brochado da Rocha

Hermes Lima

Renato Costa Lima

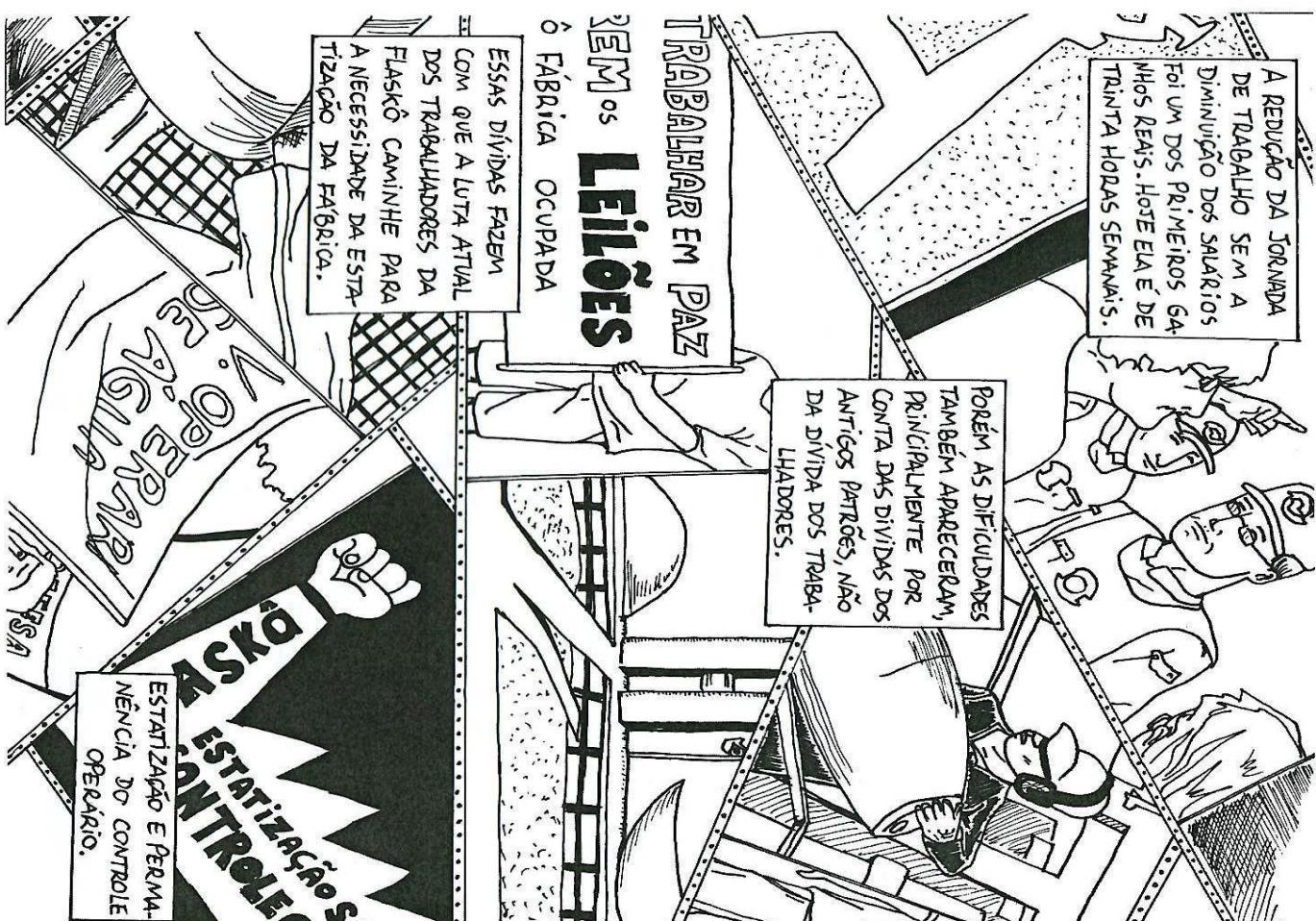
ágio de áreas, locais ou bens que, por suas carac-  
terísticas;

ágio do solo e a preservação de cursos e manan-

resvas;

n apropriados ao desenvolvimento de atividades

Este texto não substitui o publicado no DOU de 7.11.1962





Ao despachar a inicial, o juiz designará um perito de bens, sempre que possível, técnico, para proceder à avaliação. O autor e o réu poderão indicar assistente ou o expropriante alegar urgência e depositar quantia conformidade com o art. 685 do Código de Processo Civil, mediante o depósito: (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se oferecido, se este for superior a 20 (vinte) vezes o valor, caso o imóvel estaria sujeito ao imposto predial; ou, caso o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956) "Se a correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locado; (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956) "Se o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor que o imóvel sujeito ao imposto predial;

í (Lei nº 2.786, de 1956)

í (Lei nº 2.786, de 1956)

ratórios destinam-se a recompor a perda decorrente do atraso no efetivo pagamento da indenização fixada na decisão final de mérito, e somente serão devidos à razão de até seis por cento ao ano, a partir de 10 de janeiro do exercício seguinte àquele em que o pagamento deveria ser feito, nos termos do art. 100 da Constituição. (Incluído pela Medida Provisória nº 2.183-56, de 2001)

Art. 16. A citação far-se-á por mandado na pessoa do proprietário dos bens, a do marido dispensa a da mulher; a de um sócio, ou administrador, a dos demais, quando o bem pertencer a sociedade; a do administrador da coisa no caso de condomínio, exceto o de edifício de apartamento constituindo cada um proprietade autônoma, a dos demais condôminos e a do inquilinante, e, se não houver, a do cônjuge, herdeiro, ou legatário, detentor da herança, a dos demais interessados, quando o bem pertencer a espólio.

Parágrafo único. Quando não encontrar o citado, mas cliente de que se encontra no território da jurisdição do juiz, o oficial portador do mandado marcará desde logo hora certa para a citação, ao fim de 48 horas, independentemente de nova diligência ou despacho.

Art. 17. Quando a ação não for proposta no fórum do domicílio ou da residência do réu, a citação far-se-á por precatória, se o mesmo estiver em lugar certo, fora do território da jurisdição do juiz.

Art. 18. A citação far-se-á por edital se o citando não for conhecido, ou estiver em lugar ignorado, incerto ou inacessível, ou, ainda, no estrangeiro, o que deve oficial do juiz certificá-lo.

Art. 19. Feita a citação, a causa seguirá com o rito ordinário. Art. 20. A contestação só poderá versar sobre vício do processo judicial ou impugnação do preço; qualquer outra questão deverá ser decidida por ação direta.

Art. 21. A instância não se interrompe. No caso de falecimento do réu, ou perda de sua capacidade civil, o juiz, logo que disso tenha conhecimento, nomeará curador à lide, até que se lhe habilite o interessado.

Parágrafo único. Os atos praticados da data do falecimento ou perda da capacidade à investidura do curador à lide poderão ser ratificados ou impugnados por ele, ou pelo representante do espólio, ou do incapaz.

Art. 22. Havendo concordâncias sobre o preço, o juiz homologará por sentença no despacho saneador.

Art. 23. Ficado o prazo para a contestação e não havendo concordâncias expressa quanto ao preço, o perito apresentará o laudo em cartório até cinco dias, pelo menos, antes da audiência de instrução e julgamento.

§ 1º O perito poderá requisitar das autoridades públicas os esclarecimentos ou documentos que se tornarem necessários à elaboração do laudo, e deverá indicar nele, entre outras circunstâncias atendíveis para a fixação da indenização, as enumerações no art. 27.

Ser-lhe-ão abonados, como custas, as despesas com certidões e, a arbitrio do juiz, as de outros documentos que juntar ao laudo.

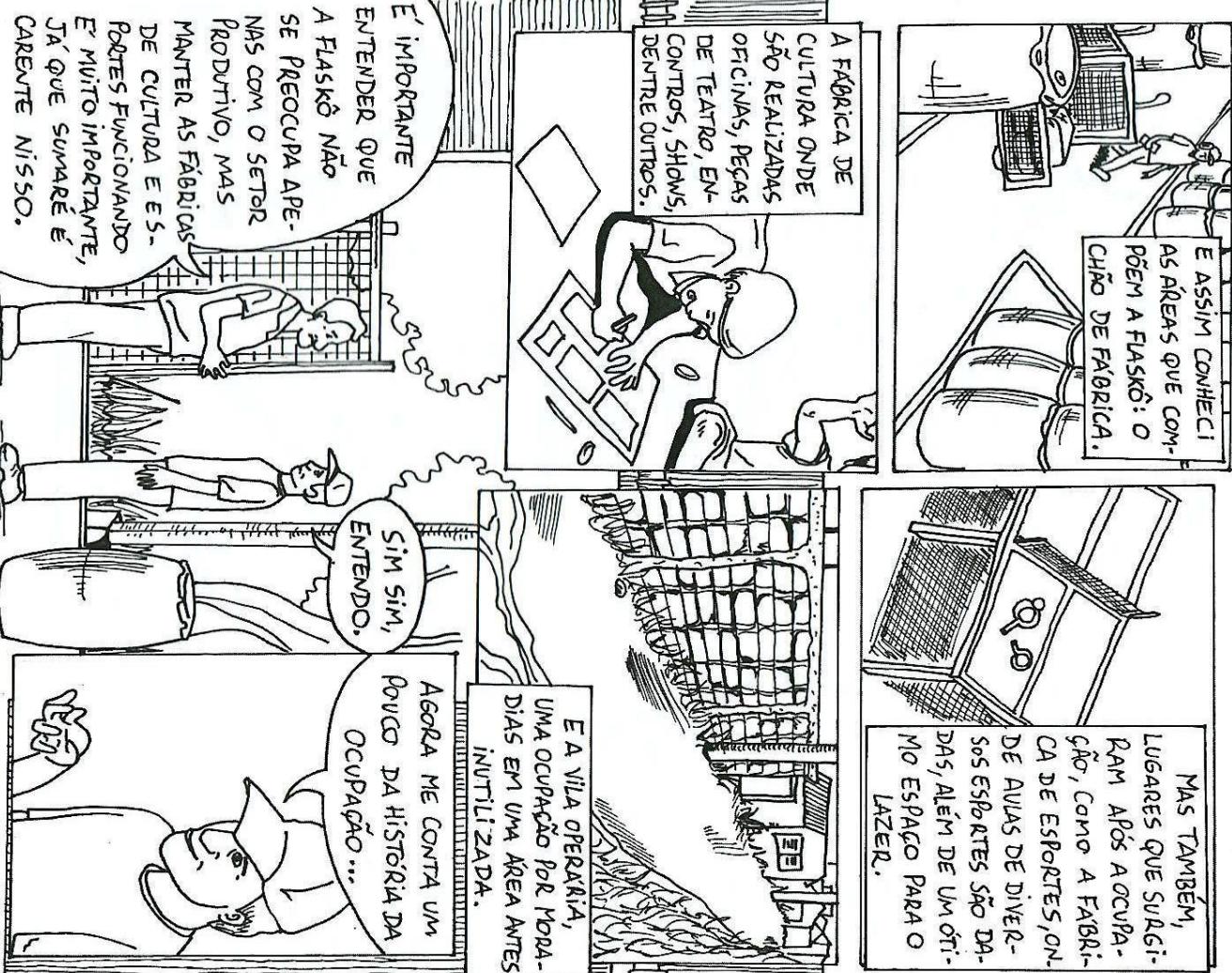
§ 2º O juiz designará prazo especial para apresentação do laudo.

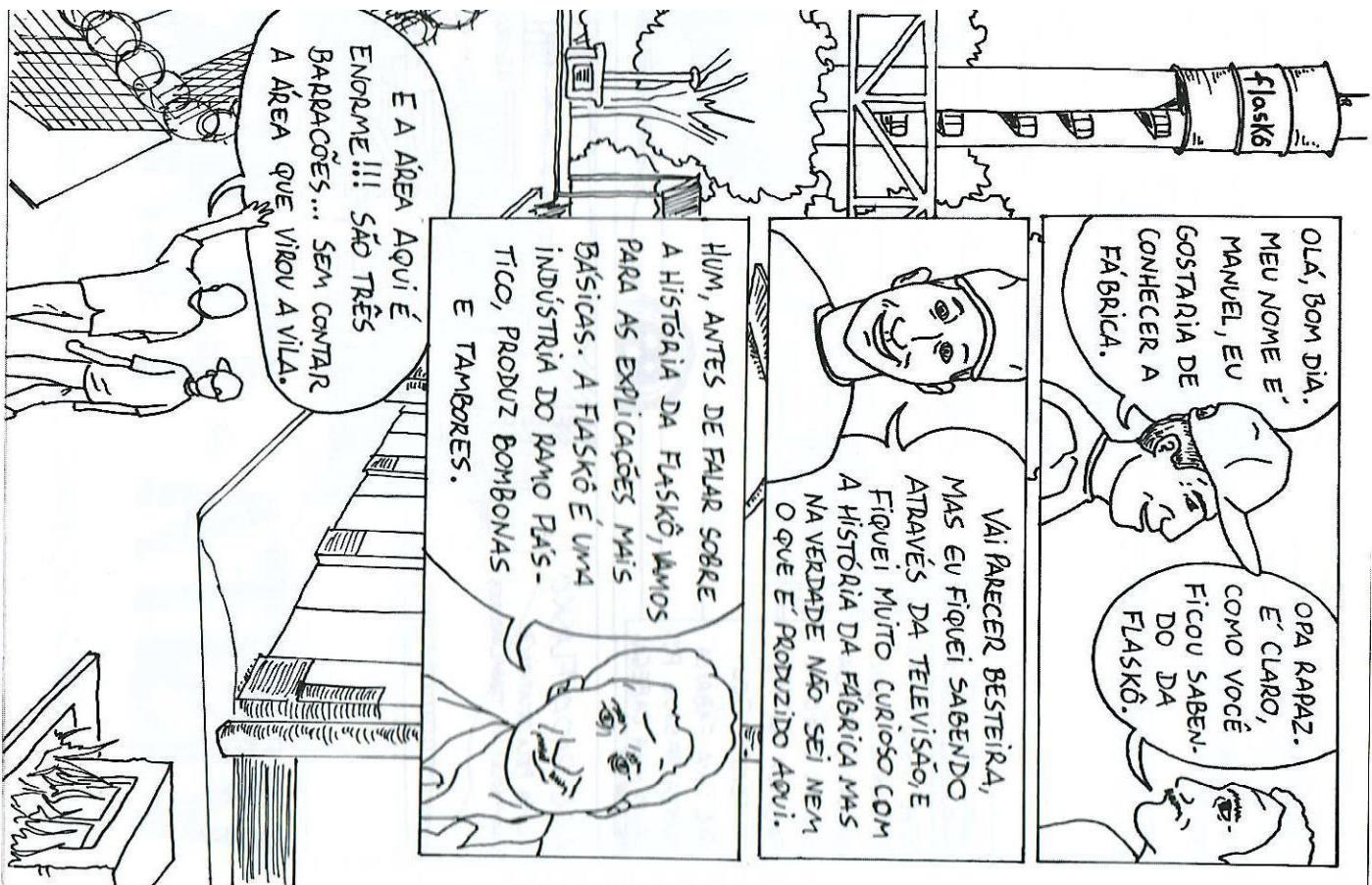
Art. 24. Na audiência de instrução e julgamento proceder-se-á na conformidade do Código de Processo Civil. Encerrado o debate, o juiz proferirá sentença fixando o preço da indenização.

Parágrafo único. Se não se julgar habilitado a decidir, o juiz designará desde logo a audiência que se realizará dentro de 10 dias afrom de publicar a sentença.

Art. 25. O principal e os acessórios serão computados em parcelas autônomas.

Parágrafo único. O juiz poderá arbitrar quantia mólica para





namento.

Art. 26. No valor da indenização, que será contemporâneo da avaliação, não se incluirão os direitos de terceiros contra o expropriante. (Redação dada pela Lei nº 2.786, de 1956)

§ 1º Serão atendidas as benfeitorias necessárias feitas após a despropriedade; as úteis, quando feitas com autorização do expropriante. (Renumerado do Parágrafo Único pela Lei nº 4.686, de 1965)

§ 2º Decorrido prazo superior a um ano a partir da avaliação, o juiz ou Tribunal, antes da decisão final, determinará a correção monetária do valor apurado, conforme índice que será fixado trimestralmente, pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República. (Redação dada pela Lei nº 6.205, de 1978)

Art. 27. O juiz indicará na sentença os fatos que motivaram o seu convencimento e deverá atender, especialmente, à estimação dos bens para efeitos fiscais; ao preço de aquisição e interesse que deles aufera o proprietário; à sua situação, estado de conservação e segurança; ao valor vinal dos da mesma espécie, nos últimos cinco anos, e à valorização ou depreciação de área remanescente, pertencente ao réu.

§ 1º A sentença que fixar o valor da indenização quando este for superior ao preço oferecido condonará o despossessante a pagar honorários do advogado, que serão fixados entre meio e cinco por cento do valor da diferença, observado o disposto no § 4º do art. 20 do Código de Processo Civil, não podendo os honorários ultrapassar R\$ 151.000,00 (cento e cinqüenta e um mil reais). (Redação dada Medida Provisória nº 2.183-56, de 2001) (Vide ADN nº 2.332-2)

§ 2º A transmissão da propriedade, decorrente de despropriedade amigável ou judicial, não ficará sujeita ao imposto de lucro imobiliário. (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956)

§ 3º O disposto no § 1º deste artigo se aplica. (Incluído pela Medida Provisória nº 2.183-56, de 2001)

I - ao procedimento contraditório especial, de rito sumário, para o processo de desapropriação de imóvel rural, por interesse social, para fins de reforma agrária; (Incluído pela Medida Provisória nº 2.183-56, de 2001)

II - às ações de indenização por aposseamento administrativo ou desapropriação indireta, (Incluído pela Medida Provisória nº 2.183-56, de 2001)

§ 4º O valor a que se refere o § 1º sera atualizado, a partir de maio de 2000, no dia 10 de janeiro de cada ano, com base na variação acumulada do Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA do respectivo período. (Incluído pela Medida Provisória nº 2.183-56, de 2001)

Art. 28. Da sentença que fixar o preço da indenização cabrá apelação com efeito simplesmente devolutivo, quando interposta pelo expropriado, e com ambos os efeitos, quando o for pelo expropriado.

§ 1º A sentença que condenar a Fazenda Pública em quantia superior ao dobro da oferecida fica sujeita ao duplo grau de jurisdição. (Redação dada pela Lei nº 6.071, de 1974)

§ 2º Nas causas de valor igual ou inferior a dois contos de réis (2.000\$00), observar-se-á o disposto no art. 839 do Código de Processo Civil.

Art. 29. Efetuado o pagamento ou a consignação, expedir-se-á, em favor do expropriante, mandado de imissão de posse, valendo a sentença como título hábil para a transcrição no registro de imóveis.

Art. 30. As custas serão pagas pelo autor se o réu aceitar o preço oferecido; em caso contrário, pelo vencido, ou em proporção, na forma da lei.

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 32. O pagamento do preço será prévio e em dinheiro.

(Redação dada pela Lei nº 2.786, de 1956)

§ 1º As dívidas fiscais serão deduzidas dos valores depositados, quando inscritas e ajuizadas. (Incluído pela Lei nº 11.977, de 2009)

§ 2º Incluem-se na disposição prevista no § 1º as multas decorrentes de inadimplemento e de obrigações fiscais. (Incluído pela Lei nº 11.977, de 2009)

§ 3º A discussão acerca dos valores inscritos ou executados será realizada em ação própria. (Incluído pela Lei nº 11.977, de 2009)

Art. 33. O depósito do preço fixado por sentença, à disposição do juiz da causa, é considerado pagamento prévio da indenização.

§ 1º O depósito far-se-á no Banco do Brasil ou, onde este não tiver agência, em estabelecimento bancário acreditado, a critério do juiz. (Renumerado do Parágrafo Único pela Lei nº 2.786, de 1956)

§ 2º O desapropriado, ainda que discorde do preço oferecido, do arbitrado ou do fixado pela sentença, poderá levantar até 80% (oitenta por cento) do depósito feito para o fim previsto neste e art. 15, observado o processo establecido no art. 34. (Incluído pela Lei nº 2.786, de 1956)

Art. 34. O levantamento do preço será deferido mediante prova de propriedade, de quitação de dívidas fiscais que reciam sobre o bem expropriado, e publicitação de edifícios, com o prazo de 10 dias, para conhecimento de terceiros.

Parágrafo único. Se o juiz verificar que há dúvida fundada sobre o domínio, o preço fixado em depósito, ressalvada aos interessados a ação própria para disputá-lo.

Art. 35. Os bens expropriados, uma vez incorporados à Fa- zenda Pública, não podem ser objeto de reivindicação, ainda que fundada em nulidade do processo de desapropriação. Qualquer ação, julgada procedente, resolver-se-á em perdas e danos.

Art. 36. É permitida a ocupação temporária, que será inde- nitida, afinal, por ação própria, de terrenos não edificados, vizi- nhos às obras e necessários à sua realização.

O expropriado prestará caução, quando exigida

te em sua destinação econômica pela desapropriação de áreas contiguas terá direito a reclamar perdas e danos do expropriante.

Art. 38. O réu responderá por parte terceiros, e por ação pró- pria, pela omissão ou sonegação de quaisquer informações que possam interessar à marcha do processo ou ao recebimento da indenização.

Art. 39. A ação de desapropriação pode ser proposta durante as férias forenses, e não se interrompe pela superveniente destas.

Art. 40. O expropriante poderá constituir servidões, median- te indenização na forma desta lei.

Art. 41. As disposições desta lei aplicam-se aos processos de desapropriação em curso, não se permitindo depois de sua vigência outros termos e atos além dos por ela admitidos. Nem o

seu processamento por forma diversa da que por ela é regulada.

Art. 42. No que esta lei for omisa aplica-se o Código de Processo Civil.

Art. 43. Esta lei entrará em vigor 10 dias depois de publicada, no Distrito Federal, e 30 dias nos Estados e Território do Acre, revogadas as disposições em contrário.

Art. 44. Rio de Janeiro, em 21 junho de 1941, 1200 da Independência Francisco Camps.

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 18.7.1941.

**105 DO ARTIGOS DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL**

**ASÍL**

São direitos sociais a educação, a saúde, a assistência, o trabalho, a moradia, o lazer, a previdência social, a proteção à infância e à adolescência, a assistência aos dependentes, na forma desta Constituição.

2. A política de desenvolvimento urbano, dirigida pelo Poder Público municipal, consoante as diretrizes gerais fixadas em lei, tem por ordenar o pleno desenvolvimento das socalcos da cidade e garantir o bem-estar dos habitantes.

O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de mil habitantes, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão

propriedade urbana cumpre sua função quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano de desenvolvimento e de expansão

e lei específica para área incluída no território do solo urbano não edificado, ou não utilizado, que promova seu aproveitamento, sob pena, sucessivamente, de desapropriação de imóveis urbanos com prévia e justa indenização em facultado ao Poder Público municipal, e lei específica para área incluída no território, exigir, nos termos da lei federal, segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.

§ 1º - As benfeitorias úteis e necessárias serão indemnizadas em dinheiro.

§ 2º - O decreto que declarar o imóvel como de interesse social, para fins de reforma agrária, autoriza a União a propor a ação de desapropriação.

§ 3º - Cabe à lei complementar estabelecer procedimento contraditório especial, de rito sumário, para o processo judicial de desapropriação.

§ 4º - O orçamento fixará anualmente o volume total de títulos da dívida agrária, assim como o montante de recursos para atender ao programa de reforma agrária no exercício.

§ 5º - São isentas de impostos federais, estaduais e municipais as operações de transferência de imóveis desapropriados para fins de reforma agrária.

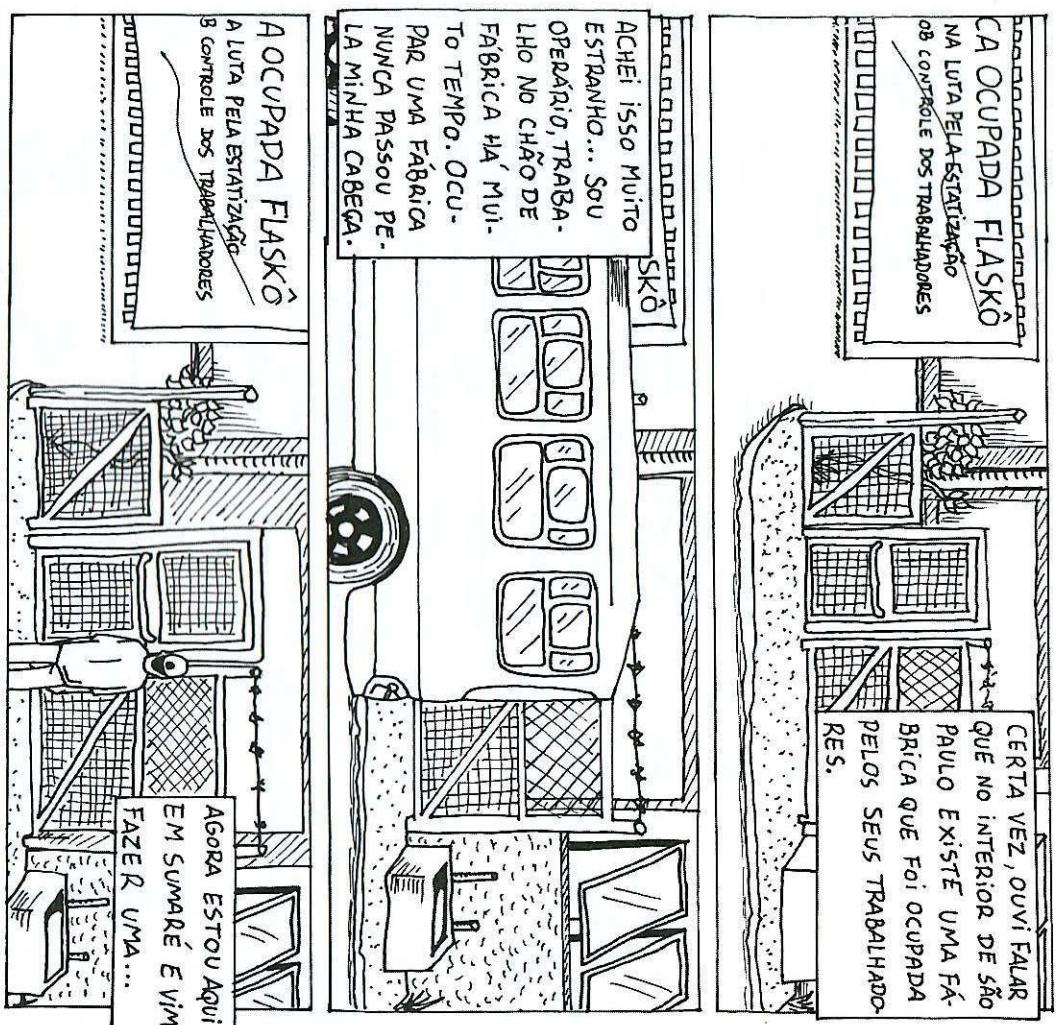
Art. 185. São insuscetíveis de desapropriação para fins de reforma agrária:

I - a pequena e média propriedade rural, assim definida em lei, desde que seu proprietário não possua outra;

II - a propriedade produtiva.

Parágrafo único. A lei garantirá tratamento especial à propriedade produtiva e fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos a sua função social.

**DA POLÍTICA AGRÍCOLA E FUNDIÁRIA E DA REFORMA AGRÁRIA**



# VISITA À FLASKÔ

UMA FÁBRICA OCUPADA PELOS TRABALHADORES.

ANEXO II: DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELO TRABALHO DE HISTÓRIA ORAL

## [INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** Olá. Nós estamos no dia dezesseis de maio. Vou entrevistar hoje o advogado do Movimento das Fábricas Ocupadas, Alexandre Mandl. Tudo bom, Alexandre?

**Alexandre:** Tudo bem, Abner. Vamos lá.

**Entrevistador:** Alexandre, deixa eu perguntar... primeiramente, conta um pouco da sua formação, sua trajetória antes da fábrica.

**Alexandre:** É, eu... entrei na Faculdade de Direito da PUC de Campinas em 2001, é... comecei uma militância no movimento estudantil, centro acadêmico, DCE e alguns projetos de extensão. Conheci a RENAP, a Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares, comecei a acompanhar MST e alguns movimentos de moradia, até que também conheci a luta da Flaskô, na fábrica de... então em Sumaré, com uma relação com os movimentos de Campinas. É, eu ia até ser estagiário lá, acabou não dando certo depois, porque eu acabei passando num concurso de estagiário lá na Defensoria Pública à época, a PAJ, e acabei não indo. Mas isso aproximou até pra eu ter mais contato ali com a turma da fábrica, porque a fábrica tinha sido ocupada então em doze de junho de 2003, e eu, é, acompanhava a luta, mas eu fui entrar depois na Flaskô logo que eu me formei. Me formei em dezembro de 2005, e, em setembro de 2006, eu fui entrar na Flaskô, ela já tava ocupada, já sob controle dos trabalhadores, mas eu tinha acompanhado o momento da ocupação e os primeiros anos ali ainda como estudante, e um pouco mais distante, né? Depois que eu fui entrar. É, é um pouco essa trajetória. É, logo que eu me formei, fui trabalhar no MST, na área de... no direito penal, na parte de direitos humanos do MST, fiquei sete, oito meses e aí, em setembro, eu fui pra Flaskô.

**Entrevistador:** Legal, é exatamente essa a segunda pergunta, né? Como que começa sua história com a fábrica, né, cê já comentou um pouco, cê quer acrescentar mais alguma coisa?

**Alexandre:** Não, acho que é, acho que é isso e... tinha uma questão que era... é, eles... foi interessante como é que foi a contratação, vamos dizer assim, porque era uma questão pra eu ficar exclusivo na fábrica, mas a partir da fábrica atuar pros outros movimentos. Mas não era pra ter como se fosse uma questão tradicional aí, às vezes ia ter vários sindicatos, movimentos que tem, né? Ah, um escritório de advocacia que presta uma assessoria. Não, era pra eu ser um

trabalhador da Flaskô, estando todo dia lá, mas, a partir disso, atuar junto a outros movimentos. Isso inclusive depois foi acontecer, eu fui ser advogado de várias outras fábricas, fui advogado de outras ocupações de moradia, tudo a partir da Flaskô. Mas tem um episódio que eu sempre conto, é que o meu... até o contrato ali, tudo, eu ia começar no dia primeiro de outubro e fazendo uma transição com a Carol, que era advogada a época, que ia sair em dezembro, ela era de Joinville, ela ia voltar pra Joinville com a relação da Flaskô com a Cipla, né. Ela tinha vindo pra ajudar e agora ela ia voltar pra lá por questões aí, é, enfim, pessoais, políticas e tal. E aí eu fui, comecei essa transição, mas foi interessante que no dia vinte e nove de setembro, eu sempre lembro e conto isso, porque eu acho que é muito sintomático. Eu fui... o pessoal da Flaskô falou “ó, Ale, cê já vai começar aqui no dia primeiro, tal, mas a gente vai ocupar uma fábrica no dia vinte e nove. É, a gente vai sair da Flaskô às quatro da manhã, cê não quer ir com a gente pra você já vivenciar isso, tal? E, querendo ou não, também vai precisar já de um advogado lá pra ajudar o pessoal” e foi a ocupação de uma fábrica, é... que chama Deslor, em Itapevi, que é uma fábrica até que o Chaolin sempre conta, tal, e foi a primeira vez que eu conheci inclusive o Chaolin, é, conta boa história e foi isso, a gente saiu quatro e pouco da manhã, cinco e meia, seis horas a gente tava na porta da fábrica. Literalmente a gente ocupa a fábrica, eu lembro que eu fiquei super assustado inclusive ali. Eu já tinha participado da ocupação do Movimento Sem Terra, por exemplo, mas tinha, por exemplo, é, segurança particular, armado, cachorro, né? E... e uma responsabilidade muito grande, porque não tinha o vínculo evidentemente com esses trabalhadores que tavam lá já pra ocupar e a gente foi enquanto movimento dar um apoio e aí ocupa a fábrica, toda aquela realidade e, é... já chama o... é, o pessoal da segurança, chama o patrão, e oito e meia mais ou menos, é, monta uma comissão e vai conversar com o patrão e já fala “não, você é advogado, vem junto, você ajuda nós lá”. Então, pra mim, isso foi... é muito sintomático porque vivenciei o ato em si da ocupação, que na Flaskô não, porque já tava ocupada. Eu vivenciei toda a tensão, então tudo isso que significa, segundo, uma responsabilidade de representar trabalhadores que eu tava conhecendo naquele primeiro momento de já mediar com polícia que chegava, é... o próprio patrão nas negociações ali e foi uma experiência fantástica, mas ela é sintomática, porque no fundo, é... eu não fui trabalhar na Flaskô, fui trabalhar de dentro da Flaskô pro conjunto da classe, mas inclusive com outras experiências de fábricas ocupadas, né? Então, realmente, como você me apresentou aqui, o advogado do Movimento das Fábricas Ocupadas, lotado, vamos dizer assim, na Flaskô, mas com uma responsabilidade coletiva. E a partir disso, eu fui trabalhar em várias outras fábricas ocupadas e são experiências riquíssimas. É muito legal.

**Entrevistador:** Ô, Ale, você tem algum balanço de quantas fábricas chegou a serem ocupadas aqui no Brasil...? Cê tem esse balanço?

**Alexandre:** É, o movimento, a gente... é, reivindica ali o número de trinta e oito fábricas que foram ocupadas pelo trabalho... é, pelo Movimento das Fábricas Ocupadas, que foram ou ocupadas ou que se pautou a ocupação. Então a gente considera que fez parte do Movimento das Fábricas Ocupadas experiências onde de alguma maneira se discutiu, é... em ação prática ali, né? Não, nós vamos ocupar. E algumas que ocuparam, é... vinte e quatro horas, quarenta e oito horas, tem ocupações de semanas. Eu acompanhei muito de perto a Ellen Metalúrgica em Caieiras, que foi uma ocupação que durou seis meses entre ocupar, sair, sofrer a reintegração, voltar, produzir. Nós produzimos catorze dias sob controle operário e eu acompanhei, eu ia três vezes por semana durante esses seis meses, foi uma experiência que eu vivenciei muito, foi, é... no primeiro semestre de 2007. Então foi, ah, o movimento, a gente considera essas situações, né, de tá numa porta de uma fábrica, organizar uma assembleia, discutir com os trabalhadores o significado de uma ocupação da fábrica, sentir os dramas, as angústias, né? Então, é... e aí, então tem experiências, é... que tão... tem um artigo naquela revista do CEMOP grande dos dez anos, que tem... a Josi e o Pedro escreveram artigos que é as experiências não tão conhecidas, né? Então, tenta fazer um relato, né? Tem a JB da Costa que foi uma experiência é... em... em Pernambuco, tem várias experiências em Santa Catarina e no Paraná, tem experiências, né, então, São Paulo, teve experiência no Rio. Então, é interessante ver um pouco... tem bons debates, né, da... é, se realmente poderia ser caracterizado ou não, o que que aconteceu, como é que os diferentes caminhos, né? A outra coisa é dizer que tem, é, empresas, né, e você acompanha, é... empresas recuperadas por trabalhadores que tiveram outros processos de luta, né, que se constituíram numa forma de cooperativa, que tiveram mais próximas de economia solidária, é, tem clássicas experiências, Uniforja e tal, que são experiências que foram, é... objetivamente recuperadas por trabalhadores. E qual era a perspectiva política, econômica, a turma do GPERT, Grupo de Pesquisa em Empresas Recuperadas por Trabalhadores, fazem o mapeamento onde inclui muito mais do que essas que a gente coloca em trinta e oito. Se eu não me engano, aqui de cabeça, eu acho que eles falam em sessenta e quatro, sessenta e oito, e eles criaram quatro tipologias, vamos dizer assim, da forma jurídica, política e econômica que se deu essas experiências. E aí eles colocam o Movimento das Fábricas Ocupadas como uma tipologia própria, uma quarta, e que coloca que tem um avanço mais político disso, é... um aspecto mais político dessa perspectiva assim que tá colocada, né? Então, é, com dificuldades jurídicas,

econômicas, mas com uma perspectiva política, então um pouco essa diferença que o movimento acaba tratando, né? Mas, então no número, né, é, enfim, acho a pergunta, a resposta é essa.

**Entrevistador:** Ô Ale, e quando começa assim a opção pelo controle operário e pela estatização? Assim, como... como que se dá isso na fábrica?

**Alexandre:** Então, é, eu acho que tem um contexto pra... nas pesquisas e a gente refletia, né? Quer dizer, assim, por que que em dois mil, em outubro de 2002 há a ocupação da Cipla? Cipla, Interfibra. É um processo riquíssimo, tem bastante material lá descrevendo, né, mas tem um contexto político econômico. Tem um contexto de crise econômica do governo Fernando Henrique, que se expressava numa crise política com uma mobilização muito grande dos movimentos sociais, Movimento Sem Terra, Movimento Sindical, que vai desembocar inclusive na eleição do Lula. É, e há um processo de sucateamento das fábricas, um processo de avanço do neoliberalismo, concentração e centralização do capital, e havia processos de luta com uma direção revolucionária que olhava o que tava acontecendo no processo brasileiro com experiências da Argentina, que já tinha acontecido na virada dos anos 2000 com uma explosão de ocupações de fábrica. De alguma maneira, de forma um pouco diferente, mas também esse debate se colocava com cooperativas, economia solidária, o grande debate entre socialismo utópico e socialismo científico, como é que se expressava nas lutas, as lutas sindicais contra fechamento de fábricas. Tudo isso tava acontecendo, permeava alguma, né, uma série de questões ali que tavam colocadas, então, isso de fato existia. É... mas acho que houve uma confluência de fatores favoráveis naquele momento da ocupação e que não quer dizer então que tinham lá, é, uma centena de trabalhadores revolucionários que fizeram. Os processos tavam, é, os processos de luta são com trabalhadores que tavam lutando pelas suas condições e objetivos materiais, emprego, salário, direito, mas tinha uma pergunta chave que na Cipla era muito forte, que era, bom, essa fábrica exporta, essa fábrica já teve cinco mil trabalhadores, nós estamos aqui em mil trabalhadores e tá colocando que vai fechar a fábrica. Não, não vai fechar, a gente tem que, é... produzir, tem que ter, tal... E aí quando pressionava o grupo empresarial ali, que é a família Batschauer, falava “não, a gente vai fechar, não é viável economicamente”, tal. Mas como não é viável, pô? A gente vê a quantidade de matéria-prima que compra, a gente produz, a gente vende, tem demanda. Por que, né? Quer dizer assim, acho que coloca da forma mais nua e crua o porquê que os patrões fecham as fábricas, né? E aí, os trabalhadores questionavam isso. E é interessante, porque vão buscar num primeiro momento

a direção do sindicato, que era um sindicato extremamente pelego ligado ao setor, é... patronal que não coloca uma perspectiva... “ah, o máximo que dá pra fazer, fecha a fábrica, vamo tentar lutar pelos direitos e tal”. E os trabalhadores não se conformavam com isso, e aí vão buscar, na época junto com MST, com a direção da CUT em Joinville, uma cidade operária, estratégica, que tem um... tem um caldo de luta operária e que, é... e tinha um vereador que ajudou muito, que era o Adilson Mariano, no PT à época, que vão ser pontos de apoio pra que faça uma relação com o conjunto da comunidade e a cidade, porque era uma fábrica central, tal. Tô insistindo nisso porque eu acho que teve um um conjunto de fatores, elementos objetivos que contribuíram pra um avanço de consciência pra dizer pra ocupar. Várias experiências, e a gente acompanhou, de fábrica que ocupa, mas não necessariamente retoma a produção sob controle operário. E ali tinha essa discussão e acho que teve um gancho, tem uma especificidade que a Flaskô vai se beneficiar, porque era do mesmo grupo econômico, que é um elemento jurídico... técnico, vamos dizer assim, que foi garantir nesse processo de luta com os patrões um dissídio coletivo de trabalho, um dissídio da greve e que nesse dissídio se conquista uma procuração pra que os trabalhadores acompanhassem a situação econômica. O argumento patronal era que não tinha como sustentar a fábrica economicamente, então tinha que fechar. E aí, quase que num acordo da greve, a gente volta a produzir, mas a gente quer ter acesso à situação financeira. E isso era histórico dos trabalhadores, então iam ter acesso, que tá isso nas obras clássicas do marxismo, do Lênin, do Trotski, o acesso aos livros com quadros das fábricas e tal. E aí, há um processo também de conquistar, que essa procuração que tivesse... foi dois representantes patronais lá, mas que é... estaria subordinado a um conselho de fábrica, e esse conselho de fábrica era oriundo da eleição do processo de greve. Então uma comissão de greve vira o conselho de fábrica, que, por sua vez... Então esses elementos, é... objetivos e subjetivos se combinam pra que essa situação tivesse esse êxito, que é verdade que a gente não viu em outros casos de forma tão exitosa. Então, combinou esses fatores pra fazer com que a Cipla, junto com a Interfibra, que era a outra fábrica que estava ocupada junto desse mesmo grupo econômico, Hansen-Batschauer aí, que era um grupo familiar que rompe com a Tigre de Tubos e Conexões, que é mais conhecida, e que a Flaskô também era, e aí a gente se utiliza disso, porque tá escrito na procuração que foi outorgada ali nesse processo... diz se, é... outorga-se poderes de procuração pra Cipla, Interfibra e demais fábricas do grupo econômico. Então a gente se apropriou disso pra também falar. Basicamente na Flaskô é, bom, se a gente... se os trabalhadores da Cipla e Interfibra tão ocupando a fábrica, por que a gente não pode fazer aqui da Flaskô? E o que que daí tem essa mediação, né, geográfica. A Flaskô tava longe, era uma fábrica menor comparando com esse pólo político econômico importante que tava acontecendo

ali. Ao mesmo tempo, sim, era São Paulo, em Sumaré, na região metropolitana de Campinas, era estratégico. Mas os trabalhadores daqui tavam numa situação que é caracterizada pelos trabalhadores, pelo movimento, outras pesquisas... era uma caracterização de abandono. O patrão não vinha há um ano, todo o corpo diretivo já tinha abandonado, então os trabalhadores tavam aqui falando, bom, e a gente está produzindo aqui, capengando, uma situação muito difícil, mas como que a gente então dá esse passo, né? E aí teve dois movimentos na Flaskô, que foi procurar os trabalhadores da Cipla, então o seu Toninho, trabalhador mais experiente, ferramenteiro da fábrica, que já tinha passado por situações de greve no ABC, tal, toma a iniciativa junto com os trabalhadores. Pô, a turma lá da Cipla tá fazendo isso, vamo entrar em contato, como é que é, tal. E entrou em contato com o Sindicato dos Químicos aqui, a fábrica Flaskô do ramo químico, com a direção à época, que compra a briga lá, então, greve, ocupa e vamo retomar a produção, e vamo falar com a turma de Santa Catarina. Então, em termos temporais, né, tinha acontecido a ocupação em trinta e um de outubro de 2002 na Cipla, e a Flaskô toma conhecimento disso na virada de vinte e dois pra vinte e três e fala, bom, se tá sob controle operário, vamo entrar em contato. Por outro lado, na Cipla, tendo que matar um leão por dia, situação super difícil, não sabia quanto tempo ia durar, tal, mas também entram em contato nesse mapeamento. Tem outras fábricas? Que que tá acontecendo nessas fábrica? Porque já tinha esse germe de entender que tinha que ser uma ocupação e um movimento muito mais amplo. Então faz esse movimento que também é interessante.

**Entrevistador:** Interessante. Bem interessante mesmo. É... cê falou do conselho de fábrica, como que... como que era o conselho de fábrica na Flaskô?

**Alexandre:** Conselho de fábrica é uma perspectiva fantástica dum efetivo controle operário da produção. Então, é... ele... primeiro conselho de fábrica é um desdobramento duma comissão de greve. Então, eleito pela mobilização, pelos seus próprios trabalhadores, pra que tenha os trabalhadores pra gerir. Na Cipla isso era muito grande, porque uma fábrica de mil trabalhadores, então o conselho de fábrica, conselho de turno, conselho de setores... um enraizamento e uma capilaridade muito legal, muito grande de participação democrática. Na Flaskô era uma fábrica menor, mas é interessante porque constitui, é parte da primeira decisão, em doze de junho de 2003, na assembleia da ocupação da Flaskô, já se define de ter um conselho... E eu falei do sindicato, nos dois primeiros mandatos, os dois primeiros anos, o sindicato tinha um dirigente do sindicato, que era membro do conselho de fábrica e participava das reuniões e cumpria um papel muito importante. Depois começa a ter algumas diferenças,

algumas divergências e o sindicato não participa mais do conselho de fábrica. Ao longo da história, é... de dezesseis anos e meio de controle operário produzindo na Flaskô, de doze de junho de 2003 a doze de novembro de 2018, quando tem o corte de luz que a gente não consegue reverter e acaba parando a produção, nós tivemos diferentes momentos de pensar o conselho de fábrica e as experiências reais. Então nós tivemos um representante de cada setor... O mandato sempre foi anual, e as eleições nós já fizemos com uma lista, já fizemos individualmente, já obrigamos de ser de cada setor, que a gente avaliou, que, não, tem que ser um de cada setor. Aí avaliamos que, não, pode ser da onde quiser, já fizemos diferentes tentativas que se expressava ali do que era melhor. Colocava de ter uma rotatividade e tal, mas a gente também sempre elegia um representante do conselho de fábrica, porque tinha uma questão objetiva dessa sociedade burguesa que a gente continua vivendo, a Flaskô não é uma bolha. Então, por exemplo, quem assinava... o representante dessa procuração, o representante pra assinar do oficial de justiça que chegava toda hora pra penhorar, leiloar, né, um maquinário. Então, é, a gente tinha que produzir. A Flaskô, juridicamente, ela permaneceu com o mesmo CNPJ da gestão patronal, então quem era o dono da Flaskô? A mesma família Batschauer. O que a gente tinha era uma procuração de gestores, né? E a gente nunca... e essa ges... os gestores, os próprios trabalhadores. E a gente nunca ambicionou ser dono da fábrica. A gente falava, a fábrica, a luta pela estatização sob controle dos trabalhadores é porque a gente sempre entendeu que ela deveria ser um patrimônio público, coletivo, quiçá internacional, mas se expressava nos marcos nacionais, utilizando a experiência da Argentina, da nacionalização bajo... né, *bajo control obrero*, né? Então era como a gente pensava essa estatização. Então era essa gestão e essa gestão tinha duas dimensões, as assembleias e o conselho de fábrica. As assembleias aconteciam ordinariamente uma vez por mês, e a qualquer momento poderia acontecer de forma extraordinária, e ela funcionava também como uma segunda instância do conselho. Então o conselho tomava as decisões, se reunia semanalmente, e aí mudava, teve vez que era segunda, teve vez que era quarta, às vezes acontecia quinzenal, mas não era o ideal, era pra ser semanal. Saía... saía a ata, tem trabalhos assim que é bem interessantes das atas do conselho, né, é um material de estudo interessante, publicava no mural. Qualquer trabalhador poderia fazer um... um recurso ao conselho de uma decisão que eventualmente era tomada e podia levar para a assembleia qualquer decisão também que eventualmente tinha sido tomada. Então também era um processo interessante de... vivência, porque no conselho de fábrica se tomavam as decisões, desde a produção, situação financeira, por exemplo, as clássicas e mais difíceis decisões. A gente chegava, por exemplo, num... a gente num tava conseguindo fazer o pagamento da energia, da matéria-prima e do salário. E aí, que a gente faz? A gente paga o

salário, que era a posição, vamos dizer, mais coerente, mais... mas ia cortar a luz na semana seguinte. Então, quantas vezes... e foi muito difícil. Então a Flaskô é fantástica, mas a gente não tem que idealizar as condições objetivas e materiais, a gente tinha que pagar a energia na semana seguinte, se não ia cortar a luz. Então a gente... várias vezes tiramos... por exemplo, a gente pagava 75% do salário no mês e vinte e cinco ficava pra trás. Aí a gente não conseguia juntar o valor total do salário, aí a gente começou isso em 2008, depois do corte de 2007, a gente teve muita dificuldade. 2008 a gente vai começar a pagar 25% por semana os salários, e aí chegava num mês onde não completou vinte e cinco, vinte e cinco, vinte e cinco vinte, né, quatro semanas com vinte e cinco. Então começou a faca no... né, no nosso próprio pescoço, a gente tendo que tomar uma decisão, então sempre foi muito difícil na Flaskô as condições objetivas e materiais. Então o conselho tomava essas decisões, por exemplo, valor de matéria-prima. Não, se a gente vender numa lógica de custo, que os trabalhadores ali faziam uma noção do custo operacional, do custo da matéria-prima, sei lá, de cabeça, três e quarenta pagava no quilo da matéria-prima, e comprava toneladas. Não, se for três e cinquenta não compensa, porque não dá, não fecha, vai ficar caro, vai... a gente não vai conseguir reproduzir, né, repassar isso no custo que a gente vai vender o tambor, a bombona a catorze e sessenta. Falava, viu, mas se não for catorze e sessenta o comprador compra do concorrente. Então esse aprendizado do coletivo ali dos trabalhadores era uma coisa fantástica. Aprender, por exemplo, a gente sempre teve um controle de eficiência das máquinas, do turno, mas não é o chicote do patrão ali no operador da máquina, era entender, por exemplo, que a máquina, ela produzia menos no turno da tarde, por quê? Porque eram máquinas velhas, sucateadas, que parava... produziu o turno da madrugada, à noite, produziu de manhã, à tarde, a máquina tava mais detonada, porque... porque depois, depois do corte de luz de 2007, que tem a intervenção na Cipla e Interfibra, desmonta o Movimento das Fábricas Ocupadas, é o ataque brutal, tem aquele documentário específico, *Intervenção*, né?

**Entrevistador:** Quando foi mesmo, Ale?

**Alexandre:** É, foi trinta e um de julho de 2007 a intervenção na Cipla e na Interfibra, e aí vão pra Flaskô e arrebentam ali com a Flaskô no... em junho, dias dez... doze de junho. E aí a gente fica um mês ali sem luz, a gente vai conseguir religar na última semana de julho, quarenta e dois dias sem luz, e volta numa produção que é muito difícil, com a Cipla com a intervenção, com uma pressão, enfim. Nesse contexto, o conselho de fábrica tava tendo que tomar decisões difíceis, né? Então, é interessante que o conselho, ele funcionou, é... dou o exemplo como

advogado, que tem toda autoridade, o conhecimento e tal, ao mesmo tempo, meu voto era igual a de qualquer trabalhador. Várias vezes aconteceu, eu, juridicamente tava lá, eu tinha que... cada um no seu setor dava sua opinião, uma função, ó, é melhor fazer assim, mas não era... Então eu levava “gente, a situação jurídica é tal, tem um caminho A e tem um caminho B, a gente vai tomar uma decisão. Se tomar um caminho A, vai ter a consequência X, se tomar o lado, o caminho B, a consequência é Y”. A gente toma a decisão. Aí falava, tá bom, mas e a sua opinião? Ó, eu acho por tais, tais motivos que o melhor é o A. E teve momento onde o conselho ou a assembleia tomou o caminho B, porque eu podia tá com uma preocupação mais jurídica e, coletivamente, se tomou uma decisão de fazer o outro caminho. Isso servia no financeiro que eu dei o exemplo. O financeiro ia lá e falava “gente, se não vender a catorze e setenta, não vai dar, a gente vai vender com prejuízo”. Mas daí falava, bom, mas gente, mas a gente precisa vender, precisa girar, então vai vender com prejuízo agora pra tentar ter um alcance melhor depois. Então, vários momentos ouviu o setor, mas a gente tinha que tomar uma outra decisão. Por exemplo, a decisão de reduzir a jornada de trabalho de quarenta e quatro pra quarenta é uma decisão da ocupação no momento da ocupação. Mas a decisão de reduzir de quarenta pra trinta foi uma decisão do conselho e depois referendada em assembleia que ouviu, foi todo um estudo, porque tinha o aspecto econômico, como é que isso vai custar, como é que a gente vai fazer? A decisão de parar o turno das dezoito à meia-noite, porque o custo de energia era mais caro, né. A estrutura da fábrica já era uma estrutura que consumia muita energia, uma fábrica antiga etc, não eficiente no aspecto mais contábil ali da... era uma fábrica antiga, maquinário antigo e a gente precisava lidar com isso. A decisão não foi uma decisão fácil, a gente teve que fazer testes, a gente foi... Agora, a gente sempre buscou consensos. E várias vezes a gente buscava... não, se não tem uma posição, vamo estudar com calma, não é algo que precisa decidir amanhã, calma, vamo tentar construir. Mas quando precisou, a gente levou pra votação. E em assembleia também, decisões de assembleia. Agora, a gente sempre buscou construir as posições, construir o consenso, é... apesar de papéis de direção e... Pedro em especial, como coordenador do conselho de fábrica, como autoridade política que exercia muito... muitas vezes. Mas eu presenciei situações onde o Pedro foi voto vencido, onde eu fui voto vencido com toda a autoridade que acabava tendo. Então, eu acho que, apesar de problemas, porque a gente foi sempre buscando qual era a melhor forma de tomar as decisões, que foi, é... aprendendo, acertando, errando. Mas eu defendo muito que o conselho de fábrica era um efetivo espaço democrático, é... das suas decisões, mesmo como um papel de liderança que o Pedro exercia, que eu mesmo também exercia, o Chaolin do jeito dele, uma autoridade. O Chaolin falava, era difícil ir contra, tem um peso político muito grande. O seu Toninho, uma

voz da... né, muito da razão ali, o ferramenteiro, o maior salário da fábrica, o ferramenteiro. O Carlão, muita autoridade, um trabalhador que todo mundo respeitava muito, o Manu, o João, então, é... se expressava nesses diferentes trabalhadores... seu Chiquinho, nossa. Então era interessante como isso ia acontecendo e eu acho que era um espaço muito vivo da fábrica, as assembleias e o conselho de fábrica.

**Entrevistador:** Legal, Ale. É... cê comentou a parte desse cotidiano aí, dos trabalhadores, das tomadas de decisão. Cê tava lá praticamente, né, sempre estava lá. Como que cê percebia que era esse cotidiano dos trabalhadores? Assim, do ponto de vista mais prático assim.

**Alexandre:** Eu acho que...

**Entrevistador:** Em relação a patronal.

**Alexandre:** É. Então, com todo o respeito, né, e com toda a humildade, eu não... não sou um operário. Sou de origem pequeno burguesa, um advogado com uma série de privilégios, né? Mas foi muito interessante vivenciar isso. Eu sou um privilegiado, eu devo a minha vida à Flaskô. Tudo que eu sou, tudo que eu aprendi é graças à Flaskô e é um privilégio tudo que eu vivenciei isso. É... mas sempre foi muito difícil, sempre foi muito dolorido, sempre foi muito sofrido. Por um lado, e aí os relatos dos trabalhadores que viviam essa condição operária e essa vida anterior falando assim “é muito bom não ter o chicote do patrão, é muito bom a gente ter autonomia, a gente saber que a gente tem que fazer aqui bem feito porque é um coletivo, a gente quer que a Flaskô funcione bem, que a gente melhore. Eu quero entender todo o processo produtivo, eu quero comprar nas melhores condições, vender nas melhores condições, quero entender que o movimento tem uma luta política, eu quero que uma outra fábrica seja ocupada como foi... como a gente fez”. Então isso era sempre muito... muito vivo, muito real. Então cê sentia isso no clima. Por outro lado, é, sempre foi um peso muito grande, porque sempre foi tudo muito difícil. Então, por exemplo, eu vi, ó, chegou um oficial de justiça. Nossa, mais um. Nossa, é mais um leilão. Tá registrado, a gente ia pra frente do fórum, fazia, né. Se arrematar não vai levar, que se levar vai desempregar uma força, uma... Ao mesmo tempo, assim, muito injusto. Muito injusto, por que que a gente tá pagando a dívida do patrão? Por que que a gente tá vivendo nessas condições? Por que que...? Então tinha vantagens dos trabalhadores, reduzir a jornada de trabalho sem redução de salário, num... tudo era conversado. Então, assim, eu vou precisar faltar amanhã, não precisava nem dizer o porquê. Que fábrica que faz isso? Falava, ó,

pô, alguém pode trocar pra mim? Vou... eu preciso... eu não tô bem, preciso resolver um negócio, eu tô me separando da minha esposa, eu tô com problema do meu filho, eu preciso... tudo era conversar. Isso da jornada, a gente tem a dimensão do que é... Depois que a gente conseguiu reduzir, era seis horas diárias. Então, o peão falava assim “eu tô saindo aqui da minha casa, eu vou de bicicleta, eu vou a pé, eu trabalho seis horas. O meu vizinho trabalha doze horas. Eu trabalho há dez horas. Ele pega um fretado, ele pega o busão, ele vai ter que se matar ir na moto, na correria”. A maioria lá trabalhava perto, era do bairro, é a Vila Operária. As pessoas falavam assim, é óbvio que a minha condição de vida tá melhor nesse sentido, que eu consegui manter a carteira de trabalho assinada. Depois a gente olha os resultados, né? Muita gente conseguiu aposentar por conta de todo esse tempo que manteve a carteira assinada. O aprendizado coletivo da luta, seja na dimensão política, transformou as nossas vidas, mas também assim, as condições objetivas e materiais, mesmo que nunca foi fácil, é melhor. A Flaskô, ela criou essa noção de pertencimento, mesmo com disputas, com brigas, com decisões em assembleia. Dou sempre um exemplo, 2008, a crise econômica mundial reflete na Flaskô, e fábricas tavam demitindo. Lembro até hoje, o seu Josias virou, trabalhava na segurança, na portaria, ele virou na assembleia, ele falou “ah, se as grandes fábricas tão demitindo, a gente tem que demitir aqui também”. Imagina o, né, o pau comendo, tal. E aí, eu lembro que eu peguei assim, eu achei que eu fui, fui bem ali de... falei “ah, então, tá, seu Josias, é, é verdade, é uma solução, é uma solução que a gente pode adotar. As fábricas capitalistas tão fazendo isso. É, como que a gente decide isso? Porque então eu queria sugerir que começasse pela demissão do senhor e a minha. Vamo nós dois ser demitido”. Ele falou “não, tem que demitir... tem setor vagabundo, tem setor que tá sobrando”, tal. Então o pau comendo da, do melhor... nunca, é... não deixava de ter os confrontamentos, as disputas, mas era um processo pedagógico de aprendizado e ao mesmo tempo de solidariedade, como é que a gente resolve, como é que a gente lida. Então, processos riquíssimos, realmente, que é... fez da Flaskô a experiência mais longeva dessa perspectiva de luta política da... do conjunto da classe trabalhadora e uma experiência riquíssima nesses aprendizados. Mesmo com todas as dificuldades, um ambiente respeitoso, carinhoso, de solidariedade, de irmandade... que o relato dos trabalhadores operários, comparando com a gestão patronal, comparando com outras fábricas, com outras vantagens, a gente sempre usou como parâmetro ali que era do lado, a 3M, a Honda, é... comparações, né? E eu, na minha vivência, é a experiência mais rica de trabalho, de solidariedade, de empatia que germinou assim de entender como... como ter essa relação com companheiros de luta, de vida cotidiana ali.

**Entrevistador:** Ale, é... quais os principais momentos da... da ocupação?

**Alexandre:** É. Eu... eu acho que assim...

**Entrevistador:** Foram muitos, né?

**Alexandre:** É. Eu acho que assim, tem algumas chaves assim, né? Acho que o momento da ocupação da Cipla em outubro de 2002, Cipla e Interfibra, e depois a Flaskô em 2003 sem dúvida. Eu não vivenciei, eu acompanhei como militante um pouco distante, estudante, tal. Quando eu entrei, eu sempre conto esse dia, acho que essa questão da Deslor ter ocupado em Itapevi antes de ter entrado na Flaskô é uma marca muito importante, porque era isso que eu ia fazer depois, né? Eu acho que a intervenção depois, no trinta e um de... de julho é um marco do movimento. É... eu acho que antes, em oito, nove e dez de dezembro de 2006, que é a redução da jornada de trabalho sem redução de salário, de quarenta pra trinta horas, pra seis horas diárias na Cipla no encontro da conferência é emblemático. As conferências em Brasília, as reuniões, as marchas à Brasília, né? Audiência pública com Vicentinho, é... em Brasília. Eu acho que esses elementos políticos dessas outras ocupações pra minha formação e pra luta geral, mas pra mim foi muito forte. Essa relação com a Ellen Metalúrgica em Caieiras, tive muito presente. Tive um privilégio de ir pelo movimento, né, fiquei seis meses morando na Venezuela e acompanhei as fábricas ocupadas de lá, ajudei num processo de construção das fábricas ocupadas no auge do... do chavismo ali, né? É... de junho a dezembro de 2007, foi uma vivência muito grande. Eu acho que são momentos chaves. Cada ato na frente do fórum, né, com os leilões de máquinas, o confrontamento na Cipla, que teve com o molde da... da Volvo. Depois, quando teve o corte de energia na Flaskô, depois da decretação da falência, que a gente reverte em uma semana com uma mobilização gigante. Foi um negócio fantástico quando a gente reverte a decisão em 2010 da falência e a gente reverte isso, né? É, a construção com a Vila Operária, atos de luta da Vila Operária, os festivais culturais. Então eu acho que são alguns ganchos que a gente pode falar desses momentos, né, que a gente conseguiu realizar, proporcionar... mesmo a rádio Luta, né, então, como que a gente relacionava essas dimensões, a construção do jornal *Atenção*. Momentos difíceis dessas decisões que eu pontuei antes aqui na entrevista da assembleia, do conselho de fábrica, decisões difíceis que marcavam, né, é... todos nós, né? É uma vivência muito intensa, então, realmente, tava todo dia vivendo intensamente, né, é, refletindo sobre as questões da Flaskô, produzindo também, né, materiais,

debates, indo pra outros lugares. Acho que essa é uma construção contínua, é uma marca grande aí da nossa atuação lá.

**Entrevistador:** Ale, as duas últimas... Quais as perspectivas futuras para os trabalhadores da Flaskô?

**Alexandre:** É, o último documentário feito da Flaskô, que foi feito já no governo Temer, ele tem uns... A Flaskô tá produzindo sob controle operário, governo Temer, e tem quase que uns atos falhos ali, onde a gente se fala muita coisa no passado. A Flaskô tava produzindo, mas a gente já vislumbrava que não tinha a perspectiva de continuar, porque a gente tinha um governo Temer, depois vai ter o, imagina, o governo Bolsonaro. Uma dificuldade econômica muito grande, uma dificuldade da produção, dificuldade de salário, matéria-prima muito cara, dificuldade de mercado, coisa que a gente nunca tinha sofrido, e um cansaço dos trabalhadores, legítimo, porque os trabalhadores usaram sempre uma frase que pra mim sempre foi muito forte de ouvir. Fala assim: quem é que sobra numa fábrica ocupada? Quase que uma coisa, né? Quem é que sobra numa fábrica ocupada? São os trabalhadores mais velhos, com a idade mais avançada, com dificuldades de reinserir no mercado de trabalho, com baixa escolaridade formal e que tavam mais próximos, morando na periferia, ali na precariedade de Sumaré. Então, é, esses trabalhadores envelheceram ao longo do tempo, né? O Pedro era um molecão de tudo quando ocupou, eu era um molecão advogado recém-formado e foram dezesseis anos e meio sob controle operário, produzindo. Então, eu acho que o corte de energia em doze de novembro de 2018, numa conjuntura onde a gente faz a reunião com a CPFL, quando corta e quando a gente chega pra reunião, já tá todos gerentes lá, todo mundo que a gente fazia a reunião. Todo mundo preparadinho, sentadinho, aí no que a gente se senta, a primeira coisa que ele vira pra nós e fala “a conjuntura mudou”. Então, tava dado a situação, com duas viaturas da polícia lá fora, e a gente nem foi pra ocupar nada. A gente chegou lá só com um carro, eu, Pedro, acho que o Chaolin e o Carlão. A gente vai pra reunião e eles tinham mandado já uma nota à imprensa então divulgando “cortamos a luz”. A gente já tinha conseguido juridicamente segurar seis meses antes, então a gente tava numa situação que não tinha essa perspectiva. Então foi muito difícil o baque do corte. A gente tava trinta e cinco trabalhadores, então já num número muito menor, com dificuldades, a gente já tava com a fábrica parada ou instável nos últimos dez, doze dias. Um dia ligava, produzia, no outro dia não, no outro... já tava muito ruim. A gente mantém o controle da produção ali, é, com muita gana, tal, mas com uma dificuldade objetiva. Corta, a gente toma já essas porrada da CPFL, a gente não tem margem

jurídica, politicamente um desastre, né? Que que a gente vai fazer? Governo Bolsonaro, governo Dória, sem perspectiva no plano municipal, sem perspectiva jurídica, tal. A gente consegue segurar até março do ano subsequente. É... até, acho que é dezesseis, dezessete de março de 2020... 2019. Março de 2019, a gente faz uma assembleia ao ingresso da ação de falência. É um pedido de autofalência pelos administradores, os síndicos lá da massa falidos, administradores judiciais por Joinville, uma manobra jurídica absurda, a gente ainda recorre e tal, mas a gente viu que o cerco se fechou e que tava insustentável. E aí, em março a gente toma... a gente faz uma assembleia na fábrica e a gente toma a decisão que a gente não ia mais lutar pela retomada naquelas condições, que a gente avaliava com a bandeira erguida de que era uma luta histórica, fantástica, mas que a gente não tinha mais condições objetivas e materiais pra reverter. Que a gente tinha sido derrotado e que... nessa batalha, e que a guerra ia continuar do movimento e tal, e que a gente tinha que traçar algumas estratégias. Primeiro, garantir que todo patrimônio fosse pra pagar os processos trabalhistas e garantir que não tivesse retrocesso na Vila Operária, porque com a falência, na inicial do pedido de autofalência falava em reintegração de posse da Vila Operária, das moradias. Então a gente batalhou pra garantir... ter esses dois grandes pontos, garantir que o patrimônio fosse garantir todo o processo trabalhista e que não tivesse, é... perda na Vila Operária. E esses dois grandes objetivos a gente tem tido êxito. Na Vila Operária, a gente conseguiu garantir que não tivesse reintegração de posse, conseguimos regularizar e foi uma batalha enorme de 2018 pra cá. De março de 2019, com o corte de luz em 2018, então a gente conseguiu garantir isso na Vila Operária. E é uma luta fantástica, ninguém que pagou um real pra ter a moradia lá, conseguimos garantir a regularização com infraestrutura que tá na reta final, mais o título de propriedade, um movimento de luta fantástico ali da Vila Operária. E do processo trabalhista foi uma dedicação muito grande, né, a gente fez muita coisa, fiz muita coisa, que foi garantir que todo o patrimônio fosse garantido pro processo trabalhista. É muito ruim, porque é muito sucateado, a dinâmica temporal, né, então demora, é um processo muito moroso, foi uma briga muito grande, mas a gente conseguiu garantir que no juízo trabalhista de Sumaré amarrasse com o processo lá da falência, que juridicamente é o juízo universal, ele puxa todas essas pautas, né, ele puxa o processo, é... e tá todo mundo devidamente habilitado pra lá e agora tá na fase até do leilão. Então a resposta é, conseguimos garantir a vida operária, os trabalhadores são trabalhadores que se eu na fábrica entrei muito novo, minha vida se constituiu lá etc, pros trabalhadores mais velhos conseguiram aposentar, todos os trabalhadores conseguiram aposentar, com exceção que agora tá na reta final pro próprio Chaolin e pro compadre João, que ficaram na portaria durante todo esse período, assim como outros, né, que foi revezando, montaram uma escala,

que a gente manteve alguns vínculos ali, né, de ter as reuniões, assembleias, a gente foi tentando permanecer alguma sociabilidade. A gente gostaria muito. É possível do Governo Federal arrematar e comprar no leilão e poderia fazer tanta coisa lá, pode fazer uma cooperativa de reciclagem no galpão de baixo, pode fazer uma... uma atividade fabril lá, pode fazer uma escola técnica, pode fazer um centro cultural, pode fazer um restaurante com a cozinha solidária, pode fazer um centro de distribuição do MST. Nós apresentamos todos esses projetos, nós apresentamos possibilidades de uso social, que é o que mais nos angustia, de garantir que aquele espaço tenha um uso social. Na pior das hipóteses, ele vai ser arrematado por uma empresa e vai virar uma outra empresa que gera emprego, que tenha... a gente lutar lá pra que esses trabalhadores, né, tenham seus direitos, vai... a gente vai brigar por aquele espaço ser o melhor possível. Nós queremos muito que a parte ali do casarão ali vire um centro de memória, nós apresentamos esse projeto, queremos que viabilizasse isso, né? Isso não se perdeu de vista, mas hoje, objetivamente, não dá pra fazer o que antes foi a luta pela desapropriação, pela adjudicação, porque precisa ter a contrapartida financeira. Então precisa hoje comprar por 24 milhões de reais, que é o valor do bem imóvel que tá pra leilão nesse segundo semestre desse ano de 2024. Já foi vendido todos os bens móveis, falta uma máquina a ser retirada, mas ela já foi vendida, e hoje não tem um fio de cobre na fábrica. A fábrica, é... ela precisa ser completamente recuperada na sua estrutura, por isso que inclusive pode ser que ela seja demolida e vira um... um empreendimento do Minha Casa Minha Vida, por exemplo, que tem setores de construtoras sondando ali, porque o bairro todo se constitui em volta, pode virar também um aspecto ali residencial e não necessariamente fabril, né? Enfim, então, a gente tá acompanhando isso com muita dificuldade, porque todo mundo foi tocar um pouco a vida com outras dimensões. Os trabalhadores operários ali mais velhos cuidando da vida, aposentados e tal. Outros trabalhadores que já tinham saído antes, e em termos de militância, o Pedro foi pra São Paulo, tá tocando a vida de outra maneira, eu também fui atuar em outros movimentos sociais e fazer outras coisas, e a gente vai acompanhando um pouco com uma tarefa muito árdua, em especial do Chaolin ali coordenando com os trabalhadores que decidiram, né, permanecer ali na portaria preservando esse patrimônio ainda da fábrica. É uma condição difícil de relação com os administradores, eu acompanho quinzenalmente ali e faço esse meio de campo com os administradores até hoje.

**Entrevistador:** Ale, a Neusa respondeu essa pergunta falando que a Flaskô é uma potência e todos... o poder público tinha medo da Flaskô. E aí eu te pergunto, o que a Flaskô representa pra você?

**Alexandre:** É, eu falei pessoalmente e emocionado sinceramente aqui que a Flaskô é a minha minha vida. Tá tatuada na perna e... [riso] A Flaskô é a base assim, porque eu acho que... dos valores, da luta, de ter formado etc. Concordo com a Neusa no sentido político, quer dizer, a Flaskô é uma potência, porque se a gente fala que a gente tem que dar uso social pra tudo, a luta de moradia, ocupação de cultura, a ocupação dos estudantes, ocupar a reitoria, tanto... imagina pro capitalismo o que é ocupar uma fábrica. E não é atoa que a intervenção tem lá na sentença que eu sempre falo, né, que em meio ao latim, juridiquês, vai lá e diz, ao permitir que os trabalhadores se organizem pra ocupar as fábricas, estar-se-á desrespeitando o estado democrático de direito, imagina se a moda pega. Isso tá na decisão judicial, porque é isso, imagina se os trabalhadores começam a se organizar como a gente fez. Como a gente vai em cada fábrica e fala, se a gente tem seis horas, uma fábrica arrebentada, por que que cê trabalham aqui dez horas? Se a gente consegue pagar o piso da categoria química, por que que na outra fábrica não? Se a gente não tem terceirizado, por que que nessa fábrica tem terceirizado? Se a gente consegue organizar democraticamente a produção, por que que vocês não conseguem? Por que que nas outras fábricas não é assim? Então, essa potência da Flaskô é gigante. A Flaskô conseguiu trabalhar muito bem a dimensão da cidade, a dimensão local. Falei do jornal Atenção, da rádio Luta, da ocupação de moradia, dos festivais culturais, essa dimensão de pertencimento, uma verdadeira comuna como um espaço pra ser ocupado, e é óbvio que isso incomoda. Quantos galpões abandonados estão por aí? Quantos espaços dá pra ter esse uso social pra moradia, pra fins culturais, educacionais, espaços de sociabilidades? Então, a Flaskô é uma potência. E ela... eu acho que tá em disputa, então eu falei assim, qual é a perspectiva da Flaskô? O cenário objetivo é esse que eu descrevi na pergunta anterior, mas eu também digo assim, ainda tá na pauta as ocupações de fábrica? Ainda o movimento tem como se constituir? Ainda existe o Movimento de Fábricas Ocupadas? Eu defendo que sim, porque é uma pauta, e essa pauta não tá presente? A gente não tá no capitalismo, a gente não tem fábrica, a gente não tem o desenvolvimento? Qual o nível de tecnologia nas grandes fábricas? Não é possível reduzir a jornada de trabalho sem redução do salário? Não é possível que os trabalhadores tomem as fábricas? E a gente fala, bom, com esse nível de tecnologia a gente pode trabalhar duas, três, quatro horas cada um e garantir mais emprego. Defendo inclusive que uma política de geração de emprego, é... pra pensar um pleno emprego, pra... os trabalhadores têm que ocupar as fábricas e isso tem várias dimensões. A fábrica mais tradicional do ramo químico, metalúrgico... mas vários, tem um grande debate sobre os trabalhadores aí, né, de plataformas. É, não é possível ter uma plataforma estatal sob controle

dos trabalhadores, autogerida, que possam ter essas dimensões? A produção de alimentos com vínculos, com toda uma cadeia produtiva. No ramo plástico, cê pode fazendo desde a extração, né, de outros... dos elementos, dos componentes, de extração do petróleo, dos produtos químicos pra toda uma cadeia produtiva, trabalhando logística reversa e reciclagem. Num dá pra você ter outras... Tudo pra dizer que eu acho que a Flaskô e as fábricas ocupadas, elas são germes, então a Flaskô num... ela num é... a gente num deve enxergar como algo que se encerrou, ela tem a sua dinâmica nesse momento. Tem outras fábricas, tem outros processo, você mesmo conhece, Abner, né, da Argentina, processo que foi e voltou da Venezuela, processos de luta que tão acontecendo em outros lugares, experiências de... que dialogam nessa autogestão, trabalhadores que, é, apontam uma perspectiva de luta. A luta mais geral, na perspectiva revolucionária, de questionar qual esse modelo de Estado, como é que a gente discute o que é hoje a estatização sob o controle dos trabalhadores, eu acho que segue super presente. E a experiência da Flaskô, ela traz essa dimensão, o Movimento das Fábricas Ocupadas traz isso, por isso que ela deve ser ainda objeto de estudo, ela deve ser, é... uma... um objetivo político do conjunto da classe, da luta dos sindicatos contra o fechamento de fábricas, contra o desemprego, pelo avanço de direitos e eu acho que a gente tem que trabalhar bastante isso.

**Entrevistador:** Brigado, Ale. Valeu mesmo.

**Alexandre:** Valeu cara.

**Entrevistador:** Ótima entrevista.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

## [INÍCIO DA PRIMEIRA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** Tudo bem. Boa noite, estamos no dia dez de julho de 2024. Estou com Pedro Santinho, liderança do Movimento das Fábricas Ocupadas no Brasil e da Flaskô. Tudo bom, Pedro?

**Pedro:** Tudo bem, Abner.

**Entrevistador:** Primeiramente, Pedro, é, conta um pouco da sua trajetória antes da Flaskô, que que você fazia, qual... a sua história, um pouquinho, um breve histórico da sua vida antes da fábrica.

**Pedro:** Antes da fábrica, é... Antes da fábrica eu estudava, né? Fazia... primeiro eu fiz Psicologia, depois, na época da fábrica, eu fazia Ciências Sociais na UNICAMP e... militante do Movimento Estudantil. E também trabalhei no banco, trabalhei no Banco do Brasil e no Conselho de Engenharia. Então eu dividia o meu tempo entre essas três atividades, trabalhava, militava e participava de alguma maneira do movimento estudantil também.

**Entrevistador:** Massa. E como começou a sua história com a fábrica?

**Pedro:** Então. A parte pessoal minha começou com a ocupação da Cipla em 2002, que lançou uma campanha nacional, que você deve já ter lido sobre isso, após a vitória do Lula pela estatização da fábrica Cipla e também da Interfibra, que tavam ocupadas naquele momento. E nessa campanha nacional, no ano de 2003, com o Lula já eleito, a gente preparava na região de Campinas o congresso do... da CUT. E, em maio daquele ano de 2003, houve um... uma campanha salarial emergencial da categoria química por conta das defasagens e dos arrochos do... dos governos anteriores, do governo FHC. Então a categoria química teve uma campanha emergencial, porque a campanha química é em outubro, campanha salarial. Nesse ano foi em maio, exatamente no mês da preparação do congresso da CUT. E eu, em apoio à categoria química, participando das assembleias, tomei contato com os dirigentes do Sindicato dos Químicos de Campinas, em particular o Valdir na época, que era diretor, em seguida o Arlei, que também era diretor, e, junto com eles, nas portas de fábrica, a gente entrou em contato com trabalhadores da fábrica Flaskô, que tavam com meses de salários atrasados, FGTS e tudo. E a

gente preparou nesse período aí, entre abril e maio, o diálogo... é, fora da fábrica da Flaskô, teve reunião em igreja, mesmo no sindicato pra discutir o que fazer com... com a luta ali, né, pela defesa dos empregos. Somado à campanha pela estatização da Cipla e da Interfibra, a gente juntou os movimentos, que na época foi a campanha Nenhuma Demissão, Fábrica Quebrada É Fábrica Ocupada, e, dialogando com os trabalhadores da Flaskô, preparamo uma assembleia no retorno da caravana que teve à Brasília em junho de 2023. No retorno da caravana da Cipla e da Interfibra, a gente já tinha preparado, eu em particular participei de todo esse processo, algumas assembleias na Flaskô do lado de fora, e no retorno da caravana a gente fez uma assembleia já dentro da fábrica, decidindo aí uma pauta de reivindicações, que se concentrava inicialmente na defesa dos empregos e no controle operário. É... elegeu uma comissão de fábrica e aí... aí a segunda parte. Então o meu processo foi nesse processo de articular a ocupação da fábrica.

**Entrevistador:** Legal. E no livro lá da... da Camila Delmondes conta bastante, né, seu papel, aquele processo inicial, né, da sua trajetória. E até que... até que o pessoal te efetivou lá na fábrica, conta um pouquinho dessa história, Pedro. Como... cê trabalhava lá, depois que o pessoal que te efetivou e te... [riso]

**Pedro:** Interessante que você vai fazer uma... [riso] Eu não li o livro recentemente, né, então você vai fazer um papel de história oral escrita aí. [riso] O processo foi, é... a gente ocupou a fábrica, na verdade... teve adesão da... pela ocupação da fábrica, a gente chama posteriormente, passou a chamar imediatamente, posteriormente, de ocupação da fábrica, mas efetivamente a assembleia foi uma assembleia que decidiu pelo controle operário da produção e pra luta... e pela luta por todos os empregos. Inclusive, a gente tirou uma carta e entregou pro dono da fábrica em Santa Catarina com essa pauta. É, ocorre que, imediatamente, como teve adesão de todos os trabalhadores, a gerência já tinha abandonado a fábrica há alguns meses, um mês, dois, uns três meses antes, acho que em fevereiro, se não me falha a memória. É, já... já passam de vinte anos, então a memória vai se perdendo, né? Ainda bem que tem escrito o livro da Camila aí, que dá pra cotejar as datas. Mas, é... Então, no dia seguinte da assembleia que decidiu pela... pela retomada da produção, controle operário e luta por todos os empregos, e adesão à campanha pela estatização da Cipla e da Interfibra, é, a gente foi, né, pôr a fábrica pra funcionar. E nesse processo de colocar a fábrica pra funcionar, diante do fato que teve adesão de todo mundo, tinha um conjunto de trabalhadores que aderiu em função... vou falar isso vinte e dois anos depois, da pressão do desemprego e também da, ali da pressão

dos trabalhadores mais avançados que queriam mesmo ocupar a fábrica. Então teve uma adesão, vamos dizer assim, de um setor de direita da fábrica, pra usar um termo fora do contexto. É, então, pra fazer a fábrica funcionar nos primeiros dias e semanas, é... como eu não trabalhava ali na fábrica, eu fui muito procurado e demandado pelos trabalhadores que não tinha experiência alguma, né, em... o que podia, o que não podia decidir fazer com o produto do, ali do trabalho, com o produto da venda, né, com o dinheiro efetivamente da fábrica, pra que devia ser. E a gente havia decidido uma lista de prioridades, que começava pelo salário, é, passava por matéria-prima e energia, um critério que a gente manteve durante muitos anos. É, então eu fui demandado pelos trabalhadores pra auxiliar, pra ajudar, pra pensar, finalmente, inclusive, pra efetivar esse processo do controle operário na fábrica, porque, embora do ponto de vista prático cada um soubesse exercitar e fazer o seu próprio trabalho, havia muita dúvida, ah, o que que eu posso fazer, não posso fazer, como que faz e tal. Então eu fui muito demandado e passei a trabalhar permanentemente na fábrica. Nesse... nesse período assim, eu fazia imediatamente essa... esse aconselhamento, vamo dizer assim, de quem era o conselho de fábrica eleito naquele momento. É... e já nesse... acho que, talvez em julho, a... o movimento nacional, a Cipla e a Interfibra decidiu lançar a preparação da primeira conferência nacional em defesa dos emprego, dos direitos e tal. E eu fui chamado a preparar na região de Campinas, é... essa conferência, que seria em Santa Catarina, mas a gente, né, tava articulando ali outras fábricas que se... que se organizavam nessa luta ali, porque tava quebrando também e tal, e tava na Flaskô permanentemente. Então, é... esse trabalho meu, ele permanente, de um lado, preparar a conferência nacional, que a gente decidiu fazer um abaixo assinado em Sumaré pela defesa da fábrica pra ter um respaldo popular na cidade e uma pré-conferência na cidade de Sumaré, que se eu não me engano foi em torno de setembro. É, não lembro agora, vinte e poucos de setembro. Então, na preparação dessa conferência, eu também passei a tá cotidianamente na fábrica e nesse cotidiano da fábrica eu era um... ele não tinha como contornar o fato que tanto ali os trabalhadores me consultavam. Ah, Pedro, tão vendendo produtos e não pagaram o salário. É... Tão... tão pagando dívidas antigas e a gente decidiu que não era pra ser feito isso. Então, de início eu fui mediando isso, e essa própria mediação de apoiar os trabalhadores do chão de fábrica em relação à... à coordenação ali de cada... principalmente a parte financeira, administrativa, eu fui chamado a um lugar de maior responsabilidade, que gerou inicialmente ali no, na primeira quinzena ali um conflito, porque eu também formava o processo que se passava aqui em Sumaré a Santa Catarina, né, a coordenação do movimento, então gerou um conflito e tal, que depois levou... na minha contratação no futuro, primeiro por Santa Catarina e, depois, diretamente pela fábrica pra tá

trabalhando ali cotidianamente nessa função de fazer a fábrica funcionar sobre essa bandeira, né, do controle operário, da transparência, do cumprimento das decisões de assembleia e tudo mais. Então, foi um pouco isso resumido no futuro aí.

**Entrevistador:** Beleza. Nesses quinze anos da fábrica funcionando, Pedro, como que cê avalia assim o cotidiano? Como que era o cotidiano assim? Teve etapas desse cotidiano, como é que foi isso?

**Pedro:** Difícil, Abner. É, sem dúvida alguma foram processos, é... que tiveram idas e vindas, que é um período muito longo, né, se a gente parar pra pensar aí, a gente passou por todos os governos do PT, né? Nós passamos pelos dois governos Dilma, pelos dois governos do Lula. Então, é um período politicamente bastante amplo e, por isso mesmo, diverso, né? É, do ponto de vista do cotidiano, tem algumas etapas aí. A primeira etapa é a insegurança permanente da fábrica de início, com a hipótese que tava sempre na cabeça de todos, que o proprietário, o patrão ia conseguir a qualquer momento uma reintegração de posse. Então essa insegurança, ela perpassava o cotidiano no início muito forte. Depois isso foi se naturalizando como uma... uma insegurança improvável, mas sempre uma insegurança. Depois teve um outro momento, no final de 2003, que virou um cotidiano de preocupação com a questão da energia elétrica, que perdurou até o final e foi o que levou ao fechamento da... e a paralisação da produção... quatro mandatos presidenciais depois aí, com... na eleição do Bolsonaro propriamente. É... mas o cotidiano era um cotidiano, de forma geral assim que passou todo período, um cotidiano de muito diálogo, de muita conversa e por isso, mesmo assim, com... com conflitos, né, porque as relações cotidianas, inclusive pra dar um exemplo bem claro, inclusive familiares, né. Se a gente pensar numa família mesmo, ao longo do tempo sempre há conflito, né? Então... mas tem essas fases, né? Depois tem uma fase importante, que é o período... depois que a fábrica teve em 2007 a energia cortada, mas com essa retomada que o Brasil passa por uma fase econômica diferenciada, que é o pequeno boom brasileiro, que vai aí do ano de 2008, 2009, 2010 até 2012, que a fábrica entrou numa situação muito melhor do ponto de vista financeiro, que era reflexo da própria economia brasileira e do seu desenvolvimento e tal, que também muda um pouco o cotidiano, né? E depois no final, pós 2014 sobretudo, o Brasil entra numa... numa nova situação política aí complicada, que vai levar ao golpe contra a Dilma e que também tem repercussões na vida econômica do país, né, o que também se refletiu no cotidiano da fábrica, né? Mas a fábrica passou por vários processos, então as pessoas às vezes me perguntam “como que era o conselho de fábrica?”. Teve conselho de fábrica de todo tipo. Teve conselho

de fábrica por... com representações por setor, dois por setor, teve três por setor, teve por horário... Nesse longo período aí, passou por várias fases diferentes, eu não sei qual que é o seu interesse em... no detalhamento disso, né, isso talvez a gente precisaria ir aos próprios documentos assim pra... pra detalhar melhor. Do cotidiano é isso, é muito atravessado pela insegurança da existência da fábrica sobre o controle dos trabalhadores, que sempre foi uma dificuldade muito grande em função de ameaças aí, primeiramente de corte de energia e depois de leilão da fábrica, leilão de máquina, de equipamentos, é isso.

**Entrevistador:** Cê comentou do conselho de fábrica, como que era composto, cê falou que teve várias, várias dimensões, né, vários formatos, mas como que era tomada as decisões na fábrica? Qual que era assim a forma que vocês costumavam tomar as principais decisões?

**Pedro:** A forma, pra explicar assim de forma curta, mas tentando ele sintetizar a experiência. A gente, inclusive, tem várias pesquisas inclusive aí, que o pessoal da ANTEAG, o Flávio Mendes fez e tal que confirmam isso que eu vou dizer. É... primeiro a gente tinha assembleias mensais, né, o que nesse mundo da autogestão, do cooperativismo e se a gente quiser ampliar um pouco, inclusive das empresas recuperadas pela América Latina assim, é um tanto de assembleia demais. A gente faz é muita assembleia, nós tínhamos assembleias mensais e muitos períodos inclusive assembleias quinzenais de turno. Então, nessas assembleias a gente tirava resoluções gerais, né, então... por exemplo, prioridade de... de pagamento do salário, é, prioridades de pagamento de matéria-prima pra fábrica continuar produzindo, é... [corte no áudio de 16:20 a 16:26] a gestão operária, é... regras pra... pra contratação de novos trabalhadores por exemplo, né, que a fábrica contratou novos trabalhadores, regras pra... pro deslocamento de trabalhadores que estavam adoecidos na época patronal e pelo sistema de alta programada do INSS retornaram à fábrica depois da fábrica ocupada pelos trabalhadores. Então a gente tinha decisões ali gerais de realocar trabalhadores, que era proibido perder qualquer vaga de emprego que fosse porque o trabalhador num tinha mais possibilidade de desenvolver aquela tarefa, por exemplo, ser operador de máquina. Então a gente não podia perder aquele trabalhador, então ele tinha que ser deslocado. Essas regras eram decididas em assembleia. Essa assembleia também elegia o conselho de fábrica, que, como eu falei antes, teve formatos diferenciados. O conselho de fábrica tinha normalmente reuniões semanais. É, em paralelo, é importante entender a função do conselho de fábrica, porque a gente vê nessa experiência, principalmente de autogestão, de cooperativismo isso ocorrer por exemplo com catadores, é, ou mesmo na parte rural, né, em que a divisão do trabalho, ela é pouco existente, se na verdade

ela às vezes nem existe. E na fábrica... numa fábrica propriamente, isso é mais do que natural porque isso é fruto da própria divisão do, ali do trabalho. O... um técnico de qualidade, ele tem uma determinada formação que demora um período pra ter isso, então você não consegue formar isso imediatamente. Um eletricista e tudo mais, então a gente tirou um funcionamento da fábrica, que ela tinha coordenadorias e essa divisão do trabalho, que é o funcionamento cotidiano da fábrica, é... num é um funcionamento muito distinto de uma sociedade anônima, que tem lá as suas gerências e as suas diretorias, e tem uma comissão de fábrica, que ela tem decisões políticas de ordem... de regras, né? Então o conselho de fábrica, ele não era o gestor cotidiano da fábrica, ele era como se fosse um... um conselho da Petrobras, o conselho ali da Petrobras vai lá e decide, como fez agora no governo Lula, que vai manter uma política de preços da gasolina que não segue exatamente a paridade dos preços internacionais. A gerência executiva da Petrobras que faz isso na prática, mas é o conselho ali da Petrobras que faz essa orientação geral. Então, por exemplo, a Petrobras decidiu agora no seu conselho administrativo que vai investir em fertilizante. O conselho ali da Petrobras da época do Bolsonaro decidiu que ia vender as suas empresas de refino. O conselho da fábrica era mais ou menos a mesma coisa, a gente decide, ó, nós vamos produzir, é, peças de duzentos litros, nós vamos produzir com material reciclado porque é mais barato, é mais fácil de pagar, é... e a gerência da fábrica, que a gente renomeou de coordenado... de coordenação, mas a função é uma função de, ali de gerência, né, mas existe um peso popular e nos trabalhadores do nome gerência, então a gente mudou. É, mas tinha a função ali de gerenciar o trabalho. Que que é gerenciar o trabalho? Você precisa... a produção na fábrica, ela é diversificada. Você produz peça preta, peça azul. Você vende cinquenta peça azul, cinquenta peça preta, tem datas pra entregar e tal. Um planejamento da produção, ele faz a decisão, e aí de cima pra baixo, de como é a melhor forma otimizada e eficiente pra fazer essa produção, e isso é uma decisão de gerência. O que o conselho de fábrica faz é, opa, essa decisão num tá eficiente ou tá eficiente, essa decisão tá gerando, por exemplo... Isso a gente discutiu bastante, por exemplo, no conselho de fábrica, pra atender determinados clientes fazer a troca de cor das peças com muita frequência. Quando você troca da peça preta pra azul, sai muita peça com cores misturadas, azul e preta, então cê perde essas peças. O conselho de fábrica fala, não, a orientação é aumentar a eficiência, não pode... tem que fazer o mínimo de produção de tantos dias. Então o conselho de fábrica tinha essa função mais política administrativa do que... do cotidiano de gestão. Mas teve pequenas alterações, às vezes quando tem mais problemas, o conselho de fábrica adota posições mais detalhistas nas suas, é... nas suas intervenções, nas suas medidas e tal. É um pouco isso.

**Entrevistador:** Interessante, Pedro, bem esclarecedor sua fala sobre o conselho de fábrica. Eu queria tocar num ponto, que cê comentou aí do pessoal da cooperativa, da autogestão. E como que cê avalia a pauta da estatização sobre o controle operário? Você acha que foi correto, você acha que cês deveriam ceder pra cooperativa, qual que é o balanço que cê tem dessa pauta, da estatização sob o controle operário?

**Pedro:** Pergunta difícil essa pra responder de forma breve. É, eu não, eu não tenho dúvida que a pauta foi correta, é... inclusive, vinte anos depois eu posso dizer que, mais do que ter sido correta, a história confirmou que ela foi correta. Se você pegar as histórias, talvez você tenha mais informação hoje do que eu, mas a... as histórias de recuperação de empresas, isso vale pro Brasil e pro mundo, é que, sem essa pauta, a maior parte dos movimentos perderam ou perderam-se no processo e no caminho. Ou no sentido de perder-se, no sentido que os trabalhadores transformaram-se nos seus próprios algozes, levando a diminuição de quem tava na fábrica pruma discussão só da viabilidade da empresa, então a gente... eu não vou nem dar nomes aqui, mas a gente tem vários exemplos desse tipo no Brasil, que, é, na ideia muito etapista de falir a empresa, entrar com um processo, tentar uma... um arrendamento, locação via processo de falência e lei de recuperação, o que os trabalhadores que tomaram a decisão pelo caminho que não é o da estatização, eles ao despolitizarem o tema e desresponsabilizarem o governo, eles perderam-se os trabalhadores e a maior parte desses processos todos se acabaram, porque nem conseguiram ter trabalhador pra retomar a fábrica em seguida ou, de outro lado, é... se transformaram numa fábrica enxuta pelos próprios trabalhadores pra fazer ali um processo, é... em várias delas inclusive de exploração de mão de obra terceirizada, via cooperativa ou em alguns casos, né, a cooperativa contratava celetistas que... é até difícil de explicar em pouco tempo, mas os cooperados passavam a explorar celetistas que não tinham aquele direito à suposta repartição dos lucros ou, né, como o movimento cooperativista gosta de dizer, é, do... das sobras, né, porque os celetistas tem um nível diferente de igualdade com os trabalhadores, né? A pauta da estatização permitiu que a gente tivesse de um lado uma unidade maior, de outro lado um apoio, uma... é, uma repercussão político-social muito ampla, é, o que... e o que levou que... que a fábrica Flaskô, mas mesmo a Cipla e a Interfibra, que tem uma história um pouco diferente, é... tenha durado tanto tempo. A maior parte dos processos aí são todos processos muito curtos, é... ou processos retomados por outras pessoas e tal. Acho de outro lado que faltou... algumas sabedorias práticas do ponto de vista da experiência concreta que a gente não tinha, é, de medidas que poderiam ter sido feitas, é... que não estariam contradição com a pauta da estatização da fábrica. Isso inclusive incluiria ter uma

cooperativa ou uma associação em funcionamento, mas sem trocar a solução da autogestão como a melhor forma gerir um empreendimento como solução, como proposta política, mas só como meio jurídico formal e mediado pra alcançar a pauta da estatização. Então isso a gente, na prática, achou que não seria possível, mas acho que poderia ter sido. Também não foi tão necessário, do ponto de vista prático, porque a gente juridicamente conseguiu também reverter processos que outras empresas que foram ocupadas poderiam ter ali, ter ajudado na luta pela estatização concomitante à existência de cooperativas ou de associações, né? Mas acho que o balanço, é... político mais amplo assim geral é bastante positivo. Primeiro, é, a maior parte dos trabalhadores da Flaskô se aposentaram única e exclusivamente porque a gente não encerrou o contrato de trabalho deles em 2003, o que era na prática, na época, uma prática de todo mundo que ia pro caminho do cooperativismo. Falia a empresa, rescindia o contrato de trabalho, então ninguém teria se aposentado com aquele tempo de trabalho. No, ali no Brasil, se aposenta com trinta e cinco anos de contribuição. A Flaskô é uma fábrica do ramo químico que tem aposentadoria especial, então significa que os trabalhadores puderam eles se aposentar com vinte e cinco anos de trabalho, sendo que quinze anos deles foram garantidos só na fábrica ocupada. Sem contar que alguns deles já tinham dez anos antes e tal, então essa vitória por si só é o exemplo que tem mantido a pauta da estatização, ela é mais do que vitoriosa. Ah, o segundo elemento é que ela colocou em questão uma coisa que é bastante atual hoje, que os petroleiros discutem a necessidade de reestatizar as refinarias da Petrobras, recomprar e montar novamente o setor de fertilizantes que foi privatizado e fechado ali durante o governo Temer e governo Bolsonaro. É... cada vez mais o Governo Federal do Lula agora é obrigado a discutir a necessidade de intervenção na economia, mas mais do que isso, de empresas estatais pra fazer isso. O governo Bolsonaro havia encerrado uma empresa de microchip estatal brasileira, o governo Lula reverteu a privatização e tá mantendo... quer retrazer os cientistas que são necessário pra essa fábrica estatal de microchips. É, então a gente também manteve um elo de continuidade político, mesmo após o encerramento da fábrica, que é a pauta que sem a intervenção do Estado pra uma política industrial, tem a intervenção propriamente do Estado como o agente econômico, mesmo que seja via, é, pequenas participações ali nas empresas privadas, seja a partir da discussão das empresas de capital misto, como Petrobras e outras, essa discussão, ela é cada vez mais clara ali no movimento ali sindical, ela não virou ainda, mas ela é cada vez mais clara no movimento, sabe, sindical. Não é uma discussão que ganhou as massas, mas ela ganhou muita... muito sindicalista, muito militante político que viu isso. Em terceiro lugar, é, se a gente tivesse transformado a empresa, a fábrica diretamente numa cooperativa, os nossos interesses teria sido vender o terreno, que hoje é a Vila Operária Popular

com seiscentas casas regularizadas, pra serem vendidas pra pagar os direitos trabalhistas dos trabalhadores da Flaskô, que tem que ser buscado no lucro do patrão. E a gente, por não fazer isso, a gente fez o que eu chamo de primeiro Minha Casa Minha... o Minha Casa Minha Vida Zero, que foi em 2005, porque o Minha Casa Minha Vida mesmo é de 2007 pra 2008 em Sumaré. O Minha Casa Minha Vida em Sumaré entregou sete mil casas, a luta pelo controle operário e pela estatização da Flaskô entregou seiscentas casas na cidade de Sumaré. Então, é, o nível de consciência que esses trabalhadores que lutaram por isso adquiriram nesse processo, que é necessário se organizar, que é necessário lutar, que o Estado é um órgão, é, que serve hoje pros interesses da especulação da terra, dos terrenos, das empresas e deve servir pra outro objetivo, isso foi sendo, é, naturalizado na consciência do povo do entorno aí. Mesmo que essa consciência não seja uma coisa plena e permanente, ela sempre tem idas e vindas, mas quem participou desse processo sabe que é a luta que fez e que faz isso, né? Então acho que o saldo é bastante positivo. O que não é, sabe, positivo é também uma fragilidade do próprio acúmulo de discussão do movimento dos trabalhadores do ponto de vista teórico, que é o ranço que existe sobre o que é o Estado, o que são as empresas estatais. De outro lado, é... como a própria economia deve ser entendida e organizada. Então a gente participou também desse processo, então, é... no final, nessa discussão que naquele momento era muito acalorada, a gente não conseguiu vencer e ser majoritário nesse... naquela ocasião, mas a gente hoje pode discutir anos depois que essa discussão permanece, tá por toda parte, as pessoas falam, ah, tá vendo, existiu essa possibilidade, isso é... isso voltou a tá como... pelo menos do ponto de vista teórico pra formação, como uma possibilidade a ser discutida, talvez numa etapa que... que venha ocorrer ainda na luta de classe brasileira, né? Mas naquele momento a gente não foi capaz de organizar pra ser majoritário na categoria química, pra ser majoritário entre os metalúrgicos, entre os vidreiros, é... entre os trabalhadores do serviço público, que fez um pouco de parte natural de uma disputa política pelos rumos da própria sociedade, né? E a pauta que os trabalhadores da Flaskô apresentaram desde o início, ela era muito avançada pro acúmulo que a gente tinha naquele momento, e acho que hoje ela já não é mais tão avançada no sentido que muita gente avançou um tanto pra ali, pra compreender isso. É isso.

**Entrevistador:** Muito legal sua fala, Pedro. Muito legal mesmo. Cê tá trazendo muitos elementos importantes pra discussão, né? É... vou finalizando aqui, Pedro. Eu queria falar um pouquinho mais das memórias assim, sabe? Da parte mais da memória. É, do meu trabalho que eu tô fazendo é um trabalho mais de memória com os trabalhadores, né? E eu queria que cê

comentasse quais foram os anos mais difíceis, quais foram as experiências mais difíceis que você passou ali na Flaskô?

**Pedro:** Difícil dizer, Abner. Acho que tem alguns pontos importantes assim. A primeira foi a primeira ameaça de corte que, se não me falha a memória, é em dezembro de 2003. De 2003. É... foi a primeira ameaça real e que teve uma discussão de fundo muito grande, política inclusive, dos rumos da fábrica e tudo mais, porque ela envolveu uma discussão, que era uma regra até então a gente fazer ali seis meses de ocupação da fábrica, que era pagar a dívida do antigo patrão. Porque, embora a gente tenha feito uma mobilização muito grande, o máximo que a gente avançou foi pagar um valor muito pequeno da dívida do antigo patrão, então esse momento foi um momento de aprofundamento teórico sobre o lugar, é, da distribuição da mais-valia brasileira inclusive, que é... que foi privatizada o setor de energia nos anos noventa, que leva a discussões teóricas profundas, né, que aproxima inclusive o... o movimento operário e os trabalhadores do que seria aí uma burguesia nacional, porque uma fatia muito grande da mais-valia produzida na fábrica, ela vai pra empresas de energia, que tem contas muito altas. Então esse foi o enfrentamento de um acúmulo de discussão muito grande dentro do movimento, na fábrica em particular, com muita gente contra, muita gente a favor e uma discussão muito ampla e uma tensão muito grande que o corte de energia ao final inclusive levou o fechamento da fábrica mais de quinze anos depois, esse foi o primeiro. O segundo... a tentativa, aí acho que foi em junho de 2004, se eu não me engano... de retirada da máquina Mauser, que era uma máquina que tinha sido dada pelos patrões pro pagamento de uma dívida pra uma empresa que inclusive depois foi comprada pela Petrobras... e que naquele momento pertencia a Braskem, que é a empresa que tem praticamente o monopólio da produção do plástico brasileiro e que foi criada pela Petrobras. Então ali também foi uma tensão muito grande porque essa máquina Mauser foi ameaçada de ser retirada. Ela ia significar o fechamento da fábrica, foi uma batalha muito grande, imagina, é a maior, é, petroquímica brasileira, tá entre as cinco maiores do mundo inteiro. É... não sei se você é, pra quem é de São Paulo, for um dia saber, ouvir isso, essa empresa é a dona do Shopping Villa Lobos, a sede dela tá ali Shopping Villa Lobos em São Paulo. O sócio majoritário dessa empresa é... que mudou de nome agora, mais famoso na história brasileira, que é a Odebrecht. A Petrobras era dona de 10% e a Odebrecht. Então esse enfrentamento que levaria ao fechamento da fábrica também foi bastante grande. Depois, a intervenção na Cipla e na Interfibra, e, consequentemente, a intervenção na Flaskô foi muito tensa e todo cotidiano ali é uma história de horas. É... em seguida a isso, o corte de energia na fábrica em 2007. Os quase noventa dias que a gente passou

com a energia cortada. É... acho que esses são os períodos mais duros assim, mais de tensão assim. De outro lado, também de forma geral assim, as dificuldades do cotidiano que não saberia dizer datas aí, mas em 2013, 2014 assim principalmente, a crise econômica que... que a fábrica passou, que levou aí salários atrasados, sessenta dias, é, noventa dias aí, então... isso também foi um... foi alguns períodos muito difíceis aí. É isso.

[FIM DA PRIMEIRA TRANSCRIÇÃO]

[INÍCIO DA SEGUNDA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** Ô, Pedro, a última pra gente encerrar, pra liberar você também. Quando eu fiz essa pergunta pra Neusa, né, Neusa da Vila Operária, ela falou o seguinte, que a Flaskô é uma potência, que o poder público tinha medo da Flaskô. Os prefeitos, quando falava que era a Flaskô que tava lá, todo mundo tinha medo. E todo mundo ficava, né, em choque. [riso] E aí eu pergunto pra você, Pedro, que que a Flaskô significa pra você?

**Pedro:** É, a Flaskô, é uma vida, né? Eu passei ali um período... cheguei ali novo, né, com, com vinte e três anos, acho que ela é uma história de lição de vida que une duas questões importantes, né, que é a ousadia... a firmeza nas posições e a disposição de luta que precisa ter, é... pra se enfrentar com as maiores dificuldades, é isso. O que a Neusa diz é exatamente, é, o contrário de como a gente se sentia dentro da fábrica, que, imagina uma fábrica com... quando ela foi ocupada, tinha sessenta e seis trabalhadores, os documentos da ocupação falam, né, em 1066 trabalhadores. Depois como retorno de trabalhadores afastados, a gente chegou a noventa, cem trabalhadores, mas a certeza que cada trabalhador ali tinha, com maior consciência ou menor, de que era preciso lutar, que sem isso a fábrica teria acabado fez com que os mais poderosos, sejam eles os prefeitos, mas eu vivi isso também que a Neusa diz, é, no Ministério do Trabalho, empresários dizendo que a gente devia contar com o apoio pessoal do Lula pra ter tanta força e pra se manter e, na verdade, é... a Flaskô nunca teve apoio de ninguém, né? É, teve o apoio moral e político de solidariedade geral, mas não um apoio efetivo e cotidiano e prático. Então o que eu acho que a Flaskô demonstra é um pouco essa... eu não sou um cara religioso, mas essa metáfora que é bíblica, né? Que é o Sansão e o... e o Davi e o Golias, né? Imagina. Imagina que uma fábrica com setenta pessoas poderia organizar uma caravana pra ir a Brasília, parar a avenida do... no Palácio do... pra chegar no no Palácio do Planalto com pouco mais do que algumas centenas e falar assim, a gente quer que o governo

resolva e que estatize a fábrica. Muita coragem e determinação que fez com que tanto tivesse essa possibilidade da luta propriamente política, mas também da luta cotidiana de manter a fábrica funcionando e tal, que isso também é todo uma novela inteira que precisa ser, ser ali um dia escrita, contada e pensada, porque a luta sindical cria um... uma estrutura, é, vamo dizer assim, administrativa, né, da gestão do conflito de classe. Os sindicalistas fazem isso de fora da produção e a Flaskô foi uma experiência que juntou a exigência da produção, que sem a produção não existia trabalho, sem existir trabalho, não tem comida, sem existir comida, num tem as pessoas, num tem os operários, e sem os operários, num tem a fábrica. Junto com a luta política por localizar o problema nos capitalistas, no Estado que tá a serviço dos capitalistas, que é muito diferente da luta sindical, que, de fora da produção, identifica sim no patrão e no Estado os responsáveis, mas por fora da, ali da produção. É, fazer isso no processo produtivo, há... muito pouca experiência e muita pouca coisa escrita no mundo sobre o tema. Você tem alguma coisa escrita sobre isso no início da experiência da Revolução Soviética, alguma coisa escrita sobre isso. É muito ruim, inclusive. Bulgária, Iugoslávia, Hungria, porque foi uma forma de... de contrapor ao, a da economia e a Flaskô tentou manter todo essa coisa tão difícil, porque manter a produção, se você pensar bem, leva a gente às conclusões dos gestores, dos diretores das empresas. Produzir mais barato, diminuir onde pode diminuir. Então, fazer isso com princípios ligados ao movimento operário, que, por exemplo, a tecnologia não pode substituir uma vaga de emprego. [corte do áudio 5:37 a 5:41] Então não pode diminuir um posto de trabalho, isso não existe no mundo inteiro como experiência viva e real de pensar sobre isso. E a fábrica fez isso. É isso, a gente aumentou o nível de produção e a gente levou a jornada de trabalho a 30 horas. O que tinha implicações econômicas do ponto de vista ali da gestão, porque a gente poderia, com o aumento da eficiência, ter produzido mais ainda. Mas não, a gente primou pelas pessoas irem cuidar da sua famílias, os operários que já eram avós naquela época irem cuidar dos seus netos. Só que a própria experiência da produção com a política levou que não há saída fora do planejamento, e o planejamento não é um jogo de ideias, não é fomento à política industrial, é intervenção, decisão. Não existe essa coisa de planejamento, ai, vou fomentar que alguém crie tal coisa num lugar. Não tem, tem que decidir. E a decisão é sempre... uma decisão, por mais democrática que ela seja do ponto de vista do quanto ela ouve a parte de baixo, ela é sempre uma decisão de cima, mesmo que o em cima seja uma assembleia de trabalhadores, um congresso, mas vai ser sempre de quem tá vendo o conjunto, porque quem vê por baixo vai sempre defender os seus interesses mesquinhos e egoístas, e a gente viveu isso na fábrica. A pessoa quer defender o seu interesse ali. Ah, eu sou operário desse horário, não posso e tal. O cara vai ver, amigo, eu trabalho seis horas da manhã, eu trabalho a noite inteira,

você não pode atrasar pro cé chegar, porque você tá sacaneando a minha vida. Num é o patrão dizendo que você tá atrapalhando a minha produção, é o operário dizendo que se o outro operário que rende ele na máquina atrasa, ele não tá diminuindo a eficiência da fábrica, ele tá também fazendo isso, mas ele tá rompendo a solidariedade com outro operário que teria que ficar ali mais tempo por conta do atraso do outro. Então essa junção umbilical da discussão de manter a produção e discutir politicamente a responsabilidade do Estado, do patrão, sabe, o lugar da apropriação privada da mais-valia e tudo mais, essa experiência, ela é talvez única na história, é... do ponto de vista de experiências pequenas e isoladas, né. Isso aconteceu em grandes, sabe, revoluções nacionais ou pelo menos, sabe, regionais como ali na Alemanha, que algumas regiões tiveram fábricas ocupadas, ou como no Chile em 1973 também tiveram uma centena ali de fábricas ocupadas, mas sempre em processos muito amplos de mobilização, e a Flaskô, como viveu ali num período que por si só, ele era de alguma forma revolucionário, que foi a eleição do Lula, um operário, num país reacionário como a gente não diria em 2003. Em 2003, a esquerda mais esquerda achava que ele, que o Brasil não era o Brasil do Bolsonaro de hoje. Mas a verdade é que ele era. Então a eleição do Lula, a eleição, sabe, da Dilma é uma prova do... de um movimento revolucionário que varre as fábricas, varre os bairros e que falta lideranças, é... coordenações sindicais e partidárias com a coragem de transformar isso. A eleição do Lula novamente agora, ela de verdade abre uma porta revolucionária, sabe, no Brasil. É que tampouco o Lula, tampouco o PT e muito menos os partidos ditos de esquerda conseguem entender isso, mas eleger um presidiário, que foi de tal forma atacado nesse país e no mundo inteiro, com o peso de ter os militares apoiando o Bolsonaro, a coragem que tiveram que ter os favelados, os pretos, os pobres, as mulheres pra irem votar no Lula para se enfrentar com a... ali com a milícia que dia sete de janeiro tentou dar um golpe no, ali no Brasil, essa coragem, ela é revolucionária. Ela só não faz, sabe, a revolução porque a gente não se coordena de tal forma pra tomar as decisões que são as decisões necessárias pra caminhar nesse sentido. Então a gente precisa aprender isso e pra isso a gente tem que compreender, saber primeiro. Em 2003 se abriu o processo revolucionário, sabe, no Brasil e só por isso a Cipla, a Flaskô, o, é, o MST, sabe, organizou marcha. Só por isso o MTST se inventou e surgiu... e tem hoje como, sabe, candidato a prefeito na cidade de São Paulo um dos seus líderes. Inclusive se inventou e se criou dentro da Flaskô, porque o MTST surgiu, é... na, sabe, região de Campinas, e mesmo em São Paulo, aí dentro da Flaskô, no casarão, sabe, onde ainda mora o Chaolin. Então só que essa compreensão na boca de poucos leva a uma esquerda como a gente tem hoje, que ela é denunciista, é, acusadora, sectária, e ela não se dispõe a fazer o seu trabalho e Flaskô tentou fazer o seu trabalho. A gente chamava o Lula a responsabilidade, depois a Dilma, mas

a gente tentou organizar a fila pra ocupar mais fábricas, pra apoiar os movimentos sem teto e sem terra, pra fazer a nossa parte. A gente não virou um... um filho abandonado do Movimento Operário e da esquerda pra falar, ah, você é um pai ingrato, você tem que ser denunciado. E a esquerda um pouco mais esperta nas posições, é... de avançar, ela é só denuncista, ela é uma... é uma esquerda que tem pouca disposição de organizar a luta na base com um pé apontado pro alto, ela tem pouca disposição. Então acho que a Flaskô, ele pra mim é isso, ela é essa unidade simbiótica entre a produção e a luta política, entre o local e a necessidade de lutar contra os... o Estado e os patrões. Então eu acho que isso todo mundo de alguma forma viveu ali dentro, com uma explicação mais teórica ou menos teórica, mais popular, mas todo mundo se enfrentou com isso cotidianamente, todo mundo aprendeu que uma empresa privatizada de energia ferra e lasca o povo, que o, que os muros cercados e abandonados de uma... de um terreno serve a bandidagem e não serve a moradia, que uma fábrica, sabe, fechada é um cemitério de postos de trabalho e que ela deve ser aberta, que o futuro pertence àqueles que produzem e que tem disposição de empregar mais gente, a juventude, de fazer isso sem ampliar. Então a Flaskô, pra mim, é essa lição que, de verdade, eu sou..., como que fala? É, podem me acusar de ter um olhar deturpado, né, porque eu vivi isso, mas acho que essa experiência você não encontra em muitos lugares. Eu ousaria dizer que por tanto tempo você não encontra em lugar algum. Em lugar nenhum você encontra isso. É, então acho que é isso.

**Entrevistador:** Valeu, Pedro. Vou encerrar aqui a gravação, tá?

**Pedro:** Beleza, então

[FIM DA SEGUNDA TRANSCRIÇÃO]

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** É, estamos no dia trinta de março de 2024, vamos realizar a entrevista com a líder da Vila Operária, Neusa, tá certo? Primeira pergunta, Neusa. Primeiramente, obrigado, né, pela disponibilidade de participar da, do projeto. E, primeira pergunta é: conte um pouco da sua trajetória de vida antes da Flaskô.

**Neusa:** Bom dia. É, então, é, eu vim da cidade do interior Divinópolis, né, e vim pra Sumaré, e comecei a pagar aluguel no Jardim Denadai. Quando eu vim, quando eu vim pra cá, o intuito era cuidar da saúde do meus filhos, né, que eu tinha um filho que tava muito enfermo e precisava dos cuidados da Unicamp. E lá na cidade onde eu morava, não tinha como fazer esse tratamento, esse acompanhamento. Alugamos uma casa, né, aqui na Rua Vinte, do Jardim Denadai, passamos por um processo bastante difícil, porque meu esposo recém-chegado numa cidade que é totalmente o oposto, né, da cidade da onde eu vim, que era oito mil habitantes, aqui uma quantidade exorbitante de pessoas, né? E as dificuldades também são maiores, né, porque cê tá num lugar desconhecido. Aí meu esposo arrumou um emprego, começou a trabalhar, só que as dificuldades também começaram a aparecer, né, com aluguel, aluguel caro, é... um meio de vida aqui também bastante caro, né. Com bastante oportunidade, só que porém mais caro. Aí ficamo por um bom tempo pagando aluguel, aí mudei de casa. Morei em três lugares na... no Jardim Denadai, e somando anos, de nove anos de aluguel que eu já tava pagando no Jardim Denadai. Ia sempre com muitas dificuldades, às vezes cê só tinha o dinheiro do aluguel, e a água e a luz às vezes muito assim, com muita frequência era nos tirado, né, porque havia cortes, né, de água e da luz. E aí... e aí, né, diante de todos esses impasses e as dificuldades, é, e a luta permanente de permanecer aqui, é... um dia, né, um belo dia, eu falo, que chegou até a minha porta, né, um amigo, camarada na nossa família, né, o Manoel, nos trazendo a boa nova que se eu quisesse, né, sair do aluguel, eu taria tendo uma oportunidade. Só que aí a gente não sabia muito assim do assunto, né, aí ele falou, né, entrou pra dentro da nossa casa e falou “olha, Ademilson, vai ter, nós estamos como movimento de luta, nós estamos organizando uma ocupação no terreno da fábrica”. E assim foi. Aí eu falei “explica pra mim como que vai ser isso”, né? Aí ele falou, né, que ia de forma organizada, todo mundo ia sair dos bairros. Aí uma coisa bastante interessante, todas as pessoas que estava vindo para essa ocupação, eles teve o cuidado de selecionar que era pessoas que pagavam aluguel ao redor dos bairros. Então assim, era um convite irrecusável, né, porque quem tava pagando aluguel, o seu sonho era ter uma casa, né? Pelo menos o meu era. E... e aí, assim foi. Combinamos, né, naquele dia doze de fevereiro, né, de sair de madrugada, saímos de casa, era duas horas da

manhã pra três horas a gente estar lá na igreja aqui do bairro vizinho aqui, né, pra gente de lá organizar a saída pra... pra área da Flaskô, que era esse reservado aqui.

**Entrevistador:** É... então cê já falou da sua história com a fábrica, né, que a Vila Operária e como que... Explica melhor como que vai ser a relação do movimento, né, de vocês, de ocupação com a fábrica.

**Neusa:** Então, no momento, naquele momento, todos os passos eram coordenados e orientados pelo Movimento de Fábricas Ocupadas Flaskô. É eles que nos dava a direção de tudo, porque o jurídico era da fábrica, né, as coordenações, as reuniões eram todas feita pela coordenação da fábrica, né? Então assim, não tinha como você não falar de ocupação do movimento, da ocupação do terreno sem a fábrica, porque sem eles não teria acontecido, né? Então assim, foi um movimento forte, ímpar, muito importante, que foi assim, sempre foi esse o escudo de luta, né, da Flaskô. A Flaskô era uma empresa poderada, forte em muitos lugares e nos setores público muito temida, porque ele era, realmente ela significava um símbolo de organização de luta. Então assim, todas as coisas que a gente fez, todas as benfeitorias, todas as demandas de que a gente tinha de luta foram organizada pelo movimento de fábrica e comissão de grupo de trabalho da Vila Operária. Então assim se fortaleceu, porque eles aqui tinha... tinha o material pra te oferecer e nós tínhamos as pessoas, que eram as pessoas mais interessada que teriam que participar dessa luta. Foi aí onde eu me engajei e me prontifiquei a ajudar no movimento. Foi logo, bem no começo, porque todas... todos os movimentos, seja eles de parar a rodovia, de parar a rua, de fazer protesto na frente de fórum, de promotora, de prefeitura, até mesmo dessa própria rua aqui, Marcos Dutra Pereira, sempre eu estava lá organizando com eles e fazendo com que a nossa demanda fosse atendida, porque era muito difícil, viu? Não era fácil não. A gente era visado como malfeitor, como... tratado como bandido mesmo, era muito difícil no começo. Assim, foi um... uma trajetória assim de que só resistia quem realmente precisava mesmo.

**Entrevistador:** Quantas famílias mais ou menos no começo, você lembra?

**Neusa:** Acho que umas quatrocentas famílias. Já veio um movimento bem forte, né? Veio um movimento bem forte. Hoje, ele tá em 574, mas naquela época, era umas quatrocentas famílias, veio pro campo, né, aí fez os seus barraquinho muito de forma organizada, bastante rápido, né? E tudo que a gente fazia, o importante dessa luta, eu acho que por isso que marcou tanto a

ocupação da Vila Operária, porque é assim, ela visou campos pra outras ocupações, que é que nem o Vila Soma. Mas no momento em que a Vila Operária existia, ela foi o movimento mais organizado de luta por moradia, foi a Vila Operária. E daí nós organizamos várias outras demandas, né, e... ia atendendo outras necessidades de outro bairro, visando como exemplo a Vila Operária, né, porque a gente fazia de forma organizada, a gente buscava resultado e o resultado vinha. Mas não é porque eles eram bonzinhos, era porque realmente a gente era muito organizado, era muito forte o movimento. O movimento de moradia da Vila Operária junto com o Movimento de Fábrica Ocupada Flaskô, MTST, Sem Terra e Sem Teto, funcionou muito bem. E realmente é uma potência, viu?

**Entrevistador:** Interessante.

**Neusa:** Muito bom. Não tem barreira que fique na frente. [riso]

**Entrevistador:** Exatamente. Povo organizado, né?

**Neusa:** Povo organizado é maravilha mesmo.

**Entrevistador:** É... comenta um pouco os principais momentos da luta, que cê passou com a luta.

**Neusa:** Então, eu acho...

**Entrevistador:** Pode ser os mais difíceis, os mais... os êxitos também.

**Neusa:** Eu acho que um dos momentos mais difíceis assim foi quando a gente precisava da água, e aqui na Vila Operária tinha dois pontos pra quatrocentos famílias. E às vezes assim, como às vezes muitas famílias vinha de uma necessidade de vulnerabilidade bastante grande, a gente não conseguia fazer com êxito o pagamento das duas fatura. Então o DAE, na época, hoje é BRK, mas antes era o antigo DAE, ele vinha e cortava mesmo os pontos de água, né, que já era precário porque, avalia, todo mundo com uma mangueirinha, com uma mangueira, aquelas mangueira amarela e quatrocentas família tendo que puxar a água dali daquela mangueira, daquele ponto de água, dá procê imaginar, né? Então assim, a gente resolveu fazer, é... o gato nas principais rodovias, nas principais avenidas, que era na Engenheiro Jaime, né,

na Raimundo Alves Diniz e aqui na Marcos Dutra Pereira pra resolver a solução do caso de água. E a gente às vezes ia pro meio do... da rua duas, três horas da manhã. Muita das vezes a gente nem dormia nesse dia, a gente se organizava e se revezava, porque tinha... a água tinha que chegar em todas as residências. E assim foram feitas com aquela mangueira preta, é chamada, a popular mangueira mesmo que o pessoal puxa pra debaixo da terra, né, pra poder fazer. Então assim, foram momentos impactantes, porque ficar sem água foi muito difícil, e assim, era tirar mesmo do DAE, porque ele não colocava a... a quantidade de hidrômetros que a gente precisava. E devido à dificuldade de muitas famílias não terem dinheiro pra poder pagar a fatura, a gente ficava sem... sem a água. E... a luz também. A luz, é... No começo era tudo muito difícil, bem escuro e as famílias precisavam sair de casa pra poder ir pro trabalho, né, porque todo mundo trabalhava. Ao contrário do que pregam por aí, que ocupação é vagabundo, não, não é não. O movimento de ocupação por moradia são pessoas que precisam sair daquela condição de... de muita das vezes de miséria mesmo, né, de vulnerabilidade bastante grave pra poder ter o conceito de ter o seu direito à sua casa. E aí se livrar do aluguel, que aí condiciona ele a poder comprar um remédio, a poder comprar um pão, a poder comprar o que ele quiser comprar, porque o aluguel, ele te condiciona a isso. Você tem que pagar o aluguel. E aí, quem que você enriquece? Geralmente, os donos de imobiliária, né, os outros, os especuladores, né? Então, assim, ao contrário do que se dizem mesmo, o movimento de moradia, ele é exclusivo pra sair dessa vulnerabilidade social que é o aluguel, né, e as pessoas terem a sua casa. Com a vinda do programa Luz Para Todos do governo Lula naquela época, acho que ele foi o... tinha sido o primeiro mandato dele, se eu não me engano, foi o primeiro mandato do Lula. Aí aquele programa Luz para Todos trouxe a luz pra todo mundo na Vila Operária. Então ficou todo mundo assim, encantado, né, porque o movimento de ocupação onde não tinha nem casa, só tinha barracos, amanheceu e foi muito rápido assim com o programa Luz para Todos. Então todo mundo tinha seu hidrômetro, a Vila Operária iluminadinha, bonitinha, sabe? Então foi um passo muito importante, esse programa também nos presenteou na maneira assim, que era a gente mais precisava e na hora certa, né, porque sem água e sem luz não dava pra ficar, né? Aí tá, foi esses os momentos, né. E assim, o que mais mexeu com a gente na época, eu acho que isso a gente sofreu bastante, foi que a gente tinha dentro da ocupação um movimento que se fazia, não era tão favorável, né, ao movimento de moradia, mas a ocupação dentro da ocupação. Então tinha gente que amanhecia aqui, né, que as pessoas assim que os terreno foram divididos, as pessoas que da quais poderiam se permanecer em outro lugar, que morava às vezes com familiares, essas coisas, né, casa que era emprestada do pai, do irmão. Às vezes tinha bastante pessoa que tava nessa condição, ela foi dado um tempo pra ela construir. Aí quando foi aquele

momento de êxtase, acabou o perigo e a gente pode voltar pras casas, e aí tem aquele limite de seis meses pra você construir, as pessoas... criaram-se um movimento de que virou modinha ocupar o terreno vizinho de quem, aquele que não tinha construído ainda. Aí foi um movimento que a gente teve que combater dentro da ocupação. Então foi um momento bastante, assim, complicado pra nós, porque como cê ia explicar que você é um movimento de ocupação, que você tava combatendo uma ocupação, né? Então, cria-se, ah, mas vocês ocuparam. Sim, ocupamos, fizemos a luta e aí foi dado um prazo praquelas famílias viessem, né, de vez pra... pro movimento. Eu não saí daqui nenhum dia. Eu, desde o dia da ocupação, eu vim pra cá porque eu não tinha pra onde eu ir. Eu realmente... eu pagava o aluguel. Meu esposo não estava dando conta, então eu não tive essa opção de voltar pra casa. Eu tinha que ficar aqui mesmo. Então aí eu fui atrás de uma empresa na época, que é... a Promac, aqui mesmo no Denadai. Um irmão da nossa igreja, da Congregação, irmão Romualdo, ele falou assim “Neusa, eu consigo arrumar pra você uns paletes, uns cachotão que vem umas matérias-primas importadas, e eu consigo arrumar pra você esses paletes, eu mando pra lá, e você desmancha e você faz”. Assim eu fiz. Fizemos o nosso barraco de madeira muito bonitinho, organizado, e eu tinha que tá ali, eu e mais três filhos, então eu não podia fazer de qualquer maneira, né? Aí eu fiz, né, dentro do meu terreno mesmo, eu fui a quinta família a morar. Além de mim morava só mais quatro famílias. E olha a extensão da área, dá pra imaginar? [riso] Uma extensão área que hoje cabe quinhentos e quarenta casa, eu fui a quinta a morar. Então assim, eu não arredieio o pé daqui. Eu sabia que eu precisava me manter aqui, então a gente fez dessa forma, e aí a minha casa, ela foi surgindo aos poucos. Como eu já tinha te falado, né, a gente morava no Denadai e lá tem um vínculo, né, com a irmandade, ela é bastante forte, cê sabe disso, né? Aí, né, no grupo, né, da CCB mesmo e... e por demanda do próprio irmão Wilson, que é diácono na minha comum, ele anunciou pra poder... quem sentisse, né, de, no coração, de quem Deus preparasse pra poder ajudar, que falou da nossa história, ele já conhecia a gente tudo, e aí a minha casinha foi feita pelo, pela irmandade de lá. O material, a grande maioria foi também preparado por Deus, foram os irmãos que sentia, que fez, né? Às vezes vinha dez, quinze irmão construir, era muito lindo de ver.

**Entrevistador:** Bastante.

**Neusa:** Muito lindo. E assim, rapidinho, quando você via uma parede, num... já tava na altura da janela, então foi assim, muito rápido. É os três cômodos onde da qual eu moro até o dia de hoje. É igual eu sempre falo, tem um sonho, um projeto. Eu não quero ficar na minha casa a

vida inteira em três cômodos, porque a gente mora em sete pessoas na minha casa. Então três cômodo, cê vai avaliar, um é cozinha, dois quartos, né, pequenos. Então assim, sete pessoas, vamos e convenhamos, que não vai te atender bem, né? E, assim, tem um sonho, tem o... já conseguimos fazer o alicerce da nossa casa, né, do nosso sonho, tem um projeto lá né? E... e é assim, e foram tudo muito, muito difícil. Não vou falar pra você que é fácil, não. Precisa ter persistência, precisa ter necessidade de você passar por isso, porque se você não vai... você não consegue passar por isso porque você quer, não. Não é nem um Big Brother, um teste que você vai sair no final e você vai receber um prêmio, não. Ali o prêmio vai ser sua luta. Se você ser resistente, ser persistente e conseguir passar pelo desafio, o seu prêmio vai ser sua casa com muito esforço, mas é isso. É, são um pouco assim da história, né, porque assim, eu num... eu num sabia o que era esse movimento, muito pelo contrário, quando se falava em movimento de ocupação, de luta, eu tinha medo, porque a Globo, as mídias, elas te apavoram, elas falam de movimento de luta, uma barbárie, né? Até o ponto de eu colocar o pé dentro duma luta gigante, que é o movimento de moradia. Hoje eu tenho muito orgulho de falar, eu estive lá, eu fiz acontecer e eu estou lá no movimento de moradia. Pra mim, foi um orgulho, foi um aprendizado muito grande, eu aprendi ter voz. Agora ninguém fala por mim, eu mesmo falo. Se gostarem ou não... nem sempre o que falaram pra mim eu gostei e eu tive que, né, seguir caminhando. Hoje não, se eu não gostei eu vou lá, "PAF", falo mesmo, não gostei e pronto. O movimento, ele te fortalece a isso, ele te condiciona a isso. E é um tipo de falar assim, para, num tô gostando disso, entendeu? Então o movimento de moradia, ele é gigantesco, ele é grandioso e ele tem que crescer. O movimento de moradia, ele tem que crescer, ele tem que se organizar. Aqui, na nossa região, a gente tem que fortalecer o movimento de moradia. Ele é único e ele é a maneira mais rápida de ajudar um pai de família a ter sua casa. Cê pode ter certeza disso. O movimento, ele tem que ser organizado e estruturado, e ele acaba que sendo que... ter que ser respeitado na garganta de quem quer que seja. De quem quer que seja.

**Entrevistador:** Interessante. Neusa, conta pra gente as perspectivas futuras da ocupação, comenta aí da regularização. [riso]

**Neusa:** Então, assim. É assim, hoje é com muito orgulho que eu posso dizer, 85% do bairro tá regularizado. Foi assim, brilhante a forma de que tudo aconteceu e a nossa Vila Operária e Popular é o movimento de moradia mais novo regularizado na história. Foi muito rápido. Talvez... talvez não, e eu falo com toda certeza, por causa da organização e estrutura que teve. Não era fácil combater a Flaskô. Não era. Assim como a Vila Operária se vinculou a ela, virou

um muro de concreto, fio, que num era fácil. Não era fácil combater. Então assim, só se fortaleceu, sabe? A luta se fortaleceu, o movimento de fábrica junto com o movimento de moradia. Você não tem ideia de quanto era impactante esse movimento. Aonde chegava, era só... colocava o povo, o público pra poder trabalhar memo, era polícia na rua, guarda municipal, nós demo muito trabalho, nós, nós demo muito trabalho. Mas o nosso trabalho era pra coisa boa. Era pra vim coisa boa, era pra vim, é, benfeitoria, era pra vim tudo que nós estávamos precisando. E quando se falava em prefeitura, o Movimento das Fábricas Ocupadas tá na rua, fi, cê não tem ideia, Sumaré se transformava. Se transformava. Mas era assim, nunca tivemos, nunca na história, cê pode pesquisar, nunca quebramos nada, nunca demo prejuízo ao poder público, muito ao contrário, a gente levava a demanda prontinha pra eles nos atender, né? E muita das vezes, é, quando a gente se sentava em rodas de governo pra poder discutir era pra ajudar outros movimentos também, assim como foi feito com Zumbi dos Palmares, que a gente, o nosso movimento de moradia, se organizou pra fazer uma outra ocupação, que foi no Denadai, e que como... teve como base, olha que lindo, a Flaskô. Ficaram aqui acampados por um bom tempo, aqui no barracão, e daqui direcionados pros terrenos. E através dessa demanda, nós fomos pra Brasília três vezes sentar com o governo Lula. Três vezes. E dessas três vezes, gerou a demanda, através da ocupação Zumbi dos Palmares, que era organizada também pelo movimento de fábrica e alguns integrantes do movimento da... de moradia da Vila Operária estava lá, como eu também estava, pra ajudar, foram advindos cinco mil apartamentos pro programa Minha Casa Minha Vida através do Governo Federal pra Sumaré. Olha que história gigante. Olha que organização gigante. Cê acha mesmo que se não tivesse tido um movimento de moradia pra eles saber, ó, o déficit tá lá, o déficit é gigantesco, tem mais de vinte mil de déficit de moradia, e através de um movimento vim cinco mil moradias pra pra cidade. Olha a potência que isso tinha, olha a organização como era. Então assim, hoje, se você falar assim... é igual a gente tava comentando antes, se você falar assim que hoje o Movimento de Fábrica Ocupada não existe mais, dói, né, porque se você viu isso aqui funcionando a todo vapor. É isso que o empresário faz, né, é isso que a burguesia faz, que o capitalismo faz. Enquanto eles não pôde calar a gente como movimento, eles atacou da forma pior que tinha, que era através do corte de luz, né? Decreta a falência, porque agora não era mais... Enquanto pôde ser de portas abertas, o movimento de luta ia lá e derrubava esse decreto. Aí eles começou a fazer de forma virtual, aonde é que eles decretaram a falência, cortaram a luz, porque enquanto vinha aí nos poste, derrubava memo eles de lá do poste. Não cortava, não deixava, ficava lá, montava aquele paredão, aquele cordão isolava, ninguém cortava, quem era louco de cortar? Aí eles... fomos muita das vezes lá na CPFL lá, bonita lá, lá de Campinas, se eu não me engano, na

Cidade Universitária, uma coisa assim. Quantas vezes nós formamo um paredão lá e não cortava a luz? Tinha... eles renegociavam. Aí agora, de forma covarde, né, pra afetar mesmo os trabalhadores da fábrica, cortaram a luz numa exigência de que eles tinham que pagar não sei quanto milhões de reais pela dívida patronal da luz. Não do que os trabalhadores realmente deviam, né. E dessa forma calou-se, né, a grande e temida Flaskô, né, como movimento, né? Então hoje você entra aqui nesse prédio, cê fala que você consegue ver a importância, de como era importante esse movimento. O como que a gente queria ter de volta e a gente não consegue como pessoa, né, a gente não consegue ter. Isso aqui podia muito bem tá funcionando se tivesse interesse da, né, desse povo aí poderoso. Podia tá funcionando com quatrocentos, quinhentos postos de trabalho em dois turnos, três turnos. Poderia, né, mas, né, como o capitalismo, ele age dessa forma, né, então eles conseguiram tirar essa potência, né? Pelo menos aí das mídias, né, mas como história jamais tirará da lembrança da gente, jamais. Eu acho assim que, como coisas e movimentos futuros, a gente tem que resgatar e fortalecer esse vínculo, não deixar jamais a instituição Movimento de Fábrica Ocupada Flaskô morrer, não podemos. E isso é tarefa minha, sua, dos estudantes, das pessoas que virão, da história que a gente conta... de não deixar morrer essa história, de resgatar ela. A gente pretende deixar aqui a Vila Operária continuar como movimento de luta... Espaços foram deixados, não sei se a gente consegue fortalecer esse espaço, mas eu gostaria muito de buscar forças pra poder instituir um espaço que a gente tem do poço, que tem muito a ver com a história da fábrica, porque era o poço que ficava no centro da vila que mantinha as máquinas ligadas e a produção. Então a gente deixou esse espaço, é um terreninho bastante grande, pra gente deixar fundado como um monumento, né, um monumento de história da luta da Vila Operária e Movimento de Fábrica Ocupada. Não sei se a gente tem forças pra isso, porque você sabe que a instituição governo, ela faz o que ela determinar fazer, né, e a gente não tem força pra combater isso. Mas a gente gostaria de deixar como marco histórico de luta, né, e a gente poder fazer mais, não sei se a gente, né, a gente lembra assim com tanta... nossa, com tanta alegria quando era a Fábrica de Cultura, funcionava duzentas, trezentas crianças, né, participava entre jovem, vários jogos, várias modalidades, tinha a capoeira, tinha o judô, tinha... aquele tempo tinha as festas da Flaskô. Quem que não veio numa festa da Flaskô? Cê já veio?

**Entrevistador:** Já.

**Neusa:** Não era lindo?

**Entrevistador:** Nossa, era bom.

**Neusa:** Era muito bom. Então assim, essas coisas a gente não pode deixar com que caia no esquecimento. E a importância, a força que essas... que esse movimento teve como fábrica. Eles falavam assim pra gente, imagina se a moda pega? Cê já imaginou se cada fábrica fizesse esse movimento? Cê imaginou uma Honda no Brasil fizesse esse movimento? Uma Villares, uma PPG? Não tinha uma única pessoa mais pagando aluguel, meu amigo. Então a Flaskô, ela é imensa na sua luta, porque ela é a única na América Latina que fez isso. Então assim, ela é exclusiva em tudo. Acabou fechando as porta, mas continua exclusiva, porque é a única empresa de Movimento de Fábrica Ocupada, de movimento de luta que deu quinhentas e setenta moradia prontinha. Então ela é exclusiva mesmo, não tem, não vai ter outra. Assim, foi combatida, né, foi imbatível em muitos tempos, muitos anos, porque cê sabe que... cê sabe dizer que no mundo que nós vive hoje, uma fábrica pra ela se manter viva e de portas aberta com o movimento operário, ela é única. E ela é grandiosa, ela é... ela é de excelência no meu ponto de vista. E eu, assim, e é com muita, muita, muita dor mesmo no coração que às vezes a gente, né, eu, Chaolin, João, Alexandre, às vezes a gente se emociona, chora, né, porque foram tiradas das nossas mãos de uma certa forma. Deixou aí um marco histórico? Deixou, mas a gente, a gente queria isso vivo e do povo. Então, poxa, como não ser grata à Flaskô? Tenho minha casa hoje por causa da Flaskô, né. Nunca mais eu vou... ninguém bater na porta e falar assim, olha você não pagou o aluguel, tá dois aluguel atrasado, tá três aluguel atrasado. Poxa, a Vila Operária Flaskô foi meu projeto de vida, e é meu projeto, porque eu ainda estou viva. Enquanto eu viver, enquanto eu saber contar a história como ela foi, não como desdenham e pintam, né, porque pintam da maneira que querem, né? Mas a gente escreveu a nossa história, a gente sabe os passos que a gente deu, a trajetória que a gente fez. Muitos anos a gente foi combatido, a gente foi caluniado, a gente foi ignorado, mas a vitória, ela veio e a vitória, ela é doce, porque cada um que recebeu aquele título de propriedade vibrou muito, comemorou muito e assim foi feito. Assim, 85% da Vila Operária está regularizada. É mérito nosso. O governo ajudou. Ajudou, porque teve interesse em fazer a regularização, porque não tinha mais como negar nada pra nós. A gente tinha feito tudo, a gente fez terraplanagem, a gente fez rua. Vinícius de Camargo, cê ouviu falar?

**Entrevistador:** Não.

**Neusa:** Ele tá no livro.

**Entrevistador:** É o que tava aqui um dia na...

**Neusa:** O Vinícius é o quem que escreveu o livro, foi o arquiteto da Flaskô. Então assim, ele deixou histórias, a história dele tá contada ali, ó, na na Vila Operária, em todas essas ruas. E uma coisa linda também que a gente conseguiu foi que os nomes da Flaskô, a gente fez uma puta duma luta mais o Alexandre, né, só que a gente sempre conversava, porque o Ale nunca fez nada sozinho, ele sempre fez de maneira organizada com a demanda da maioria do povo, que o povo decidia. Então ele foi uma pessoa... o Mandl, ele foi muito importante pra essa luta, o Alexandre, doutor Alexandre Mandl. Como ele foi importante. Ele pegou isso aqui ainda menino e fez muito bem a lição de casa, tiro o meu chapéu pra ele. Ele é incrível, incrível, incrível. Eu sempre costumo falar que tinha que ter mais Alexandres Mandl na vida, que a vida seria bem melhor. E ele pegou isso aqui, ele desbravou isso aqui, ele fez com que as coisas acontecesse, ele colocava uma pia debaixo do braço e, ó, prefeitura, ó, Ministério Público, ó, Departamento de Obras, ó, Departamento de... É o grande temido doutor Alexandre Mandl, porque todo mundo sabe a potência que ele tem, viu? Foi muito importante. Assim como Pedro Santinho, que deu muito do seu suor aqui por essa fábrica também, por esse movimento. Vinícius, Wanderci, o Caverna que hoje não... falecido Caverna, nosso amigo. Outros personagem como a Carolina Leone, que era advogada no início, a Cássia, e tantos outros, compadre João. Até hoje, olha, olha a imagem desse homem mudando aqui, cuidando como se fosse a própria vida. Então isso pra mim não tem preço. Não tem preço. Assim como falam da minha casa, é simples, muito simples, talvez eu... eu costumo sempre falar sem medo de errar, talvez seja uma das mais simples da Vila Operária, mas é minha. É minha. E outra, ali pra mim não tem preço. Minha casa não tem preço. Não importa que fulano vende por trezentos, quatrocentos, quinhentos mil, duzentos. A minha não tem preço e não está à venda. Já teve muitas oportunidades, viu? Ai, porque é um terreno bem localizado, ai, mas eu queria esse terreno. Meu amigo, num tá a venda. Minha casa não tem preço. É a minha história, minha vida. É meu projeto de vida, tá ali naquela casa, naquele terreno. E ali tá vinculado toda a história, então não tem, não tem preço. É isso.

**Entrevistador:** Nossa, show de bola.

**Neusa:** Ficou bom?

**Entrevistador:** Nossa, Neusa.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

[INÍCIO DA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** É, estamos no dia trinta de março de 2024, vamos realizar a entrevista com a líder da Vila Operária, Neusa, tá certo? Primeira pergunta, Neusa. Primeiramente, obrigado, né, pela disponibilidade de participar da, do projeto. E, primeira pergunta é: conte um pouco da sua trajetória de vida antes da Flaskô.

**Neusa:** Bom dia. É, então, é, eu vim da cidade do interior Divinópolis, né, e vim pra Sumaré, e comecei a pagar aluguel no Jardim Denadai. Quando eu vim, quando eu vim pra cá, o intuito era cuidar da saúde do meus filhos, né, que eu tinha um filho que tava muito enfermo e precisava dos cuidados da Unicamp. E lá na cidade onde eu morava, não tinha como fazer esse tratamento, esse acompanhamento. Alugamos uma casa, né, aqui na Rua Vinte, do Jardim Denadai, passamos por um processo bastante difícil, porque meu esposo recém-chegado numa cidade que é totalmente o oposto, né, da cidade da onde eu vim, que era oito mil habitantes, aqui uma quantidade exorbitante de pessoas, né? E as dificuldades também são maiores, né, porque cê tá num lugar desconhecido. Aí meu esposo arrumou um emprego, começou a trabalhar, só que as dificuldades também começaram a aparecer, né, com aluguel, aluguel caro, é... um meio de vida aqui também bastante caro, né. Com bastante oportunidade, só que porém mais caro. Aí ficamo por um bom tempo pagando aluguel, aí mudei de casa. Morei em três lugares na... no Jardim Denadai, e somando anos, de nove anos de aluguel que eu já tava pagando no Jardim Denadai. Ia sempre com muitas dificuldades, às vezes cê só tinha o dinheiro do aluguel, e a água e a luz às vezes muito assim, com muita frequência era nos tirado, né, porque havia cortes, né, de água e da luz. E aí... e aí, né, diante de todos esses impasses e as dificuldades, é, e a luta permanente de permanecer aqui, é... um dia, né, um belo dia, eu falo, que chegou até a minha porta, né, um amigo, camarada na nossa família, né, o Manoel, nos trazendo a boa nova que se eu quisesse, né, sair do aluguel, eu taria tendo uma oportunidade. Só que aí a gente não sabia muito assim do assunto, né, aí ele falou, né, entrou pra dentro da nossa casa e falou “olha, Ademilson, vai ter, nós estamos como movimento de luta, nós estamos organizando uma ocupação no terreno da fábrica”. E assim foi. Aí eu falei “explica pra mim

como que vai ser isso”, né? Aí ele falou, né, que ia de forma organizada, todo mundo ia sair dos bairros. Aí uma coisa bastante interessante, todas as pessoas que estava vindo para essa ocupação, eles teve o cuidado de selecionar que era pessoas que pagavam aluguel ao redor dos bairros. Então assim, era um convite irrecusável, né, porque quem tava pagando aluguel, o seu sonho era ter uma casa, né? Pelo menos o meu era. E... e aí, assim foi. Combinamos, né, naquele dia doze de fevereiro, né, de sair de madrugada, saímos de casa, era duas horas da manhã pra três horas a gente estar lá na igreja aqui do bairro vizinho aqui, né, pra gente de lá organizar a saída pra... pra área da Flaskô, que era esse reservado aqui.

**Entrevistador:** É... então cê já falou da sua história com a fábrica, né, que a Vila Operária e como que... Explica melhor como que vai ser a relação do movimento, né, de vocês, de ocupação com a fábrica.

**Neusa:** Então, no momento, naquele momento, todos os passos eram coordenados e orientados pelo Movimento de Fábricas Ocupadas Flaskô. É eles que nos dava a direção de tudo, porque o jurídico era da fábrica, né, as coordenações, as reuniões eram todas feita pela coordenação da fábrica, né? Então assim, não tinha como você não falar de ocupação do movimento, da ocupação do terreno sem a fábrica, porque sem eles não teria acontecido, né? Então assim, foi um movimento forte, ímpar, muito importante, que foi assim, sempre foi esse o escudo de luta, né, da Flaskô. A Flaskô era uma empresa poderada, forte em muitos lugares e nos setores público muito temida, porque ele era, realmente ela significava um símbolo de organização de luta. Então assim, todas as coisas que a gente fez, todas as benfeitorias, todas as demandas de que a gente tinha de luta foram organizada pelo movimento de fábrica e comissão de grupo de trabalho da Vila Operária. Então assim se fortaleceu, porque eles aqui tinha... tinha o material pra te oferecer e nós tínhamos as pessoas, que eram as pessoas mais interessada que teriam que participar dessa luta. Foi aí onde eu me engajei e me prontifiquei a ajudar no movimento. Foi logo, bem no começo, porque todas... todos os movimentos, seja eles de parar a rodovia, de parar a rua, de fazer protesto na frente de fórum, de promotora, de prefeitura, até mesmo dessa própria rua aqui, Marcos Dutra Pereira, sempre eu estava lá organizando com eles e fazendo com que a nossa demanda fosse atendida, porque era muito difícil, viu? Não era fácil não. A gente era visado como malfeitor, como... tratado como bandido mesmo, era muito difícil no começo. Assim, foi um... uma trajetória assim de que só resistia quem realmente precisava mesmo.

**Entrevistador:** Quantas famílias mais ou menos no começo, você lembra?

**Neusa:** Acho que umas quatrocentas famílias. Já veio um movimento bem forte, né? Veio um movimento bem forte. Hoje, ele tá em 574, mas naquela época, era umas quatrocentas famílias, veio pro campo, né, aí fez os seus barraquinho muito de forma organizada, bastante rápido, né? E tudo que a gente fazia, o importante dessa luta, eu acho que por isso que marcou tanto a ocupação da Vila Operária, porque é assim, ela visou campos pra outras ocupações, que é que nem o Vila Soma. Mas no momento em que a Vila Operária existia, ela foi o movimento mais organizado de luta por moradia, foi a Vila Operária. E daí nós organizamos várias outras demandas, né, e... ia atendendo outras necessidades de outro bairro, visando como exemplo a Vila Operária, né, porque a gente fazia de forma organizada, a gente buscava resultado e o resultado vinha. Mas não é porque eles eram bonzinhos, era porque realmente a gente era muito organizado, era muito forte o movimento. O movimento de moradia da Vila Operária junto com o Movimento de Fábrica Ocupada Flaskô, MTST, Sem Terra e Sem Teto, funcionou muito bem. E realmente é uma potência, viu?

**Entrevistador:** Interessante.

**Neusa:** Muito bom. Não tem barreira que fique na frente. [riso]

**Entrevistador:** Exatamente. Povo organizado, né?

**Neusa:** Povo organizado é maravilha mesmo.

**Entrevistador:** É... comenta um pouco os principais momentos da luta, que cê passou com a luta.

**Neusa:** Então, eu acho...

**Entrevistador:** Pode ser os mais difíceis, os mais... os êxitos também.

**Neusa:** Eu acho que um dos momentos mais difíceis assim foi quando a gente precisava da água, e aqui na Vila Operária tinha dois pontos pra quatrocentos família. E às vezes assim, como às vezes muitas famílias vinha de uma necessidade de vulnerabilidade bastante grande,

a gente não conseguia fazer com êxito o pagamento das duas fatura. Então o DAE, na época, hoje é BRK, mas antes era o antigo DAE, ele vinha e cortava mesmo os pontos de água, né, que já era precário porque, avalia, todo mundo com uma mangueirinha, com uma mangueira, aquelas mangueira amarela e quatrocentas famílias tendo que puxar a água dali daquela mangueira, daquele ponto de água, dá procê imaginar, né? Então assim, a gente resolveu fazer, é... o gato nas principais rodovias, nas principais avenidas, que era na Engenheiro Jaime, né, na Raimundo Alves Diniz e aqui na Marcos Dutra Pereira pra resolver a solução do caso de água. E a gente às vezes ia pro meio do... da rua duas, três horas da manhã. Muita das vezes a gente nem dormia nesse dia, a gente se organizava e se revezava, porque tinha... a água tinha que chegar em todas as residências. E assim foram feitas com aquela mangueira preta, é chamada, a popular mangueira mesmo que o pessoal puxa pra debaixo da terra, né, pra poder fazer. Então assim, foram momentos impactantes, porque ficar sem água foi muito difícil, e assim, era tirar mesmo do DAE, porque ele não colocava a... a quantidade de hidrômetros que a gente precisava. E devido à dificuldade de muitas famílias não terem dinheiro pra poder pagar a fatura, a gente ficava sem... sem a água. E... a luz também. A luz, é... No começo era tudo muito difícil, bem escuro e as famílias precisavam sair de casa pra poder ir pro trabalho, né, porque todo mundo trabalhava. Ao contrário do que pregam por aí, que ocupação é vagabundo, não, não é não. O movimento de ocupação por moradia são pessoas que precisam sair daquela condição de... de muita das vezes de miséria mesmo, né, de vulnerabilidade bastante grave pra poder ter o conceito de ter o seu direito à sua casa. E aí se livrar do aluguel, que aí condiciona ele a poder comprar um remédio, a poder comprar um pão, a poder comprar o que ele quiser comprar, porque o aluguel, ele te condiciona a isso. Você tem que pagar o aluguel. E aí, quem que você enriquece? Geralmente, os donos de imobiliária, né, os outros, os especuladores, né? Então, assim, ao contrário do que se dizem mesmo, o movimento de moradia, ele é exclusivo pra sair dessa vulnerabilidade social que é o aluguel, né, e as pessoas terem a sua casa. Com a vinda do programa Luz Para Todos do governo Lula naquela época, acho que ele foi o... tinha sido o primeiro mandato dele, se eu não me engano, foi o primeiro mandato do Lula. Aí aquele programa Luz para Todos trouxe a luz pra todo mundo na Vila Operária. Então ficou todo mundo assim, encantado, né, porque o movimento de ocupação onde não tinha nem casa, só tinha barracos, amanheceu e foi muito rápido assim com o programa Luz para Todos. Então todo mundo tinha seu hidrômetro, a Vila Operária iluminadinha, bonitinha, sabe? Então foi um passo muito importante, esse programa também nos presenteou na maneira assim, que era a gente mais precisava e na hora certa, né, porque sem água e sem luz não dava pra ficar, né? Aí tá, foi esses os momentos, né. E assim, o que mais mexeu com a gente na época, eu acho que

isso a gente sofreu bastante, foi que a gente tinha dentro da ocupação um movimento que se fazia, não era tão favorável, né, ao movimento de moradia, mas a ocupação dentro da ocupação. Então tinha gente que amanhecia aqui, né, que as pessoas assim que os terreno foram divididos, as pessoas que da quais poderiam se permanecer em outro lugar, que morava às vezes com familiares, essas coisas, né, casa que era emprestada do pai, do irmão. Às vezes tinha bastante pessoa que tava nessa condição, ela foi dado um tempo pra ela construir. Aí quando foi aquele momento de êxtase, acabou o perigo e a gente pode voltar pras casas, e aí tem aquele limite de seis meses pra você construir, as pessoas... criaram-se um movimento de que virou modinha ocupar o terreno vizinho de quem, aquele que não tinha construído ainda. Aí foi um movimento que a gente teve que combater dentro da ocupação. Então foi um momento bastante, assim, complicado pra nós, porque como cê ia explicar que você é um movimento de ocupação, que você tava combatendo uma ocupação, né? Então, cria-se, ah, mas vocês ocuparam. Sim, ocupamos, fizemos a luta e aí foi dado um prazo praquelas famílias viessem, né, de vez pra... pro movimento. Eu não saí daqui nenhum dia. Eu, desde o dia da ocupação, eu vim pra cá porque eu não tinha pra onde eu ir. Eu realmente... eu pagava o aluguel. Meu esposo não estava dando conta, então eu não tive essa opção de voltar pra casa. Eu tinha que ficar aqui mesmo. Então aí eu fui atrás de uma empresa na época, que é... a Promac, aqui mesmo no Denadai. Um irmão da nossa igreja, da Congregação, irmão Romualdo, ele falou assim “Neusa, eu consigo arrumar pra você uns paletes, uns cachotão que vem umas matérias-primas importadas, e eu consigo arrumar pra você esses paletes, eu mando pra lá, e você desmancha e você faz”. Assim eu fiz. Fizemos o nosso barraco de madeira muito bonitinho, organizado, e eu tinha que tá ali, eu e mais três filhos, então eu não podia fazer de qualquer maneira, né? Aí eu fiz, né, dentro do meu terreno mesmo, eu fui a quinta família a morar. Além de mim morava só mais quatro famílias. E olha a extensão da área, dá pra imaginar? [riso] Uma extensão área que hoje cabe quinhentos e quarenta casa, eu fui a quinta a morar. Então assim, eu não arredoei o pé daqui. Eu sabia que eu precisava me manter aqui, então a gente fez dessa forma, e aí a minha casa, ela foi surgindo aos poucos. Como eu já tinha te falado, né, a gente morava no Denadai e lá tem um vínculo, né, com a irmandade, ela é bastante forte, cê sabe disso, né? Aí, né, no grupo, né, da CCB mesmo e... e por demanda do próprio irmão Wilson, que é diácono na minha comum, ele anunciou pra poder... quem sentisse, né, de, no coração, de quem Deus preparasse pra poder ajudar, que falou da nossa história, ele já conhecia a gente tudo, e aí a minha casinha foi feita pelo, pela irmandade de lá. O material, a grande maioria foi também preparado por Deus, foram os irmãos que sentia, que fez, né? Às vezes vinha dez, quinze irmão construir, era muito lindo de ver.

**Entrevistador:** Bastante.

**Neusa:** Muito lindo. E assim, rapidinho, quando você via uma parede, num... já tava na altura da janela, então foi assim, muito rápido. É os três cômodos onde da qual eu moro até o dia de hoje. É igual eu sempre falo, tem um sonho, um projeto. Eu não quero ficar na minha casa a vida inteira em três cômodos, porque a gente mora em sete pessoas na minha casa. Então três cômodo, cê vai avaliar, um é cozinha, dois quartos, né, pequenos. Então assim, sete pessoas, vamos e convenhamos, que não vai te atender bem, né? E, assim, tem um sonho, tem o... já conseguimos fazer o alicerce da nossa casa, né, do nosso sonho, tem um projeto lá né? E... e é assim, e foram tudo muito, muito difícil. Não vou falar pra você que é fácil, não. Precisa ter persistência, precisa ter necessidade de você passar por isso, porque se você não vai... você não consegue passar por isso porque você quer, não. Não é nem um Big Brother, um teste que você vai sair no final e você vai receber um prêmio, não. Ali o prêmio vai ser sua luta. Se você ser resistente, ser persistente e conseguir passar pelo desafio, o seu prêmio vai ser sua casa com muito esforço, mas é isso. É, são um pouco assim da história, né, porque assim, eu num... eu num sabia o que era esse movimento, muito pelo contrário, quando se falava em movimento de ocupação, de luta, eu tinha medo, porque a Globo, as mídias, elas te apavoram, elas falam de movimento de luta, uma barbárie, né? Até o ponto de eu colocar o pé dentro duma luta gigante, que é o movimento de moradia. Hoje eu tenho muito orgulho de falar, eu estive lá, eu fiz acontecer e eu estou lá no movimento de moradia. Pra mim, foi um orgulho, foi um aprendizado muito grande, eu aprendi ter voz. Agora ninguém fala por mim, eu mesmo falo. Se gostarem ou não... nem sempre o que falaram pra mim eu gostei e eu tive que, né, seguir caminhando. Hoje não, se eu não gostei eu vou lá, "PAF", falo mesmo, não gostei e pronto. O movimento, ele te fortalece a isso, ele te condiciona a isso. E é um tipo de falar assim, para, num tô gostando disso, entendeu? Então o movimento de moradia, ele é gigantesco, ele é grandioso e ele tem que crescer. O movimento de moradia, ele tem que crescer, ele tem que se organizar. Aqui, na nossa região, a gente tem que fortalecer o movimento de moradia. Ele é único e ele é a maneira mais rápida de ajudar um pai de família a ter sua casa. Cê pode ter certeza disso. O movimento, ele tem que ser organizado e estruturado, e ele acaba que sendo que... ter que ser respeitado na garganta de quem quer que seja. De quem quer que seja.

**Entrevistador:** Interessante. Neusa, conta pra gente as perspectivas futuras da ocupação, comenta aí da regularização. [riso]

**Neusa:** Então, assim. É assim, hoje é com muito orgulho que eu posso dizer, 85% do bairro tá regularizado. Foi assim, brilhante a forma de que tudo aconteceu e a nossa Vila Operária e Popular é o movimento de moradia mais novo regularizado na história. Foi muito rápido. Talvez... talvez não, e eu falo com toda certeza, por causa da organização e estrutura que teve. Não era fácil combater a Flaskô. Não era. Assim como a Vila Operária se vinculou a ela, virou um muro de concreto, fio, que num era fácil. Não era fácil combater. Então assim, só se fortaleceu, sabe? A luta se fortaleceu, o movimento de fábrica junto com o movimento de moradia. Você não tem ideia de quanto era impactante esse movimento. Aonde chegava, era só... colocava o povo, o público pra poder trabalhar memo, era polícia na rua, guarda municipal, nós demo muito trabalho, nós, nós demo muito trabalho. Mas o nosso trabalho era pra coisa boa. Era pra vim coisa boa, era pra vim, é, benfeitoria, era pra vim tudo que nós estávamos precisando. E quando se falava em prefeitura, o Movimento das Fábricas Ocupadas tá na rua, fí, cê não tem ideia, Sumaré se transformava. Se transformava. Mas era assim, nunca tivemos, nunca na história, cê pode pesquisar, nunca quebramos nada, nunca demo prejuízo ao poder público, muito ao contrário, a gente levava a demanda prontinha pra eles nos atender, né? E muita das vezes, é, quando a gente se sentava em rodas de governo pra poder discutir era pra ajudar outros movimentos também, assim como foi feito com Zumbi dos Palmares, que a gente, o nosso movimento de moradia, se organizou pra fazer uma outra ocupação, que foi no Denadai, e que como... teve como base, olha que lindo, a Flaskô. Ficaram aqui acampados por um bom tempo, aqui no barracão, e daqui direcionados pros terrenos. E através dessa demanda, nós fomos pra Brasília três vezes sentar com o governo Lula. Três vezes. E dessas três vezes, gerou a demanda, através da ocupação Zumbi dos Palmares, que era organizada também pelo movimento de fábrica e alguns integrantes do movimento da... de moradia da Vila Operária estava lá, como eu também estava, pra ajudar, foram advindos cinco mil apartamentos pro programa Minha Casa Minha Vida através do Governo Federal pra Sumaré. Olha que história gigante. Olha que organização gigante. Cê acha mesmo que se não tivesse tido um movimento de moradia pra eles saber, ó, o déficit tá lá, o déficit é gigantesco, tem mais de vinte mil de déficit de moradia, e através de um movimento vim cinco mil moradias pra pra cidade. Olha a potência que isso tinha, olha a organização como era. Então assim, hoje, se você falar assim... é igual a gente tava comentando antes, se você falar assim que hoje o Movimento de Fábrica Ocupada não existe mais, dói, né, porque se você viu isso aqui funcionando a todo vapor. É isso que o empresário faz, né, é isso que a burguesia faz, que o capitalismo faz. Enquanto eles não pôde calar a gente como movimento, eles atacou da forma pior que tinha, que era através

do corte de luz, né? Decreta a falência, porque agora não era mais... Enquanto pôde ser de portas abertas, o movimento de luta ia lá e derrubava esse decreto. Aí eles começou a fazer de forma virtual, aonde é que eles decretaram a falência, cortaram a luz, porque enquanto vinha aí nos poste, derrubava memo eles de lá do poste. Não cortava, não deixava, ficava lá, montava aquele paredão, aquele cordão isolava, ninguém cortava, quem era louco de cortar? Aí eles... fomos muita das vezes lá na CPFL lá, bonita lá, lá de Campinas, se eu não me engano, na Cidade Universitária, uma coisa assim. Quantas vezes nós formamo um paredão lá e não cortava a luz? Tinha... eles renegociavam. Aí agora, de forma covarde, né, pra afetar mesmo os trabalhadores da fábrica, cortaram a luz numa exigência de que eles tinham que pagar não sei quanto milhões de reais pela dívida patronal da luz. Não do que os trabalhadores realmente deviam, né. E dessa forma calou-se, né, a grande e temida Flaskô, né, como movimento, né? Então hoje você entra aqui nesse prédio, câ fala que você consegue ver a importância, de como era importante esse movimento. O como que a gente queria ter de volta e a gente não consegue como pessoa, né, a gente não consegue ter. Isso aqui podia muito bem tá funcionando se tivesse interesse da, né, desse povo aí poderoso. Podia tá funcionando com quatrocentos, quinhentos postos de trabalho em dois turnos, três turnos. Poderia, né, mas, né, como o capitalismo, ele age dessa forma, né, então eles conseguiram tirar essa potência, né? Pelo menos aí das mídias, né, mas como história jamais tirará da lembrança da gente, jamais. Eu acho assim que, como coisas e movimentos futuros, a gente tem que resgatar e fortalecer esse vínculo, não deixar jamais a instituição Movimento de Fábrica Ocupada Flaskô morrer, não podemos. E isso é tarefa minha, sua, dos estudantes, das pessoas que virão, da história que a gente conta... de não deixar morrer essa história, de resgatar ela. A gente pretende deixar aqui a Vila Operária continuar como movimento de luta... Espaços foram deixados, não sei se a gente consegue fortalecer esse espaço, mas eu gostaria muito de buscar forças pra poder instituir um espaço que a gente tem do poço, que tem muito a ver com a história da fábrica, porque era o poço que ficava no centro da vila que mantinha as máquinas ligadas e a produção. Então a gente deixou esse espaço, é um terreninho bastante grande, pra gente deixar fundado como um monumento, né, um monumento de história da luta da Vila Operária e Movimento de Fábrica Ocupada. Não sei se a gente tem forças pra isso, porque você sabe que a instituição governo, ela faz o que ela determinar fazer, né, e a gente não tem força pra combater isso. Mas a gente gostaria de deixar como marco histórico de luta, né, e a gente poder fazer mais, não sei se a gente, né, a gente lembra assim com tanta... nossa, com tanta alegria quando era a Fábrica de Cultura, funcionava duzentas, trezentas crianças, né, participava entre jovem, vários jogos, várias modalidades,

tinha a capoeira, tinha o judô, tinha... aquele tempo tinha as festas da Flaskô. Quem que não veio numa festa da Flaskô? Cê já veio?

**Entrevistador:** Já.

**Neusa:** Não era lindo?

**Entrevistador:** Nossa, era bom.

**Neusa:** Era muito bom. Então assim, essas coisas a gente não pode deixar com que caia no esquecimento. E a importância, a força que essas... que esse movimento teve como fábrica. Eles falavam assim pra gente, imagina se a moda pega? Cê já imaginou se cada fábrica fizesse esse movimento? Cê imaginou uma Honda no Brasil fizesse esse movimento? Uma Villares, uma PPG? Não tinha uma única pessoa mais pagando aluguel, meu amigo. Então a Flaskô, ela é imensa na sua luta, porque ela é a única na América Latina que fez isso. Então assim, ela é exclusiva em tudo. Acabou fechando as portas, mas continua exclusiva, porque é a única empresa de Movimento de Fábrica Ocupada, de movimento de luta que deu quinhentas e setenta moradia prontinha. Então ela é exclusiva mesmo, não tem, não vai ter outra. Assim, foi combatida, né, foi imbatível em muitos tempos, muitos anos, porque cê sabe que... cê sabe dizer que no mundo que nós vive hoje, uma fábrica pra ela se manter viva e de portas aberta com o movimento operário, ela é única. E ela é grandiosa, ela é... ela é de excelência no meu ponto de vista. E eu, assim, e é com muita, muita, muita dor mesmo no coração que às vezes a gente, né, eu, Chaolin, João, Alexandre, às vezes a gente se emociona, chora, né, porque foram tiradas das nossas mãos de uma certa forma. Deixou aí um marco histórico? Deixou, mas a gente, a gente queria isso vivo e do povo. Então, poxa, como não ser grata à Flaskô? Tenho minha casa hoje por causa da Flaskô, né. Nunca mais eu vou... ninguém bater na porta e falar assim, olha você não pagou o aluguel, tá dois aluguel atrasado, tá três aluguel atrasado. Poxa, a Vila Operária Flaskô foi meu projeto de vida, e é meu projeto, porque eu ainda estou viva. Enquanto eu viver, enquanto eu saber contar a história como ela foi, não como desdenham e pintam, né, porque pintam da maneira que querem, né? Mas a gente escreveu a nossa história, a gente sabe os passos que a gente deu, a trajetória que a gente fez. Muitos anos a gente foi combatido, a gente foi caluniado, a gente foi ignorado, mas a vitória, ela veio e a vitória, ela é doce, porque cada um que recebeu aquele título de propriedade vibrou muito, comemorou muito e assim foi feito. Assim, 85% da Vila Operária está regularizada. É mérito nosso. O

governo ajudou. Ajudou, porque teve interesse em fazer a regularização, porque não tinha mais como negar nada pra nós. A gente tinha feito tudo, a gente fez terraplanagem, a gente fez rua. Vinícius de Camargo, cê ouviu falar?

**Entrevistador:** Não.

**Neusa:** Ele tá no livro.

**Entrevistador:** É o que tava aqui um dia na...

**Neusa:** O Vinícius é o quem que escreveu o livro, foi o arquiteto da Flaskô. Então assim, ele deixou histórias, a história dele tá contada ali, ó, na na Vila Operária, em todas essas ruas. E uma coisa linda também que a gente conseguiu foi que os nomes da Flaskô, a gente fez uma puta duma luta mais o Alexandre, né, só que a gente sempre conversava, porque o Ale nunca fez nada sozinho, ele sempre fez de maneira organizada com a demanda da maioria do povo, que o povo decidia. Então ele foi uma pessoa... o Mandl, ele foi muito importante pra essa luta, o Alexandre, doutor Alexandre Mandl. Como ele foi importante. Ele pegou isso aqui ainda menino e fez muito bem a lição de casa, tiro o meu chapéu pra ele. Ele é incrível, incrível, incrível. Eu sempre custumo falar que tinha que ter mais Alexandres Mandl na vida, que a vida seria bem melhor. E ele pegou isso aqui, ele desbravou isso aqui, ele fez com que as coisas acontecesse, ele colocava uma pia debaixo do braço e, ó, prefeitura, ó, Ministério Público, ó, Departamento de Obras, ó, Departamento de... É o grande temido doutor Alexandre Mandl, porque todo mundo sabe a potência que ele tem, viu? Foi muito importante. Assim como Pedro Santinho, que deu muito do seu suor aqui por essa fábrica também, por esse movimento. Vinícius, Wanderci, o Caverna que hoje não... falecido Caverna, nosso amigo. Outros personagem como a Carolina Leone, que era advogada no início, a Cássia, e tantos outros, compadre João. Até hoje, olha, olha a imagem desse homem mudando aqui, cuidando como se fosse a própria vida. Então isso pra mim não tem preço. Não tem preço. Assim como falam da minha casa, é simples, muito simples, talvez eu... eu custumo sempre falar sem medo de errar, talvez seja uma das mais simples da Vila Operária, mas é minha. É minha. E outra, ali pra mim não tem preço. Minha casa não tem preço. Não importa que fulano vende por trezentos, quatrocentos, quinhentos mil, duzentos. A minha não tem preço e não está à venda. Já teve muitas oportunidades, viu? Ai, porque é um terreno bem localizado, ai, mas eu queria esse terreno. Meu amigo, num tá a venda. Minha casa não tem preço. É a minha história, minha

vida. É meu projeto de vida, tá ali naquela casa, naquele terreno. E ali tá vinculado toda a história, então não tem, não tem preço. É isso.

**Entrevistador:** Nossa, show de bola.

**Neusa:** Ficou bom?

**Entrevistador:** Nossa, Neusa.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]

[INÍCIO DA PRIMEIRA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** É, estamos aqui no dia doze de junho, entrevistando funcionário trabalhador da fábrica Flaskô, Chaolin, né? Primeira pergunta, Chaolin, é... sobre sua vida pessoal assim, como você... sua história com a fábrica... como que começa sua história com a Flaskô, como que se inicia essa trajetória sua aí com a Flaskô?

**Chaolin:** Bom dia. É, cara, a minha história da Flaskô se iniciou quando houve uma ocupação de uma empresa em Itapevi, que é minha cidade natal, de onde eu sou, grande São Paulo. E como eu, lá saiu na mídia tal, entendeu? Aí a Flaskô, como já era ocupada aí a Cipla, o pessoal me viram pela televisão aqui em Sumaré e fizeram contato com nós lá de Itapevi. Aí foi feita aquela, tipo, uma junção das fábricas ocupadas, fizeram uma reunião comigo lá e com o Conselho de Fábrica de Itapevi, que até então eu num... a gente num entendia direito de fábricas ocupadas na época, acho que era o instinto da classe operária que... Eu era um cara super despolitizado na época, mas como os patrões de Itapevi lá da Flakepet fizeram o mesmo que os da Flaskô fizeram aqui, aí por mim só eu tive a curiosidade de tocar a empresa com os trabalhadores. Chamei lá uns colegas de sessão, expliquei, ó, e o cara foi embora, não nos paga, não pagou, deve três meses de salário, puxei meu fundo de garantia, não tenho um real

depositado, que que cê's acham? Os cara abandonaram isso aqui, tem essa matéria-prima aqui, vamo ligar o maquinário e vamo tocar a empresa. Foi assim que se deu na Flakepet, foi quando a gente tivemos o primeiro confronto com a polícia lá e aí aquela confusão terrível, passou na Globo, em todos os canais de televisão, uma coisa tremenda, que lá na Flakepet de Itapevi, a gente tinha três, quatro confronto com a polícia por dia. A Eletropaulo vinha, cortava a luz, quando eles virava na esquina, eu tinha uma equipe de eletricista monstro que os caras eram. Os cara tavam virando, nós ia lá e ligava de novo, os cara subia lá e ligava de novo. Mas aí chegou o pessoal da Flaskô, da Cipla, aquela multidão de gente, povo estranho que a gente nem sabia quem era, e foi aonde se unimos, mas a Flakepet não teve um avante. Com cinco meses a gente perdeu, porque lá, lá era pauleira, entendeu? Era confronto dia e noite com a polícia, eu era ameaçado, às vezes eu tava na minha casa, tocava o telefone, já tinha até medo de atender, que era muita ameaça da... do lado da patronal, sabe? Até ameaças de morte eu recebi por e-mail, por telefone, era, lá era terrível mesmo, uma coisa assim, muito, muito sinistra que eu não sei nem como é que eu sobrevivi lá, cara. Muito terrível. Aí perdemos. Foi quando a Cipla, pelo fato de me conhecer, conhecer uma galera da Flakepet e do Conselho de Fábrica de lá que era... a gente era muito bem... Se nós nos organizamos despolitizado, mas é uma coisa, cara, que é muito louco o... a situação de um trabalhador para com o outro, quando você tem uma união dentro duma fábrica, a gente era muito, éramos muito unidos. E formamos um Conselho de Fábrica, tudo cego político, sabe? Uns que não queria saber, já queriam era despenar a fábrica pra vender, eu falava não pode. Pior que foi até um erro, que se tivesse vendido aquela fábrica toda, não tinha dado era nada, que depois que descobrimos que o Maurício Noguti e o Ralph Corradat era uma quadrilha organizada, já tinham mais de quarenta empresas abertas pegando dinheiro do BNDES e davam calote. Abriam, punham esquema ali, trabalhava um ano e meio, dois anos, aí fechava de uma hora pra outra, desapareciam, era assim que eles faziam. Só que como você sabe, a justiça brasileira, ela é capitalista, né, cara? Eu ainda fiquei sendo processado, eu, Cabelinho, Conselho de Fábrica. Tive várias audiências, inclusive quem vinha lá de Santa Catarina salvar o Chaolin era a Cíntia, doutora Cíntia, mulher do finado Chico Lessa, que é uns advogados muito parceiros nossos, entendeu? Aí a galera da Cipla me achou com o pessoal da Flaskô. Achou nós lá, né, iam lá direto, aí fizemos aquela união. E quando a gente perdeu lá, a Cipla me fez o convite de Santa Catarina. Eu nem queria mais me envolver, que eu já tava um pouco cansado, sabe? Eu digo, ah, eu vou lá ver qual que é. Aí foi eu e o Aderbal, colega meu lá da Flakepet, que ele era do Conselho de Fábrica, o apelido dele era Cabelinho, e o meu era Chaolin, era a dupla Cabelinho e Chaolin. [riso] Muito interessante isso aí. Aí eu achei interessante a proposta lá, fizemos um curso lá de quinze dias, eu e o

Cabelinho. Aí viemos pra São Paulo, a Cipla nos contratou como promotor técnico de venda da Cipla. Aí nós trabalhava São Paulo e grande São Paulo, fazendo cadastro das empresas, dos produtos da Cipla. A Cipla tinha quase mil itens de produtos na área de material de construção diferentes. Tudo que cê imaginar de cano, cotovelo, junta, vaso sanitário, válvula de descarga, descarga, tudo a Cipla fabrica, e a gente trabalhava com isso. Aí, com um ano e meio, perdemos a Cipla também. Eu digo, meu Deus do céu, não quero mais nem ver falar desse troço aqui. Aí eu fiquei parado lá em casa por uns... três meses, não foi isso. Aí eu digo, não, tenho que tocar minha vida, né? O pessoal da Flaskô me ligando e eu não queria, só dizendo não, não, não. Aí eu fui procurar um trabalho em Pinheiros, fiz uma ficha lá no restaurante, aqueles restaurantes chicão lá do alto de Pinheiros que acho que cê conhece, né? Aí mandaram eu aguardar em casa. Aí o Evandro e o Serjão de Santa Catarina e o Pedro passaram, me ligaram, cara. “Não, cê tem que ir pra Flaskô e tal, lá a luta continua, a gente vai tentar recuperar a Cipla”, mas eu já tinha visto na minha visão operária que a Cipla já era sem volta, porque foi uma articulação política muito bem feita com a Polícia Federal, com a tomada da Cipla, que a Cipla pra os cara é como se fosse a torre do negócio. Entendeu? Tipo assim, derrubou a Cipla, derruba as outras torres, que de fato foi o que aconteceu, porque a Cipla era nossa fortaleza, entendeu? Aí o Serjão me convenceu, mais o Evandro, o Pedro, eu digo, tá bom, eu vou. Aí eu vim pra cá dia seis de... de agosto, parece que de 2004, 2005, uma coisa assim, nem me lembro direito a data.

**Entrevistador:** Bem no começo.

**Chaolin:** É. E tô aqui até hoje. Por incrível que pareça, eu não queria vim e hoje eu tô sendo o último a sair daqui dos militantes de linha de frente, porque aconteceu o corte da luz, aquele sofrimento total que era aqui, né, porque a gente matava um leão de manhã, um meio dia, um de tarde, um de noite. Tive, lógico, tivemos bons momentos, não foi só de agonia. Teve uma época aqui que nós tava faturando um milhão, um milhão e duzentos por mês. Dava pra pagar a luz, os trabalhador tudo bonitinho, o Pedro e o doutor Alexandre fizeram um trabalho de... com a Justiça Trabalhista, que tem muitos processos da Flaskô que é da época da patronal, que inclusive eles tão unificados com o nosso agora, agora eles vão receber. Aí todo mês era descontado uma porcentagem, eu não sei se era 1,5% ou 2% por mês do faturamento da fábrica. Isso caia em juiz, e o juiz, quando ia juntando lá, quando tinha uma boa grana, pagava aqueles trabalhadores da época da patronal. Eu sei que tem muitos trabalhadores aí que nós conseguimos pagar todo mundo, graças a Deus, cara. Foi uma coisa assim inacreditável. Mas era aquela coisa, né, velho, a gente sem crédito no mercado, se comprava matéria-prima à vista

pra vender fiado, depois do produto industrializado pra pagar com trinta, quarenta, sessenta dias, é complicado sem um fundo de caixa, né, sem nenhum apoio da justiça, do governo. Ah, é louco. [riso]

**Entrevistador:** A Flakepet era do grupo da Flaskô também?

**Chaolin:** Não. Nada a ver.

**Entrevistador:** Tinha nada a ver.

**Chaolin:** Nada a ver. A Flakepet, ela se instalou em Itapevi, foi a fábrica que veio... Esse Maurício Noguti, dizem que ele era do Rio de Janeiro, era um japonês, japonês ou coreano, nem sei que porra aquele cara era. É, ele era do rio e esse Ralph Corradat é de São Paulo. Eles foram quem explodiram no mercado com esse negócio de pet. O maquinário da Flakepet era tudo máquinas... coisa de primeiro mundo, tudo computadorizada. Até o trator da Flakepet era computadorizado, cara. Incrível. Esses tratorzão que você vê aí hoje nesses agronegócios, que eu tava vendo esses dias numa feira que teve em Ribeirão Preto, na Flakepet já tinha aquilo, tinha um daqueles, entendeu, igualzinho, que eu vi lá, bicho todo computadorizado, é, a estrutura computadorizada. Inclusive essa estrutura quase me manda pra cadeia, que eu vendi ela. Lá nós era duzentos e cinquenta funcionários, pensa, rapaz. Meu Deus do céu. Aí eu fui processado, mas não deu em nada não. Na verdade a justiça reconheceu que nós távamos certos e o Maurício Noguti perdeu, e na verdade, ele comprou, ele pegou na época cinquenta, sessenta milhões do BNDES, na verdade ele não pagou o banco. Acredito eu que aquelas máquinas ele comprou tudo no crediário, não pagou ninguém, o cara é um bandido, cara! Mas aqueles bandidos de colarinho branco, cê tá me entendendo? Que o juiz bate continência pros cara, sabe? É muito nojento a justiça brasileira, nos envergonha. A mim, envergonha. Se eu e você que somos pessoas comum, trabalhador, cometer qualquer delito, a gente é preso, condenado, sai de lá com a ficha suja, ninguém quer te dar um emprego. Por que não acaba o índice de criminalidade no Brasil? Que educação você acha que um preso pode ter nessas cadeias aqui do Brasil pra reeducar o cara? Não tem como, entendeu? Na verdade, lá o cara entra pra se formar na faculdade do crime. Tanto é que cê vê essas organizações, que diz que tem aí hoje, que eu até vejo o PCC como uma organização política, os cara tem que se politizar e fundar um partido, que juro que eu entrava, mano. Te juro. Porque as FARC da Colômbia é um partido político. Você acha que a Al Qaeda é terrorista, conforme os Estados Unidos, os país...? Não,

é um partido político. E aqui na Flaskô, nós tínhamos amigos do Iraque que vieram aqui, entendeu? E aí cê passa a entender a política, é uma política, só que como os cara não tem o poder na mão, não tem as armas, os cara vai pro pau e tá certo, mano, aí vira terrorista. Não teve uma lei aí que eu acho que foi a Dilma que fez aqui no Brasil, não sei do que, cara.

**Entrevistador:** A lei de terrorismo?

**Chaolin:** É. Puta que pariu, velho! No Brasil não tem que ter... quem faz o terrorismo no Brasil são eles, os próprios políticos que vão contra a classe, sabe? E olha que a Dilma é do PT. Eu me envergonho até de falar, mas eu sou do PT, sou, fui filiado... e acho que ainda sou, porque eu nunca fui lá da baixa, mas... porque eu também não vejo nenhum partido como uma outra opção, entendeu? Não desviando o foco da coisa, mas se você lê o estatuto de fundação do PT, é muito bonito, é uma pena que ele hoje não é... não é feito conforme está escrito quando foi fundado. Mas é isso.

**Entrevistador:** E qual que era a sua função aqui na fábrica?

**Chaolin:** Aqui eu já entrei como... entrei pra expedição logística, aí já me colocaram como líder de setor. Uma área que eu não entendia muito, mas dentro de uma semana, já peguei a manha direitinho e fiquei até agora como líder de logística e expedição. Tudo que chegava, eu recebia, tudo que saía, tinha que passar por minha mão. Eu contava tudo, a produção do dia, o que era industrializado no dia, tudo... eu ia lá com os meninos do meu setor. Nada de porque ser líder ficar lá sentado na sala, não, eu ia com os cara também. A minha diferença de líder deles era que as notas fiscais era eu que assinava, eu que jogava no sistema, entendeu? Contava tudo bonitinho, lote por lote, peça de duzentos litro, peça de cem litro, um lote aqui é de cinquenta litro, ali, de vinte e cinco aqui, tudo assim enfileirado com seus lotes separados de cada um.

**Entrevistador:** Tu já falou um pouco aí, mas como que era esse cotidiano aí de uma fábrica ocupada assim?

**Chaolin:** O cotidiano nosso aqui, eu achava interessante assim, porque não tinha aquela repressão conforme uma fábrica... uma fábrica... Não tinha aquela repressão em cima da gente como uma fábrica patronal. Qualquer coisa que... de diferente que a gente, a direção no

conjunto com o Conselho de Fábrica tomava, isso era discutido... Nós fazíamos primeiro a reunião no Conselho de Fábrica, será que vai dar certo? Tá. Uns concordavam, outros não concordavam, mas aí o Conselho de Fábrica votava. A maioria ganhava, mas só que essa maioria ainda passava por uma outra eleição. E quem dava o aval, sim ou não, era a peãozada no chão de fábrica, entendeu? A gente colocava assembleia. Claro que eu sempre ficava com os peão de fábrica. Então, se o peão de fábrica dissesse não, memo que fosse a maioria, eu ficava do lado dele pra nós descobrir porque que eles tavam votando contra, e muitas vezes eles tavam certo, cê tá me entendendo? E era assim, eu achava muito bacana.

**Entrevistador:** Interessante. E uma pergunta parecida, mas como que era o dia a dia assim no chão de fábrica? Essa relação entre, né... quem tava ali na máquina, quem tava ali na... Cê já falou um pouco, mas só pra falar um pouco mais. Essa diferença entre chefia e... tinha isso aqui na Flaskô?

**Chaolin:** Na prática, como trabalhador lá no chão de fábrica, eu não tinha essa diferença do chefe tá lá bonitinho, aqui todo mundo se sujava de graxa, entendeu? Só que é lógico, tinha um respeito pelo cara que era o líder daquele setor, era... Se você visse nós trabalhando, dava a impressão que seria uma fábrica capitalista, só que cada um daqueles trabalhadores tinha a sua função e a sua responsabilidade, que eles tinham a ciência de que tavam produzindo pra nós mesmo, cê tá me entendendo? Eles tinham cuidado com as peças pra não... saírem perfeitas pra que a gente não tivesse prejuízo. É, não tinha nada assim de anormal, entendeu? Ao meu ver. Claro que se você for perguntar pra algum trabalhadores aí, duns que ficaram aí da época da patronal e que não concordavam com a ocupação, que teve tudo isso aqui na Flaskô. Tem um lado meio que negro aí, que isso nunca foi discutido, são coisas que a gente não gosta nem de lembrar, sabe? Como que pode um cara ter vinte anos e, numa situação dessa, ficar do lado do patrão, pô. É, é muita falta de politização ou, sei lá, algum interesse, porque não é possível. Mas... porque na verdade, quem segura qualquer fábrica é o peãozinho, aquele lá semianalfabeto, que ele não quer perder o trabalho dele. Depois que viram que na ocupação mudou a situação dentro do parque fabril, dentro das sessões, a diferença de quando era do patrão pra hoje, então... Peãozada adorava nós, o Conselho, os líderes, sabe? Porque... cê precisa sair, não tem problema, vai lá. Ô, fulano fica aqui pra ele, que ele vai ter que ir em Campinas lá levar o filho dele numa consulta, a esposa dele... Isso não era descontado, era tipo, sabe, um ajudando ao outro da melhor maneira possível. Não sei se cê compreendeu aí.

**Entrevistador:** Compreendi. [riso] E cê já falou, mas como era tomadas as... Como era aqueles processos decisórios assim, da tomada das decisões? Pode falar mais com detalhe assim?

**Chaolin:** Então, por exemplo, a tomada das decisões, que eu já falei, né, era mais ou meno a mesma coisa que eu te falei. Por exemplo, o coordenador geral era o Pedro Santinho, né? O moleque por sinal é um moleque muito inteligente, tanto é que hoje é advogado, não sei se tá sabendo. É... que o Pedro é um monstro político, mano, meu Deus do céu que moleque bom do caramba. Ele, o Alexandre, nossa, eu tiro o chapéu pra esses moleques. Aí o Pedro, “não, nós tem que fazer assim”, ele conversava às vezes ali com alguns, aí fazia, chamava uma reunião de Conselho, “que que cês acham?”, tal, tal. Tinha às vezes membro do Conselho que não concordava, outros concordava. Muitas vezes eu discordava também, aí depois eu via que eu tava errado, às vezes eu discordava, ele, ah, o Conselho todo concordava, aí na hora da assembleia, o Conselho perdia, aí eu que tava certo, sabe? É assim, uma coisa, mas tudo amigável sempre. A resposta era o chão de fábrica. É o chão de fábrica. O que que é o chão de fábrica? O trabalhador, porque se ele não ligar a máquina, se ele não pôr a matéria-prima, se ele não soldar a peça, o outro lá rebarbar a peça, o outro lá carregar, pôr no caminhão, não tem dinheiro, não tem riqueza, entendeu? Quem trabalha no escritório tem suas responsabilidades, mas é aquele serviço bem mais tranquilo, bem mais leve. Sabe a caloria de uma IP dessa ligada, de uma máquina dessa o dia todo? É mais duzentos grau. Imagine isso no calor, e a gente tava lá. Tinha dia que tava calor que eu, eu como líder ficava na máquina lá pro cara tomar um ar. Vai lá beber uma água, cara, vai lá fumar um cigarro. Ficava lá duas, três horas pro cara, entendeu? E é, era assim. E assim que tem que ser, um trabalhador ajudando o outro, penso eu. Não sei se respondi conforme cê...

**Entrevistador:** Sim, sim. Quais são suas principais lembranças dos anos da ocupação que mais te marcou?

**Chaolin:** Só da Flaskô ou das três que eu passei?

**Entrevistador:** Dos anos da... da Flaskô, né? Da Flaskô.

**Chaolin:** Nossa, cara, são tantas coisas que... [riso] Uma coisa que eu achei muito daora aqui foi um encontro que teve aqui na época do Festival de Cultura, que eu não sei se cê sabia que

a gente passou a fazer Festival de Cultura aqui por sete anos. Foi quando na mesma data do Festival de Cultura caiu o aniversário da Flaskô e teve um encontro aqui de comissões de fábricas sob controle dos trabalhadores de vários países do mundo. Aquilo ali foi uma coisa que me marcou muito, que tinha uma comissão do Iraque, tinha uma comissão da Alemanha, tinha uma comissão da Venezuela, uma comissão de fábrica da Argentina, uma comissão de fábrica do Paraguai, uma comissão de... Mano, era tanto, tinha tanto gringo aqui, mais do que trabalhadores, entendeu? Essa aqui foi uma coisa que me marcou muito, porque até então eu achava que aquela loucura, mas é só aqui, nós aqui no Brasil e tal, e não era, entendeu? É uma coisa que... se a justiça brasileira não tivesse derrubado a gente, cara, e pegasse... e o problema da justiça ter acabado com as fábricas ocupadas no Brasil é o que o juiz já alegou, é que se a moda pegasse. Isso não podia acontecer no Brasil antes que a moda pegasse, e, ao contrário, nosso grito de guerra era que a moda pegasse. [riso] Foi uma coisa que me marcou, não esqueço desses... desse momento. Várias línguas, caras, tem o tradutor pra... imagina você conversando com um iraquiano, mano. Eu conversava com o cara, só chamava ele “Saddam Hussein”, e ele “Lula”. Pronto, aí nós se entendia muito bem.

**Entrevistador:** Legal. Tem mais alguma assim que cê queira...

**Chaolin:** Da Flaskô, uma que me... Bom, a Flaskô ficou marcada eternamente pelo... a nossa trajetória, cara. Muita luta, nem só dentro da fábrica, pela Vila Operária, outros movimentos aqui de Sumaré que a gente se envolvia, Sem Terra, Sem Teto, então... Esse Zumbi dos Palmares de Sumaré, que é uma ocupação que teve ali pra moradias, surgiu bem aqui onde nós tamos. Eu, Pedro, Guilherme e a esposa do Guilherme, um dia nós tomamos uma cerveja aqui a tarde, esse Guilherme hoje tá em Brasília, tá com um bom cargo lá. Mas um moleque muito bom, acho que você deve saber quem é. Conseguimos a moradia pra duzentos e cinquenta famílias de Sumaré, essas pessoas hoje tão tudo nos seus apartamentos, agradeça a nossa luta. É, outra ocupação também que teve aqui que a gente se envolveu, que inclusive ela tá acontecendo em Valinhos. Ah, é Valinhos, né? Marielle Vive, não sei se... Cê já teve lá?

**Entrevistador:** Não.

**Chaolin:** A Marielle Vive, eu fui um dos fundador dela, aqui no bairro. Peguei a perua da Flaskô com o Miranda, que é um trabalhador que morava ali, saímos no bairro anunciando pra uma grande reunião que teria aqui no nosso restaurante sobre uma situação, mas não podia falar

o que que era, né? Era sobre moradias. Nossa, na quinta reunião, acho que já tinha duas mil pessoas naquele restaurante. Aí foi quando marcou o dia, tal da saída, tal, tal. Aí eu fiz um jantar lá, jantou setecentas pessoas. Esse povo comeram quase cinquenta quilos de arroz, cara. Nossa senhora, ô povo que tinha fome. [riso] As salsicha do Andrade foi tudinho. E tá lá o Marielle Vive, tudo bem que não foi legalizado ainda, mas tem demorado, que foi bem na época, no governo Bolsonaro, cara. Os cara tentaram tirar umas duas, três vezes e não conseguiram, tá lá. Eu não sei que bicho que vai dar, quer dizer, tem Flaskô envolvida. Teve também uma reintegração de posse aqui numa ocupação em Campinas com o nome de Dandara. Cê chegou a ouvir falar?

**Entrevistador:** Já, já.

**Chaolin:** O Dandara, quando despejaram, nós recebemos tudo eles aqui na Flaskô, naquele barracão de baixo, nossa, uma multidão de gente, acho que mais de quinhentas pessoas. Meu Deus do céu! Aí, a metade do pessoal foram embora, ficaram aí quase um mês, foram embora, ficou tipo trinta pessoas. Aí nós aqui da Flaskô fizemos uma ocupaçãozinha ali em Hortolândia com trinta pessoas. Cê acredita que essas trinta pessoas ganharam apartamento em Hortolândia, cara? Entendeu? Então é umas coisas que a Flaskô se enraizou assim nessas... ajudando outras pessoas que não faziam nem parte do... do chão de fábrica. Mas a solidariedade, que, pra mim, dar uma força politicamente ou numa luta, não precisa ser trabalhador da mesma empresa. Não, onde tem lá, chamou a gente, a gente tá lá pra levar o nosso apoio, dar o nosso grito, passar um pouco da nossa experiência. E é isso.

**Entrevistador:** Legal. É, a última. É... quais são as perspectivas futuras para os trabalhadores da Flaskô? Esses trabalhadores que participaram da ocupação, quais são as perspectivas aí da... de... legais?

**Chaolin:** Cara, acho... expectativas legais é que eu tô muito... muito acreditando que a Flaskô está sendo vendida, inclusive depois eu posso até te mostrar aqui no celular, quando cê... eu tava conversando com os cara da Cipla, né, com os interventores, que infelizmente eu tenho que conversar, tenho que tolerar, porque é foda. Se for ver pelo lado prático, os caras são escrotões, mas são a justiça, então, perdemos. A massa falida sumiu, perdemos. Cê tem que se conscientizar quando cê perde uma coisa. E... pelo menos não vamos perder os direitos que a venda disso aqui, assim diz eles, o processo o doutor Alexandre tá acompanhando, entendeu?

Eles acabaram de me dizer aqui que logo logo isso aqui será vendido, porque eu mandei um vídeo que é que essa noite entrou um diabo de um nóia aí dentro, me quebrou umas porta. Puta, cara, foi foda, nóia é uma desgraça, mas é uns coitado também. E eu acredito que todos nós vai receber os direitos por causa da nossa luta, dentro da luta da Flaskô. Nesse período aí desses dezesseis anos, a maioria dos trabalhadores são aposentados hoje por causa da luta, isso aí eles têm que agradecer, porque se tivesse fechado há vinte anos atrás, cara, ninguém teria aposentado. Aqui se manteu todo mundo registrado, aposentaram. Deve ter uns dez ou quinze que não foram aposentado, mas já tá o povo tudo velho também, sabe? Eu espero em Deus que esses que não aposentaram ainda consigam um trabalho. Quando eu digo velho, você passou de quarenta anos, no Brasil as portas de trabalho pra você se fecham, entendeu? Diferente do Japão, que no Japão as empresas disputam um velhinho a tapa. Cê sabia disso?

**Entrevistador:** Não.

**Chaolin:** Meu filho mora lá. Jovem lá no Japão, as empresas não querem nem na porta. Eles considera o jovem como vagabundo, porque jovem é jovem em qualquer lugar do planeta. O jovem [inaudível] do Brasil. Meu filho tá lá, ele fala “pai, as empresas contratam uma molecada aqui, os cara vão pra balada na sexta, o cara quer que o cara vem sábado, domingo, o cara aparece aqui na segunda-feira bêbado ainda, os cara manda embora”. Mas se aparecer um cabeça branca aqui... é seguro na hora, entendeu? Então o jovem, ele é jovem em qualquer lugar do mundo, é a mesma mentalidade, aquela coisa de, sabe? E, a... O que eu tenho certeza, cara, apesar que não devemos acreditar muito na justiça, é que a gente vai receber todo mundo os direitos... e uma coisa que eu até comento com o doutor Alexandre, e se esses cara, quando vender, mandar nós tudo praquele lugar, porque nós ocupemo a fábrica por tanto tempo? Isso às vezes me preocupa, mas diz que não. Então, porque pode... apesar que eles não são os donos, os intervenientes. Eles... Rapaz, até pra conversar com eles, se você não souber quem eles são, dá até impressão que são boa gente, tá ligado? Que o que eles passou pra mim e pro Alexandre aqui, nós conversando aqui, eles falou, olha, nem conhecia isso aqui, não quero saber de nada, é de agora pra frente com a Justiça Federal, que procurou nosso escritório em Florianópolis e a gente foi analisar, nunca tinha nem tinha visto falar de Flaskô nem de Cipla. Fora isso aqui, nós temo... nosso escritório lida com mais cem empresa, com essa daqui, com o grupo Flaskô, o grupo Cipla fica cento e uma. Olha, mano, os cara é foda. E a gente achou interessante e peguemos. Entendeu? A gente vai vender, pagar todos vocês, os direitos de vocês, de cada um e ele ainda virou pra mim, “você, Chaolin, vai falar bem de mim, de nós, porque nós vamo

pagar vocês. Eu não quero amanhã que um de vocês dê uma entrevista aí pra alguém e falar que que nós viemos aqui, roubemo de vocês também conforme a patronal fez". Aquilo me marcou, essa fala dele, mas é... [riso] é complicado né? Não dá pra... eu acredito no jurídico nosso, que é o Alexandre, que é um moleque que, puta que pariu, Alexandre não existe, cara. É mais ou menos isso, mas eu acredito que a gente vai receber sim.

**Entrevistador:** Beleza, Chaolin. Brigado, cara.

**Chaolin:** Desculpa aí se não saiu como você queria...

**Entrevistador:** Não, tá ótimo, era o que eu precisava mesmo. Valeu. Vou encerrar aqui.

[FIM DA PRIMEIRA TRANSCRIÇÃO]

[INÍCIO DA SEGUNDA TRANSCRIÇÃO]

**Entrevistador:** Bom dia, estamos no dia trinta de março de 2024. É, vamos, é... coletar a entrevista novamente do trabalhador Osvaldo, vulgo Chaolin [riso]. Oh, Chaolin, obrigado aí pela participação. Gostaria de fazer apenas algumas perguntinhas que estavam faltando, né. A primeira é a seguinte, qual foi o pior momento da... que cês sofreram aqui na ocupação?

**Chaolin:** Bom, bom dia a todos e a você. Prazer de tá tendo essa palestra aqui com você, batendo esse papo aqui sobre a empresa. Cara, aqui nós, falando de Flaskô, da ocupação, nós tivemos vários momentos críticos aqui dentro, entendeu? Até mesmo de acharmos que não íamos chegar tão longe como chegamos, mas, pra te dizer qual o mais difícil mesmo, que fez cada um chegar e num determinado tempo, e... foi quando cortaram a luz dessa última vez que a fábrica fechou de vez. Foi quando a gente, depois de quase quatro meses tentando e tentando, que a gente viu que não tinha mais pra onde, foi quando o Pedro teve na CPFL, o Alexandre. Quem me passou isso foi até o Alexandre, nesse dia eu não quis ir, eu já tava com alguma coisa dentro de mim que eu acho que a gente já não, não ia mais conseguir, né. Que uma pessoa da CPFL, não sei o que... aqueles grandões lá de dentro, não era o presidente, mas era gente que tinha chegado aí, ele falou que a política teria mudado, era uma outra situação, um novo governo, enfim. Bolsonaro na área, essa foi a verdade, entendeu? E aí na semana seguinte, a CPFL veio e recolheu um aparelho que é deles, que eles coloca dentro da empresa, aí fica ao

lado da caixa de luz. Aí quando retira aquele aparelho ali, é... é ida sem volta, entendeu? A não ser que cê quite todo o débito ou faça... abra a nova razão social com outro nome, aquelas coisas que a bandidagem empresarial faz, que os capitalistas faz. Mas mesmo a gente sendo trabalhador, indo fazer isso, os cara descobre que é nós, porque vai só mudar o nome da empresa com nova razão social, mas os personagens são os mesmos, né? E aí, então eu acho que foi muito triste isso aí.

**Entrevistador:** É... e que que te motiva ainda tá aqui na Flaskô?

**Chaolin:** Cara, eu... era pra mim ter ido embora, mas a pedido de algumas pessoas, é, tipo a direção que o administrador geral na época era o Pedro, que era o fiel depositário da empresa, dado pelo juiz, né? E o próprio doutor Alexandre, que é um... nossa, o Alexandre e o Pedro pra mim são as pessoas que... eu me espelho muito neles. Apesar de eu não ter nenhum curso superior como os caras tem, mas é uns cara que eu acredito muito no que eles me falam, que foi por eles que eu fiquei e até mesmo por alguns trabalhadores. “Tenta segurar o Chaolin”, que foi o que eles me disseram aí, “o quanto você aguentar” e tal, vamo tentar ver se ainda dá pra fazer alguma coisa. Mas eu já vi que não tinha expectativa nenhuma de voltar a empresa a ligar. Aí depois de quatro meses que arrancaram tudo esse aparelho da empresa, aí foi que caiu a ficha de todo mundo, aí eu, não, eu fico. Muita dificuldade, cara, muita dificuldade mesmo, mas eu tô aqui até hoje, entendeu? Agora, em novembro, eu acho que já vai fazer cinco ou seis anos, já até perdi a data. Acho que seis anos vai fazer dia doze de novembro, mas... E tô aí até hoje, até mesmo pra preservar o patrimônio, porque a massa falida tinha já sumido em seguida, né, pra evitar novas ocupações, porque o pessoal ocupa mesmo, né? Tudo bem que aqui existe algumas ocupações que não tem nenhum vínculo político, essas ocupações, elas não vão avante. Mas vão atrapalhar o processo, aquela coisa. E nós tínhamos... entramos todos antes de... parece que a gente tava sentindo já isso, que o pior ia acontecer, até devido às dificuldades que tavam vindo acontecendo dentro da empresa, salários atrasados. Aí o que que a gente fizemos? Demos baixa em todo mundo na carteira e entramos com um processo contra a própria empresa. Todo mundo ganhou, é lógico, né, já esperando o pior e o pior aconteceu. E hoje eu sou a favor de que venda, porque isso aqui não tem mais condições alguma, eles já tiraram todo o maquinário, venderam todas as máquinas. Eu entro na empresa de manhã, dá vontade até de chorar, cara. Era aquela barulheira, eu não sei se cê chegou ver ali funcionando. Cê entra de manhã lá, só tem o vácuo, puta duns galpãozão, tudo vazio, sabe? As telha batendo, já vi várias telhas do telhado, o vento quando vem e tira fora, já sai, a fábrica toda esburacada por cima,

porque quando a empresa tá em processo de produção tem gente ali, tem as pessoas da manutenção, caiu uma telha, o cara vai lá, tira aquela, coloca outra, fica sempre bonitinho. E aos poucos, aos poucos, dá até dó cê entrar na fábrica, toda cheia de buraco em cima do telhado, cara, e... e eu tô segurando com o... com mais quatro que sobraram aí comigo pra que vendam logo e até mesmo pra evitar de ocupações pra não atrapalhar o processo, porque tem uma fila de trabalhador lá fora esperando isso aqui ser vendido. Quase todo dia me ligam, outros vem na portaria, outros pergunta, ah, se fosse eu já tinha abandonado. E se nós tivéssemos abandonado, cê não tinha mais uma telha em cima, até aquele portão que cê entrou ali agora já tinham arrancado pra vender, que aquilo é ferro, né? É terrível. Já fui pego aí dentro da madrugada por ladrão roubando, só pela força da natureza que não fizeram nada comigo. “Ah, pode chamar a polícia, nós sabe que cê é o Chaolin, nós sabe onde você fica ali, nós te mata”, [inaudível] nossa política não é chamar a polícia pra ninguém, entendeu? O contrário, entendeu? É uma pena que vocês são aí do bairro da Vila Operária e tá fazendo isso. Cês não estão roubando a empresa, cês tão tirando do trabalhador. Porque uma ideia, teve um ladrão que eu vi que ele ficou arrasado, isso de madrugada, eu sozinho e eles, a fábrica no escuro, os cara com lanterna e eu sem lanterna. Sabe? Cara, naquele dia eu... foi o dia que eu descobri que o Chaolin não tem um problema nenhum de coração, tudo que médico me fala é mentira, que eu levitei, que eu não esperava. Eles me pegaram de surpresa e foi muito louco aquele dia, cara. Te falar. Eu pensei de subir e vir embora. Eu digo, não, mas não vou. Você não me mataram até agora, não vão me matar. E aí, em seguida, a massa falida vendeu, leiloou todo o maquinário, já tiraram, liguei pros cara, já falei o Alexandre e que eles estavam entrando pra roubar os cobre dos maquinário, cara. Tiraram tudo a noite, cara. Os cara era terrível, cara. Nossa senhora. São pessoas que eu conheço, entendeu? Mas fazer o que, né? E o que que você vai fazer? Cê chamaria a polícia? Eu não chamo, porque eu vejo que são pessoas que vivem no submundo, não sei porque enveredou pra esse caminho, não cabe a mim julgar ninguém. Eu acharia que, até comentei com eles, cês tão roubando de gente que é pior do que vocês, cara. “É, mas é a empresa”, digo, não é uma empresa, é uma empresa que é um movimento de luta, entendeu? É difícil de vocês entenderem isso, mas tenho certeza que vocês... você, da Vila Operária, que eu conheço o cara. “Eu não sou”, eu disse, sim, conheço toda a sua família, inclusive a sua mãe tem um grande respeito por nós, seu pai pelo doutor Alexandre. Eu vi que ele ficou assim, né, cara. Eu digo, mas beleza, pode ir na paz, tranquilo. Um monte de cobre na mão, falei, pode levar isso aí também, que isso aí é... [riso] eu fiz o cara até dar risada. Eu falei, isso aí é a produção de vocês, é uma pena que eu cheguei e atrapalhei, né, e peço que cês não façam mais isso. E podem ficar tranquilo que se alguém chamar a polícia pra vocês, não vai

ser eu e nem ninguém daqui da portaria, que nós temos uma política de não chamar a polícia pra ninguém. Polícia não resolve o problema, falei pro cara. Polícia não resolve. Claro que se eu chamassem a polícia aqui pra vocês, cê iam preso. Eu ia ficar sujo na visão da malandragem de verdade aqui do bairro, os cara que faz correria sadia e vocês roubam ferro velho. Desse jeito, não sei como os caras não se revoltou. É, mano, tirei os cara sem mais, com o cuzinho... [riso] com aquele lugar que não passava a semente de fogo, entendeu? Foi isso, foi um momento meio perigoso.

**Entrevistador:** Chaolin, é, cê conhece o movimento lá na Argentina, né, eles vieram aqui, cê foi lá também.

**Chaolin:** Sim.

**Entrevistador:** É, na sua opinião, por que lá deu certo e aqui infelizmente o Movimento das Fábricas Ocupadas, a Flaskô, a Cipla, né, cê já explicou um pouco de cada contexto, mas, na sua opinião, assim, por que lá deu certo e aqui não deu certo o Movimento das Fábricas Ocupadas?

**Chaolin:** Cara, por incrível que pareça, na Argentina, é porque tinha um governo lá que apoiava os trabalhadores nesse movimento aí, entendeu? Falam da Argentina os maus informados, falam da Venezuela os maus informados, mas são países que eles falam que são ditaduras, que não sei o que, mas... eu não sei que ditadura é essa dos cara que o capital... o capitalismo e a direita radical fala que os caras são ditador, sendo que os caras estão do lado dos trabalhadores e dos pobres, é difícil de entender isso. E por incrível que pareça, quando derrubaram todo o Movimento das Fábricas Ocupadas aqui no Brasil, tava na mão de um presidente, e o cara vota naquele filha da puta, até hoje que a expressão da palavra, que é o PT, que é um cara que tem uma situação política que a gente acreditava, né. Foi, quem derrubou tudo foi o presidente Lula, o Partido dos Trabalhadores que tavam no poder na época e... e eu num eu não me engano, não tenho que... sabe? É foda cara, mas foi isso que aconteceu. E eu sou filiado no partido, é brincadeira? [riso] Vou ir direto nos bagulho. É brincadeira? Só que eles nega tudo que é justiça. Não, mas quando os cara tá no poder, a justiça, lógico que ninguém tá acima da justiça. Mas houve também, na época, uma situação aí da... da Veja, que foi pra Venezuela, fez um puta escândalo, não sei se cê tem esse conhecimento, cara, é... Foi horrível aquilo ali em uma

parte, mas ele ficou meio que mundial, quem não conhecia nós já ficou conhecendo, por causa que...

**Entrevistador:** Até o Skaff entrou no meio, né.

**Chaolin:** Sim, das indústrias de São Paulo, cara, só gente do mais alto gabarito que nos derrubou, entendeu? Lógico que jogaram a bomba no colo do Lula. Quem tava ao lado do Lula, não, vamo parar com esses meninos que a coisa aí tá feia, e foi isso que aconteceu. Não quero me prolongar muito nisso aí, porque eu vou te falar, é muita coisa pra falar, mas foi o Lula que derrubou as fábricas ocupadas, isso eu falo na cara dele, igual já falei em várias atividades do PT. Às vezes quando tem, e depois eu sou chamado, você não pode falar isso, eu digo, por que? Falar a verdade é crime? Eu sou petista, quer me mandar embora, me desfiliar, me expulsar, pode expulsar, mas é fato, entendeu? É fato, não adianta que é fato. Ocorreu, acabou, entendeu? E foi isso que aconteceu.

**Entrevistador:** Interessante. Interessante essa visão. E é isso, Chaolin, cê tem mais alguma coisa assim, alguma... algum fato que cê queira... até que positivo, né, que cê queira...

**Chaolin:** Não...

**Entrevistador:** ...porque o trabalho é de memória, né, então uma memória importante assim, que fosse significativa pra você?

**Chaolin:** Cara, tem coisas aqui que a gente nunca vai esquecer. Ainda ontem memo eu tava conversando com um trabalhador, que é o Almir, que é um puta cara que é técnico de laboratório da Flaskô. Cara, de plástico ele entende tudo, mano. Aí falamo dos bons momentos, que tem momentos aqui que foi inesquecível, que eu não sei se você chegou a participar. Por exemplo, na... os Festival de Esporte e Cultura, chegou a vim?

**Entrevistador:** Cheguei.

**Chaolin:** Aquilo eu achei muito show de bola. As nossas festas... Cê chegou a vir em alguma festa aqui de fim de ano, cara?

**Entrevistador:** É... eu vim no encontro da classe trabalhadora.

**Chaolin:** Não, mas eu falo as festa de fim de ano, que a gente fazia ali naquele restaurante, cê chegou a vim em alguma?

**Entrevistador:** Sim, que tinha muita comida, né? [riso]

**Chaolin:** Sim. Poxa, cara, a turma da Honda ficava esperando a festa da Flaskô pra vim, que disse que a Honda não fazia uma festa daquela, e quem organizava era tudo eu. E tudo dinheiro de doação, não tirava do caixa da empresa e sim das empresas que eram parceiras nossa, que acreditava no nosso trabalho. Parceira entre aspas, né, porque, né, cê já viu capitalista gostar de trabalhador de fábrica sob controle operário? Não gosta, né, mas como a gente sempre viveu numa situação meio que encravado, a gente era obrigado a vender pros caras do jeito que eles queriam, mas eles... que eles pagavam, né, direitinho, não tenho dúvidas. Então as festas da Flaskô ficou na memória. Todos os peão de quarenta anos falava “Chaolin, nem na época dos patrão tinha isso aqui”. Me chamavam o homem da fartura. Cheguei a comprar um boi de catorze arroba, cara. Desmanchemo tudo em churrasco ali. Foi de tardezinha quando terminou a festa, começava dez hora da manhã, chegou festas ia até uma hora da manhã, quase vinte e quatro horas, com banda tocando, a peãozada bebendo, dançando, comendo. Essa parada do boi mesmo aí que a gente comprou, com o dinheiro doado, à tarde sobrou bastante carne, aí veio o pessoal que me doou dos Sem Terra, e esse camarada ele é até vereador de Sumaré do PT, o Ulisses, ele me doou quase um caminhão de verdura. Cara, mas eu enchi um espaço do restaurante assim da cozinha que tem lá pra dentro, não o espaço onde tem as mesa. Mandioca, tudo que cê imaginar. Quando foi de tarde, eu contei quantos trabalhadores que ainda tinha, uns quarenta, que a turma foram indo embora. Fui lá peguei e botei um pouco de carne em cada saco daquele, falei, ó, isso aqui cê leva, que era carne pra caramba. Um boi, né, meu? E tinha outras comidas, nossa, fazia um banquete, entendeu? E... abri, ela falou, tem tudo isso aqui. Nossa, mano, tem gente que encheu o carro de verdura. Aquela ali ficou na história, e, gozado, eu não consegui guardar nenhuma parada duma foto, não sei se ninguém tirou da... foi muito louco.

**Entrevistador:** O Ale diz que tem. O Ale diz que tem bastante foto.

**Chaolin:** É, das festa da Flaskô, né, então aí cê pode... Eu não sei se tem desse dia, né, cara, esse dia foi muito show de bola. Ah, eu entrei lá dentro, os cara até brigando por causa de verdura, que um pegou uma abóbora grande, outro pegou uma menor, queria um guaraná..., eu falei, pelo amor de Deus.

**Entrevistador:** Chaolin, a última mesmo, prometo. É, cara, você acha que se a fábrica tivesse se tornado uma cooperativa, ela taria ativa? Ou você acha que não seria uma solução?

**Chaolin:** Cara, eu não sei, porque, na verdade, eu fiz até um trabalho sobre cooperativismo, eu, Brunão. Não sei se conhece o Bruno, o Brunão, a Ioli, a Laís, conhece essas meninas?

**Entrevistador:** Lembro, lembro. Da Unicamp a Laís?

**Chaolin:** Isso, isso. A Ioli também era da Unicamp, mas ela é do Rio Grande do Sul, alguma coisa assim. Tivemos em BH, visitemos várias cooperativas, tem uma cooperativa lá que eu me apaixonei por ela, a Cataunidos, não sei se você já ouviu falar nessa cooperativa. Nossa, ela é monstra. Lá, catador de rua lá tem funcionário dentro da cooperativa, é mole? Tive na Argentina, vi algumas cooperativas também de fábricas recuperadas, que umas fica só como fábricas recuperadas e outras como cooperativa, entendeu? Na Argentina eu até fiz um vídeo lá, esse vídeo é... já, puta, é tanta coisa que cê já entra de um no outro. Esse vídeo que eu fiz na cooperativa de Campinas, da Argentina, só quem tem acesso, cê pode procurar, o Batata. Eu não sei o que diacho que foi, que não consegui vim pra mim, ele me manda, mas eu não consigo abrir, aonde eu até... Ele me filmando e eu apontando com o dedo e conversando com a Dilma na época. Falei, olha, Dilma se você quiser cê faz, olha pra isso aqui, isso aqui é Argentina. Era até a presidenta... Kirchner que tava na época. Aí o Batata, ô, Chaolin, show de bola. Eu digo, manda lá pra Brasília, ele não, cê tá doido? [riso] Então, cooperativa aqui no Brasil, cara, eu não sei porque se nós fizesse uma cooperativa aqui a gente poderia até tocar aí uns seis mês, mas eu acho que não ia muito avante, porque eles não investem em cooperativa no Brasil. E quando tem cooperativas aí que dá certo, é cooperativa de esquema com político, entendeu? Cê vê aquela cooperativa do ABC lá, onde o Lula é o Deus lá dentro. Cê já ouviu falar dessa cooperativa lá?

**Entrevistador:** Não.

**Chaolin:** Pergunta pro Alexandre e o Pedro, que os caras... uma que é de metalúrgica lá. Essa lá todo mundo que usa ela como... mas foi só aquela, porque foi uma cooperativa que na época o Lula entrou, era os amigos dele que tava lá dentro, injetaram dinheiro. Virou tipo uma empresa, entendeu? E nós aqui, porque se você obtém muita cooperativa, se abrir cem cooperativas no ano, quando chega no fim do ano, noventa e oito fechou, fica duas, entendeu? Essa que é a realidade. Tem umas experiência ali daquela cooperativa ali embaixo, que não é mais cooperativa, tem uma mulher lá esquisita, que não é mais cooperativa. Tentamo ali, ô, mó correria pra ajudar e tal, veio a mulher de Campinas, que é coordenadora das cooperativas de Campinas e região. Tem muita cooperativa aqui desse lado, isso é fato, mas aí o pessoal da cooperativa ali, Planeta Terra, os verdadeiros fundador não aguentaram, saíram fora e ficou uma mulher lá, ó, com a expressão da palavra, eu vejo ela hoje até com uma... não sei se pode falar isso, depois na hora, cê pode cortar. Eu vejo ela hoje como uma bandida, porque ela nunca saiu pra lá, encheu de material lá, eu descobri que ela alugou o espaço lá e não pode. A gente aqui passando maior perrengue por grana e a mulher pegando lá oito, dez mil por mês.

**Entrevistador:** Nossa, sacanagem.

**Chaolin:** É, mas já denunciei ela pros intervenientes, pro Alexandre, entendeu? E eu acho que ela vai responder a altura na justiça, ela não sabe, mas vai ter uma surpresa. E... não virou. Você vai lá, tá entupido de material, mas não é dela, é de uma outra cooperativa que era aqui no presídio, aqui nesse presídio que tem aqui no Ataliba, que acho que o homem perdeu o negócio lá e alugou dela aí. Eu não sei como que ela fez pra alugar uma coisa que não é dela, uma coisa que tá na mão da massa falida, sabe? Mas é isso. Até hoje eu não acredito muito em cooperativas no sistema que vinha sendo, a não ser que tenha tido alguma mudança, que eu não tô a par, que eu não busquei saber. Muita coisa aqui pra mim resolver, então eu não tive nenhum tempo de observar, mas tem cooperativas que algumas dá certo sim. Tudo depende da união dos trabalhadores também, da... e mais do Estado.

**Entrevistador:** Beleza, Chaolin.

**Chaolin:** Falou.

**Entrevistador:** Obrigadão.

[FIM DA SEGUNDA TRANSCRIÇÃO]